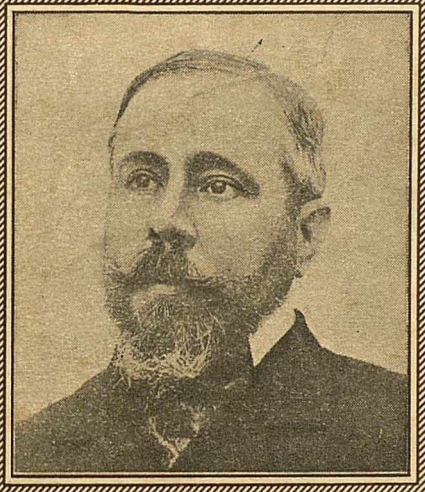
Fialho d'Almeida



O PAÍS DAS UVAS

LIVRARIA CLÁSSICA EDITORA

OBRAS
DE
FIALHO D'ALMEIDA

O PAÍS DAS UVAS

DO MESMO AUTOR:

Contos. 1 vol.
A Cidade do Vício. 1 vol.
Os Gatos. 6 vols.
Vida Irónica. 1 vol.
O País das Uvas. 1 vol.
À Esquina. 1 vol.
Barbear, Pentear. 1 vol.
Ave Migradora. 1 vol.
Vida Errante. 1 vol.
Figuras de Destaque. 1 vol.
Estâncias d'Arte e de Saudade. 1 vol
Actores e Autores. 1 vol.
Saibam Quantos... 1 vol.

FIALHO D'ALMEIDA

O PAÍS DAS UVAS

NOVA EDIÇÃO

Revista e prefaciada por

Álvaro Júlio da Costa Pimpão

Professor da Faculdade de Letras de Coimbra

1946

LIVRARIA CLÁSSICA EDITORA

A. M. Teixeira & C.ª (Filhos)

17, Praça dos Restauradores, 17—LISBOA

À SENHORA

D. Maria Amália Vaz de Carvalho

Homenagem aos seus talentos de escritora, e às suas altíssimas virtudes de mulher.

Comp. Imp. GRÁFICA SANTELMO / R. de S. Bernardo, 84 / Lisboa

PREFÁCIO

Fialho e o Alentejo

O título O País das Uvas *veio, certamente, ao espírito de Fialho por antítese com o do seu segundo livro de contos,* A Cidade do Vício; *e quem conhece Vidigueira e Vila de Frades, onde abundam as pequenas hortas, os vinhedos, os caminhos ensilvados, e de cujos altos, em domo, se descobre o país cerealífero, poderia supor que aquele título era um símbolo: o símbolo do regresso do filho pródigo ao convívio das coisas santas e simples, perdidas ou esquecidas no redemoinho da ilusão citadina. Publicado nas vésperas da sua partida definitiva de Lisboa (em 1893), aquele livro parece anunciar no título um entusiasmo de converso; examinado de perto, não é bem um livro rural (posto nele esteja largamente representada a província do Alentejo). Como os anteriores livros de contos, foi organizado por compilação de contos dispersos por jornais e revistas, desde anos atrás, tais como* O Correio da Manhã *e* O Repórter.

O Antiquário, *por exemplo, estava publicado desde 1882 com o título* A Paixão de Vicente Prostes. *De* Três Cadáveres *já havia uma primeira redacção, desde 1883, com o título* A Doente 27; A taça do Rei

de Tule, Divorciada, O Anão, Tragédia na Árvore, Conto do Almocreve e do Diabo — *estes, pelo menos — são de 1884.*

Dois dos contos publicados neste volume — A Velha *e* O Filho — *embora rurais, têm como cenário a Beira — o que pode parecer estranho a quem não souber que, por 1885, Fialho, esculápio sem convicção nem horizonte, andou por Pampilhosa no encalço do micróbio epidémico, emigrado de Espanha. Alguns outros, como* Amores de Sevilhano, A Taça do Rei de Tule, o Cancro, A Princesinha das Rosas, Divorciada, *etc., não têm nenhum carácter regional.*

Não se trata, portanto, de um livro consagrado ao Alentejo. Dos contos que se desenrolam nesta província, os que intitulou O Antiquário *e* O Menino Jesus do Paraíso, *desenvolvem temas anedóticos;* O Anão *e o* Conto do Almocreve e do Diabo *são puras lendas, talvez de fundo popular. O primeiro, foi também publicado com o nome de* A Lenda do Carrasquinho. Tragédia na Árvore *não é de assunto regional; publicado pela primeira vez no* Thesouro Artistico, *como* A Taça do Rei de Tule, *destinava-se às crianças.* As Vindimas *são uma alegoria mítica, uma espécie de evocação psicológica de Baco. Tìpicamente regionais, e até tìpicamente fialhianos, neste volume, são:* Ao Sol, Os Pobres, Conto do Natal, Idílio Triste. Pelos Campos, *fica isolado, como um dos raros momentos nostálgicos deste provinciano, que jamais conseguiu conciliar as tendências profundas do seu temperamento — «sou meridional de sangue e de nascimento» — com as do seu espírito — irresistìvelmente centrífugas.*

Não é que Fialho não amasse entranhadamente o

torrão em que nascera; ou que, no fundo da sua misantropia, cada vez mais acentuada, não fosse possível descortinar os impulsos frustrados de uma viva sensibilidade regionalista; mas é que outras tendências o solicitavam, e, mais tarde, preocupações que denominarei de ordem eugénico-estética, e outras de ordem económico-social. Quem, como ele, viria a considerar o alentejano «o flagelo pior do Alentejo», depois da falta de água, por vir de uma raça «sem beleza, nem instintos de beleza, nem higiene», e quem, como ele, tinha presentes os vinte ou trinta nababos que monopolizavam a terra, sentiria que na sua pastoral havia uns fundos de cinza que não diziam bem com o resto do quadro. Para que a sua poesia pudesse ser poesia total, *era-lhe necessário o sentimento da harmonia do conjunto — que não possuía, e não pôde adquirir.*

De *longe (sublinho, e de propósito), a sua província, a sua própria aldeia, têm para ele o encanto das coisas inéditas, presentes ao espírito quando este, lasso, deixou de reagir aos episódios da monótona vida citadina. Então, os campos que se adivinham, loirejando ao Sol de Junho, no esplendor da messe amadurecida, as ribanceiras, onde vicejam ainda junças e mentrastes, os* montes, *por onde circulam ganhões e boiadas, as romarias, que uma ideia de arte enflora de pormenores de* kermesse *flamenga, os mais simples episódios da vida rústica, que a imaginação fàcilmente transporta para os tempos de Ruth — tudo isso, parece dever preencher para sempre as limitadas aspirações do exausto caminheiro.*

A Primavera — porque, desde Junho, o campo despoetiza-se no país cerealífero (V. Symphonia de aber-

tura, *em* — A Cidade do Vício —) *é a sazão propícia a este enlace nupcial do homem nevrosado com a natureza; será, portanto, este o melhor momento de surpreender o inefável idílio, a que servem de moldura as matizadas garridices dos silvedos dos valados* (1). *Enquanto os campos e os horizontes se vestem de suavíssimas tonalidades, que refractam as alegrias angélicas da alma, a vida cotidiana dos seres, humilde e sem história, renasce, transformada, na ideia bíblica do poeta.*

É esta ideia que volve o primitivismo, a rotina e a ignorância, em simplicidade, pureza e inocência:

«Em Sant'Ana, aldeia de duzentas cabeças se tanto, onde passo a mor parte do tempo, a raça é bela de linha, vigorosa e sóbria, de uma pureza e simplicidade de costumes que me encantam, e governando-se como as tribos israelitas dos primeiros dias, sem conhecer mais ente supremo além de um velho lavrador patriar-

---

(1) Na revista *A Chronica* (1880) que Fialho dirigiu e redigiu, vem uma crónica *(Lisboa que passa,* de 31 de Março), não incluída em volume, e da qual extraímos o trecho seguinte, que merece ser conhecido:

«O campo é lindo agora, querida. Chegaram as andorinhas, conforme deves saber pelos senhores noticiaristas.

Eu estive n'um *monte,* ao fundo de uma herdade. Não imaginas que plenitude e que paz! Cearas de um verde franco, o ceu azul profundo, um ideal de amor esparso pela vastidão sem fim e concatenado na grande serie das vegetações efflorescentes. Nas sebes e nos despenhadeiros irrompem, como poemas mudos de cores triumphaes, os longos *bouquets* immaculados dos carapetos em flôr, as pinhas gemmadas dos giestaes garridos, os tapises hillariantes dos alegra-campos, os arabescos dos jacinthos e das campainhas ao longo dos

cal que reparte com os mais pobres, nos maus anos, os seus celeiros. É admirável a ignorância serena destas boas almas pelo resto do mundo, e o seu desprezo ao mesmo tempo, pelos artifícios pelintras, que grassam como uma civilização tuberculada, nas terras mais populares da cercania [...]» (Terra Alentejana).

«Vista de longe, *a aldeia era encantadora de alegria e brancura. Nas colinas, de roda, empoleiradas ermidas vigiavam por ela dia e noite; Deus foragido pela descrença das cidades, andava por ali talvez na estatura de algum velho amigo de falas doces e resignada humildade; e pela noite, quando os rebanhos vagarosos seguiam para os currais, esse cantinho rústico tinha cenas bíblicas de uma graça inocente, pastores e pastoras ajoelhando ao toque das Trindades para dizer o* angelus, *risos de ganhões pelas devesas, cantigas que se apagavam nas corcovas dos caminhos, enfim tudo quanto entretece a alegria plangente do morrer do Sol*» (Amor de Velhos).

---

vastos *parquets* de relva fofa, orvalhada e magnifica. Nos dorsos das colinas regulares, de curvas suaves, que fazem a ondulação dos horisontes do Baixo Alemtejo, essa amenidade tepida do ar e da luz atira aos hombros da mamã terra, o explendido manto real de trigos e favaes em flôr, constellado de papoulas rutilantes e de maios azues.

Começam a rebentar os vinhedos com os seus fuliculos ouro pallido; as amendoeiras picam-se de florinhas brancas como beijos gelados, de um casto aroma de mysticas nupcias. N'um feiche [*sic*] de sol, as borboletas saccodem o iris das suas azas polvilhadas de luz; cada corolla é um ninho e cada insecto uma flôr; um deus coroado de folhas, crinas ao vento e riso de auroras, espalha em redor a profusão ridente das suas graças sem par; as abelhas constroem nos cortiços as suas cathedraes complicadas de um gothico mi-

«*Conservemos as velhas usanças, os hábitos poéticos da vida simples, as tradições e lendas rústicas. Ao espírito mais seco e mais prático, chega um dia a necessidade de conviver no seio destes suavíssimos fantasmas, se exausto pelos nervosismos da luta, busca um canto pacífico e balsâmico onde não oiça o bramir dos animais ferozes que lhe assaltavam o caminho, seus amigos, seus irmãos! E então sentimos o encanto indizível das festas de aldeia, acalentando as nossas angústias ao rumor das cantigas e risotas das romarias*». (Romarias, *no* Correio da Manhã *de 7-VI-1885).*

Não são, porém, numerosas as cordas poéticas do nosso escritor. Certos temas parece terem esgotado cedo a sua capacidade de emoção, e reaparecem, na mesma forma, em certas oportunidades. Jantar no Moinho, *de* A Cidade do Vício, *é um desses assuntos que se diria cristalizarem um aspecto definitivo da sua sensibilidade rural. Na sua forma definitiva, é uma justaposição de dois textos diferentes, publicados e republi-*

---

nucioso e fulvo; o perfume de todas as flores e o matiz de todos os cambiantes, cristallisam no ar uma embriaguez profunda de volupias doces e intimos segredos. É o tempo dos melros e dos pombos bravos, o tempo dos leites frescos e dos cordeiritos ingenuos. Dos desfiladeiros evolam-se á tarde vapores ceruleos de uma transparencia que espiritualisa a paisagem em longes finos de aquarella, e o desenho dos montes é de um nitido contorno, coberto de pacificação e serenidade. A alma reflecte, como um espelho, sem dispersão, nem diffusão, em toda a regularidade fisica, as impressões salutares de toda essa natureza exhuberante e sonora de canticos. A luz adoça os aspectos como uma mão setinea acariciando um dorso. Nada de brutalidades de côr e de violentos contrastes imprevistos de sombra. Horisontes suavissimos atravessados de sol, como finos tamises impalpaveis;

cados em jornais. Um deles — o mais importante — foi inicialmente escrito para um dos Can-cans *das* Novidades *(de Jaime Vítor), depois reproduzido na secção* Ziguezagues *do* Século; *o outro, postumamente incorporado em* Estancias d'Arte e de Saudade, *com o título* Terra Alentejana *(e que começa com o trecho que acima reproduzi), foi escrito para* A Illustração, *revista cuja publicação tentou, em 1882, e de que saiu um número apenas.*

Coisa semelhante sucedeu com outros textos. O trecho sobre as Romarias Alentejanas, *que vem em* Vida Ironica, *é o seu texto de* Junho: *lá o encontramos, desde 1885, no* Correio da Manhã. *Uma* Carta de Verão, *publicada também neste jornal, em 1885, será aproveitada, em 1890, para uma crónica em* Pontos nos ii, *intitulada* Em Viagem. *Nem sempre, como se vê, a publicação de textos regionalistas representam um renovo de emoção, suscitada pelo contacto directo com a natureza rural.*

---

a convivencia profundamente moralisadora dos rebanhos e das azenhas. Para o largo fica o montado: arvores collossaes de troncos *gris foncé* e braços de Laccoonte; por baixo a relva fina, em que os novilhos brincam com a graça vigorosa de pequeninos atletas em jogo; ao meio, espreguiçada na areia, a trança da agua que murmura, espelhando as margens, e sobre que as turinas estendem os focinhos vagarosos e brancos, depondo na miragem os seus bons olhos contemplativos. Mas vai passar o rebanho. Os carneiros chegam alongando o pescoço, a fofa corpulencia tufada de lã patente em camas de espirasinhas meudas, sob a frescura dos salgueiros.

Alguns velhos guias experientes e graves, de focinho erguido, a grossa cornadura em anneis de diametros crescentes, toda enrolada como o arrepio da cabelleira de um

Não pode admirar-se de que assim suceda quem se tenha dado ao trabalho de estudar, com algum interesse, a psicologia de Fialho. A aldeia é bela, sim, mas vista de longe, ou na tela de um cavalete (isto é, transposta em arte). Os campos são lindos, principalmente enquanto não chegam as temperaturas asfíxicas do verão alentejano; mas a vida rural é, para ele, insuportável. Será, talvez, suportável, para o grande lavrador — e é curioso notar-se que a ideia de um Alentejo bíblico e patriarcal não se aparta geralmente da grande herdade e dos grandes senhores —; mas não para o plebeu, que descobriu no seu próprio físico o vergão das servidões dos seus maiores.

A contrabater esta ideia de um Alentejo patriarcal, baseada no respeito do amo, e na integração dos servidores no agregado familiar, e em que os mais simples actos da vida cotidiana, de origem imemorial, se cumprem como ritos, que os mortos comandam, ergue-se, cada vez mais imperiosa, a experiência do

---

dandy, o chocalho pendente por correrias de couro cru, a orelha inquieta, olham vivamente o largo, bebendo os sons e procurando-lhes a origem sollicitos, como quem tem sobre si a responsabilidade da tribu e o futuro dos pequeninos. Acima da redondeza das ancas de alguns, os cabritinhos fulvos, de grandes orelhas horisontaes, uma meiguice candida na vista, erguem-se a prumo furando caminho, as maxillas entreabertas, por onde deve passar um queixume tenuissimo — *mé! mé!* — alguma cousa como os rudimentos da cartilha do rebanho. Dois ou tres, estacados a meio da corrente mergulham o focinho na agua, bebendo. Poucos teem já passado, e cortam a deante as gramineas alastradas no saibro. O velho cão descança, n'uma postura seria de patriarcha; em quanto nas meias tintas, dos planos secundarios, o pastor de manta ao hombro e polainas encarqui-

escritor, o realismo camiliano (das Novelas do Minho), *e a estética naturalista.*

O primeiro contacto do jovem Fialho com a capital, foi desastrosa para os seus sentimentos pró-rurais. Lisboa deslumbrou-o pela sua inexgotável (inexgotável, pelo menos, para quem vinha de Vila de Frades) capacidade de vida estética. A partir do momento, muito distante, em que ele opôs, num folhetim, o encanto e poesia das noites de Lisboa ao prosaísmo e rudeza das noites da sua aldeia, não há senão que seguir o rasto das suas confidências por jornais obscuros, dos seus desabafos em cartas aos amigos, e até dos seus comentários azedos em escritos da maturidade, para se verificar o seu progressivo afastamento da vida provinciana, cuja simplicidade e inocência bíblicas passou a louvar... em clichés literários!

A meu ver, nada comprova tão rigorosamente o rumo das considerações que venho fazendo (eu não desejaria fazer literatura a este propósito), como o confronto de duas crónicas publicadas nas Novidades *(de Jaime Vítor), uma a seguir à outra, em 1879,*

---

lhando na grossa tromba dos sapatos cardados, olha com o seu ar pasmado de montanhez, a cataracta de ouro fundido que o sol jorra do occaso, n'uma apotheose acharoada de causticas vivas — olhar em que se estagna a silenciosa doçura triste dos olivaes cinzentos e se reflecte a concepção pantheista de um Deus amantissimo que fecunda os trigos das cearas, preside ás crias durante a Primavera e vem de noite, mansamente, com o seu capuz d'estrellas derrubado para deante e arrumado aos troncos das arvores, lançar a benção ao gado que dorme, innoculando no sonho do pastor o esmalte de um sorriso de ceifeira, vermelho como as cerejas humidas de junho.»

respectivamente, em 7 de Setembro e em 23 de Outubro.

Na primeira, o folhetinista, recém-chegado à sua aldeia, declara que «fora da circulação enfezada de Lisboa», a existência lhe decorre na melhor disposição de espírito «sob os 40° desta ardente região povoada de grandes azinheiros seculares e de vinhedos sem fim». Nada há mais simples, mais higiénico e mais nutriente do que a vida que a si próprio se impôs na aldeia: «Levantar às quatro horas, quando ainda no céu que empalidece, as estrelas pestanejam com olhos de antigas princesas encantadas no azul, mergulhar após na água fresquíssima de um tanque em que bebem as últimas folhas de fortes nogueiras, e de quando em quando caem as amoras negras das amoreiras gigantescas agrupadas à roda e formando cúpula de um verde enérgico, orvalhado e magnífico». Fresco com o banho, ágil «de uma agilidade que resulta da consciência límpida, da circulação regularíssima, e da saúde exuberante», ei-lo pela planície ao trote manso de uma velha égua:

«Bons dias fantasmas dos velhos lavradores, bons dias lendas dos casais perdidos na solidão das florestas, bons dias quimeras da minha infância, filagranas do meu devaneio, pequeninos nadas da minha fantasia! Sois vós que eu amo do fundo da minha ingénua bondade, sois vós que eu desejo quando, fatigado das banalidades de café, das palestras pedantes dos jovens literatos sem critério e sem roupa lavada, me abandono nas minhas recordações e passo sòzinho e cabisbaixo ao longo da Rua do Ouro prenhe de movimento, e do Rossio cortado de mantilhas e de espanholas — das Caldas».

O escritor é talvez sincero — de uma sinceridade que lhe vem tanto da redescoberta de pormenores esquecidos, como de uma súbita regeneração dos glóbulos do sangue, dessorado pelo abuso dos molhos do Silva; mas o certo é que, em mês e meio, a poesia que lhe exaltava a alma, e a beleza que lhe deleitava os olhos, darão lugar ao mais cru prosaísmo — o que significa que o tédio voltou, e que os tiroleses e os concertos de Josefina Amann, de que fugira, o chamam de novo, como um vício que o roi e o escraviza!

A aldeia é bonita — de longe, *perspectivada na distância, sobre um fundo de tons amáveis:* «*Se a observamos* de longe *com as suas casinhas brancas, agrupadas em torno da igreja de dois campanários antigos, por uma aberta das serras, junto de um regato que serpeia por entre as orlas de velhos salgueiros, com a sua ponte musgosa, o seu arruinado cemitério, as ruínas do seu convento de frades, as suas vinhas, os seus olivedos, envolta numa luz viva, delineada com certa nitidez no fundo azul suave de um horizonte amplíssimo — carecemos de uma palheta não bafejada pela Academia das Belas Artes, de umas cores finamente preparadas por algum processo indiano ou chinês, e daquele grande olhar vago, flutuante, que passeia sobre as coisas como absorvido, e simultaneamente as fixa e abrange de vez*».

Por dentro, *a aldeia é feia e sem encanto; e na descrição dos seus defeitos, Fialho não fará senão acentuar os traços com que já antes, na* Correspondência de Leiria, *delineara o panorama:* «Em nós lá penetrando, *(continuo a sublinhar) a poesia que nos embalava as ilusões, o suspiro que íamos soltar, a*

idealidade que evocávamos antes, tudo morre, foge tudo, para dar lugar ao bocejo». Faz depois longamente a crítica do aldeão, na qual se mostram as razões eugénicas da sua repulsa. Que é da raça, bela de linhas, «vigorosa e sóbria»? A raça alentejana, «mal cruzada, degenerada, raquítica, jamais se julgou digna de um nível moral digno de menção».

A charrua bíblica, motivo obrigatório da pastoral alentejana, deixou de ser matéria poética para se converter em índice de atraso: «A lavoura não conhece ainda o arado americano, nem a charrua inglesa, nem os processos seguidos em França, mas, perpetuadora da celebridade dos lavradores de que fala a Bíblia, ostenta ainda impàvidamente o arado dos netos de Noé e as charruas que araram os campos abençoados onde Ruth e Booz depois colheram as espigas tão conhecidas». A ironia é transparente.

Que é da «pureza e simplicidade» dos costumes? «Nos costumes falta aquela poesia ingénua de que tanto se fala nos romances de Júlio Dinis. É sempre a mesma boçalidade e a mesma sensaboria».

Não há dúvida de que o regionalismo de Fialho é um caso psicológico complexo, que pode ser decifrado com um pouco de paciência e de atenção, mas que não se presta a improvisações de folhetim. Não se trata de contradição ou de capricho temperamental, mas de puro drama entre as aspirações ideais de um romântico e de um esteta, e as reacções dolorosas da sensibilidade, ao roçar pelas realidades mesquinhas ou vulgares.

Camilo e o naturalismo, como disse acima, favoreceram a experiência de Fialho, motivando-a estètica-

mente. Sem aquelas duas influências, o conto Sempre Amigos, *por exemplo, do seu primeiro livro, e ao qual a crítica reservou sempre lugar privilegiado, não seria possível. Porque se apoiavam na sua sensibilidade, o realismo e o naturalismo afastaram o escritor da poesia das ruínas, que por algum tempo o levou a estender pelo passado local um olhar repassado de saudosismo, e de Júlio Dinis, cuja idealidade o seduz mas que, afinal, o não convence, levando-o, a pouco e pouco, à descoberta de si mesmo.*

Falando de Camilo, devo recordar a algum leitor mal precavido, de que não ignoro que os dois volumes da Comédia do Campo (Scenas do Minho), *de Bento Moreno, são de 1876-1877, e que a primeira edição das* Novelas do Minho, *é de 1875-77. Mas ainda muito antes das* Novelas, *em 1869, num artigo intitulado* A Inocência das aldeias, *e provocado, muito provàvelmente,* pelas *Pupilas de Júlio Dinis, que Herculano consagrara, chamando ao seu autor* — o primeiro talento da geração moderna, *e ao seu romance* — o primeiro romance portuguez do século, *Camilo fazia a sátira do viver minhoto* (1). *Dez anos depois, na revista* Museu

(1) Por ser geralmente desconhecido, e pela sua importância, reproduzimos, a seguir a este prefácio, o referido artigo, que deve ser confrontado com o prefácio de *O Comendador* (do 1.º volume das *Novelas*), consagrado a D. António da Costa. Júlio Dinis mostrou não simpatizar com Camilo. As razões não são conhecidas, mas talvez não seja estranho ao facto, o aparecimento do artigo. Acrescente-se que, na *Gazeta Litteraria do Porto*, dirigida por Camilo, onde apareceu, a págs. 21 e 22, *A Innocencia das aldeias*, José Maria d'Andrade Ferreira inseriu (e Camilo deixou inserir), a págs. 62, 86 e 91, uma longa apreciação ao livro *As Pupilas*

Illustrado *(de 1878-1879), onde Fialho inseriu, em 1.ª redacção, o seu famoso conto* A Ruiva *e uma crítica ao* Primo Bazilio, *de Eça de Queirós, o artigo* A Innocencia das aldeias *foi reproduzido — o que prova que ele não fora esquecido. O conto rural e, mais particularmente, a questão do estilo, estavam na ordem do dia, e ainda no ano de 1879, José Augusto Vieira, autor do* Minho Pitoresco, *fizera aparecer* Fototipias do Minho.

Quando se fizer a história da literatura campesina em Portugal (1), *não poderá esquecer-se o papel de Camilo na evolução dessa literatura. Também não deverá ser esquecido que o primeiro livro de* Contos *de Fialho, bem como a* Comedia do Campo, *de Bento Moreno, foram dedicados a Camilo.*

É sabido que, em determinada altura da sua vida, Fialho, como se nele despertassem, serôdiamente, os

---

do Sr. Reitor, cuja primeira edição em livro estava, naquele ano, esgotada. O crítico, partindo de um dado não verificado, dava a entender que aquele romance se tornara conhecido do público, a partir da 2.ª edição, por esta ter sido dedicada a Alexandre Herculano (cujo parecer se divulgara) — e não por ser um romance «perfeito e acabado», como se dizia, e ele contestava. Ora a verdade é que o livro tinha ainda só *uma* edição (embora estivesse no prelo a 2.ª), e o romance, que merecera de Herculano tão elogiosa opinião, depois de lido em folhetins, foi-lhe dedicado na 1.ª edição, depois de requerida pelo autor a autorização necessária. Era justa esta homenagem ao autor de *O Pároco da aldeia.*

(1) Na tese de Rudolf Zellweger, *Les débuts du roman rustique* (1836-1856), publicado em 1941, falta, já se sabe, o capítulo sobre a Península.

instintos de homem da terra, entregou-se, a fundo, aos cuidados da lavoura, que, aliás, nunca abandonara, desde que, por morte do pai, ficara à testa da sua modesta casa agrícola. Casou, adquiriu herdades, e estas, engrandecendo-o, absorveram-no. Em contacto com os cavadores, menos dóceis do que se lhe afiguravam em seus símiles bíblicos, os restos de poesia que ainda lhe borbulhavam da imaginação, desapareceram, como por encanto. Fialho, proprietário, preferia, sem dúvida, a ordem, a disciplina, o salário moderado, às prerrogativas, um tanto falazes, de patriarca. Já documentei, em outro lugar, esta afirmação.

Ao mesmo tempo, um desejo vivo — ou necessidade moral — de organizar *as vagas aspirações democráticas dos seus tempos de demagogo, levou-o a estudar a situação da província do Alentejo sob os aspectos económico e social. Um vigoroso sentimento regionalista ressalta das últimas páginas do seu estudo sobre o Castelo de Alvito, que representavam, por seu turno, a maturação de ideias que, de havia muito, lhe obsidiavam o cérebro. À ideia bíblica vem sobrepor-se a ideia do fatalismo maometano; e não admira, portanto, que pelos solitários caminhos «estendidos, como atilhos sobre o dorso do grande fardo das terras por abrir» se vejam agora os carros «bíblicos» transportando messes ao som das cantigas «arábicas» dos carreiros* (1).

---

(1) O carácter berberesco (tão vulgarmente confundido com o carácter arábico) da raça alentejana também é susceptível de poesia. Um contista muito pouco lido, infelizmente, embora conhecido em outros domínios, o conde de Ficalho, no pequeno e delicado conto *Os Cravos* do seu livro

A violência da sua crítica à improgressividade do alentejano, não exclui lucidez de ideias no capítulo das reformas a executar na estepe ardente do Sul do País, e que ele próprio resume no seguinte parágrafo:

«A terra farta de água, normalizado o clima [pela florestação], centuplicada a área da propriedade pequena, a charneca repartida em glebas para as fainas alegres da cultura intensiva, algumas leias sábias para a propulsão e desinvolução das indústrias agrícolas, etc., tudo isto traria rápido o aumento da riqueza pública e privada, e conseguintemente a afluência de braços e o acréscimo da população, que na Estremadura e Alentejo só não medra por falta de braços e defesa dos naturais estímulos do trabalho».

A esta obra de economia, deveria acrescer, para a tornar sólida e duradoira, a difusão intensa de uma

---

Uma eleição perdida, mostra, com relevo literário, essa possibilidade. E, se não, veja-se:

[...]

«Aquelas figuras negras, envoltas e quase veladas, atravessando as linhas daquele país árido e pálido, levavam-me o pensamento para longe e para trás. Podia julgar-me em alguma vilazita dos confins do Saara, em El-Aguat ou In-Salá, onde, ao sol posto, as raparigas muçulmanas, veladas e misteriosas, descem a encher os cântaros no poço do oasis, sob a folhagem rígida das palmeiras, enquanto, à volta, as sombras azuladas vão invadindo lentamente as longas colinas de areia. E pensava que estas moças eram do mesmo sangue; desciam ao poço como desceram as suas avós, e as avós das suas avós, desde as raparigas berberes, que passaram o estreito com os exércitos de Tarik.»

Ao contrário de Fialho, o conde de Ficalho tem pena de que tudo aquilo acabe. «Perante o encanto, triste mas tão penetrante, destas coisas e destes hábitos velhos, destas

instrução primária «moderna», que fizesse da massa de «brutos rurais», um exército desperto de «homens ciosos de direitos e escravos de deveres». Esta ideia da criação de uma consciência cívica pela generalização da instrução, é muito do tempo, e muito simpática a Fialho.

A viva preocupação económico-social que nutre o regionalismo de Fialho em seus anos maduros (na verdade, já desde 1885, pelo menos, que o assunto o preocupava), explica que às descrições pitorescas, ou às evocações bucólicas, se sobrepusesse o interesse pelo drama que se trava entre o homem e o clima nessa fornalha saarina (V. Os Ceifeiros), *pela acção depressiva exercida sobre o carácter da raça pela viciosa estrutura, e pelas espécies abastardadas que esta constantemente explui de si.*

Todas estas ideias deveriam ter a sua realização estética suprema numa obra que Fialho, sem dúvida, pensou, que muitos esperaram, mas que, certamente, nunca foi escrita: Os Cavadores. *Muitas notas soltas*

---

coisas que são porque já foram, eu sentia uma pena funda — a pena de que tudo aquilo acabasse mais dia menos dia, destruído pela nossa cililização reles e niveladora. Porque era fatal, dentro de dois, de três, ou de dez anos, viria uma municipalidade ilustrada, louvada em artigos de fundo pelos jornais de dez reis, que dotasse a vila com os *melhoramentos materiais indispensáveis*. E então, encanada a água, postos marcos fontenários nas esquinas das ruas, as moças deixariam de vir ao poço como vieram as suas avós, desde os antigos tempos de Tarik.»

Já dizia Balzac que a maior parte dos dramas estão nas ideias que nós formamos das coisas. Pode dizer-se a mesma coisa da poesia.

foram tomadas para esta obra (e pelas quais se pôde prever qual o seu espírito), muitos casos observados e registados; mas nenhum capítulo, segundo penso, foi redigido. Faltaram no escritor, por último, condições de simpatia indispensáveis à realização de uma obra desta natureza; e pode afirmar-se que o seu regresso tardio à província, longe de favorecê-las, não fez senão tornar impossível a sua germinação.

Fialho não pensou a sua obra em Lisboa; e seria talvez aí, com os olhos nostálgicos de ausente e de contemplativo, que ela poderia ter sido escrita — se lhe fosse possível concentrar, numa obra de fôlego, as fugaces emoções de que era capaz a sua alma de rural despaisado.

Coimbra, Setembro de 1946.

Alvaro J. da Costa Pimpão

«A Innocencia das aldeias

Meus amigos, não procurem nas aldeias do Minho as alegrias da innocencia, as candidas pastoras e os puros amores do camponez que ama e canta, caza e reproduz-se, envelhece e morre sempre á sombra das suas arvores em cujas romarias as gerações dos pintassilgos lhe cantaram o nascer e o amar, parecendo choral-o no morrer.

Ai, meus amigos, as aldeias do Minho! como aquillo é tôrpe e melancolico! como tudo ali degenerou para nôjos e tristezas!

A mim me tinham dito poetas umas coisas que não acreditei. Sá de Miranda, e Bernardes; Lobo, e Ferrão Alvares; Camões, e Braz Garcia; Sá de Miranda [*sic*] e Quita, os quatro pontos cardeaes tomados de poetas que melodiavam bucolicas, louvores da sancta vida pastoril, virtudes de zagalas que faziam corar as rosas de puro envergonhadas! Eu não acreditava isto, embora o atrito de dois seculos embaciasse o lustro dos corações antigos, e complanasse os caminhos fragosos por onde os vicios não tinham podido trepar ás montanhas da minha patria.

Que farte sabia eu que de ha muito não se comia bolota nos arcadicos remanços do sertão nem as justiças dos Affonsos tinham pouco que testilhar com os salteadores nocturnos que envergavam de dia o surrão e cantarolavam innocentes endeixas ás pastorinhas tão gatunas como elles.

Não obstante a minha descrença, o juizo que eu formava das nossas aldeias do Minho, graças á proverbial estupidez

nativa d'aquelle gentio, era assim mesmo de tal tolice que dir-se-ia ser eu de lá.

Vivi anno e meio n'um ponto do Minho onde a bestidade é culminante. Cuidei que a simplesa devia parelhar com a innocencia. Que as mulheres trescalando a raposinho e ao incodeado da lama, teriam as almas limpas. Que os homens, amando bestialmente quanto ao espirito, soffreariam os impetos do sangue, rebatidos pelo exemplo de seus maiores, pelo medo da deshonra, ou pelo terror do inferno. Presuppunha que as lides campestres eram revesadas de alegrias inoffensivas. Que os obreiros na volta da lavoira cantavam as velhas trovas de seus avós. Que as raparigas d'um campo competiam no afinado das vozes com as do outro. Que o dormir fatigado d'aquelles estomagos frugaes e d'aquellas cabeças cheias de cerebro quieto como se fosse de grêda, tinha um alvorecer de luz interior, de consciencia desafogada.

Ora vejam que esta illusão rolou á voragem das outras!

Passei á orla das cortinhas onde moirejavam as moças da aldeia, e ouvi-as cantar ladainhas, e versos de S. Gregorio. Quedaram de cantar, e romperam n'um murmurio monotono: resavam a corôa.

Procurei-as nos dias sanctificados á tarde, entre as carvalheiras da suave sombra, no recosto dos valados, ou nas escadas do cruzeiro, conversando os innocentes requebros dos seus affectos, já de antemão legitimados pela pureza da intenção.

Não as vi.

Estavam no templo resando o terço em altos brados, alternadamente com o vozear cavo d'um homem de batina, pastor d'aquelle rebanho triste e sujo por penitencia.

Depois, vi-as sahir da egreja, com os olhos em terra e as mãos crusadas sobre os seios tumidos.

Aqui ha virtude, disse eu entre mim. O padre matou o contentamento d'esta mocidade, bafejou halito do inferno ao coração d'estas raparigas e queimou-lhes as flores, sobrepoz-lhes á carga do trabalho incessante um demonio que as cavalga, metteu-as á via dolorosa e escura do temor do diabo, figurou-lhes Deus propriamente peor do que o seu inimigo, invelheceu estas mulheres aos quinze annos; mas, se ellas se

conformaram, se renunciaram, se conhecem o valor da renuncia, vão bem, vão impreterivelmente ao céo. Certo é que Deus não queria tanto d'estas pobresinhas que tão suado comem o seu pão. Deus que veste as arvores, e aveluda as flores, e loireja as cearas consentiria que ellas, uma vez por outra, folgassem, volteando as suas sarabandas e cantando as harmoniosas cantilenas que já foram o contentamento das serras. Deus não impediria, que, ao domingo, em vez de resarem o terço n'uma ermida que trescala á podridão dos cadaveres, estivessem ao ar livre das devezas planeando com os seus amigos da infancia o futuro dos filhos do seu amor abençoado pelo cura affavel, que, ao perpassar por elles, diria entre grave e risonho alguma palavra docemente reprehensiva. Em fim, estas raparigas podiam salvar-se, por mais desempecido caminho. Vida tão sem luz, sem coração, sem riso, valia bem a pena melhoral-a ainda á custa de alguns annos de purgatorio, por causa dos peccados veniaes, se não ha livrar-se d'elles quem sente o goso de viver alternando canceira e repouso de corpo e alma.

Disse isto de mim para mim e agora o digo aos leitores com grande vergonha da minha cara e muitas lagrimas n'estes olhos que a terra hade comer.

Fui ter-me com os anciãos da terra. Contei-lhes a minha edificação; e elles, os velhacos, riram-se como cynicos.

Por que riam os anciãos, cujas netas cantavam a ladainha nas varzeas e o terço na egreja?

Intendi que a velhice estava cancerada até á medula dos ossos, quando um lavrador de cabellos brancos me disse: «Isto do beaterio é uma desgraça. Os missionarios vem aqui prégar e confessar. Do pulpito abaixo, é inferno para aqui, deabos para acolá, tormentos sem fim, almas que vieram do outro mundo por que não resavam o terço, outras por que morreram sem a venera e os livrinhos que elles vendem. Dizem ás raparigas que, se querem salvar-se, deixem os pais, e mães, os maridos e os filhos.

«E vai as raparigas pegam a ir todos os dias para o confêsso, não põe mão em trabalho nenhum, cortam os cabellos, atam cordas á cinta, e ficam tristes como a noute.

Quando os missionarios abalam para outra freguezia, ellas ahi vão atraz d'elles sosinhas por essas serras fora, carregadas de comestiveis, e por lá dormem por casa dos lavradores, e Deus sabe por onde.

«Quando tornam para casa, vem tolhidinhas; e arrumam-se para um canto com o rosario, e pegam a jejuar e a seccar-se até que, á certa confita, mudam de rumo.

— Mudam de rumo?! — atalhei eu, então ellas não levam ao fim a vida virtuosa?!

«Tó carocha! — respondeu o velhaco, fechando o olho direito e arregaçando o beiço de esguêlha. — Aquillo passa-lhe, consoante ellas são de sua natureza. Umas ainda se ficam confessando com o vigario todos os oito dias e nas idas e voltas lá pelos caminhos, se acertam de encontrar rapazes da sua áquella, lá lhe dizem as arolas do seu systema de vida, e ás duas por trez deixam crescer a carapinha e tornam a comer ás horas. A final casam. Outras... valha-me Deus, que não sei como o patife do deabo arma certas desgraças... Quando a gente mal se percata... sim, um homem que tem filhas como eu, e cuida que as tem seguras, lá com as suas rezas, e vai se não quando, como aconteceu a...»

Aqui, o informador nomeou algumas creaturas que eu não conhecia, e desdobrou umas biografias, á conta das mesmas, muito para lastimas e desenganhos da minha boa fé.

Depois é que eu intrei a esgaravatar no lameiro onde os missionarios rebalçam as suas confessadas e companheiras de apostolado.

Numa estreita área d'uma legua a devassidão competia a estatistica de qualquer povoado em que as almas, sem missionarios conservadores, se contassem aos milhares.

Os mancebos, os Bieitos e Josinos das éclogas enchiam as tavernas por noite morta e jogavam a esquineta e o monte. As velhas, que não podiam aquecer-se ao fogo da mocidade e dos vicios dessa sasão, eram ladras. O ovelheiro d'este rebanho tinhoso, o vigario, com uma cauda de beatas, que lhe queriam como aos seus olhos, ia tomar chá com ellas, em secreto ágape, e sahia da catacumba com o rosto beatifico a resplandecer santidade. Os meninos beijavam-lhe

as mãos, que nunca se abriram com uma esmola para os necessitados. As moças das nalgas anchas e caras escarlates beijavam-lhe a fimbria da batina. E elle, com quarenta sadios annos de idade, inclinava-se ás suas filhas espirituaes e disia-lhes: «Andai, andai, minhas filhas. Coroai-vos de flores ámanhã, na volta das ceifas, e ide assim passar á porta dos impios para vos distinguirdes d'elles.»

Ora aconteceu que os impios era eu e a minha familia. E as operarias da casa do vigario coroavam-se de flores e passavam á minha porta cantando o *Bemdicto e louvado seja.*

O pastor, commensal do hysson e da manteiga das minhas seraphicas visinhas, odiava os meus pequeninos e os meus creados, por que elles cantavam as coplas do *Alfageme* de Garrett, que disiam assim:

Viva o nosso padre, padre capellão
Que é o nosso santo de mais devoção
Que me hade cazar. E a mim porque não?
A todas, a todas, quer queira quer não.

O padre cuidou que eu inventara as trovas para ultraje do sacerdocio, e levou a minha vituperosa invenção rhithmica até á presença do arcebispo primaz. Salvou-se a minha orthodoxia n'este lance; mas quem sabe o que a posteridade dirá de mim quando o *Alfageme* de Garrett estiver esquecido, e viverem ainda na memoria das gerações porvir as minhas desavenças heresiarcas com um vigario do Minho!

§

No centro d'uma provincia em que a desmoralisação compete com a ignorancia, perguntava eu á minha pachorrenta philosophia como era que a freguezia onde eu demorei anno e meio sobrepujava ás outras em vicios de todas as naturezas? Era porque o pastor d'aquella rez gafada sentado na cathedra da doutrina, nunca disse aos seus freguezes: «Não roubeis, não calumnieis, não hombrieis com Deus no juiso das consciencias alheias. Amai-vos uns aos outros».

§

Ai, meus amigos, se fordes ao Minho, subi aos picos das montanhas, bebei a sorvos aquelle ar balsamico, vêde-me que ceo aquelle, que estrellado escabello onde pousam os pés do Senhor! Não vades ás aldeias que alvejam por entre o cerrado das florestas; que ahi, tirante algum lombo de pôrco, tudo o mais é esqualido e repulsivo.

C. Castello-Branco.»

(NOTA: Este artigo, como os outros da autoria de Camilo publicados na *Gazeta Litteraria do Porto,* foi depois incluído pelo autor em *Mosaico e Sylva de Curiosidades historicas, litterarias e biographicas.* A capa de brochura daquela revista tem a data de 1869, mas o primeiro número desta publicação *semanal* é de Janeiro de 1868.)

Pelos campos

Abril. — Sinfonia da Primavera

Eu bem na sinto! Eu bem na sinto! apesar das fuligens do céu hal humorado, e da ventania que me apupa, através das frinchas das janelas. Uma pulsação vigora as alamedas, nas ascendências inexauríveis da seiva, rebentando em folhagens de contextura fina, por forma que já não é ficção o caso do homem que ouvia crescer erva nos campos, visto que eu há quinze dias oiço, no recanto de parque aonde vivo, sob uma umbela vermelha de paisagista, o borborinho da natureza que se revigora e emplumesce, numa dessas orgias de cor que faziam rir o olho azul de Rousseau, e punham emoções na palidez fatigada de Huet, o paisagista da ilha verde de Seguin.

A esta hora, por esses campos, nem vocês imaginam o que os melros dizem d'alegre, e o que as borboletas vivem de contentes. Os murmúrios da água, que pelos regatos vai, como um sangue robusto, espalhando juventudes na cultura, dizem às velhas árvores histórias duma suavíssima poesia; e pelos ramos tufados de verdura húmida, tenra, tamisada de cintilas solares, entra a repovoar-se a cidade dos ninhos, grande cidade moderna, com avenidas, concertos, *five o'clock*, *toilettes*

de plumas, e exibições de caudas roçagantes. Ontem me dizia na tapada um velho pintassilgo...

E por esses pomares, entre sebes de silvados e canaviais, que florações simpáticas, feitas com gotinhas de néctar, e salpicos de sangue arterial!

Conhecem talvez o pilriteiro? É um arbusto dos valados, peculiar às regiões montanhosas do Alentejo, que se defende com os espinhos de que se arma, e não gosta de habitar jardins. Transplantado, não produz flor. Tem uma folhagem pequena, curta, verde retinto, mui recortada nos bordos, e agora na primavera, esbracejando sobre as barreiras, tolda os pegos com caramanchéis duma vaporosidade incomparável. A sua flor é o que há de mais mimoso, mais pequenino, mais aéreo; uma joiazinha *coquette,* que antes diríeis insecto, pela vivacidade e esbelteza da figura. Qualquer ramito conta por milhares as florações, e dá em pleno país do sol a fresca sensação duma neve caída em flocos, sobre cada proeminência de haste. Quantas vezes, folheando *Madame Chrysanthème,* que Myrbach e Claudius Popelin vêm de ilustrar, eu pensei nesta esquecida floração do pilriteiro, que não figura nos álbuns, nem inspira os desenhistas, e todavia resume na sua pureza, o que de mais belo possa haver, como motivo ornamental, para a ilustração de livros e jornais!

— Eu bem na sinto! eu bem na sinto! É impossível que certas flores sejam filhas das grosseiras plantas de que brotam. Há no colorido delas, na delicadeza, no espírito e no perfume, umas elegâncias de tipo, umas aristocracias de carácter, feições por tal forma

pur-sang, que a idealização artista de logo nega graus de parentesco entre flor e planta, mau grado a evidência das ligações estruturais. É o que eu digo do grosseiro pilriteiro campónio, o dos espinhos hirsutos, que destinado a não ter filhos, provàvelmente adoptou as deliciosas flores de que se veste.

Elas são bem singulares, na verdade! Olhando-as, por vezes, sinto que uma reminiscência longínqua me turba, acordada não sei como, e vinda não sei donde, a qual se esgarça em brumas de legenda, reminiscência d'alguém que amei num tempo, sob outra forma, noutras idades, países... E os olhos delas parecem dizer-me *recordas-te?* trémulos, querendo falar... — Disse-me um dia Henri Heine, prosseguindo no meu espírito esta identificação perturbadora, entre as floritas mudas, e a alma errante dos mortos que nos foram caros — «os perfumes, meu filho, são os sentimentos das flores. Assim como as emoções do coração são mais profundas de noite, se estamos sós e sem testemunhas, assim as flores parecem esperar que escureça, para no espaço exalarem seus perfumes, almas nostálgicas de noivas! numa fantástica ronda de divagações emotivais». Porque, sèriamente, nós volvemos de novo à flor desta sagrada terra que nos devora, uma vez, muitas vezes, em regiões várias, climas vários, e disfarçados consoante o humorismo da química que nos manipula.

Hão-de ter reparado que certas coisas têm fisionomias humanas conhecidas de nós, o traço d'alguém que amámos, duma pessoa que nos impressionou em tal parte, ou por um qualquer detalhe, pequenino que fosse. Às vezes é uma nuvem que por entre uns esboços de

cara, guarda momentos o doce sorriso de nossa irmã. Às vezes é uma flor, a do pilriteiro, que tem no desenho do cálice o modelo frágil da pobre criaturinha loira que morreu tísica, ao escrever-nos a primeira carta.

Na agitação das populaças que respiram alto, pela noite, entre as flambagens do gás, nos gemidos que os arvoredos soltam, azorragados do nordeste, ou quando a vaga regouga, espadanando contra os granitos da riba, a mesma evocação misteriosa, confusa, mal sonhada, nos surpreende, de vozes que já antes tínhamos ouvido, e agora parecem despertar dentro de nós saudades d'idílios extintos, e de felicidades mortas em plena adolescência.

Pois estas analogias tão nebulosamente poéticas, este ar de família que as coisas brutas conservam das coisas vivas, não as pensem casuais ou fantasiosas: está provado que resultam duma ascendência lògicamente propulsionada, com sua biografia, sua evolução, caracteres herdados, e mais ainda, vícios transmitidos. Nobres e antigas linhagens, esquecidas entre os homens, ocupam cargos eminentes no reino vegetal, ou são pedras preciosas entre os mineiros contemporâneos. Assim, que poeta não sabe de flores que se aproveitam do beijo que lhes damos, para nos dizerem de manso, aquele segredo que a nossa amante levara para a cova, e só ela sabia, ela sòmente... Argumentam dali: a susceptibilidade requintada, que faz certas mulheres terem síncopes, aspirando o perfume de flores, é um caso vulgar de hístero-arte. História!... são as almas dos amantes mortos, dos maridos, dos filhos, que volvem nas flores, mordidas de ciúmes, esfaceladas de saudade, ocultas sempre na evolação mais

aromática dos néctares, e anos e anos errantes primeiro que se lhes depare quem procuram, e que um dia, sùbitamente, quando as pobres mulheres vão mergulhar a narina na urna duma gardénia, lhes ciciam de dentro: sou eu, não tenhas medo, eis-nos de novo, juntos, outra vez!

Duma ocasião, sòzinho no meu quarto, eu considerava uma rosa branca que emurchecia num copo, tão triste! Disse-lhe assim: tu sofres! Ela curvou-se mais sobre a haste, aquiescendo, e vi-lhe duas lágrimas nas pétalas. Nunca pude saber quem fosse esta mulher.

— Eu bem na sinto! eu bem na sinto!

E os dias lúcidos vão inundar de tonalidades esses subsolos de florestas perdidas nos fundos bucólicos da província. Uma virgindade cerra as espessuras, e imacula as sombras das árvores, cuja cúpula, por cima, estrela o azul impecabilíssimo do céu. E pelas ramas que se engalfinham, se enlaçam, procuram, frémitos d'asas, num mistério de núpcias. Nenhum canto de natureza infecundo! o mesmo amor que sobe da terra, a revigorentar os arvoredos, comunica-se aos ninhos, cinge os casais de pássaros, extravasa no ar como uma nafta de bodas bíblicas, e comunica-se, aspira-se, vai-se infiltrando em toda a parte. — Eu bem na sinto! Eu bem na sinto! Que bela a alegria sob os castanheiros dum parque, no coração da vida rústica, pelo braço da franzina *miss* com quem aos vinte anos se sonha, alta, musical, com maravilhas patrícias de mãos... As águas, murmurantes por essas ravinas e barrancos; nas grandes relvas picadas da vivacidade das corolas, as calhandras fartas agacham-se para

dormir, ao fundo a cordilheira distante, idealizada, incorpórea, é como uma nuvem rarefeita que se apaga. — Eu bem na sinto! eu bem na sinto! E apoiada sem peso ao nosso braço, a criatura vai vaporosamente, no silêncio duma ventura profunda, d'olhos descidos, o rosto fino, e bons dias a esta árvore e àqueloutra, uma palestra sem fim com os carvalhos e velhos olmos.

Porque é necessário renovar os cultos pagãos da natureza, ressuscitar as festas rústicas e os deuses simbólicos, os evoés, as legendas, fazendo outra vez brotar anões dos rochedos, elfos das troncagens vetustas, e *nixes* dos tranquilos pegos das ribeiras. Se eu tivesse uma filha, ensinar-lhe-ia a ouvir a missa das florestas, e a pedir a bênção às árvores, como a velhos vôvôs.

A nossa religião tem pouco sol. É a impressão do malarmista Christian Cherfils, na *Cathédrale*.

Par d'informes taudis qui profanent le sol,
La cathédrale semble enchaînée et murée:
Notre âme essaie en vain de prendre au ciel son vol,
Par l'étreinte du corps meurtrie et torturée.

La cathédrale semble enchaînée et murée;
À peine si l'on peut l'admirer à vingt pas;
Par l'étreinte du corps meurtrie et torturée,
L'âme voudrait monter plus haut et ne peut pas.

À peine si l'on peut l'admirer à vingt pas;
L'éblouissement fait trembler notre paupière:
L'âme voudrait monter plus haut et ne peut pas,
À voir emprisonné le colosse de pierre!

Por toda ela se grita: faz penitência! O menor gozo é pecado mortal. Quem muda a roupa branca não

vai para o céu. E essa tragédia do Calvário, mesmo na Graça, horroriza as crianças, e inspira o desgosto da existência.

A nossa vida moderna, reclama uma religião mais alegre e contemporânea dos nossos ligeiros costumes, que nos divirta, como uma ópera, e faça embevecer como um museu — deusas nuas e triunfantes, mitologias aladas, mais animalidade e mais seiva, desde a forma expansiva do efebo bêbedo, té aos grandes festins flamengos do Olimpo — religião paralela à literatura, como forma d'arte que é, irmã da pintura e da música, em que palpite alguma coisa de nós mesmos, seio ou canção, realidade ou sonho.

Henri Heine refere na *Alemanha,* que os deuses da antiga Hélade, expulsos dos templos em ruínas, erram pelo mundo em humildes mesteres, a ponto duns náufragos terem encontrado num ilhéu da Noruega, a Júpiter Tonante, o grande Júpiter! trôpego e decrépito, falando ainda o grego de Homero, entre a cabrinha Amalteia, e a águia desplumada, que dava gritos de frio. E agora oiçam. Se nós rescindíssemos a escritura ao Crucificado, e outra vez repovoássemos as florestas com a *troupe* pagã da Grécia antiga?...

Ao sol

1 *d'Agosto.* — Ao despertar

Agora no verão é já dia às três e meia. Sobre as cristas da serra o céu engasta a sua cúpula num aro de cambiantes metalúrgicos cor de fogo a nascente, cor de névoa ao poente, rosa e lilás nos outros pontos. A primeira andorinha singrou nos ares, soando o *angelus* que as cotovias há muito, no restolho, bem-dizendo estiveram em casquinadas joviais. Um ventinho traz dos campos o cheiro das espigas esmagadas nas eiras, e arrasta sobre as vinhas o refrigerante orvalho da *brandura,* que amadurece os figos lampos, e ao mesmo tempo engurgita os cachos, entre a decoração dos pâmpanos, festiva e rubenesca. Esta neblina parece que vem por entre as fendas da cordilheira, lentamente, como um fumo de sulfatara sucessivamente aspirado do fundo duma cratera, para espargir-se, alma benigna da cultura, sobre os vergéis estancados por tantas horas de siroco. Pouco a pouco o dia ascende, com uma graça paradisíaca, na vitalidade ainda preguiçosa das coisas. No aro da cúpula, a nascente, a linha de oiro esbraseia-se e cintila, dimanando tons que mancham de rosa as arestas francas de cada forma: torres, casas, árvores, mirantes e cabeços. Eis

o preciso instante d'eu abrir um pano à minha velha gelosia. No pequenino largo que desafoga das mais casas a frontaria da minha velha habitação, já o velho Zé Félix tem pigarreado a sua velha catarreira, sentado em mangas de camisa nos degraus do velho adro, e rolando os polegares num moto-contínuo satisfeito.

— Ora bons dias!

O velho Laurentim, que está à espera que a loja abra, vai descerrando o postigo da porta, e cumprimenta. E duas ou três velhas mulheres começam a varruscar sobre as soleiras, hipotéticos grãos de pó que pela noite devem ter vindo macular a escrupulosa pintura d'almagre, que elas renovam em todas as manhãs de Nos'Senhor. Entretanto o António Manuel abriu a loja, vêm ao feijão dois rapazelhos: e outros postigos de casebres vão entreabrindo na simplicidade rústica da vila, os seus mesquinhos olhos sonolentos. Entram a passar trabalhadores para a labuta dos campos, na larga rua contornada irregularmente de casinholos caiados, e com a chaminé saliente ao pé da porta. Velhos campónios levam os seus alforges atrás dos jumentos carregados d'utensílios; grandes rapazes trigueiros caminham aos pares, de jaqueta ao ombro e chapéus de palha grosseira; e dos casebres, agora um, agora outro, toda essa humilde gente vai saindo, a completar os últimos amanhos da vinha, no intervalo d'alguns dias que medeiam entre a ceifa e a debulha.

Quatro horas da manhã. É dia claro. Já as primeiras fímbrias de sol ourelam de oiro os cunhais das velhas casas, e as andorinhas em pelotão sobre as cimalhas, smorzam queixumes duma *ave-maria* sin-

fónica e matinal. Pela estrada engrossam ranchos, dando bons dias, trocando chufas, começando cantigas; ceifeiras que requebram a marcha num dengoso meneio de quadris, moleiros, com suas récuas de machos, todos cobertos de farinha, carrejões trazendo espigas das courelas, ou carreteando a palha das eiras...

A luz do céu vibra d'intensa, palpita, jorra, com uma tonalidade clara sob que a pupila trepida. Muito alto, os melharucos passam, castanho e azul, com um *rrr* característico. Os primeiros fumos d'almoço saem das chaminés quási a direito; os hortelões apregoam na rua feijão verde e pepinos novos: à esquina da igreja o pregoeiro avisa o povo que se perdeu a burrinha branca do Pisco, quem a achar deve ir restituí-la a seu dono. E sùbitamente a rua anima-se, a grande rua fidalga da vila, que até se chama *rua de Lisboa*, quando ao portelo da forja surge o Patana em mangas de camisa, o maior homem da terra, espreguiçando a sua corpulência de carvalho, e troando o vozeirão, num bocejar de fazer tremer a casaria.

4 d'Agosto. — DE MAU HUMOR

Instalados os pequenos misteres da terreola, acesa a forja, as duas lojas abertas, as vendas prestes, Chico Boça a postos no seu banco de ferrador, a vila inteira desperta para o monótona faina de mais um dia. Sobre uma égua lázara e pensativa o moço do leite traz uma bilha de lata à garupa, e o seu pregão de criança, cortante e estrídulo, chama à soleira as comadres todas do burgo, ainda entrajadas em casibeques sujos de cozinha.

Uns quatro ou cinco cães espojinham as carcaças na poeira, reinando em correrias de festa por toda a circunferência estreita do largo. Passam as raparigas da fonte, voltam do açougue os *propiatairos* cobertos de saragoça, face rapada, rotundo ventre, o chapeirão caído, contentes, cépticos, maldizentes, sobraçando a alcofa do carneiro prà confecção da olha de família.

Os sinos da paróquia dão matinas, e o rapaz do forno manda tender o pão às donas de casa — que o forno aguarda já quente, e fora mister que a fornada entrasse a horas de não demorar o almoço à nossa amiga padeira.

Eis o preciso instante de se arranjarem na sombra das baiucas abertas, à porta da loja, na forja do Patana, e sobre os degraus e balcões das velhas casas, grupozinhos típicos d'ociosos, remediados pequeninos burgueses, que vêm de mãos nos bolsos, em chinelos de trancinha, antes d'almoço, fazer a crítica dos casos

A vila conta naqueles clubes o seu número de sucedidos durante as vinte e quatro horas anteriores.

comensais invariáveis, que desde rapazes vão lá, e por fim envelheceram aferrados ao travo especial da má-língua que se permuta na locanda preferida. Estes conclaves são magníficos de carácter e cor local. Salários, negócios, estatística de colheitas e poucas vergonhas, bofetadas, roubos de palha, cancans de rua, tudo ali vai chancelar a sua bagagem, pagar imposto aduaneiro aos farricocos da moralidade montesa, e tirar folha corrida para poder seguir roteiro através o mau hálito das bocas maldizentes. Todas as classes têm na vila o seu predilecto lugar d'assembleia. Ao começar

da manhã, a classe serva anda nos campos lidando. Os ricos, dormem ainda nas suas casas. É o *propiatairo* que então reina, como déspota do burgo, gozando o ripanso dum mariola pela rua central da povoação. Lentamente, depois de *morto o bicho*, cada madraço vem-se arrastando de casa como pode, com os seus chatos fundilhos avergastados de nódoas, o colarinho sujo e sem gravata, as mãos vazias, a face oleosa, e o todo profundamente enfastiado. Nas caras trigueiras, mal barbeadas, balofas, uma expressão vegetal mascara a vida. Aos trinta anos a ociosidade tornou esses homens obesos, moles de músculos, apáticos e profundamente sonegados à função do trabalho activo. Mas o pior é que eu não fundamentei ainda a figureta soez do *propiatairo*.

As grandes extensões de território, no Alentejo, pertencem a dez ou doze nababos que vivem nos grandes centros, indiferentes ao cultivo, e empenhados sòmente em perceber num prazo fixo, o dinheiro das rendas, para a sustentação das suas prodigalidades e magnificências. Subtraindo ao Alentejo aqueles grandes domínios de florestas e terra arável, o que resta são ourelas magras à volta das raras aldeias, e baldios improdutivos, calcinados, sem ervas nem chaparros, que os pequenos disputam e repartem entre si, ciosamente. A terra tem desta forma um fabuloso preço, em mãos de pobres, e o amor do solo é uma destas paixões desenfreadas, sublimes, absurdas, que vai do maior ao mais pequeno, com uma vivacidade perfeitamente insólita, dada a apatia da gente alentejana. Sob um tal regímen, fazer fortuna é coisa difícil. Há pobres diabos a trabalhar quarenta e cincoenta anos,

vestindo saragoça, comendo chícharos (1), privando-se enfim, por amor do lucro, do estrictamente necessário à existência, e que ao fim de velhos e cansados mal puderam juntar em vinhas pobres e casebres de telha vã, o capital de meia dúzia de contos. Nestas terreolas mesquinhas, entre o cavador que estanca a vida à enxadada, ganhando apenas com que morrer de miséria, e o homem rico que pavoneia em berlinda de correias o estadão dos seus quarenta contos de hortejos e farrejais; nestas terreolas pode estudar-se um tipo excêntrico, provincial, característico, posto de sentinela entre o jornaleiro e o ricaço, na escala hierárquica da fortuna. É o tipo do trabalhador remediado, do lavradoreco, troca-tintas da propriedade, ou como ele próprio se apelida, *propiatairo*.

Com sete ou dez mil cepas de vinha, e sessenta ou noventa alqueires de semente por ano, ninguém disfruta melhor as superioridades cívicas da riqueza, e ninguém faz render mais à fieira, em soníferas mândrias de patrão, o trabalho da pobre gente irracionalizada nos amanhos ásperos dos terrenos. Porque o *propiatairo* é por excelência o disfrutador do trabalho alheio, o egoista sórdido, o avarento porco, que entesoira em moedas de cobre o remanescente das suas privações quotidianas, explorando as desgraças, os descuidos e a boa-fé dos incautos, numa palavra, caçando ao homem, na terrível ideia fixa de se locupletar. Nenhum preguista de Lisboa sublimou ainda em tão funestas percentagens, como o *propiatairo*, ao mês

(1) Na 1.ª ed. *xixarros*. (N. do Pref.).

e ao ano, a nobilíssima ciência de garrotar o próximo, mediante o escrito de dívida recheado de cláusulas esmagadoras. Serpentes de Lacoonte, os seus processos d'ágio enroscam-se nos membros da pobre família campónia, pra lhe sugarem até à última gota d'alento.

Muitos cavaram a terra, rapazes, e atingida a fortunazinha ambicionada, votaram ao desprezo os companheiros de labuta, fazendo por imobilizar-se numa casta superior à do seu berço. Desde esse dia desenvolveram qualidades de usura e sordidez que já tinham começado a mostrar em cavadores.

Conhecedores de todas as manhas do jornaleiro, das suas horas lassas, das suas desfalências, salvam-se delas inventando estratagemas para trazer vigiados constantemente os pobres diabos que lhes mourejam nas terras, a fim de lhes sugarem todos os esforços do braço, à sombra do ar protector com que parecem acobertar a sua desapiedada avareza. Para eles o mundo não passa dum círculo de bocas famintas, viradas contra a geira de terra que lhes custou tanto a adquirir. Acima e abaixo não vêem senão ladrões. É ladrão o compadre, ladrão o padrinho de casamento, o prior, o escrivão de fazenda, o cabo de polícia e o médico — ladrões os ministros, ladrões os deputados, ladrões os militares — e o sogro que lhes não morre depressinha, e uma parenta velha que lhes não deixa, e o ricaço que lhes não deu de foro a terra que eles trouxeram cobiçada.

Por trás da mais inofensiva palestra, ei-los que sondam, com a sua perspicácia de malandros, a oculta artimanha com que o interlocutor pretenderá extirpar-lhes da bolsa uma gorgeta. Não conhecem o riso límpido duns lábios desinteressados e amigos, nem a

amizade que ingènuamente se oferece, como uma alma lúcida de rapariga, sem reservas nem cálculos. Os mesmos filhos são para a sua índole safada de fonas, como um instrumento de lucro que eles sustentam numa secreta esperança de negócio, e que mais tarde explorarão, como costumam especular com tudo o mais. Este egoismo, patológico como o do papá Grandet, aguça em gumes d'alfange, por todas as arestas, a ferocidade natural do *propiatairo*, cuja única ambição é possuir, mandar!

Seu ódio contra os ricos é talvez mais torvo ainda do que a surda má vontade que já tinham mostrado aos inferiores. Desta maneira, colocado entre duas classes que o destestam, o *propiatairo* vinga-se calcando nos que lhe ficam por baixo, e pondo ratoeiras debaixo dos pés dos que lhe ficam por cima. É ele que nos anos de vinho barato, vai pelas vindimas lançar à uva um preço caro, porque usufrua o encanto de assistir às percas dos grandes compradores. Elle quem no tempo das cavas incita o jornaleiro às jornas excessivas, tendo primeiro cavado as suas vinhas; e ainda ele que nas tabernas, chupando o cigarro, com um cinismo vesgo se compraz em destruir a reputação dos ricos homens da terra, incitando a canalha a arrancar-lhe de noite as plantações, e entrar-lhe cos rebanhos nas searas, e a deitar fogo ao trigo arroleirado por essas courelas afora. Este miserável ignorante que ninguém consulta, e toda a gente receia, é o invisível gnomo das patifarias aldeãs, o homenzinho das birras, das invejas, das perversidades, das calúnias, o terrível pulha gelatinoso que mesmo fugindo, morde, e que sob uma hipocrisia de Basílio vive no ódio, como numa atmosfera propícia,

com a cegueira despótica do mando, que ele exerce, em podendo, no sentido pior que lhe é possível!

7 *d'Agosto*. — Os tipos e a paisagem

Cinco horas, seis horas. O sino toca à missa, e duas beatas de capote vêm ao sacrifício, com seus passinhos trôpegos, uma por cada porta, cosendo os vultos vagos às muralhas pardacentas do santuário. A última névoa fugiu dos montes, e um ventozinho em lufadas, fresco ainda, traz de longe perfumes secos de restolhos. Só a luz deslumbra d'intensa, ao longo das casinholas brancas, estonteadoramente brancas, de cujas beiras vai fugindo a esguia orla de sombra em que as andorinhas chilreavam. Uma carreta que passa, carregada de cortiça, muda a conversa das baiucas para outros assuntos vastos de riqueza. Na loja do Patana discutem-se as pancadas que o Rocha deu na mulher, com um bordão de marmeleiro, quatro mil réis que o Zé Francisco perdeu à roleta na jogatina da Rosa, e «os dois enjeitadinhos dessa noite...".

A estas palavras há pelas bocas um riso muito chasqueado de tosses: cada par d'olhos faz o circuito da baiuca, a perscrutar em qual desses focinhos tisnados possa haver laivos de paternidade recente. Mais ou menos têm todos contas no cartório. E em tom faceto as represálias começam!

Tocado pelas vermelhidões do brasido, a figura do ferreiro destaca-se no fundo da forja, como uma evocação genesíaca, entre uma fuligem lúgubre de tormenta. Pensaríeis no titã Tubalcain do conto de Nerval, quando

das suas forjas ao centro da terra, aparece a Adoniran estarrecido de assombro.

O fole arqueja, resfolga, tem paragens asfíxicas: e nas faúlhas que irrompem da bigorna, se o malhador descarrega o martelo contra o bloco de ferro escandecido, parece que o destino vai contando, em rubras gotas, todas as infâmias daqueles secretos miseráveis.

A praça não fica longe da forja. É um quadrilátero de velhos casarões, irregulares de janelas, irregulares de telhados, cheio de nichos, arcos, frestas, rótulas, gradarias, com a pedra das cimalhas muito brunida pelos anos, e butaréus de granito toucando os vértices dos cunhais atravessados d'escudos. Todas aquelas carcaças de palácios, antiga residência de famílias históricas, conservam o carrancudo aspeito das épocas sanguinárias, e em cada porta a ferida dos trabucos que alta noite, socando as soleiras com a ferraria das coronhas, mandavam abrir à ordem d'el-rei. No fundo da praça, por cima duma arcaria baixa e primitiva, que se esboroa e amosenda, há uns paços do concelho do século XVII, remendados de cimento por todos os rasgões da muralha, e em cuja frente dez janelas profilam a rigidez da sua lúgubre arquitectura, e numa torrela d'ogiva um velho sino parece guardar na sua atitude ainda atónita, reminiscências d'algum rebate miguelino.

10 d'Agosto, 8 da manhã. — Os VELHOS

Está completo a essa hora *debaixo dos arcos,* o clubesinho d'inválidos que vive à parte, glória e monu-

mento da vila, uma existência de recordações puritanas e gloriosas heroicidades. Depois d'almoço, a barba ainda luzenta da tarraçada de sopas engolida, cada velhito vem de casa, arrastando a lazeira dos anos, té à palestra da tia Rita *debaixo dos arcos,* uma vendedeira de farinha centenária, que já mulher, dizem, provara os horrores das invasões napoleónicas.

A loja é uma cova lôbrega d'abóbada, encafuada na sombra antiga da arcaria. Por cima da porta, um nicho de pedra guarda no fundo um crucifixo, e dia e noite uma lanterna ilumina a imagem tosca, que é no dizer das beatas, tribunal de suprema instância para o bom êxito das bruxarias caseiras da vilória.

Além da velha são três os cavaqueadores quotidianos da locanda; um capitão-mor, um frade bernardo, e um bravo do Mindelo. Entre o veterano e o capitão, guerra de morte! São altercações formidáveis, que começam à segunda, e vão té sábado, rolando as suas inauditas violências, prosseguindo na semana seguinte, chegando ao fim do mês, indo até ao fim do ano, e inaugurando o Natal novo com um capítulo inédito de represálias, como esses longos romances que o editor distribui às cadernetas.

Duas únicas vezes, durante meio século, estiveram d'acordo os dois tunantes — e d'ambas elas o frade ia espichando, tais abominações aqueles mastins lhe escorreram sobre o hábito — Deus sabe se arrependidos de não terem vendido melhor as baixelas roubadas aos conventos! O primeiro a chegar é sempre o capitão. Duzentos passos além, na rua ao lado, já se lhe ouvia a grossa voz praguejando contra a canzoada, e a ponta férrea da bengala marcando nas pedras um trémulo

d'espavorir a ronda e o regedor. Logo em seguida o padre vinha, ossoso e humilde, trajando uma espécie de casacão cor de parede, muito parecido com os seus antigos trajos de mosteirais.

Alguma coisa d'idealmente cândido transparece na miséria simples da sua compostura, que é a de um Justo abençoando a vida nas próprias torturas dos seus algozes, e nos alvoroços da sua delicadeza, cujos pudores iam além de quanto pudesse haver de susceptível na organização duma mulher.

Ao toparem-se os quatro nos encadeirados d'azinho da locanda, as primeiras palavras que trocam são vagas, monossilábicas, monótonas. A vida actual em muito pouco preocupa a confraria venerável de fantasmas, últimas evocações duma época sepulta há muito na ignorância dos novos. Podem esses inválidos, como intróito às suas altercações favoritas, tocar d'acaso, cerimoniosamente, com a ponta dos lábios, os assuntos que entretêm d'ordinário as linguarices da vila, perguntar pelas debulhas, dar a sua feição sobre a riqueza das vindimas, fazer o prognóstico da azeitona, ou ir condenando a licença dos costumes, através a fertilidade mercenária das barrigas. Mas é sempre uma palestra pálida, desentretida, pingada de silêncios e bocejos, e dizendo bem que não interessa nada aos circunstantes. Sùbitamente, por uma transição bem preparada, o capitão bate com o cacetinho nos lajedos, empurra o escabelo mais para as profundas do portal cheio de sombra, saca picado de dentro d'uma tabaqueira de lata, declarando em tom peremptório que os netos dos *sete mil e quinhentos* não deitaram virtudes de fazer muito orgulho ao puritanismo choco dos avós. E acentua

puritanismo, o malicioso, com uma carcachada de ironia!

Lá estava à espera da deixa, o veterano, que ergue o antebraço de madeira, armado duma ganchorra no punho, com o cavo gesto de Moisés partindo a lei sobre a montanha. Então a sarabanda começa: os argumentos fuzilam numa chuva torrencial de perdigotos; e estrondeiam fundo as imprecações de boca em boca, com o fragor de duas naus despedaçando a carcaça nos desesperos da abordagem. A tosse do frade quási podia passar por adesão aos falaciosos desplantes do capitão-mor. E é o que faz pular no seu escabelo o veterano. Por um instante ainda os dois se encaram. Os olhos do frade são como um brasido que se extingue nas cinzas: pode soprar-se, a incandescência não chega. E o *mindeleiro* impando orgulhos de recruta: — quando nós cercávamos o Porto, o imperador e eu, seu frade borra!... percebe?

Com a pitada de simonte interdita nos dedos, o religioso empalidece, arrependido já daquele pigarro envenenado d'incontrovérsias partidárias. Mas a tia Rita desvia a conversa, por um manejo dúctil de *coquette*, trazendo a bandejazinha dos figos e a garrafa bojuda do vinho branco.

Logo as fisionomias se alegram. Palmas batidas, cumprimentos. O capitão tira o tricorne. O veterano faz continênica ao religioso, com a ganchorra postiça do antebraço.

E a vendedeira abanando a cabecita desplumada d'esqueleto, de chofre os acalma nos seus ódios, como a imagem dessa antiga pátria, que ela vira crucificada às rapinâncias do estrangeiro. Sob a evocação das

suas reminiscências, os outros calam-se, enquanto ela repete nas mesmas palavras, sempre como no primeiro dia, há oitenta anos, a história desse regimento francês que entrou na aldeia; e os soldados violavam mulheres aos cantos das ruas, cortavam a cabeça dos velhos com a folha das espadas, abriam à machadada as portas das igrejas, deitando fogo aos palácios, e esfuracando à baioneta os ventres dos tonéis, para de bruços, sobre os regatos vermelhos das adegas, saciarem a sua sede horrível de vagabundos. Daquelas narrativas vem um cheiro de gaveta, a alfazema e a coisa morta, através do qual o espírito recua, por librar-se ao Olimpo das legendas napoleónicas, tão repassadas d'infâmia e majestade. Cada qual mastiga os figos com o resto das gengivas desmobiladas; e nos olhos que se alongam, como ramagens de salgueiro, sobre a lagoa morta do passado, lê-se uma saudade unânime da existência percorrida, que nenhuma esperança, já agora, será capaz de atenuar.

15 d'Agosto, 9 horas da manhã

Um grande sol, claro e candente, alaga a praça em júbilos africanos, e a sua catarata de fogo dá uma vibratilidade dolorosa às coisas que nos circundam, uma vida alucinada a cada simples função da nossa vida. Sob uma tal incandescência, que diríeis uma tripla essência de tortura, veiculada em fulgurantes zoeiras de arco-íris, adeus tranquilas sensações, idéias serenas, exactidões religiosas de sentidos, índoles mansas e amoráveis, almas translúcidas e benignos ideais de felicidade! Cada raio deste sol é uma pata de demónio agi-

tando nos crânios todas as sortes d'impulsões desencontradas, todas as monomanias mefistofélicas e bizarras. Razão por que saem daqui tantos artistas, tantos relassos, tantos pulhas e tantos doidos. Na vivacidade macabra destes gestos pressente-se já a Andaluzia um poucochinho, terra d'amores e assassínios, em que é tão grato à consciência engolir uma hóstia, como seduzir uma mulher, como furar uma barriga. Pupilas vivas, inquietadoras, traiçoeiras, erráticas, cruzando os seus fogos d'arte, numa incandescência de paixões vulcanizadas. E nas cabeças ambições, e nas prosápias soberba, que as inconstâncias do carácter, felizmente proíbem d'atingir conclusões definitivas.

Soam nove horas no sino da torrela ogival, cheia de frestas, o velho sino que parece lembrar-se e ter saudades do seu último rebate miguelino. Já as respirações sobem de ritmo, pressentindo o terrível acesso de calma do meio-dia. Trinta graus dentro de casa, — uf! uf! — o que quer dizer quarenta e cinco nos malhadouros das eiras. Uma lassidão nos começa a invadir os membros húmidos, e zoídos de enxame zigzagueiam, crepitam, ao redor dos nossos ouvidos. O vento que sopra é como o hálito dum forno crepitando estalidos súbitos, que lembram os gritos de dor da terra ulcerada por milhões de cáusticos. A reverberação das caliças produz terríveis e intantâneas cegueiras, dores tetânicas no fundo dos olhos; e como brasas, as pedras da rua fazem ganir os cães e as creancitas sem sapatos. De roda das casas nenhum filete de sombra estende a sua fita d'abrigo aos transeuntes; apenas nos portais esboroentos e nos patamares de seteiras tenebrosas, adormecidos em silêncios sonoros de mos-

teiro, a temperatura conserva ainda umas frescuras de cripta, esternutatórias, borolentas, aonde os cães vão refastelar-se, deleitados.

Entretanto o anil do céu vai-se mudando para uma cor de zinco, opaca e dura, e há sobre os montes poeiras cinzentas que dir-se-iam peneiradas d'alto, pelos fumos duma cratera. D'árvore a árvore, o ruído das cigarras ensurdece quem nos escuta, desesperado, triturador, como se a luz tomasse voz para exprimir as sedes da natureza, exausta e semilouca.

Por baixo duma parreira, num pátio, ouve-se cantar a voz duma mulher. Cada madraço deixa a palestra das baiucas, e vai para casa refastelar o corpanzil nos deleitosos ripansos da sesta. O fole do Patana está calado. Calam-se os pregões e o ferrador. E da minha janela eu contemplo ao longe, por cima duma confusão de telhados, a torre do relógio, vetusta, duma soberba cor caliginosa, em cuja lanterna o sino conta as horas daquela escruciadora calma alentejana.

As vindimas

Setembro

Agosto passa. É o mês de sazão dos grandes frutos, em que as debulhas terminam, os pêssegos turgescem, abeberam os figos, e enfim se decide a abundância ou a escassez das nossas vindimas.

Benigno de calmas, e com um ar de primavera monótona que nem justifica sequer as vilegiaturas ruidosas dos ricaços, por essas quintas, praias de banhos, e estações d'águas, o verão este ano como que participa em incongruências, da consciência dos nossos homens públicos, que ora se abrasam de cóleras, ora enregelam d'indiferença, conforme a hora em que a mesma questão desce a esvurmá-los.

Entretanto Lisboa está deserta: os teatros às moscas; uma banda marcial guinchando no coreto da Avenida, todas as noites, à obtusidade estética dos guardas, únicos frequentadores nostálgicos do concerto; as ruas falhas de transeuntes; as tabacarias desertas de fregueses; e de roda das praças, sob as árvores poeirosas, raros, cada vez mais raros os lisboetas, a quem o governo paga, comparsas d'ópera, para darem ao estrangeiro a ilusão de que isto seja uma capital das mais febricitantes.

A escutarmos os prognósticos dos sábios, parece que Agosto vai desforrar-se em poucos dias, quanto a ardências, das benignidades pachorrentas do seu colega Julho: e uma nostalgia de campo acode ao espírito de quem como eu, tem cá dentro, sob os invólucros postiços dum pensador e dum *artigoleiro*, a alma cândida, contemplativa, simplória, dum aldeão tresviado à cultura dos seus campos, e dum lavrador cativo, que a todos os instantes suspira pela rabicha do arado.

Agosto passa. É o momento das feiras e das romarias. Os últimos calcadouros de trigo devem estar-se a debulhar por aquelas herdades do Alentejo, sob o céu cáustico, esfumado, em cujo azul de chumbo paira a voracidade sinistra dos milhafres e dos grifos, de roda às anafadas galinhas dos casais.

Aí vêm agora em plena exuberância as verduras brunidas da paisagem vinhateira, cujos metálicos pâmpanos ascendem por cima d'arvoredos e valados, na estesia dos seus viços bravios, pendendo os cachos ingurgitados de sucos, cuja diversa tintura já começou d'acentuar-se. Lebres, corvos, codornizes, pardais, tudo agora se abate sobre a vinha esbagoada em topázios, ametistas e rubis. Fome, coitados!

Por aí quási de todo secos, os pastos. Nem um grão que debicar nas courelas apenas cobertas de restolho; e o sol que os abrasa, e deslumbra, e mata de sede, faisca nas pedras, e põe mordentes brilhos na caliça branca das casarias.

Oh! quem me dera ser um camponês, como que uma emanação da paisagem que o meu olhar abraça

daqui, e bem forte, bem novo, bem fulvo, recolhendo ao anoitecer dos matos com o meu feixe de lenha à cabeça, a carreta de vindimador chiando por algum córrego pitoresco, e um cordeiro que balasse adiante, na linha dos antigos deuses foragidos, a elegia violeta do morrer do sol! E de roda de mim, por cima de mim, ouvindo as tristes gotinhas d'água cair, com o seu *ting-ling* de fonte amorável, no coração dos musgos romanescos... — Evoé, padre Baco!

Dentro em pouco chegarão as vindimas, festa d'abundância nesses lugarejos pobres, em que os terrenos delgados não parecem felizes para qualquer outra cultura.

Enquanto o Meio-dia e o Sul colhem e pisam a pés de homem, os cachos rúbidos e opados, no lagar aonde o mosto ferve, como num mistério dionisíaco, ao Norte, pelas encostas do Douro, sobranceiras ao rio, já se não oferece como outrora o espectáculo da verdura hilariando em vários tons esmeraldinos, e os exquisitos recortes das parras, dando a ilusão de pequenas faianças d'esmalte maravilhoso.

Toda essa cultura panorâmica da vinha, deitada aos ombros de montes risonhamente acidentados; toda essa cultura expirou, súbito ferida nas exuberâncias da seiva: e em cada inverno as tristes populaças pedem esmola, lastimando a saudade dos dias fartos!

Não terão de correr bastos annos, quem sabe? sem que o terrível insecto desça as cordilheiras, atravesse os rios com pontes invisíveis, e jorrando nos vales do Alentejo vinhateiro, vá lançar terror e morte num dos mais opulentos trechos de cultura daquelas ricas províncias de lá baixo. Gozar portanto os últimos espec-

táculos desta singular e caprichosa mágica das vindimas, estrepitosa, doida, lesta, animada — como se ruídos de fanfarras, choques de címbalos, rufos de tambores, gargalhadas de bacantes, estrupidas de centauros, viessem ajuntar as suas expansões, os seus brados, os seus choques, às cantigas ardentes e aos idílios de vindimadores com vindimadoras.

Através a bruma das idades, vão os meus olhos sonhando, em ridentíssimas miragens, a pompa das vindimas no mundo velho, que os prosaísmos da vida egoista exautoraram das suas galas mitológicas.

É a cepa, transfigurada num deus adolescente, árico d'origem, com a cabeça cheia de diabos azuis, caprichoso e histérico, que pelo entusiasmo das festas inspira o teatro ao mundo antigo; deus fugaz, inexplicável de génio, amoroso, faiscante, risonho, sanguinário, terrível, que ora se disfarça nas eflorescências do símbolo, ora faz boiar à flor da realidade, o seu divino corpo d'efebo, perfumado e nu. É ele o último gentil-homem do Olimpo que deixa a Índia, sua mãe pátria, para entrar na Grécia embalado nos braços de Sileno, o velho frascário que lhe incute os segredos convulsivantes do mosto, e as voluptuosidades rubras das vindimas. Desde então, ensaiam representá-lo, por um fetichismo intencional nuns esboços d'escultura, donde a imaginação grega virá a arrancar noções para as futuras e extraordinárias metamorfoses do deus.

Aos juvenis amores que por entre as vinhas passeiam as primeiras emoções do idílio, escandecidos de sol, enlaçados, e com o olhar absorto no desejo, ele aparece nas nodosidades das cepas que de acaso pareçam modelar alguma máscara de cara galhofeira, com

a sua grande barba de pâmpanos, e as vides que ascendem, cintilando nos seus vernizes circulantes, e que rolam numa espécie d'anseio tumultuoso, são como os braços do deus, abertos para abençoar os noivos que passam, estreitando-lhes as cintas, a fim de melhor lhes condensar o prazer. Não ouvem?

Já lhe levantam estátuas, e poetas anónimos lhe tecem genealogias bizarras, aonde as alusivas transparências da fábula deixam recompor um patético culto à natureza.

Ele é o filho de Semelé, terra vegetal, fecundada por Zeus, deus do ar, donde escorrem as chuvas da primavera, sendo a terra abrasada em seguida pelos fogos do estio. Porém seria imperfeito, roubado à acção maturativa dos grandes orvalhos do outono: e eis que chegam para amamentá-lo e fortalecê-lo, as Híades pluviosas, brancas filhas do Oceano, com os seus peitos gotejantes.

Já a criança assim robustecida, vem mostrar-se em mármore nos baixos relevos dos templos, correr nos atalhos tépidos da Hélade, sob latadas ditirâmbicas, num carro de panteras negras, entre sátiros com pés de cabra, músicas rústicas de frautas, e juventudes que esbanjam virgindade nos amplexos selvagens do vinho — todos os vortilhões enfim do sangue que formilha vitalidades irresistíveis! Desde então, as vindimas tornam-se a doida quermesse dos países do sol: tudo dança, tudo canta, tudo ri!

O amor é um divino poema enquadrado nas paisagens violentas da vinha: e para o ler é necessário ser novo, estar forte, e beber. Baco faz-se agora o riso do lar, a flama do holocausto, a vida íntima do corpo, a

energia dos músculos, a faisca do génio, a escandência do sangue — turbilhão que explui nesse vasto movimento impulsional, e nas palavras deixa titubiamentos sublimes, e exacerba todos os ardores, e incende todas as cóleras, e esgarça ao vento todos os raciocínios e todas as tristezas. Ei-lo aí de taça alta, feita dum côncavo de casca d'árvore coroada de parras, os olhos borrachos, espremendo o sumo dos cachos olorantes, com a sua tenra figura d'Apolino radioso, amolecida numa delicadeza de linhas mórbidas ainda de juventude, em cujo botão parece dormir, ninfeia alba, a graça viril do futuro adolescente — e as roscas de carne sobram-lhe nas curvas dos pequeninos membros relaxados de vinho.

A sua idade caminha e progride, e aperfeiçoam-se em paralelo os mistérios do culto que o país das estátuas lhe vota. Esta divindade imberbe e infantilmente amorosa como um primeiro período de ebriedade, não pede em começo mais do que pequeninas festas campestres, sem grandes pompas rituais, sem ruídos, nem cortejos de cidades, nem marchas de guerreiros semi-nus, entoando o *poean*, nas cadências do passo ginástico. É um deus rústico, que na época das vindimas, quando as abelhas zumbindo se abatem d'entorno às videiras vergadas de frutos, se faz passear em efígie tosca, ao de-redor das vinhas, numa padiola levada por vindimadores.

Um escravo conduz adiante um vaso engrinaldado de parras, em que referve o primeiro vinho do ano. Outro, após ele, traz um cesto de figos; em volta escorregam valsando os pares abandonados — e logo uma

virgem ergue acima das cabeças o *phallus* sagrado, símbolo da fecundidade.

Nada encantador como esta procissão pagã, glorificadora das grandes forças misteriosas da terra, e congratulando pelo amor os espíritos sinceros do povo. Ainda agora as nossas vindimas parecem guardar reminiscências destes primitivos cortejos, cheios de cantigas, volitando em danças rudes, e cuja gracilidade plástica dir-se-ia atinente a divinizar as culturas sacras dos vedonhos.

Nos mais antigos vasos gregos, a pintura retrata esta forma inicial das bacanais, com o seu cortejo animado, desfilando ao clangor dos Evoés, entre coroas de parras e tirsos.

Uma pedra achada em Óstia, diz Paulo de Saint Victor nas *Deux Masques*, representa Baco já homem, com um leque de barba feito de quatro asas d'abelhas, e a risonha boca entreaberta, como um cortiço aos enxames. Não é ainda o deus terrível que se vai abalançar à conquista do mundo, igualando por suas estranhas metamorfoses as aventuras do Vichnou industânico, mas um companheiro alegre, um borracho benévolo e dedicado, um deus bom rapaz, que nos faz esquecer na sua hilaridade, todas as horas más que a vida tem.

Breve, mui breve todavia, essa fase de *nonchalance* olímpica se apagará, desde que se lhe faça impetuoso o sangue nas veias, e lhe refervam lá dentro os ardores da idade, e lhe retumbem explosões de paixão dentro do peito.

Já ele começa a exigir sardanapálicos amores aos seios alvinitentes, que apenas um calmo arfar santifica;

já ele encanta e perturba as ligeiras cabeças loiras, com os penetrantes vapores que exala.

Um riso baba-lhe dos beiços, e escancara-lhe as fauces, bestializado numa espécie de sensualidade ululante.

Há crispaturas na sua face barbuda e grosseira — e as cordoveias do pescoço entumecem-se-lhe num preâmbulo de cólera frenética, e d'embriaguês furiosa, que aspira, com a venta tigrina, o sangue dos assassinatos.

Já aos seus gritos os espinhaços das panteras negras do seu carro se arqueiam e corcovam, nos espasmos que o fumo do sangue desperta; e o cortejo se mescla e engrossa de figuras nada tranquilizadoras. Às harmonias da marcha cadenciada, sucedem-se hesitações nos grupos, fumaradas d'orgia que avança pedindo cruezas à carne, vortilhões de monstros lutando entre o lampejo metálico das flechas! os beijos furtados uivam d'apetites convulsos. Entre a fúria dos mugidos báquicos, à luz dos fachos, sob as ramagens dos loureiros, dos ciprestes e dos plátanos, rodilhões de personagens galopam, em estranhas promiscuidades, cantando nas penumbras do bosque, de-redor do carro do deus. E tudo se anima e transfigura como ele!

Já os sátiros advêm por esquadrões, e os troncos da floresta rasgam os seus ventres centenários, para deixar sair as dríades, desgrenhadas e loucas, com insectos d'oiro em constelações sobre os cabelos verdes.

Mil e mil abstracções simbolizadoras das fecundas seivas da natureza, tomaram corpo, engrossando a turba, e desfilam por estranhas famílias, ele aegipans, centauros, silenos ventrudos como guardiões, esboços

de criaturas, caprichos d'animalidade, monstros criados com retalhos de todos os seres, meio homens, meio cabras, meio serpentes, meio génios... — grandes larvas exóticas do húmus terreno, que muitas forças tivessem fecundado ao mesmo tempo!

Eis que a orgia atinge paroxismos trágicos, e espadanando nos vales, começa por assolar os tranquilos campos, como um dilúvio de búfalos selvagens. É quando a festa desandou em castástrofe, e dos peitos golfa a podridão das vinganças!

Como no sacrifício da missa, transfez-se o vinho em sangue nas taças dos sacerdotes, e vivo ainda, numa agonia muda, lá vai manchar as máscaras de gesso das bacantes, e as suas túnicas fendidas d'alto a baixo, sobre os seios abocanhados.

O furor do vinho leva à morte as primeiras vítimas: é o deus que reclama sacrifícios! E o mundo inteiro se apavora desta terrível cólera sanguinária — as árvores que suplicam clemência, com os seus braços d'escravos vergastados; pássaros tresnoitados que fogem, ramo em ramo; e as águas dos regatos, enrubescidas de sangue d'inocente. Evoé! São as bacantes que debandam contra os maciços da folhagem, a estrangular nos seus antros os leõezinhos de mama! Sátiros que asfixiam as ninfas, com seu amor de bestas feras! Touros decepados, cuja agonia guarda a religiosa tristeza dum cântico. Evoé! Evoé! — e de todas essas carnes que agonizam, e contraídas mugem, jorra um sangue generoso, em fumaradas, que se espalha e circula, regando a terra comovida por hecatombe tamanha.

Tal é a evolução mitológica de Baco: psicologia do vinho, esmaltada num quadro alegórico, que eu vejo e revejo nas suas maravilhosas contramarchas, com os olhos absortos de Cânova contemplando os frisos do Pártenon.

Os pobres

O ano novo entrava por um dia de vento e d'aguaceiros. Céu pardo, terra transida, e nas árvores e nos casais a desolação da miséria erguendo os braços. Entre Vidigueira e Pedrógão há um caminho que vai través charnecas, sem abrigos nem pontes, claro e ondulante sobre o dorso das terras, e que quanto mais se percorre, mais infindável parece, o negregado!

Na margem não há azinheiras nem abrigos. De verão o sol calcina-lhe os saibros, reverberando cegueiras ao olhar de quem no fita. D'inverno, as enxurradas sulcam-no de barrancos, descarnam-lhe os pedregulhos das barreiras, e vê-se de roda o campo triste, cheio d'estevais e mato curto, onde nem sequer palpitam asas.

Ora, ao desprender da noite, um mendigo deixara a Vidigueira lentamente, depois de ter pedido esmola pelo povo, e de sacola ao ombro e descalço, não tendo mais que fazer naquele burgo estranho, onde até os cães lhe arremetiam, perguntara numa ponta da rua, rente ao campo, a uns camponeses que recolhiam bêbedos, cantando, onde é que poderia ir dar aquela estrada.

— A Pedrógão, amigo. É terra farta. Quer pra lá ir?

O homem pareceu consultar o olhar dos seus interlocutores.

— Eu sei! fez ele humildemente. É longe?

— Longe, não digo... e o segundo dos bêbedos apontou para uns outeiros, dizendo:

— Em vossemecê chegando à ermida, já pode ver, da outra banda da ladeira, a casaria.

O pobre então, depois que lhes deu as santas noites, meteu-se ao caminho, com o bordão dianteiro, como quem busca piso seguro no cascalho. Para trás, na vila rumorejante ainda das frescatas do dia santo, Trindades badalavam; a noite vinha, lôbrega e cinzenta, e na pouca luz do ar, apenas dois candieiros de petróleo chagavam de vivo a corrugação cinzenta das ruelas.

Ele, voltando-se, ainda ouviu no ar a injúria do bêbedo, que lá na ponta da rua à porta duma venda, lhe gritava:

— Oh filho daquela realíssima bêbeda, moinante! Em lá chegando, não te esqueças d'ir cear com Barzabú...

E a torrentes a chuva, o vento a esbofetear as árvores, silvando, e gemidos tristes exalados de tudo, como se a natureza, mendiga eterna, estivesse sendo espancada injustamente. O pobre diabo vai, caminho fora, sem atinar com a ermida nem ver montes. Leva o chapéu de través, a manta rota, à guisa de dalmática, e parece que regula o passo pelo bater do bordão no saibro espapaçado, e que entregou ao *Bendito* que vai rezando, a mercê de lhe deparar valhacouto onde dormir.

Queixas da vida não sabe. Reacções coléricas, deliu-as no invectivar inútil doutras noites. E como

do passado nada lhe vem que saiba a felicidade, as mais cruéis misérias lhe pareceram sempre coisas naturais.

De feito, a sua retentiva não é capaz de registrar, por quanto faça, outras cenas a mais que desconfortos, humilhações, penúrias, fomes... A mãe parira-o sobre as palhas dum telheiro, à volta duma feira, e fora deixá-lo à entrada do burgo, perto da fonte, onde umas rapariguitas o acharam depois, roxo de frio. No casebre do hortejo onde o criaram, tudo sabia aos amargores duma pobreza quási trágica, a mãe cheia de filhos, pai bêbedo, pancadas, zangas, e ao de-redor nada mais do que farrapos e imundícies.

Vida d'acaso, antes da sua mão poder agarrar as saias da madrasta, outras enclavinhadas mãos ferozes, de verdadeiros filhos, lá contravêm ciumentas a expulsá-lo. E como se lembra dos tratos, das palavradas cruéis contra a viciosa origem do seu corpo, do quinhão das refeições, o último sempre, sempre o pior e o mais minguado, e como aborrece ainda agora a lembrança desses irmãos e desse pai cobrindo de chascos cínicos o geratório eventual que o concebera! Inda não homem, calcam-no já misantropias e cerrações d'inteligência inexplicáveis: apraz-lhe a vida errante, as longas absorpções no seio das ervas, emborcado nas veigas, à margem dos barrancos, dormir no campo, ir às empreitadas longínquas pelo tempo das cavas e das ceifas, migrar, errar, viver d'acaso, e nas albergarias das herdades, a quando chuva, dormir sobre a cortiça dos poiais, com'os malteses. Assim passa insensìvelmente de rapaz de mandados a guardador de rebanho, de fedelho da monda a cavador d'enxada, entrementes

que o arcabouço lhe avulta em ossaturas de pobre mal comido. É um desses tipos d'expulso a que as raças regressam, como anojadas da cópula bestial que lhes deu causa, monstros da fauna humana, que a natureza recalca em sofrimento, envilecendo-os de propósito, na idade em que a forma animal, transcorrendo da adolescência extreme, à puberdade, reveste em todos os seres linhas de força, e musculaturas de nobre estatuária. Só no corpo dele a adolescência quási que tem stigmas servis, cifoses de trabalho nos ossos longos, incurvações nas pernas, a espinha giba, os braços bambaleantes, e tais espessamentos de pele, rugosidades, lanugens, que diríeis um orangotango doméstico, prognata horrível, barbi-raro nos beiços, hirsuto, torvo, mas em cuja fronte baixa luzissem duas lâmpadas cristãs nos olhos tristes.

Dest'arte, a solidão guardara nele, intacta, a primitiva índole sem laivos de cultura, e como vivera sempre à margem, inviolado na sua fealdade suja de monstro, esta misantropia o defendeu do amor como dum sentido supérfluo, adormecendo-lhe o sexo, como se ele fora um bicho para que não houvesse na natureza ser complementar.

Noites errantes, madrugadas no palustre arrozal em cujos limos verdes o valador mergulha até à cinta — calmas nas eiras, no calcinante meio-dia das debulhas, quando as árvores sucumbem na fornalha solar que musga as próprias rochas — lavoiras nos atasqueiros dos baixios, já as alvéolas de Janeiro saltitam pelos regos fumegantes, taçalhando os bichitos dos torrões — caso vos recordais, dizei, de o ver fainando

entre a matrula dos ganapães que todos os anos migra das aldeias ratinhas, para as grandes herdades do Alentejo? Ele é esse casmurro humilde de quem mangam sem piedade estranhos e vizinhos, crivando-o de sem-razões qual mais sardónica, sobre a miséria das roupas, os rasgões da camisa, e a sordidez de ganhar sem dispender. É o que mete o garfo último na malga, às três comidas, é o que sofre as montarias pelo tamanho das presas que manduca, e o que ficando sempre com fome, todavia ganhou reputação de garganeiro.

Por onde quer que vá, já o conhecem: trabalha como um burro e não há ninguém que lhe não chame preguiçoso; faz os misteres humilhantes da companha: dar água aos ranchos, varrer o esterco dos currais, levar as burras à cavalagem dos rocins, e isto não impede que todos citem a sua soberba, e alardeiem do seu resmungo às ordens dos manageiros e dos feitores.

Uma tristeza alvar alonga-lhe ainda mais os prognatismos barbosos da queixada, tem olhos doces, de cão expulso, mal empregados, tão longe! — mas não obstante a sua mansidão passiva, desinteressa: as raparigas receiam, não sei porquê, desse gorila casto, uma cilada; os homens no fundo inquietam-se dos monossílabos com que ele responde cerce às assuadas; e há um mau-estar de roda dele, que é tudo, asco, receio, desprezo, como se nessa desprezível pilha humana, tanta força física perdida fosse ao mesmo tempo um insulto às leis da graça, e uma anomalia às leis do movimento.

O que o desconsola mais é nos bailaricos recusarem-no as moças para chuleiro, e nas danças de roda

deslizarem-lhe os pares pelos andrajos, com um receio de piolhos, insultante. Pelas adiafas da ceifa, ou em Fevereiro, quando se acaba na lagariça a mastuga da azeitona, se o lavrador é bizarro, mata-se na herdade um chibato barbão para ensopado, vêm raparigas da aldeia e *montes* perto, e é um dia de festa entre a «cambada». Logo pela manhã, mastro no pátio, com festivas verduras de medronheiro, mentrastes, flores do monte; depois, na cozinha, o brasido d'azinho e vides secas, as panelas, de roda, escachoando, os arrozes d'olha gordos de toucinho, as orelheiras com couve e grãos durázios, e ao centro do lumaréu, na plena chama das vides, que dois ou três renovam, o enorme tacho onde a badana guisa, fedendo os seus fartuns de mato, entre batatas, pilhas de cebola, montes de salsa hortense e colorau. Ai, nesse dia é o ratinho o rei da herdade, porque findou a empreitada, o lavrador está satisfeito: e as almas fundem-se num enternecimento de separação muito cordial, entrescutam-se os signos do futuro — quem voltará prò ano, quem terá *brasilado*, ou quem terá morrido?

Enfim, coração lesto! o que há-de ser, será... — e os veludosos olhos da rapaziada beirã luzem com essa vaga doçura do vinho unido à pena, quando sentados ainda de roda do almoço, ouvem no terreiro o adufe das moças alentejanas que os concitam...

O rouxinol quando bebe,
Na fonte d'água corrente,
Tira penas com que escreve,
Cartas ao amor ausente...

De rustilhada, vá de desencasquear focinho e mãos no lavadouro a-par da fonte, de pôr a véstia nova, e de trocar os tamancos por sapatos. Num abrir e fechar d'olhos, ei-los prontos; com as guitarras zoando, os chapéus para a nuca, os beiços rubros e os olhos amorosos.

A, I — oh ai!
Na fonte d'água corrente.

e a estrupida das solas bate compasso à melopeia lenta das cantigas; de roda do mastro vão os pares deslizando num requebro de rins, caricioso, os adufes soluçam...

Só o meu monstro não tem véstia nova, nem sapatos de vitela. De vez em quando, diz-lhe o manageiro, à bruta: — cá está o lambão a pensar na morte da bezerra. Eh, meu preguiça, olha o ensopado que esturra! E ele, de cabeça curvada, vai mexer. Ninguém o quer, os moços da lavoira arremedam-lhe insultantemente a galegagem da pronúncia, está para ali sentado numa pedra (alguns cuidam-no bêbedo) com a camisa rota, o coração errante, e cada vez mais feio, e cada vez mais corcovado — vinte anos no lombo, e nem uma cachopa que lhe diga do rancho «anda bailar».

E é assim que envelhece e se inutiliza, lambendo os pés de todos, e obrigado pela reclusão a considerar-se toda a vida um ser nefando. De não ter família nem casa, resulta ser para ele o mundo um imenso erradouro, onde o seu papel é defender-se dos virotões que lhe arremessam. Noção de lar e presbitério, amizades d'infância e folguedos de rapaz, a nenhuma destas monótonas memórias, que são o passado de todos, este infeliz poderia prender uma saudade. E é

por isso que a chuva dessa noite o não trespassa, que o vento o não regela, e que os apupos dos bêbedos e as correrias dos cães lhe deixam o espírito impassível, como a repetição dum caso familiar.

Essa noite hostil dizia o pobre, em sua resignação de besta sofredora:

— Bendita seja a chuva que faz celeiros na terra, bendito seja o vento que varre do ar as febres e as doenças, bendito seja Deus que castiga o mau, e dá agasalho aos pobres nas pedreiras!

Lá adianta o bordão com gesto trémulo, a sacola pingando, baldada a invocação — pois ninguém escuta, Deus foi-se embora, a devastação senhoreia-se dos campos, e uma fúria de mal sopra na terra, a ponto que ele enfim pára, cego das trevas, tateando aos dois lados, já sem saber por onde a estrada segue, porque as valetas ao lado extravasaram, o terreno amosenda, e a enxurrada leva no seu roldão, saibro e cascalho. Medo. De quê? Há só o homem que o tenha, e ele era um animal bravio das selvas. Mas é que verdadeiramente a sua fadiga é infinita, uma fadiga secular, ancestral, com ânsias de regresso aos vegetais que não precisam de caminhar para viver. Oh, como a tormenta lhe lança, pelas mil bocas do céu, do ar, das cachoeiras profundas, das árvores chicoteadas, das catapultas do monte dispartindo penedos sobre os vales, provocações a que se aventure mais naquela diabólica d'elementos. O vento fala-lhe: primeiro um som de seda rasgada, sibilante, que vai por extensões quilométricas, escarneando nas ramas, té encontrar barulhos novos: após rumores cavos, d'águas fervendo, estalos de troncos,

troar da solidão martirizada enchendo a noite e a natureza de blasfémias! Todas aquelas vozes espantam-no, e o pobre de pé, sob as bátegas de chuva, parece perguntar o que pretende dele a tempestade. Enfim, deixa o caminho, aos tropo-galhopos resvala, como pode, por uma barreira coberta d'estevais e de trovisco; depois no montado, sentindo na cara as bofetadas do piorno, adivinha no som de fúria grave que por cima rabuja, grandes braços imóveis de sobreiros. Aí começa a tropeçar nas raizes, a ir de focinho aos troncos dos colossos — e por entre a treva caótica nem um vislumbre de guia! — quando sùbitamente, ao largo, julgou ver bruxulear o quer que fosse.

Outro qualquer, perscrutando nesse deserto o ponto pirilâmpico, restaria indeciso, tomando-o por uma alucinação da vista encandeada, tão rápido ele fora, e tão unido o negrume das espessuras do montado. Mas, o mendigo tinha esse olhar notividente dos animais a monte, capaz de destrinçar na treva, fios de cabelo, e fácil lhe foi guiar-se até ao sítio provável em que luciolara o bruxuleio.

Foi-se avizinhando manso e manso, aos saltos, por barrancos, a afocinhar por deladoiros d'água represa, só com um desejo agora, alapar-se num côncavo tranquilo, onde dormir de borco, com os lobos da serra ao fim de monteados. E em pouco tempo os seus passos faziam-se mais lestos, pegou de caminhar cosido à terra, té que a pupila de carnívoro lhe distinguiu no labirinto da noite, um grande cubo, esburacado nas faces, pocilga de marrãs, ovil de reses, albergaria de malta ou quer que fosse... Fez então dous ou três giros, circuntornando o casarelho, sempre a auscultar-lhe os haustos do inte-

rior, e rápido viu que uma das paredes faltava, havendo na oposta um portal aberto sobre a noite, e por cima restos de ripado e telha vã, livrando da chuva o espaço intermediário. Inda ficou a perscrutar o silêncio do casebre, sustando a respiração com mil cautelas: mas nada bolia, um hálito morno, d'estrumeira podre, baforejava de dentro; e ele enfiou a cabeça pelo carbonoso côncavo da toca, circunvagou o olhar de gato bravo — viu sob cinzas, a um canto, esfriarem agulhetas de brasa, já sem revérbero vital, d'algum magusto de pastores deixado ficar, ao fim do dia... E penetrando na casa, dava as santas noites, tartamudeando, num receio de mendigo, a Avé-Maria, e às palpadas do bordão, foi-se acocorar perto das cinzas, donde radiavam ainda agasalhantes bafos de calor. Um apaziguamento vinha-lhe à miséria, uma fadiga fundente, misturada de ternura, por se lhe ter deparado sítio enxuto. E toca a tirar o pão para a ceata, a fazer da sacola travesseiro, e a pendurar a manta no cajado, porque de manhã pudesse envergá-la seca, novamente. Oh que aguaceiro d'inverno, Santo António! Que ventania furiosa! pensa o triste, já descuidoso de si, todo ocupado a lastimar quem lá por fora patina a noite inóspita. E como o pão de rala lhe sabe, e como o agasalha doce o casarelho, e a vagabunda penúria súbito se lhe alcandora em perspectivas de fartura! Ligeira, tépida, uma sensação de bem-estar calenta-lhe os martírios, correndo o ventre, derramando-se-lhe pelos canais de veias e d'artérias, enchendo-lhe braços e pernas duma energia nova e muscular. E é essa sensação que reverte, por um prodígio de bondade, a alegria do pária em misericórdia — misericórdia por

todos os sofrimentos alheios, perdão para todas as injúrias sofridas — e nesse instante, eis o pobretão senhor do mundo, ei-lo redentor, transfigurado, amigo dos cães que lhe ladram, dos pais que o enjeitaram, dos camaradas que o escarnecem, dos bêbedos que lhe chamaram bêbedo, dos ricos que o fizeram zurzir por seus lacaios...

Nisto, uma voz:

«*Salve Rainha, mãe de misericórdia...*» Jesus! se fosse alma penada! E subterrânea, esparsa, entre uns assomos cavos de bruxedo (valha-me Deus! valha-me Deus!) — assim a modos longe, mas parecendo vir dali pegado às cinzas do brasido, duns poucos de sítios do chão ao mesmo tempo... E ouvia-a mais dizer: «*Bendita sois, entre as mulheres...*» com um grande intervalo sepulcral entre as duas partes da oração. Já o polegar lhe fazia na testa, na boca, sobre o peito, os três sinais da cruz da cabala cristã, preservativos do demo, e o coração lhe soava duma destas curiosidades de sobrenatural, que são o belo horrível da superstição campónia em cata d'aventesmas, quando numa aberta do vento julgou ouvir o ralo da respiração bronqueal d'alguém que ali pertinho amadornara. Pôs-se a escutar, sentiu um bafejo lento, com dois ou três soluços curtos no hausto, um gemido em cada expiração: e de repente, na sombra, o quer que fosse d'aflitivo, que se resolvia por alguma palavra desatada dos rosários do sonho, mas dita pra dentro, e cheia d'evocações sepulcrais que estarreciam. Gente pacífica dormindo, em todo o caso. Ai, respirava! Quando nìtidamente a mesma voz disse «José».

O nome dele. Porque será que lhe palpita o coração d'envaidecido? E com um tanganho de esteva ei-lo começa a mexer vagarosamente as cinzas quentes. Mas as últimas brasas tinham-se apagado, e ele continuava a circuntornar com o tanganho o único ponto rubro do cinzeiro, e enquanto as cinzas mexia, dum braseiro talvez que outro gozara, a memória a seu turno lhe ia agitando também circularmente, as recordações da mocidade, não por sequências nítidas, actos d'evocação metódica, mas aos dispersos, sem nexo, como bocados duma história rasgada muito tempo já depois de escrita.

«...duma ocasião, na feira franca, a primeira vez que se sentira homem, uma cigana tinha-o convidado a dormir, nuns casarões; mas não aparecera, ao fim duma noite inteira d'aguardá-la! Outra, em Alvito, dera com ele num barranco d'águas férreas, e incitara-o, pegando de zombaria a quando o viu prestes a dar-se».

«Depois, mais tarde, a sua grande paixão pela filha do manageiro da Casa Branca, que todos os rapazes da malta requestavam, trigueira d'olhos verdes, e que afinal fugiu com um prior...»

Vá d'agitar as cinzas do brasido, cinzas d'idílios mortos, desejos insaciados, alma sòzinha a aguardar toda a vida, a alma irmã! Não, não sabereis dizer por que motivos lhe palpita o coração d'envaidecido, e porque uma ternura intensa o deliquesce, quando novamente a misteriosa voz regouga a oração. Este alvoroço de resto não é novo, porém reminiscência talvez d'emoções análogas d'outras épocas da vida, que lhe fazem desconfiar que não esteja longe uma mulher. E a recordar-se dos seus trinta anos de vida vagabunda

(noite sinistra, açaima os teus latidos!) do seu rolar no enxurro humano, escarnecido pela fealdade de macaco, enrodilhado pelo desprezo geral da sua força (ventos, não lhe acordeis o plácido aconchego!); e do amor nem trago que dessedentá-lo à beira da procriação universal, de que ele em toda a vida não fora mais do que a resignada testemunha! Trinta vezes daí lhe acorda dentro a ressurreição do instinto másculo, essa represália da natureza brutal exigindo cevar-se entre mugidos — a sombra confidente, o sítio impune — quando outras tantas uma lassidão de monstro batido, feita de chacotas antigas e d'atrofias parciais do orgulho genésico, rápido lhe trava a audácia dum assalto à fêmea indefesa. E ei-lo acorrentado mais à sua bisonheria nativa, como um cenobita histérico, à proporção que o almíscar da fêmea lassa, dali tão perto o nevrostiza. Ronca-lhe no peito uma fúria de sexo escachoante, num só minuto galgando, súbito, a distância que vai do rapazinho tíbio, ao macho feito: mas impossível decidir-se! o espectro da deformidade física paralisa-o, susta-lhe a audácia um vago horror de que o repilam: e fica-se ali, d'olhos perdidos, alagado em delírio, e entre ele e ela deitado o demónio do escárnio, preservando os dois vagabundos da lascívia...

Acorda sem saber onde está, com a boca a escaldar de saibos tíficos, num caos de treva, que o regelo trespassa, lado a lado. Umas poucas de vezes quer reencontrar as ideias entre que fora perdendo a noção da realidade, reconhecer-se, palpar-se, dizer «ah sim, sou eu!», mas por um singular retrocesso, é como se fosse outro mui diferente; pensa e não é a sua cabeça, agita-se e não é o seu corpo, e aquele mesmo juvenescimento

tem uma causa de sugestão diabólica que o alarma, quando sùbitamente ele adivinha na sombra o enredamento de fios que a fêmea tece à roda dele, agora desperta, e de tentada arvorando-se, por uma inversão de correntes anímicas sutílimas, em tentadora. Esse enredamento fia no ar como um casulo de crápula, absorvente, que o circunda todo e que o prende, e o esfuria, e d'agulhas lúbricas o criva — que trepa por ele e o estrangula, acelerando-lhe a vida, como um licor de morte alucinante. Já sob o império das raivas de multiplicação que radiam dela, o descalção se arrasta, de braços estendidos, à procura do centro histerógeno de pecado, enquanto da outra banda a fêmea se debate num desespero semelhante ao que lhe dá. Andam assim nas trevas procurando-se, de rastos como cobras, lacerando os farrapos, os torsos na espiral do mesmo adusto anseio; e afinal acham-se, o contacto das suas carnes dá na sombra uma crepitação d'escamas d'imundície, quando alfim ele, súbito liberto, pelas impunidades da treva, das suas preocupações de hediondez, ala sobre ela o monstruoso corpo de colosso, que fosforeja e estria, como um mastodonte cioso, os grandes músculos. E as unhas rasgam-lhe os rins, para cravá-la em si com fúrias de chacal. Cavas, opressas, ouvem-se as respirações suflar bestialidade, e d'ambos os dois as sedes são vorazes, e o resfôlego das duas máquinas irmana-se, rimando os urros e sofreguidões das suas virgindades envelhecidas a pontapés, sob os desdéns carnais de toda a raça humana.

Assim estrebucham a noite numa orgia spasmódica, luxúria e danação, que faz das suas núpcias, bacanais. Até que saciados, antes que a manhã dealbe o céu

lutuoso, cada qual deixa o casebre por sua porta, sobraçando a sacola sem voltar a cabeça, calado, indiferente, estranho ao outro, e não tendo podido mesmo fixar-lhe na escuridão profunda, o vulto incerto. Já longe param, separa-os o deserto, e ambos põem o ouvido à escuta, a ver se o outro o segue. Por fim come-os a treva, nunca mais se encontraram, nem ao dia seguinte teriam já meios de reconhecer-se.

...tal como duas anónimas forças, que incidentes num ponto do espaço, produzem pelo choque um certo efeito, prosseguindo na rota logo, sem mais lembrança da conflagração que acabam de causar.

Amores de Sevilhano

A convalescença de Maria da Piedade pareceu enfim anunciar-se quando a família falou em fazê-la sair do recolhimento onde se estava acabando a educação da pobre toutinegra. Todo o inverno ela andara triste, pálida e tão abstracta, tão alheia, que para despertá-la era preciso gritar-lhe, repreendê-la com palavras, que mesmo brandas lhe punham rosas nas faces, e tremores nervosos nas mãos.

Oh! que diferença, que diferença, ela agora fazia da educanda viva e impetuosa d'outros tempos, quando entre os catorze anos e os quinze, a sua endiabrada alegria reboava nas frias salas do recolhimento, como um vento de primavera esfuziando no seio duma floresta seca, vibrante ainda dos trilos e aromas das pradarias primeiro atravessadas. As madres, já quási velhas, e nostálgicas daquela vida crepuscular na casa de Deus, posto arreganhassem contra Maria, a cada maré de jovialidade, os seus sagazes óculos de preceptoras, contudo achavam sempre, no fundo do seu compassivo coração, para a educanda, algum resquício da ternura que não tinham podido dar a filhos seus: e Maria da Piedade era a alma cantante do recolhimento, o motivo de todas as desordens e todas as

diversões, a roseira de todo o ano que rejuvenescia as velhas e tornava a clausura ligeira para as novas.

Mas naquele inverno, sùbitamente, uma romântica acordara no radioso envólucro da toutinegra, e a viveza das suas pupilas quebrara-se em contemplativas tristezas, que nem livros, nem santos, nem jogos, nem bordados, conseguiam sacudir um só momento.

Ia Piedade a entrar nos dezóito anos: um ser nubente espreguiçava-se agora dentro dela, coincidindo com certas transformações de corpo e de carácter. Crescera muito, as mãos haviam-se-lhe tornado mais longas e diáfanas: nas quebraturas da cinta havia ondulantes músicas de plástica; e as inspirações do seio eram mais fundas, suspirosas, ansiadas quási, como se na ossatura das costelas lhe pesassem os dois meios limões túrgidos da virgem que vai fazer um sacrifício em ser mulher.

A praia para onde a levaram, era um recanto d'areias e penhascos, brancos, vermelhos, pardos, mosqueados, de cujas sinuosidades a vista bebia os vastos céus, lá nos confins do mundo engastados com o semi-círculo das águas do oceano, por uma ourela d'oiro e cochonilha. Ínsulas de rocha, com abruptas formas de castelos, masmorras, colunatas, emergiam de perfil, graves, roídas, dentre o vortilhão das ondas verde-claras; e no meio dos gritos dos goelanos e gaivotas, enquanto os sorrisos da luz iam beijando por placas, a epiderme das águas corrugosas, passavam à vela os barcos de pesca, finos como libélulos, lá longe, na esfumaçada grisalha das primeiras névoas de Setembro.

Uma elegante colónia de gente convivida, rica, armoriada, com impecáveis estéticas de gosto e *toilette*,

viera instalar-se na praia, essa estação. O banho era um pretexto apenas para a exibição de saúdes florescentes, e hábitos de sociedade, em que transparecia uma ponta de *cabotinagem,* numa afusão de gosto cultivado. Porque aquela enseada humilde, *descoberta* esse ano, e povoada por uma roda familiar de mulheres inteligentes e homens de desporto e de finança, constituía ela só a estância mais deliciosa da terra, livre como estava dos calções de malha dos burgueses, e dos dominós de baeta das mulherzinhas toscas de província.

Pela manhã, enquanto as tendas de lona, ornadas de flâmulas, baixavam os seus tendais de listras té à areia, e os primeiros rapazes saltavam para os escaleres, colados em fatos de ginastas, os braços nus, os colarinhos de marujo abertos sobre espáduas d'atleta, boinas azuis amarfanhadas nos cabelos... um pequenino salão improvisava-se na areia, com o tapete estendido nalgum recanto dos rochedos, ao abrigo dos ventos sudoeste, cadeiras da ilha com baldaquinos bordados a ponto de tapeçaria, e toda a desordem das maletas abertas, dos frascos de cognac e dos copos de leite esquecidos sobre as pequenas mesas de jardim, dos casacos e capas abandonadas ao acaso, e dos tamboretes em X, a dois e dois, aqui e além, como acabando o diálogo das pessoas que os largavam.

À entrada neste ciclo de gente um pouco estrangeirada, com liberdade de língua, d'atitude e convivência — adidos d'embaixada falando em Brighton e dizendo *yes,* com os olhos d'azulejo e barbas cor de milho... velhas condessas desencadeando furores hereditários contra a República Francesa... antigos *dandies,* preocupados d'antigos nós de gravatas, tendo passado

a mocidade na *terrasse* dos cafés da Europa inteira... meninas loiras absorvidas na leitura de Shelley e Swinburne, entre preceptoras alemãs de caracóis, e primos de monóculo... — à entrada neste ciclo de gente, Maria da Piedade sentira-se um tanto constrangida, e por alguns dias teve saudades das madres que lá tinham ficado no recolhimento, chorando pela sua querida toutinegra.

A anemia do convento revelava-se agora nela por uma espécie de lassidão geral que lhe tornava indiferentes as partidas de prazeres das outras raparigas. E a melancolia do mar, como a do claustro, múrmura e dolente, vaporizando-se em indefinidos sonhos desiaçados, a melancolia do mar absorvia-lhe a ideia a toda a hora, traduzindo no confuso vaivém das suas marés e rofegos d'ondas, as balbuciações e pudores da sua alma, criança e mulher, que ainda mal conhece e já deseja, e toda ela se debate no sobressalto das íntimas vozes que a concitam para os festins do amor, tão deliciosamente aspirados, nesses primeiros entreténs de sociedade.

Entre os rapazes da praia havia um, Paco Ximenez, que era o animal de luxo das mulheres, essa estação: ainda a bem dizer uma criança, mais novo talvez que a Piedade, e todo ele respirando a frescura duma flor exótica de raça, educada em atmosferas de luxo, como um príncipe herdeiro, garoto e doidivanas, que se afizera a ver curvar toda a gente aos seus caprichos. Viera ali passar as férias grandes, com um grande trem de malas ricas, um preceptor cheio de respeito, escanhoado e solene como um bispo, e não sei quantos

lacaios impassíveis, que lhe chamavam «senhor conde» a toda a hora. Paco era vivo, com uma dessas caras picantes de Sevilha, de narizito no ar, tinta cigana, profundos olhos, e um apetite de dentes que lhe tornavam o riso numa sinfonia de notas peroladas. Na desinvoltura dos gestos, na rápida explosão da sua loquela castelhana, e na galhardia altiva da figura, ele traía as opulências dum tipo d'excepção, em cujo sangue parecem congraçar-se as selecções mais nobres duma casta, com as perfeições duma civilização, as mais supremas.

Viera ali ter com a velha condessa de H., antiga embaixatriz na corte de Madrid, que o tratava por tu, afectando com ele severidades d'avó, por cima duma certa afeição passional de mulher, que até certo ponto atenuava as veemências daquela simpatia, física talvez demais, pelo rapaz.

Logo no primeiro dia da chegada, Paco Ximenez foi a alma da praia, pela verbosa alegria da sua infantilidade, as suas ingénuas audácias, e os relâmpagos de vida animal, serena e forte, que lhe atravessavam as fibrilhas das íris andaluzas. As mulheres gostavam de trazê-lo nas saias, como um cão de pelo luxuoso. Paco era alvo duma quantidade de primeiros amores de todas as pequenas, mas vingava-se tratando-as a todas como irmãs, sem se deixar tocar no fundo do peito, pela sombra qualquer duma emoção.

A uma certa hora do banho, quando as madrugadoras se estavam já vestindo, e as retardatárias entravam n'água, com gritos friorentos, o pequeno salão da areia quási ficava deserto. Apenas algumas velhas senhoras folheavam sob guarda-sóis escarlates, os jor-

nais da manhã, e dois ou três chefes de família passeavam na praia, vigiando as bichas de pequerruchos descalços, quási nus, que brincavam na areia sob grandes chapéus de palha, que os assemelhavam de longe a desconformes cogumelos.

Ora, foi numa dessas horas sòzinhas, que Maria da Piedade viu Paco aproximar-se. Tempos havia que o rapazola a olhava com a comiseração dos seus grandes olhos sérios, vendo-a sempre anichada no fundo dum *fauteuil* de baldaquino, vestida de claro, os cabelos envoltos numa gaze, olhando o mar numa tristeza d'enferma, grácil e romântica.

Ele alegrou-se: vinha de escuro, um fato colado, o capiró no braço, e uma gravata de seda branca, com ferraduras de safiras no frouxo nó corrido à marinheira. Informou-se então da saúde dela, tomou assento ao lado, num tamborete em X, muito baixinho, e de pernas cruzadas, a voz familiar, o riso esparso, falou-lhe numa doença que tivera, ia em três anos, por se aborrecer de morte nas escolas. Sempre tinha sido um relasso nos estudos, a enclausura matava-o; rir, viver à solta, eis o seu forte! — Lá em Sevilha... nunca foi a Sevilha, *señorita?*

— Nunca, disse ela.

— É uma terra de má reputação, por esse mundo. Imagina-se que os homens só sabem tocar guitarra e dar facadas; que as mulheres só têm paixões excepcionais; e que o sol que amadurece as laranjas e o moscatel das encostas, faz rebentar nas cabeças vulcões de loucura extraordinários.

— Chega a parecer uma terra abominável... que entretanto deve ser encantadora.

— Tudo isto são coisas para pintar nos leques que os forasteiros de lá trazem, ao irem ver as festas da Semana Santa, ou tomar *azucarillos* nas barracas da feira de Setembro. Assim, o leque, que é um dos prestígios da espanhola, vai-nos desacreditando o país ao mesmo tempo. — E olhando-lhe as mãos vazias: — É por isso talvez, *señorita*, que nunca traz o leque que lhe dei...

Houve um rubor fugaz na face dela.

— Deixei-o em casa. O tempo está começando a resfriar. Além de que, o homem dos paradoxos estragou-me o seu brinde, garatujando-lhe no pano o quer que fosse.

— Coisa profunda?

— Não sei. O amor... toda a mulher é pérfida como a onda... comunhão das almas... e *tutti-quanti*... A sua mania mais grave é achar que me assemelho à grande esfinge.

— Oh! Oh! mas é que eu vou já daqui contar-lhe tudo.

— Oh! não se atreva... Demais, que era despersuadi-lo do conceito profundo em que se tem.

— Na minha terra esfaqueavam-no. Quer que lhe armemos uma cilada, *señorita?* Um dos meus homens cursou o assassinato nas *sierras* de Guadalupe. Trar-lhe-ei esta noite a cabeça dele, num prato.

— Em termos que se mudaram as cenas, e é o senhor quem faz de Salomé.

— Já adivinhei que gosta dele.

— Coitado! disse ela num tom de comiseração muito dolente.

E a conversa caiu. Pouco depois:

— Há esta tarde uma burricada a Santo Estêvão, *señorita*. Quer ir té lá?

— Não. Estou doente.

— Prometo-lhe ser um burriqueiro admirável. O caminho da ermida é detestável. Mas eu terei cuidado em bem guiá-la.

— Solicitudes suas... nem o tempo lhe chega para cercar d'atenções as mais senhoras. Aquela francezita sobretudo...

— Promete-me que vai.

— Não posso ir.

— Eu desejava entretanto que lá fosse. Sabe que o altar do Santo é praticado em rocha viva? e a rocha tem uma fenda, que mergulha no chão, e se prolonga, dizem, té uma caverna onde está encantada uma feiticeira, que mesmo enclausurada, vaticina.

— Desconfio que ela conserve intacta a virtude, depois das consultas que o senhor lhe terá feito.

— Iremos pois juntos ao altar de Santo Estêvão, já se vê, a ocultas de todos... e eu perguntarei então à feiticeira qual o motivo secreto dessa sua constante abstracção. Imagine, *señorita*, que a feiticeira respondia! exclamou ele fitando-a muito nas pupilas, e me ensinava os remédios de curar-lha.

— Mas se eu não estou doente.

— Disse-me ainda há pouco que estava... e se o prognóstico da velha cincidii co meu prognóstico...

— O que sucede? perguntou ela, parando de sorrir.

Já Paco Ximenez se havia levantado.

— Sucede que a mamã terá de vir a Portugal.

— Isto é demais!

— A Santo Estêvão, *señorita?*

— Se não chover, disse Maria. Se não chover!

A verdade é que nunca estivera um dia prometedor de menos chuva.

Às três da tarde, quando a primeira brisa do mar começou a frisar de manso a cabelugem dos pinhais, uma alegre romagem saía dos *chalets* e castelórios d'ardósia adormecidos ao fundo da enseada. A ermida do santo ficava dali uns três quilómetros, no mais abrupto píncaro da piçarra, lá de longe mostrando aos navegantes as suas caiadas paredes, que destacavam no vértice da penedia, como a lanterna dum zimbório de catedral. Com os caminhos difíceis, caracolando entre barrocas e penhascos, impossível fazer de carro a ascensão: e a burricada ia trepando os contrafortes da montanha, a pequenos passos cautelosos, com pitorescos d'estofos e perfis decorativos — aqui duas senhoras em cadeirinha, com guarda-sóis e tules nos olhos, ou em jumentos levados à rédea por pescadores familiares — três velhos mais além, tateando o cascalho das escaleiras de basalto, com as pontas dos bordões ferrados — e tropéis de rapazes, enfim, subindo a encosta a cavalo, numa gritaria intencional, que enchia de susto as amazonas mais impressionáveis, e ia açulando a alegria das outras, em gargalhadas que o eco ia dizendo de pedregulho em pedregulho.

A cada lanço de escadaria vencido, alargava o panorama as suas riquezas de paisagem, num campo de visão infinito e esplendoroso, cheio de carácter, de luz, de vida, e de grandeza: e desdobravam-se os precipícios de rochedos, erriçando de castelos feudais o litoral,

espargiam-se em leque as enseadas, areias, dunas, fozes de rios, esquadrilhas de barcaças; e entre os maciços dos pinheiros, das hortas e das vinhas, cantavam povoações, rústicas e humildes... e os campanários fiampavam no ar sonoridades, e das águas do mar, eterizadas em gradações de pérola, imperceptíveis, apesar do sossego, vinha um constante rumor de cóleras latentes, inexgotáveis nostalgias, mágoas secretas, angústias rancorosas... uma vaga maior rompia às vezes do incomensurável sorvedouro, como um braço de náufrago em que restasse vida para o esboço dum último protesto... e lívidas espumas súbito afloravam aos lábios dessa vaga, como no acesso de cólera duma garganta que tivesse enrouquecido ao formular da última imprecação!

Baixava o sol, amarelecendo d'ouro os verdes do arvoredo: uma olímpica paz vinha descendo do mistério dos céus, pela escada dos sonhos de Jacob: e eles subiam numa alegre romagem de patuscos, bem comidos, sólidos e violentos, sentindo naquela altura como que uma explosão de gozo hilariante, d'impulso terno, um desejo de se abraçarem e fazerem *toasts* a todas as coisas do Universo, imobilizadas ou vivas que elas fossem. Enfim, o guia deu sinal do alto dum penhasco: todos bateram as palmas, e de repente ao fundo dum adro de pedras esponjosas, a capelinha apareceu, no meio de dois grandes ciprestes ponteagudos.

Toca a esventrar os cabazes das vitualhas que ali vêm para a merenda. As raparigas assertoam à pressa os aventais, tiram os chapéus, estendem a toalha. Todos oferecem ao mesmo tempo os seus serviços. Este desembrulhou um enormíssimo fardo de sandwiches, sacarrolha aquele outro as garrafórias do vinho generoso...

Uns partem o melão e os ananazes; em pratos da China, a *galantine* oferece as suas rodelas cinzentas e aromáticas, o salame apinha-se em fatias rutilantes, há montes de perdizes frias, em travessas pintadas de crisântemos de púrpura, e carpas prateadas... e um tumulto, um movimento de vozes e de gestos, um charivari de cantigas e risotas... Paco Ximenez já fez postar nas catacumbas da ermida um dos criados, co'a boca colada à fenda histórica do altar, e a resposta prestes, para a grande cena d'invocação à feiticeira.

Quando depois de haverem admirado o panorama, os forasteiros se acocoraram de roda da toalha, Maria da Piedade por um lado, Paco por outro, ei-los enfiam, pé ante pé, no santuário. Ela está pálida, trémula e convulsa, Paco Ximenez escusa de curvar-se para lhe ouvir pulsar em tumulto o coração.

— Feiticeira encantada pelo celestial poder de Santo Estêvão! Eu sou Paco Ximenez, espanhol de Sevilha, e devoto de teu amo... Por isso te ordeno, me digas qual a razão por que Maria da Piedade anda tão triste.

— A causa és tu, gritou a voz.

— Atenta no que dizes, feiticeira. Sou eu, porquê?

E a voz, lentamente:

— Maria da Piedade está doidamente enamorada de ti.

Com uma reviravolta de flor que se despenha ao chão, cortada do arbusto onde nascida, a pobre pequena, trémula e confusa, lhe pendeu a cabeça sobre o ombro.

— A feiticeira mente, não é verdade, *señorita?*

Ela escondeu a face, e chorava, mas com a cabeça disse que a feiticeira não mentia.

Ao tornar aos *chalets*, Piedade hesitava em interrogar as suas emoções daquela tarde, as primeiras reais a que a sua fantasia colara as penas duma asa, azul e oiro, e cor-de-rosa. Des'que vira Paco ela dissera: deliciosa deverá ser a existência, pelo braço dum maridinho tão idealmente alegre e gentilhomem! E Paco acabava de lhe mostrar, estouvadamente, era certo, o rastilho d'amor que começara a chamuscá-lo. Essa noite foi para a pobre um poemeto cheio d'imagens puras, inéditas rimas, e perturbadoras vozes nupciais. Ficou té tarde nos terraços da casa: era uma noite de lua, nevoenta e romântica, cheia de sonoridades e anseios misteriosos. Todo o oceano dir-se-ia um lago cor de pérola, rasgado ao centro por luaceiros de prata, em tremulinas. O volume das águas decrescia, com a maré baixa, descobrindo a dentuça dos cachopos, e atenuados, mansíssimos, os murmúrios da onda faziam conversas amorosas, onde apenas se ouvia o nome dela e o de Paco, seguidos de risadinhas peroladas.

Mas então, nos *chalets*, uma flauta deu os primeiros compassos do último acto do *Hamlet*, os violinos acordaram, muito lentos, em rumorejos d'água que desliza, e a voz duma mulher, triste e magoada, disse a canção sueca que Ambroise Thomas põe na boca d'Ofélia semi-louca, quando os rumores do rio soluçam de tristeza, caída a noite, entre as sombras dos canaviais e nenúfares...

Assim começou aquele romance de praia, rosa e lilás como uma aguarela de país polar, atenuada porém nos tons, como a impressão duma coisa longínqua, decorrida em regiões de sonho e de balada. Nesse idílio

adorável de crianças, a que os habitantes da praia assistiam sorrindo, com um enternecimento vago e literário, Paco era a nota veemente e arrebatada, Maria da Piedade o raio de lua, envolucrando na sua argêntea poeira, como numa túnica astral, o que de mais transcendente exista no feminino eterno da mulher. Desde pela manhã até à noite, viram as senhoras Paco ao lado dela falando-lhe de manso, os olhos baixos, um livro esquecido entre os joelhos, e pelas horas de calma, nos terraços da casa, em face ao mar, enquanto os mais jogavam, riam, faziam música, deitavam papagaios, os dois num mundo àparte, sòzinhos no meio da alegria d'entorno, perdiam-se em intermináveis confidências, banalidades ditas entre aromas de núpcias e pétalas de sorrisos, coisas profundas e sem nexo no entretanto — porque não era em palavras que a conversa entrava nos espíritos, senão por transcorrências de fluídos afectivos, extravasados d'alma para alma, e que hipnotizavam os dois, sugerindo-lhes a ilusão de se estarem banhando no mesmo rio d'indescritíveis amavios.

Pouco a pouco ele se fora esquivando às expansões da sua jovialidade andaluza, de propósito espicaçada pelos antigos camaradas, meninas e rapazes, no intuito de cerceá-lo à monotonia daquela adoração. Paco deixava-se raptar, com a sua bonomia de cãozinho amimado, mas logo vinha, que apesar dele, aquela magia do idílio era mais forte, e forçoso lhe era embebedar-se nas serenas doçuras que ela lhe oferecia.

Já o outono vinha, com o frio das tardes nevoentas, e a melancolia dos plátanos deixando cair as folhas amarelas, que a ventania arremessa, através as

ruas dos parques, contra os vestíbulos claros dos *chalets*. Grandes cegonhas brancas passavam o mar, para as bandas do Sul, perto do estreito, japonizando o ar de voos pesados, e os goelanos vinham em revoadas, prenúncios de tormenta, começar os seus ninhos nas seteiras da rocha, enchendo o céu de guinchos estridentes.

Aquilo lembrou de repente a hora da partida. As aulas iam abrir, forçoso era que Paco voltasse ao seu país. E Maria da Piedade, apesar de toda a sua ventura, não sei porquê, continuava a definhar-se, uma sombra na face, as olheiras bistradas, e aqueles grandes calafrios à hora do sol posto... A mão que ela dava a beijar, era sempre lassa e sempre fria: um abandono de corça quebrava-lhe as linhas da figura em morbidezas fatigadas: e às vezes, nos olhos que punha ao chão, depois de ter falado, havia uma pintura de horror tão subitânea, desmaios tão bruscos, que dir-se-ia agitar-se nela o preságio d'algum desastre irreparável.

Enfim, numa manhã, depois d'almoço, Paco Ximenez foi-se embora. Toda a gente da praia fora acompanhá-lo à carruagem: e ele, recobrando outra vez a vivacidade, dir-se-ia partir com sofreguidão daquele pálido ser que o envolvia em não sei que luto prematuro. Que as eternas juras d'amor ficavam feitas! quando findasse o curso, casariam: todos os anos Paco jurara vir a Portugal, e escrever-lhe todos os dias um grande relatório da sua vida e estados d'alma.

Ela escutava-o, mais que nunca, esse dia, distraída. Quinze dias depois a povoação de *chalets* era deserta,

os plátanos sem folhas, toda a praia coberta de limugens e varechs; e sempre na rocha faziam ninho os goelanos, enchendo o céu de gritos estridentes. Paco Ximenez?...

Escusado dizer que nunca mais voltou. Maria definhava-se. E tísica, à efloração das primeiras rosas, quando do espírito lhe restava apenas um cicio de hálito na boca, alguém a ouvia ainda recordar-se... *amores de sevilhano, vivos num dia, mortos num ano...* e já morta, os seus olhos coagulavam surpresas tristes, na viuvez daquele imenso amor.

O Filho

Cinco e meia da tarde.

A corneta do guarda-agulhas soou ao longe, anunciando o comboio que vinha de Lisboa.

Na gare, o chefe da estação já estava a postos, com os maços de guia na mão, o bonnet do uniforme na cabeça; e para a direita e para a esquerda, barafustando conforme o seu costume, dava uma ordem ao factor que ia passando, interrogava o faroleiro acerca da iluminação das salas d'espera, ou conferia à pressa a grande nota da expedição de mercadorias a embarcar. E o surdo ruído do trem, gradual, poderosíssimo, cada vez mais crescente, e que parecia vir ululando da goela dum subterrâneo profundo, o surdo ruído avolumou-se, decompôs-se, foi-se definindo em outros ruídos mais dispersos... jogos de válvulas da máquina, bruscos vómitos de fumarada na chaminé, e *trac-tracs* da ferragem, que faziam estribilho à grande estrupida das rodas no coleamento escorregadio dos *rails*. Toda aquela tarde, uma velha estivera acocorada no chão da sala comum, vestida de negro, com os cabelos brancos sobre os olhos, o chaile esfiado pela cabeça, uma taleiguita de estopa no regaço... Tinha chegado essa manhã da Vacariça; era uma velha pequena, chata

de cara, amarelenta, lesta, e descalça de pé e perna, como em geral andam as mulheres pobres da Bairrada. Ninguém reparava nela, por certo, e quási era certo que também ela não houvesse reparado em ninguém.

Da Vacariça ao entroncamento da Beira, em Pampilhosa, vai uma travessia talvez de légua e meia. Logo de manhãzinha ela viera, a pobre velha, por esses córregos verdes dos pinhais, que a urze borda, e o feto grosso do mato, e a gilbarbeira espinhosa, naquele tempo, em Dezembro, toda bordada de bagas escarlates. Ao aproximar-se da estação, gritou-lhe o guarda brutalmente que se desviasse da linha: ela estacara medrosa, a taleiga d'estopa no quadril, caído o chaile, e sob o chapéu de feltro chato, o seu lenço negro de viúva, enrolado até à boca, como um toucado tunesino. E titubiante, às recuadelas nos *rails*, a pobre mulher acenava para o guarda, a lhe explicar que era de fora, não sabia; e que trazia no saco o farnelzinho prò filho — porque o tiozinho não sabe? o filho dela devia chegar no comboio de Lisboa...

Aí se desenruga essa pobre cara de mártir, essa boa cara ressequida e cor de cera, que desde viúva perdeu o riso, emurchecendo e mirrando na solidão dum casebre, com a esperança porém no dia em que o rapaz, tornado do Brasil, lhe fizesse passar sem fome os derradeiros poentes da velhice. Mísera e descalça, em setenta anos de labuta, ai pobre velha! conhecera a fome, o abandono, a viuvez e o egoismo: e vai em trinta anos sem marido, sem protecções, nem parentes... — Ah! mas o tiozinho não sabe? O filho dela devia chegar no comboio de Lisboa!

Na estação correu os olhos banda a banda, pelas salas d'espera, pelas gares, nos armazéns, nos *fourgons*, pela cantina, perguntando se estaria por lá um rapazote a modos encorpado, barba nenhuma, uma cicatriz no queixo, dum carbúnculo... o filho dela; porque o tiozinho não sabe? o filho dela devia chegar no comboio de Lisboa.

Alguns nem a escutavam. Outros passageiros sorriam-se da sua papalva ingenuidade. E o mais bondoso era um soldado em transferência, do 23 para o Buçaco, parvo e sòzinho, que havia chegado de Coimbra, e na Pampilhosa aguardava o trem da noite, para a Beira, que o desembarcasse no Luso. Esse era um pobre tarimbeiro, um cavador roubado às bouças pátrias, e que ao ver a velha, coitado, se recordava talvez de sua mãe. Ouviu-lhe tudo, o pobre diabo, a história dum porco que morrera à velha antes da Páscoa, o filho no Brasil vai em dez anos, cartas saudosas, infelicidades, doenças... e agora, não tendo feito fortuna, o filho torna para convalescer um pouco em Vacariça.

O soldado porém não sabe dizer se o filho da velha chegou, ou não chegou. Dá-lhe o pão duro da sua sacola de linho — ela recusa, Deus lho pague! — e vão ambos indagar se o colono doente chegaria... um rapazola a modos encorpado, barba nenhuma, com uma cicatriz no queixo, dum carbúnculo... Lentamente os dois passeiam pela gare, metendo as cabeças ávidas pelas portas entreabertas: a velha trémula e lacrimosa, sentindo o seu coração reverdecer nessa amargurada ausência de dez anos, durante os quais a sua oração todos os dias intercede ao Santo Cristo do Buçaco, pelos

que mourejam lá longe em terra estranha, e acaso possam voltar um dia, reconduzidos à paz do lugarejo em que nasceram. Mas todas as fisionomias lhe são estranhas!

Na sala d'espera da terceira classe, entre bagagens e cobertores de lã, dormem aos montes, rabuzanos que vão trabalhar para o Alentejo, os varapaus de castanho atravessados, os tamancos ao lado, os pés descalços, e um cheiro a lobo que se evola das suas saragoças montanhesas. Nostàlgicamente, alguns tasquinham um pão de milho horrível, com sardinhas assadas entre as pedras.

E os mais novos, quinze anos, dezesseis, dezóito anos, todos alegres daquela primeira migração às sementeiras de lá baixo, esses não param, examinando tudo pelos cantos, espantados, deslumbrados, fulvos e bonitos como bezerrinhos de mama; e ei-los estacam diante dos relógios, dos aparelhos do telégrafo, a sala do restaurant cheia de flores, os chalets de hospedagem, e os pequenos jardins dos empregados da estação... Dois ou três arranham nas bandurras fados chorosos, melodias locais duma tristeza penetrante, em cujos balanços, gemidos, estribilhos, se acorda o murmúrio dolente das azenhas, vozes da serra, risotas da romagem, balidos do pulvilhal que entra no ovil, todas as indefinidas virgindades dessa sagrada terra da Beira, núcleo de força, e ainda agora a mais impoluta ara da família portuguesa.

Nenhum vestígio do moço eles descobrem, e a velha resolve-se a aguardar o trem da tarde.

— A que horas virá? pergunta ela para um factor que vai passando.

— Mas virá quem?

— O meu filho. Porque o tiozinho não sabe...

— Eu não senhor. De onde vem ele?

— Vem do Brasil, saiba o senhor.

— Trem de Lisboa, às cinco e meia.

— É amanhã, Jesus Maria!

— Às cinco e meia desta tarde... desta tarde! mulher de Deus!

— Há-de perdoar. A gente é uma pobre de Cristo... Muito obrigada!

— Às cinco e meia, diz o soldado. Tem vossemecê d'esperar inda quatro horas.

E a pobre velha suspira! Emaranhados, os cabelos caem-lhe ainda mais por sobre os olhos, e dir-se-ia vai estando mais pequena, tanto a fadiga da marcha a acocora, e o sobressalto lhe emacia aquelas suas carnes dessoradas. De roda, a paisagem de Dezembro enche-os de bruma. É um daqueles dias pardacentos, enormes, tristes, sem horizonte, o céu mui baixo, que até os pássaros detestam, e nevoeiros, dentro de cuja fumarada todas as formas se alargam e atenuam. Dos eucaliptos da via escorre uma aguazinha turba e languinhenta, lama d'argila e pó de carvão, lúgubre e infame, como um símbolo do tédio dessa tarde.

Ao longe, em cinza escuro, num fundo de cerraceiro mais lavado, perfilam-se as colunatas do pinhal, em gradações difusas, delicadas, como um desenho a carvão sobre que alguém tivesse sacudido um lenço d'assoar. Os verdes do centeio mal aveludam a terra com a hesitante pelugem das suas folhas transidas de geada, a vinha seca, dormente, na hibernagem das plantas outoniças, emaranha pela terra as suas varas, lassas

da vindima, meses antes: e em turbilhões funéreos, gralhas se abatem por cima das lavoiras, rotando na névoa fusca, como papéis queimados à procura de jantar nos húmus do salão gradado de fresco, ou debandando em espirais prò arvoredo, quando algum homem passa, que elas apupam, diabólicas comadres, com as suas ladainhas roucas de preságios.

Deu um hora. O soldado tira do bornal o pão de milho, queijo de cabra, e bacalhau cozido numa marmita velha de folha.

— Vá de jantar! diz ele alegremente.

À palavra jantar, os dorminhocos levantam a cabeça, os rapazolas vêm aos seus farnéis, todos se apressam a sacar dos alforges alguma bucha com que enxugar a fome que os cocega. Longe da gare, meia dúzia tratou já d'acender lume para as sopas, um outro corre à cantina a comprar vinho... e os tamancos soam, as palavras crepitam, cascalham os *xx*, e a pronúncia beirã veste de graças uma língua cortada de termos antiquados, fina e poética, que se nos afiguraria cinge a ideia cos pitorescos estofos da montanha.

— Vá, tiazinha! diz o soldado.

A velha recusa-se: não tem vontade. Ela trazia ali farnel para o seu filho... Quando ele chegar, cearão juntos... Um rapazelho a modos encorpado, barba nenhuma, e uma cicatriz... Foi-se há dez anos!

— Em dez anos o moço há-de estar muito mudado.

Ela surpresa: mudado! O filho dela mudado!

Afizera-se a ideá-lo tal qual ele partira, de manta às costas, olhos azuis, gorro nos olhos, os sapatos na

ponta dum bordão... Vinte e três anos, solteiro: um mocetão da altura da Cruz Alta.

Era o seu filho! Logo ao chegar ao Brasil teve fortuna, uma tanoaria dera-lhe trabalho... depois, o desejo do ganho levara-o para o interior, e desde então foram as cartas rareando; era lá longe, o clima mau, muito trabalho... E em vez de palavras d'esperança, reveladoras dos progressos da fortuna, eram lamentações à mãe por todos os paquetes, pedidos de rezas para que Nosso Senhor lhe conservasse a saúde, grandes saudades da Vacariça, tristezas...

Nenhum daqueles homens a escutava, cada qual tasquinhando a broa d'olhos baixos, o rabo de sardinha assada à altura do faro, o navalhoz aberto nos joelhos.

O próprio soldado mudara de feição: o seu enternecimento agora era o bacalhau no fundo da marmita, com seu fio d'azeite aperitivo, um dente d'alho...

— Vai uma golada, tiazinha?

Ela falava sempre, por uma necessidade impulsiva de se ouvir e ter presente o filho na memória, o seu rico filho que ia chegar dali a pouco, para ajudá-la na vida.

— Ah! Deus o traga melhor, pobre rapaz!

— E com um taleigo de soberanos bem pesado.

— Pouco ou muito ele trouxesse, tudo é riqueza, disse a velha, para quem não tem senão a noite e o dia.

Uma campainha eléctrica retine: ela levanta-se.

— É o combóio!

Riem os moços todos: combóio? Isso ha-de ser cedo, tiazinha.

Duas horas, três, quatro, cinco horas. Lá desce a noite, as gralhas debandaram, cada vez o tom dos céus é mais lutuoso, e lenta, diáfana, a luz do ar já mal contorna as formas hesitantes.

O Buçaco sumiu-se, foram tragados na bruma os pinheirais, e a *chula* que os rabuzanos, depois de comer, sapateavam, também a *chula* se extingue, ao som das bandurras fatigadas, último adeus do montanhês aos casarelhos beirões que vai deixar.

Enfim as luzes acendem-se na estação, as lanternas dos guardas avançam sobre a linha, bruxuleiam na bruma os faróis das quatro vias, e uma após outra, as cornetas dos guarda-agulhas dão sinal dos comboios estarem à vista. Primeiro é o da Beira, que ao longe silva entre os pinhais do Valdoeiro; seguidamente silva o da Figueira; depois Lisboa, e por último o expresso do Porto fuzila na névoa os seus olhos de boi, vermelho e branco.

Num instante as duas gares atulham-se de gente, malas, bonnets de viagem, sujeitos d'óculos, — as portas batem, rolam carros de mão com mercadorias, e sob as luzes dos wagons, vultos agitam-se, trocando os últimos adeuses, vozes gargalham, as mesas dos *restaurants* debruam-se de famintos — e no tresbordo das malas e das gentes, os passageiros acotovelam-se, o *plaid* ao ombro, sacos na mão, bilhetes nos chapéus...

A velha vira chegar os carros de Lisboa, ir afrouxando o impulso da máquina, abrirem-se as portas de repente...

Ela entretanto, cada vez mais pequena, azougadita, e sentindo renascer-lhe a alma na alegria desse filho

restituído aos seus abraços, ela corria ao encontro duns e d'outros, confundia o seu vulto entre a gentana, sofria os tropeções dos indiferentes, pedindo informações, chamando o filho, e revisando as caras uma a uma.

Nas terceiras classes era uma confusão medonha de vozeios, risos, guitarras, os que saíam, os que entravam, o homem da água, o homem dos pastéis, os revisores; e desse filho, nem uma só feição reconhecida, nem um brado sequer, uma notícia!

Mas a sua alegria é intraduzível, inexplicável, — ele por força deve ter chegado, ele adorava-a, deve lembrar-se então da sua pobre velha, deve ali estar, tomando à pressa os sacos de viagem, dizendo adeus à pressa aos companheiros... e assim doente, sob a frialdade da noite, permita Deus não vá cair de cama!

— Eh, tia Rosa!

Afirma-se no homem que lhe pousou a mão no chaile roto.

— Sou o Clemente, vim do Brasil ontem à tarde... Eh, pobre velha, aqui me tem outra vez nas nossas terras!

Clemente ria, com o chapéu de coco à Zamparina, um grilhão de ricaço no colete.

— Ninguém me espera, vou daqui dar um alegrão à minha gente.

— Mas o meu filho? diz ela. Onde está o rapaz que me não vem falar?

Clemente cala-se.

— Venha daí comer alguma coisa.

— Onde está ele? pergunta a velha alvoroçada. Que escusa de mercar comida na cantina, e você venha

também... trago-lhes aqui a ceia neste saco. E ela procura — onde se meteu agora o diacho do rapaz?...

Clemente hesita, e pálido, sinistro, ele atirou o chapéu mais sobre os olhos. Aquele silêncio, a princípio a velha não no entende. Encara-o um momento, os olhos fixos, pendente o lábio...

— Mas o meu filho? O meu filho?

Então o homem correu-lhe os dois braços à roda do pescoço, olha-a um instante, apenas um instante.

— O seu José, tia Rosa, o seu José... morreu na viagem.

Nem um grito d'espanto, um queixume, uma lágrima, nem sequer um único suspiro. Aconchega mais o chaile sobre os ombros, baixa a cabeça trémula e gelada, e pequenina, acocorando-se mais por entre o tumulto daquela gente alegre, ei-la caminha a cambalear como uma bêbeda.

Deixa a estação, as luzes, as árvores, entra na névoa húmida da noite, e os seus passos deslizam sem ruído — caiu-lhe o saco do farnel da ponte abaixo, ela não sente, ela não ouve, avança! avança!

No Valdoeiro, já longe, ouve-se silvar a máquina da Beira. Descalça ela caminha naquele chão passado da humidade — é possível que o chaile tenha escorregado, e a cabeça lhe esteja descoberta — ela não sente, ela não ouve, avança! avança! Já o trém abalou da estação, por sobre o aterro, e a terra treme, como domada sob a correria horrisona do monstro.

Ele aproxima-se. Vêem-se os olhos da máquina luzindo laterais, como os dos peixes e os dos grandes sáurios; e o faulhar da máquina sobre a via, e o pena-

cho de fumo, que a labareda doira, como uma crina de cavalo danado e formidando. Ele aproxima-se, e a sua carreira dir-se-ia tocada duma instantânea fúria de vingança, quando de súbito, na curva do caminho, desenrola o corpo d'anelado, feito de wagons de ferro que se chocam, fosforejam, zumbem, fumando, bramindo num hausto de relâmpago que atravessa a noite lôbrega das matas. É neste instante que a velha vai passando: ela não sente, ela não ouve, avança! avança! E a máquina chama-a a si sùbitamente, dá-lhe um encontrão pra dentro do caminho, enovelou-a bem nas saias de viúva, e sem trepidar fá-la num bolo, passa-lhe por cima, e continua a correr à desfilada.

Viu-se um dos pés da mulher escrever na terra o quer que fosse, protesto, súplica, epitáfio... E ao outro dia, quando os trabalhadores foram levar o corpo ao cemitério, o cura da Pampilhosa recusou-se a enterrá-lo em sagrado, sob pretexto da velha ter morrido sem confissão!

A taça do rei de Tule

O rei de Tule era velho, e sobre velho, enfermiço e triste. Sentindo avizinhar-se a morte, distribuiu pelos filhos as suas terras e riquezas. E ficou sòzinho e pobre num antigo roqueiro castelo — o mar batia por baixo, minando cavernas e invadindo as masmorras: d'entorno aos cataventos das torres, gritavam as aves do temporal, e por salas d'armas e corredores, ainda a desoras ressoavam as passadas duma corte dispersa aos quatro ventos, vendo o rei sem território. O trôpego monarca, chamando as forças que lhe restavam, vestiu-se dos seus vestidos de gala, coroou ele mesmo os velhos longos cabelos com a sua coroa de ferro, e arrancando do seio uma taça preciosa, disse ao pagem lhe vazasse um velho vinho do Reno. Triste é dizer a mágoa que o rei exprimia ante essa taça que a amante lhe dera, à volta de montear, a primeira vez que os dois tinham falado a sós. E o rei, que então era mimoso adolescente, curvado sobre o palafrém da amante, jurara nunca profanar a taça em brindes libertinos, nos festins do seu castelo roqueiro.

O pagem deitou-lhe vinho, ao largo era já noite no mar — ele, erguendo o braço trémulo, bebeu vaga-

rosamente, e havia nos seus olhos cansados, como no seio duma gruta marinha, ossadas d'antigas e abrasadoras paixões.

Mas em-balde o licor lhe circulava nos pergaminhos do corpo, à mira d'incender-lhe reminiscências da mocidade.

E atirou a taça ao mar, do varandim rendilhado, porque ninguém mais, bebendo por ela, viesse a conhecer os segredos daquele amor de balada, feito de suspiros e raios de lua, perfumes de laranjeira, e baques de coração espezinhado.

A taça oscilou ligeiramente nas águas, fez umas reviravoltas antes de seguir mar em fora, como uma gôndola deserta que procura o gondoleiro.

E o rei considerava em voz triste — quem mesmo velho pudera guardar-te dia e noite, taça d'amor por onde os meus lábios beberam os vinhos generosos, por essas noites perladas dos ecos das serenatas, dos perfumes festivais das rosas, e da embriaguez dos profundos amores?... Abandonaram-me os meus cavaleiros e não me queixo, fugiram-me os cortesãos e estou tranquilo: só a ideia de te deixar me atormenta, pois tu guardas inteira e palpitante a história do meu coração.

Aos pés do rei estava deitado um cão d'água de magnífica estatura, sereno, manso, e tão forte, que diríeis o atletas repousando depois do circo, numa postura de força e majestade. E o rei mandou ao cão seguisse na esteira da taça d'oiro, dia, noite, por todos os tempos, por todos os mares, costejando os continentes, porque ela não fosse a tocar por essas

praias, e bordejando nos golfos, porque a não surpreendessem as redes astutas dos pescadores. O cão agitava tristemente a sua grande cauda emplumachada de negro e branco, ao ouvir tais vozes d'apartamento, e lambendo as mãos trémulas do seu senhor.

E latindo manso, atirou-se à água dum pulo — a taça ia já longe — e foi nadando atrás dela, o austero animal.

De quando em quando, ferido d'alguma cruel saudade pelo monarca, voltava a cabeça, hesitando; mas obediente, como último vassalo, prosseguia outra vez em pós da taça d'oiro preciosa.

Assim andaram longo tempo através dos mares, vogando no veio febril das correntes, no vagabundear duma peregrinagem que não obedecia a rumo certo. Por vezes, se a taça parecia querer chegar-se à terra, exausta de só ver mar e céu, o velho cão dir-se-ia ferido por ciúmes convulsivos. E latia às aves vindas para sorver-lhe no côncavo alguma lágrima das névoas matinais, ou defendia aos peixes gorgolejarem-lhe à volta, num cabriolar d'estudantes em férias.

Bordejaram alfim num pitoresco país de colinas suaves, com areias d'oiro nas praias, estátuas de deuses triunfantes, e templos de brancas colunatas. Os homens falavam uma língua cheia de músicas, e tinham gestos calmos de grandes personagens.

O ar era perfumado de madresilvas, e o céu, como uma tenda de nómadas, muito azul por cima das cúpulas, palpitava às brisas benfazejas. Por essas vertentes cobertas de relva, e descendo ao mar por declives serenos, as pastoras guardavam seus rebanhos, tocando avena por sob as ramas das carvalheiras, e

o *ting-ling* das fontes, fugindo entre os braços dos musgos e trevos cheirosos, ia rimando ao ouvido das rochas comovidas, o belo *intermezzo* bucólico das plantas e das flores.

E o cão viu aquela cordealidade rústica, em que tudo se identificava e cingia peito a peito. Porque os sons das frautas campestres pareciam antes vozes de lírios amorosos, e de rasteiros *não me esqueças*, pedindo protecção às árvores colossais dos grandes bosques, e quem aplicasse o ouvido sentiria bater ao mesmo tempo os corações de todos aqueles poetas: lírios, cordeiros, pastores, pastoras e rosais.

Uma pastora inda criança viu aquele cão todo arquejante da travessia em que vinha. Sofria fome talvez! Ela foi buscar pão ao bornal de peles que deixara pendurado num espinheiro, partiu pedaços, e atirou-os ao mar. O cão ergueu a cabeça, seduzido por tanta piedade, em pastora assim morena e cativante. E ia comendo, entanto que a taça balanceava os segredos do rei, como essas flores de lótus que as raparigas indianas deitam no Ganges, a ver se terão fortuna ao noivar. A pastora desceu à praia, chamando o animal de mais perto.

O cão do rebanho morrera-lhe, e tresmalhavam de campo em campo as suas ovelhas sem guarda. Então os dois afagaram-se, foram amigos sem reservas. Esquecido da jura, como o castelo do rei ia já longe, o cão pisou terra, decidido a passar os seus últimos dias no tranquilo rebanho da pastora. Mas bem depressa a ladina, seguindo os olhos inquietos do cão, descobriu à tona d'água, a famosa taça lavrada de

baixos-relevos antigos, e desejou chamar-lhe sua. Como porém?

Foi uma surda luta entre o cão, que queria levar para longe a taça misteriosa do rei, afundá-la, destruí-la, e a taça, que resistindo às violências do cão, teimosa flutuava, como se estivera cheia d'alguma divina ambrósia. Por desviar as atenções do animal, ia a pastora entretecendo os seus mais finos ardis d'ambiciosa; e o cão sem arredar pé da praia, latindo num frenesi, vá de mirar inquieto as labutas da maré que ia trazendo e levando a taça, nuns vaivéns de mulher ociosa que procura distrair-se.

Uma noite chegou ele bem fatigado ao curral seguindo o rebanho, e porque ia estando velho de corpo, deixou-se tomar duma invencível madorna sobre a cama de feno das ovelhas. Acocorada a um canto, a zagala manhosa deixou-o adormecer bem fundo. Quando foi tempo, ela deixou o curral com extremas cautelas, descalça, e com a estamenha da saia por cima dos cabelos.

Uma fosforência convulsiva parecia dilatar os peitos do oceano, que respirava alto, batendo a cauda nas areias, como uma grande fera contente.

Ela arregaçou a saia, entrando na água de manso, toda arrepiada de frio. E com uma delicadeza enternecida, tomou a taça nas suas mãos mimosas de trigueira.

Ali ficou toda a noite, interdita, a pobre zagala, sentindo-se invadir duma tristeza, que antes jamais viera pousar nas arborências do seu ingénuo coração. Teve sede, sede amarga de febre, e bebeu maquinal-

mente as gotas de vinho que o rei de Tule tinha deixado no fundo da taça maravilhosa. Desde esse instante pareceu-lhe se turbava a vida simples que vivera... não mais guiaria rebanhos pelas encostas cheias de grutas sagradas, trenos de fontes, e flores de mil aromas e pétalas.

O seu coração desencadeou tempestades, e como rainha expulsa, ela ia por esses campos, tresvairada, bradando por supostos vassalos que lhe houvessem fugido. Ao amanhecer entrava nas aldeias, falando uma linguagem que ninguém antes ouvira. Dizia ser rainha em Tule, e andar buscando o esposo que se perdera na montaria. O seu rei devia estar perto, que se ouviam dali fanfarras de caça, e pudera seguir no ar os falcões dos seus pagens.

Mas vai que os pastores vendo-a tão bela, caídas as tranças nos ombros, choravam-lhe o juizo perdido.

Iam acordando os bosques ao eco das suas queixas amorosas, e por vales, montanhas, promontórios e rochedos, seguiam-na devagar as ovelhas brancas, extenuadas mas fiéis, na esperança de com a ternura dos seus balidos, arrancarem esse pobre espírito às fantasmagorias do encantamento. Em-balde porém vão elas seguindo a pobre louca! Que se o rei de Tule atirou ao mar a taça, do varandim rendilhado, foi para que ninguém mais, bebendo por ela, viesse a conhecer os segredos daquele amor de balada, feito de suspiros e raios de lua, perfumes de laranjeira, e baques de coração espèzinhado.

O cancro

Ao segundo entreacto, eu já nem podia conter a impaciência, tanto a beleza dela me exasperava com o seu esplendor de pureza indefinível, e aqueles modos de se abandonar esfingicamente aos olhares das salas, suspensa toda na rara distinção da sua pessoa. De feito, nunca um perfil de mulher me dera melhor o banho eléctrico do êxtasi ajoelhando implorativamente aos pés do amor, e estendendo os pulsos, balbuciante, à servidão incondicional do terrível deus. Em toda essa juventude de garça e corça branca, um exotismo de linhas dava-lhe a *allure* inconfundível dum ser de febre e d'excepção, deslizando entre ritmos divinos, todo feito de sonho e folhas de magnólia; e todavia glácido como a morte, e vago e insexual como uma aparição.

Grande e intangível, parecendo marchar num perpétuo trémulo de violino, essa criatura era o tipo dessas coleantes sereias, dessas histéricas dormentes, cuja vontade se apaga sob passividades exteriores, enquanto a essência perturbadora da sua alma envenena de roda, como as flores de certas tuberosas, a desprevenida emoção dos que a contemplam.

Da sua história, tudo ou quási tudo era mistério. Nascera duma família das ilhas, de que ela era, diziam, a última vergôntea, e cujo vetusto palácio há muitos anos estava profanado pela instalação duma fábrica de cerveja. Órfã aos vinte anos, sem parentes, com uma educação intransigente de homem casto, e uma estudiosa altivez de princesa pobre, descera ao continente com uns destroços d'opulência familiar, e um velho aio de cabelos veneráveis, gestos de prelado, que por toda a parte a seguia como um cão.

A princípio, os que a viam passar sòzinha, os olhos altos, com severos vestidos que a moldavam numa impassibilidade morta d'estátua, tomando-lhe o isolamento como estratagema de sedução vulgar, muitas e muitas vezes tentaram interessá-la num duo de *flirtation* com direitura aos resvaladios do vício, que ela evitava, já se vê, com alguma daquelas palavras marmóreas, ditas sem amargura nem pena, e destinadas a pôr na cova desses medíocres amores, seu epitáfio. Depois, como parecia insensível, ó absolutamente insensível! às solicitações da libertinagem, e não desmentia, por onde quer que fosse, as suas grandes linhas austeras, começou no seu rastro a série de paixonetas românticas de todos esses que em Lisboa trazem o coração com escritos, e andam a oferecê-lo como uma caixa d'esmolas, à filantropia das mulheres formosas que se aborrecem. O estado d'esposa era porém tão fastidioso a essa mulher, como o de amante; e fechando cada vez mais a sua vida, apagando cada vez mais a sua beleza por trás duns monásticos estofos de spleenética rica, ela dava ideia assim dum destes sonhos de pedra, esculturais e inúteis, que se vêem nos peristilos de certos

edifícios, ou sobre o mausoléu triunfal de certos grandes mortos.

Em Lisboa porém, tão acostumado se está a prender ao pescoço de tudo uma coleira d'escândalo, que a isenção da condessa começou a ocupar dum certo modo as atenções, e como sob um clima tão tórpido e um céu tão sugestivo, a castidade é uma coisa problemática — até na morte — logo a maledicência começou a ver naquela esfinge que fugia aos homens, a cariátide d'algumas dessas sacerdotisas lésbicas, dum desses divinos monstros, de cujos estancamentos Catulle Mendés e Maiseroy têm escrito a bíblia do amor extravagante.

A primeira mão recusada foi a do visconde de S., neto de reis, senhor da mais vasta fortuna territorial do Alentejo, o qual vendo-a num baile, uma noite, vestida de negro, loira e imortal como uma deusa, a si mesmo jurara não pertencer a outra mulher. Começaram dali logo negociações habilidosas, por banda da duquesa, mãe do rapaz, e tentativas d'intimidade, armadilhas d'estima, propósitos d'aproximação enfim, ardilosamente provocadas num intuito de núpcias, que todos foram em vão, porquanto a bela misteriosa parecia dosear a expansibilidade na medida de nem ao de leve deixar ver uma pontinha da sua alma glácida e misérrima.

Discreta e séria, com uma aurora de palidez que se não podia chamar melancolia, eram da sua boca sempre a última palavra da conversa e a última faiscação da galantaria. Era instruída até onde as mulheres de raça podem sê-lo sem se confundir co'as pre-

ceptoras, e feminina até onde lho permitia um sexo que só exigia do amor, platonismos alados, e dedicações cavalheirosas.

Quanto ao visconde, a-par dum completíssimo gentleman, era uma estampa magnífica de rapaz. Tinha todas as seduções que dá um berço egrégio, sublimadas por todas as graças que vêm duma opulência inteligente, e da saúde adextrada em toda a sorte de sportismo. A sua paixão garantiria portanto a uma mulher vaidades satisfeitas, paraísos e júbilos de fascinar a mais formosa e exigente imperatriz.

Porque foi então que ela, parecendo aceitar esse amor com enternecimento, desapareceu de Portugal na manhã do dia em que deviam assinar-se as escrituras?...

Voltou depois, na primavera seguinte, já os lilases floriam nas moutas dos jardins. Bela sem dúvida, bela de morte, e pálida e tão loira, com o seu ar de Juno adormecida, que era vê-la passar, fechar os olhos, e ficar-se para sempre escravizado ao desassossego daquela adoração.

De todas as aventuras que teve, das paixões dolorosas que incitou, escusado é contá-las por detalhe, sabido como, chegado o momento de dar-se, súbito inutilizava a obra que fizera, e partia, partia sempre, mercê duma obsessão inexplicável, e sem um rastro deixar sequer por onde segui-la, nem uma palavra a cujo murmúrio prender sombra d'esperança.

Essa noite de teatro, marcou com uma barra d'espanto o meu destino, desarvorando-me, como um barco em naufrágio, para todas as coisas práticas e

lúcidas da existência. Por toda a parte agora o meu devorante vício era segui-la, recompor o seu ser complexo, quintessenciar o seu espírito extravagante.

O fatalismo da sua lenda havia irritado a minha curiosidade, o seu mistério alucinara-me; e começou a roer-me o peito uma violenta impulsão de a possuir! Esta ideia brutal, que a princípio me perseguiu com intercadências de repulsa, pouco a pouco robusteceu-a uma sede aspérrima de desforço: era como se eu fosse o gerente de todos os ódios por ela provocados, na sua altiva marcha, através das paixões um instante favorecidas e logo desdenhadas, e como se na minha alma, a par do furioso amor que pede carne, todas as víboras do despeito buscassem morder-lhe as pomas túrgidas, enroscar-se-lhe na honra, e puí-la, com um implacável vírus de perversidade e de deboche.

Uma noite d'Abril, depois d'alguns meses de pesquisas, planos, ardis, já farto de ver por toda a parte inutilizarem-se-me as combinações mais engenhosas para encontrá-la face a face, uma noite atrevi-me a transpor os muros da sua residência, e ir aguardar num caramanchel de flores, a hora propícia de a surpreender sòzinha no seu quarto, e lhe explicar sem véus a miserável sede d'amor que me roía. A casa era num bairro longe, sem transeuntes nem comércio; nas ruas amplas, dum aristocrático silêncio d'alta vida, logo ao anoitecer quedavam-se as fachadas, a polícia sumia-se, e nos maciços dos jardins, ao fundo dos parques, sombras benignas, mistérios de folhas, murmúrios de cascatas, elanguesciam o ar com mornas sonolências, convidando o bairro aos sossegos do estudo, e às reclusões da vida de família.

Aguardei que tudo ao de-redor adormecesse, e certo dos hábitos da casa, do pequeníssimo número de criados, do isolamento da câmara da condessa, ao rés-do-chão, numa torrela sequestrada quási ao edifício, apenas a uma hora soou, desci do esconderijo, e pé ante pé, comecei a colear por entre as árvores, té chegar rente às janelas da sua alcova.

Uma dessas janelas fora aberta, havia luz e, dentro, através dum store de renda branca, eu pude ver como numa nuvem, toda a encantadora desordem dum santuário de vestal aborrecida, sinfonias de seda lilás nas armações murais, pequenos móveis de formas serpentinas, espelhos antigos, com uma água verde na luzerna dos seus metais quási hipnóticos... e de repente os tubos dum órgão exalaram na madrugada um treno vago, inacessível, divino, meio religioso e meio lúbrico, que a voz dela sublinhou, arrastando lamentos desesperados...

Umas poucas de vezes, tendo já as unhas fincadas no rebordo de pedra da janela, umas poucas de vezes detive o pulo, para me exprobar acerbamente o assalto infame, e a cobardia d'assim ir surpreender a desoras a reclusão virginal dessa mulher.

No fim de contas, em que diferia a minha acção da dum larápio? Que ia eu exigir duma criatura que nem sequer me sabia o nome?

Uma apatia manietava agora a minha resolução, enquanto o órgão continuava a preludiar os seus versículos, meio religiosos, meio lúbricos, sob um zimbro de lágrimas lustrais. Quanto tempo passou? cuido que muito. As flores de balsamina e lilás inebriavam, e na profundeza das árvores o murmúrio das fontes dava

graça, entrelaçando as confidências com beijos, e evolando da paz da noite, revoadas de vida fantasmática.

E eu estava ali perplexo, como influenciado pela fotosfera enervante da sua alma — da sua alma que eu sentia envolver-me como um fluido, substituir-se ao meu ser traiçoeiramente, fazer de mim o mesmo autómato infeliz, o mesmo eunuco bêbedo, o mesmo trôpego cão, sem dentes nem latidos, em que ela havia transformado os outros desgraçados. Já me decidia a tornar à árvore que me facultara a entrada no parque quando o órgão parou, e um vulto veio encostar a cabeça à umbreira da janela.

Uma lassidão dolorosa parecia elanguescê-la, murchar-lhe ainda mais as tintas pálidas, deixando ver por sob o mármore da face, como que a tortura dessa virgindade improdutiva. Perante esse fantasma então, que parecia enviar doloras às estrelas, outra vez eu senti a minha velha paixão reclamar posse, exigir que eu lhe esmagasse os lábios nos meus lábios, e transvertesse o vulcão do meu sangue, na glacidez extática do dela. E comecei a perder a noção dos contornos do seu vulto, a sentir galgar por mim uma raiva adusta de carnívoro, latejavam-me as fontes, via moscas de fogo atravessarem-se-me diante dos olhos, perdi a cabeça, perdi a vergonha, perdi a razão...

E como um lobo, atirei-me, houve um tumulto, e em dois segundos rolávamos ambos na alcatifa... Eu tinha-a cingido toda d'encontro ao meu tronco, e torturava-a, amordaçando-a, rasgando-a, enquanto ela se debatia com gemidos de rola, aconchegando ao peito os últimos estofos — que eu despedacei por fim num grito de triunfo, um grito estrídulo, um grito indefi-

nível!... é que essa estátua de carne, maravilha suprema de beleza, é que essa mulher ideal e branca como um lírio, tinha no seio uma úlcera cancerosa, de malignidade hereditária, de que sua mãe já morrera, e que lhe fazia da beleza um fruto podre, cadaverizando-lhe a vida lentamente, entre as paixões e as festas, num pavoroso inferno d'agonia.

Conto do Natal

Há-de passar talvez das onze horas. A noite afinal pôs-se serena, não bole vento, as solidões escutam... — é como se a terra inteira estivesse à espreita d'ouvir tocar o sino para a missa. Pela estrada que passa entre Vila de Frades e Vidigueira, vem descendo uma velha arrumada ao seu bordão de pobrezinha. O rastejo dos passos dir-me-ia porventura a idade dela: o luaceiro entanto, nuverinhado em céu de bruma, apenas deixa aperceber a silhueta curvada para a terra, com um pedaço de manta sobre os ombros, o saco às costas, e as canelas sem meias, entrapadas em ligaduras repelentes. Ao pé da ponte a mulher pára. Por detrás daqueles choupos, lá em baixo, à beira-rio, havia noutro tempo um forno de tijolo, agora pelo inverno abandonado. Ela adianta-se, procura... A estrada passa d'alto, ladeada d'acácias e eucaliptos. E de-redor, nos plainos baixos, as escavações do barro espapam-se nas águas da cheia, em lúgubres lameiros, cujo ervançum dá residência a uma colónia rouca de sapos.

A velha estende o bordão para a barreira, procurando vereda num chão firme, em cujo barro os seus pobres sapatos rotos não mergulhem.

Mau grado o embrutecimento da idade, o frio, a fome, e o desejo d'amosendar para ali, no forno de tijolo, longe das apupadas dos cães e dos rapazes, uma nostalgia poética ergue-lhe a vista, e então recorda-se, e quer circunvagar os seus cansados olhos para o largo. É uma esquelética paisagem de Dezembro, nua e cançada, quando já a natureza se alquebra toda em desalentos, e os troncos das árvores parece que estrebucham, como os famintos de Londres, numa bebedeira d'ódio, truculenta. No primeiro plano há terras de vinha, olivais muito negros, e colinas redondas com moinhos. Para as bandas da Vidigueira risca a neblina um traço negro, que deve ser a torre do relógio — depois, à direita, uma mancha de cal, o cemitério. Lentamente, à medida que o raio de visão se prolonga no horizonte, os outeiros complicam-se, as formas perdem sua delineação traço por traço, e toda a cordilheira dir-se-ia pintada numa sucessão de panos de teatro, a cinza claro, e gradações mais e mais desvanecidas.

Oh, que sossego! Uma divina essência, abstracta, etérea, vem oscular as urzes e as levadas. Do seio das negridões, de quando em quando, brotam suspeitas de formas vagabundas, a branco cinza: esboços de sonhos, almas erráticas que debandam, noitibós que se acolhem, friorentos na noite, às pedras das ruínas... Vem um acorde triste dos cardos secos da margem dos alqueves, dos pilriteiros sem folhas, e dos zambujos frugais das ribanceiras. E as águas do ribeiro troam nas pedras, por entre as canas e os choupos, cujas varas se esfalripam nos ares, tísicas e brancas, com um ou outro corvo por folhagem.

Da outra banda são semicírculos de terras e vala-

dos, com freixos altos em silhueta no tom madrepérola da lua, e alternativas de negro e zonas claras, que dir-se-iam feitas num desenho a carvão, com lápis prateado.

Todas aquelas brancuras vêm do extremo horizonte aos olhos da mendiga, por suspeitas, desagregadas das formas, abstraídas do resto da paisagem, e todas poderiam interpretar-se como efeitos de neve, de luar, d'água dormente, tanto a neblina enche de fantasmagorias a noite, e presta uma alma incoerente àquela cenografia de balada.

Há porém no sopé daqueles montes um ponto que a velha ansiosamente procura. É o pequenino convento de capuchos que alveja da banda de Vila de Frades, derrocado, entre oliveiras. Lá corre o muro da cerca, té se perder num grupo de ciprestes. Naquela cerca, já depois de profanado o conventinho, era antigamente o cemitério: um cemitèriozinho d'aldeia, com malmequeres e figueiras bravas, crânios à solta, e nenhuma cruz ou mausoléu comemorando a jazida de qualquer. Ali repousam os parentes e amigos da pedinte, pais e irmãos, filhos e netos: só ela, errante de povo em povo, sem um afecto que a proteja, sem uma boca amiga que a console, vai pelo mundo a mendigar de porta em porta!

Vinte e dois anos passaram depois que ela abalou da sua terra, e quatro ou cinco vezes lhe sucedeu passar ali como estrangeira, com os olhos no chão, corrida de vergonha, vendo a igreja aberta e tendo medo d'entrar, passando ao resvés das casas ricas, e arreceando-se de pedir esmola à criadagem; e depois ao toque

das Trindades, noite fechada, detendo-se a escutar de longe os conhecidos rumores do lugarejo. Oh, essa chafranafra da volta do trabalho, com guizadas de mulas tintinando, estrupidas de carros desferrados, e as boas-noites trocadas, os cavadores cantando em coro pelos caminhos, a crepitação da lenha nas lareiras — e depois no bocal das fontes, o mulherio que pousa os cântaros, e entre risotas comenta as picarescas histórias da semana!

É quando numa melancolia doce o dia morre, e grandes nuvens esmagam no poente as vermelhidões crepusculares. É quando uma exalação envolve as cúpulas das árvores, e das terras molhadas, claridades efémeras fosforejam, e uma voz corre e suspira à flor das ervas.

Pois acabou-se, acabou-se! E a triste da mulher desce a barreira, agredida por tudo, as recordações, a noite, o frio, a fome... Não, não repousará entre os demais, no pobre cemitério da sua aldeia, em que avoejam corujas e francelhos: a casa onde nasceu foi demolida: arrancaram a vinha que o marido plantara, há cinquenta anos, com solicitudes de bom cultivador: e ninguém na vila já se recorda da Josefa, da viúva do Pratas, mãe duma filha bonita que anda agora nas feiras, de cigarro, e passa o inverno em braços de soldados, numa viela infame d'Estremoz. Ao acercar-se do forno, uma claridade viva a surpreende. O alpendre ficava do outro lado, numa descaída brusca do montículo, e ali está gente, há falas de homem... — ai pobre velha! aonde há-de ela ir passar a noite àquela hora?

Por um momento ainda ela faz um passo para

costear o forno, e ir pedir agasalho à fogueira de quem quer se acoite no telheiro. Mas logo em seguida reflecte. Que qualidade de gente será? Recebê-la-ão com caridade? Um vago terror se apossa dos seus membros: pé ante pé busca afastar-se... Mas como tem as pernas e os braços regelados! Um torpor lhe paralisa os movimentos, anestesia-lhe os dedos, e pesa-lhe nas pálpebras com sonolências de chumbo. Nos campos paira um sossego terrível e perverso, em cuja abóbada se respondem os latidos dos cães, pelas malhadas. A geada branqueia o alqueve das courelas, queima os favais. E a claridade no alpendre é cada vez mais confortante, milhares de faúlhas sobem pelos ares, na fumarada da lenha húmida d'oliveira, que estala e arde em flamazinhas rápidas e alegres. Ela então cede, resolvida a entrar na zona iluminada, e a pedir agasalho aos forasteiros que a anteciparam.

Chegara quási à boca do telheiro, oculta ainda por trás dum grupo d'árvores, perto do rio — quando de repente estruge um grito largo, começado em surdina, e sacudido depois em frenéticas uivadas, com uma expressão de sofrer dilacerante.

Ao primeiro berro, um homem que estava acocorado por diante da fogueira, salta de golpe, e fica um instante secado, à escuta da noite, bebendo os rumores do largo, enquanto desenrola a cinta da cintura. Aquele berro, a velha conhece-o, é horrível e terno, angustioso e deliciado, e toda a mulher que o solte, principia esposa e acaba mãe.

Havia pois no alpendre uma parturiente a reclamar os seus cuidados. O desejo da velha era correr, mas do

seu canto de sombra a pobre hesita, vendo o homem girar pelo telheiro a passos furiosos, ir, voltar, acachapar-se instantes sobre o vulto que bole lá no fundo do alpendre, em estremeções aflitos: e enfim, jurar, bramar, ordenar-lhe silêncio, prometer-lhe pancada, exasperado cada vez mais, por aquela algazarra que pode deitar tudo a perder.

Há um momento em que eles cuidam ouvir um murmúrio de rodas, afastado, talvez uma sege que passa, levando alguém à missa de Natal. Aqui a raiva do homem não conhece limites, e ei-lo corre à mulher de punho armado, prestes a dar-lhe, caso prossiga o berreiro escandaloso. Vem com efeito na estrada uma berlinda, com guizadas nas mulas, e vermelhidões de lanternas entre as árvores. E o homem precipita-se, enclavinha os polegares assassinos sobre a garganta da mulher.

— Calas-te ou morres!

E a sua voz surda, pequena, sacudida, humilde quási, vem explosindo e crescendo, té bravejar num rouquejo de cólera exaustinada — Cala-te diabo! Cala-te, estafermo!

A mãe, coitada, mal pode estrangular os urros que a expulsão lhe arranca, em dores medonhas, como se trinta mãos brutais lhe estivessem arrancando as vísceras, ligamento a ligamento. Já a berlinda passa, ao trote rápido das suas quatro mulas espanholas... um ou outro corvo solta nas faias o seu grasnido estremunhado, e outra vez a paisagem fica muda, entre as brumas e as sombras, o fragor da ribeira, e a uivada dos cães pelos currais. É esse o instante da mendiga fazer um passo, abandonando o círculo da sombra, pres-

tes a dar-se, toda cheia de celestes compaixões por essa mísera mulher que a desgraça forçou a vir parir numa ruína, sem ao menos ter a aquentá-la, como a Virgem, o hálito da vaca e da jumenta, e as solicitudes ideais do carpinteiro.

Mas tudo aquilo é rápido e fugace. Os gritos da mulher tinham cessado: lento e sinistro, o homem voltara a acocorar-se perto da fogueira, com uma expressão de campónio perverso, meia animal, meia humana, onde o brilho dos olhos punha uma sagacidade extraordinária. Ele despira a jaqueta, tem as mangas da camisola arregaçadas, as mãos sujas de sangue...

— É rapariga ou rapaz? disse a mulher.

Ele estivera algum tempo a ligar-lhe co'a cinta o ventre dolorido: não retrucou. Dera na torre da Vidigueira a meia-noite, e em Vila de Frades logo começou a tocar para a missa do galo. O cerraceiro morrera pelos campos, e as cumiadas do céu, azuis e vastas, refulgiam d'estrelas e luar. Mas nem por isso a paisagem tinha ficado cristalina. Coisas opacas brotavam dos terrenos, formas dormentes, que pareciam vaguear nas ouvielas moles dos farrejais.

Perto, nos choupos, havia gestos d'angústia e imploração; saíam vozes da água, preguiçosas e místicas como trenos, e certas troncagens tinham expressões humanas na noite, que perturbavam de morte o arregaçado.

Outra vez então aquele homem se ergueu com modos lentos, veio escutar. Os sapos tinham-se afinal calado nos algares, pairavam no sossego as asas áfonas dos mochos dando espirais de roda ao forno de tijolo. E mau grado o frio, aquela noite de Natal vinha suave,

com poucas cores mas delicadas, e cambiantes de céu, que o vento uma após outra, transmutava.

— Dá-me a criança, disse a mulher... Quero-lhe dar mama, não me morra de frio a pobrezinha!

Ele tinha nas mãos o pequeno ensanguentado, que vagia de frio, conjugando os beicitos numa sucção d'instinto, que devera ter feito sorrir d'enternecido um outro pai. E saiu do telheiro, o pequeno pendente da manápula, o cenho torvo, o ar facinoroso.

A velha, vendo-o, estendera-lhe os braços do seu canto: e ele vagueou assim por qui, por lem, entre os troncos das faias e os silvados, atascado na lama, mas sem poder estar quieto em parte alguma, e como se pela marcha desse vazante ao frenesi mental que o devorava.

Havia à beira d'água um pedregulho. Ele deteve-se. Instantâneamente a sua cara envelhecera, leques de rugas radiavam-lhe dos cantos das pálpebras, sobre a pele da testa e da faceira, e a lívida boca, agora seca, súplice quási, tinha sombras d'angústia às comissuras, e convulsivos tremores nos beiços desbotados.

Mais uma vez lançou a vista ao de-redor, numa suspeita atrós de o estarem vendo, e ergueu o braço, com o pequeno seguro pelos pés, como um coelho... Porém a luz do luar incomodava-o.

Tornara para trás, desalentado, furibundo consigo, e resmungando alto imprecações. Mas veio-lhe de repente uma veneta, e bruscamente, com um resfolegar de bezerro, escavacou o pequeno contra a rocha. A pancada dera na pedra um som de melancia podre, esborrachada em surdina, baça e turgente. Foi um mo-

mento, aquilo, e todas as coisas voltaram ao êxtasi hibernal de instantes antes.

O homem ainda esteve curvado um pouco de tempo, sobre os atasqueiros glácidos do rio — uma solenidade pairava ao fundo do espaço — té que afinal saíu das ervas, com o cadáver suspenso pelos pés, todo sangrento, um cadaverzinho d'infante recém-nado, roliço e roxo, cuja boquinha fria d'inocência, e cuja alma devera estar-se incorporando àquela hora no cortejo d'eleitos, que todos os anos vem, com o menino Deus, refazer na crença dos simples, a suavíssima lenda de Natal.

A princesinha das rosas

Vê lá como é bom dormir numa barca de pesca, ao clarão da lua cheia, que deixou cair sobre as águas o seu leque de palhetas lampejantes. Em-balde a fria princesa das noites estende o braço para apanhar das ondas o leque que lhe foge, cada vez, cada vez mais para além...

Sobre a areia branca, ainda há pouco cantavam manso os pescadores, e as crianças nuas faziam, na orla das ondas, rolões de golfinhos que saíssem d'espumas. Mas as cabanas adormeceram, esvaiu-se o fumo das toscas chaminés, e cada vez o leque vai fugindo mais por essas águas afora.

Lá nos confins do mundo, onde se acaba o pavimento dos mares e começam as arcarias do céu, ouvi dizer que está caído há muitos anos um pedaço da abóbada celeste, e por ali entram as almas das criancinhas mortas, ao colo dos seus anjos da guarda. Nosso Senhor, fatigado de conversar em latim com os profetas, vem ver por essa fenda da abóbada, as alegrias do mundo; e quando nos sente felizes, se os trigos são fartos e as redes vêm cheias de peixe, fica tão contente, o bom velho! Duma vez, um delfim de França,

que morreu pequenino, vendo à entrada dos céus aquele velhote curvado, a rir para ele, de manso, pôs-lhe a mãozinha na boca, para que o velhote a beijasse. Chalreando com a sua vòzita de querubim: *hei-de fazer-te duque!*

Pelo mais íntimo da noite, quando as cabanas dormem, uma vida estranha, impalpável, errante, fosforeja das coisas inanimadas durante o dia. Certas formas inertes, brutais, imobilizadas, parecem palpitar duma alma que desabrocha, como a floração exótica do cáctus, aos hálitos húmidos da ante-manhã. Tudo vibra a complicada função duma vida, sente, respira, cresce, sabe amar e reflectir. Cada floresta e cada prado, como uma grande cidade, forja e obedece a suas leis, tem interesses recíprocos, disputas, casamentos, batalhas e mortes, e revolta-se, aclama os seus reis, precipita os tiranos, coroa os poetas, exalta os mártires, castiga os apóstatas, aplaude os tribunos — porque também uma eloquência jorra pelos lábios de certas flores. Esta alma exalada toma diferentes expressões, magnetiza-nos e circunda-nos.

Os anões são, dizem, espíritos que brotam a essa hora dos rochedos, como os elfos das árvores, e as *nixes* das claras águas das ribeiras. Sobre as tranquilas ondas, dançando ao clarão da lua, vêem-se as formas diáfanas dessas virgens aquáticas, que subiram das grutas azuis que há no fundo marinho, a respirar o hálito das estrelas, e a sacudir dos cabelos d'algas, as pérolas que os mergulhadores acham depois dentro de cascas d'ostra, como em escrínios escultados. São raparigas que morrem no seu dia de noivado, antes de se sentarem,

coroadas de rosas, à mesa do festim de núpcias, e em cujos lábios o noivo não chegou a depor o beijo da fecundidade. Assim inflamadas em desejos, que mergulham no seu peito como as raizes dum cipreste, pálidas como o alabastro dos sepulcros, e mais puras ainda que a alba das madrugadas, elas foram para a cova vestidas de noivas, e a cova as repeliu, vendo-as abrasadas d'amor, para que as purificasse a água límpida da corrente. Nas suas mortas nucas enroscam-se as tranças gotejantes. Pelas túnicas descingidas, brancuras d'espáduas parecem oferecer-se. E tentam os seios, de crespos, como pomos que nunca fossem mordidos.

Por manha elas coseram uns aos outros os seus véus de virgens desposadas, e com eles fazem os nevoeiros do rio, a ver se os barcos se perdem, e algum pescador vigoroso e belo lhes cai na rede, a fim de o sugarem com os seus beijos letárgicos de vampiros.

Dos ombros lhes nasceram asas, longas como as dos insectos velozes d'água, tão leves e musicais, como vibrem ao vento, que mais parecem prelúdios de harpa os fugitivos sons que acompanham, volitando, as suas danças cheias de morbideza. Os pés, de sempre viverem em água, vão-se fazendo pouco a pouco em barbatanas. E ondulantes como cobras, ei-las enlaçam os corpos aos pares, por sobre as enrugações friorentas da onda, cingindo-se pelas cintas, e tendo as asas a prumo, como ligeiros alfanges. Outras, sentadas nos rochedos baixos, penteiam os verdes cabelos marinhos. Muitas sacodem a plumagem das túnicas, chapinhando a água com o donaire de cisnes. E há nos seus perfis esmaiados, uma graça imóvel que faz pensar em flores conva-

lescentes, inclinando sobre a haste as brancas corolas virginais!

Em-balde, em-balde porém elas flutuam, buscando noivo para os seus palácios submarinos, forrados de líquen, e com mobílias de malaquite e coral. O seu amor de sombras faz tremer os pescadores no alto mar; encontrá-las seria morrer de pavor!

Quanto mais a noite avança mais elas parecem tomadas d'inquietação, e hesitam, tornam a vir, partem de novo enlaçadas, ou parecem ficar reflectindo onde encaminhar seus passos.

Mas vai que um pescador adormeceu na barca, sonhando que o mar lhe falava baixo, rolando as suas espumas...

E o pobre estendia os braços, dormindo: vinham bandos de *nixes* debruçar-se-lhe na barca, alvas e flutuantes como as névoas que o vento rasga nos cabeços dos montes, delicadas, ligeiras, para o coroarem d'algas. E uma dessas era a rainha, tão bela que mais parecia divina, tão nova que antes se diria criança, com tranças cor das areias enxutas, e olhos verdes, cuja penetração ia através dos mais cerrados nevoeiros. Só de a mirar o pescador entontecia, e tanto lhe quis que começou de entristecer e não cantar ao sair prò seu trabalho. — Que tem ele? Que não tem? Nenhum sabia dizer a razão daquela mágoa repentina. E todas as noites o pobre adormecia, e vinha a rainha sorrir-lhe. Mas era estender os braços, escorregava-se ela por entre as demais, té que impelida pelo chapinhar das barbatanas, a barca ia golfo em fora, caminho duma gruta selvática, tenebrosa, sem fundo, ouriçada de den-

tuças cruéis, onde bramia o mar nos temporais, e se dizia ser a boca do inferno, por onde saía o demónio, fora de horas. Já lentamente ia a madrugada descerrando uma cortina da noite, entrementes que o pescador sentia o mar erguer a voz, e espumas de raiva à boca do antro por onde o turbilhão de sombras regressava aos abismos, lasso de marchar na noite, sem destino. Naquele ponto sempre o pescador despertava... iam desaparecendo as últimas fímbrias de túnicas, e a rainha era a derradeira a transpor os boqueirões da gruta, tanto amor lhe nascera no peito, que parecia dizer ao pescador:

— Vem comigo ao meu palácio de estalactites cor de safira, onde são colossais os diamantes, de pórtico em pórtico há rosários de pérolas, e os leitos são conchas mais finas que as asas das borboletas e as pétalas das rosas. Nas minhas estufas abrem-se as puras flores da beleza, sensitivas cor de luar do norte, de cujos estames gotejam esmeraldas; aloés e fetos de perfumes exóticos: e os cisnes cantam toda a vida em lagos d'âmbar líquido, sereias e carpas d'oiro fazem cortejo de roda da minha gôndola tirada por polvos de grandes tentáculos, e passarás em cortejo pelos canais da minha capital, babilónia submersa, de que ainda hoje os pescadores vêem os zimbórios, soterrados ao meio do golfo, estando o céu puro e as águas serenas. Guiar-te adormecido à entrada da gruta, eis o que eu posso fazer. Mas só despertado e por tua vontade, poderás transpor as primeiras arcarias. Não te assustem os voos circulares dos morcegos verdes, com cabeças de anão e óculos de metal sobre o nariz; não respondas à interrogação muda das esfinges de bronze, que por aquelas lúgubres ave-

nidas agitam a cauda ameaçadoramente; nem queiras saber dos cães de três cabeças, que arreganham a dentuça sobre quem ousa penetrar o sombrio claustro que leva aos meus domínios. Oh! não hesites, meu amor! Abandona a tua velha barca e os farrapos que te vestem, e a rede que mal te dá para comer, e as cabanas e a terra onde serás toda a vida um pobretão de quem ninguém faz caso. Já rompe a manhã e as estrelas se apagam. Deixa o cálido sangue dos teus lábios na frialdade morta dos meus! Dá-me a tua mão, que ainda é tempo, e aclamar-te-ão rei por todo o fundo desses mares.

Porém ela vacilava, com medo. Segui-la-ia? Transpor a caverna era medonho! — e cismando na fascinação daquelas falas, vinha lentamente a golpes de remo, perscrutando ainda no fundo das águas a flecha dos zimbórios da capital sepulta no dilúvio.

Dormia o golfo numa fosforescência incorpórea, que lhe subia do fundo; brancuras incertas de coruchéus, arcos triunfais, terrados, estátuas, mausoléus, pareciam imobilizar-se na translucidez cerúlea das camadas mais fundas, entanto que a voz da ondina se difundia no murmúrio das ondas, semelhante à música duma frauta entre os suspiros do arvoredo.

Andaram assim noites e noites, as redes não traziam peixe, o convívio dos ranchos era-lhe fatigante, e ia apodrecendo o colmo da cabana, sem que ele o renovasse... Uma vez, pelo alto escuro, deixou-se prender do encantamento: de manhã encontrou-se a barca sòzinha, como um esquife violado, caminho do oceano... e referindo o caso os velhos do mar persignavam-se.

Dizem que nasceu uma criança da união do pescador má-la ondina. O pai era cristão; não consentiu Deus que a pequenina vivesse a vida monstruosa dos pais, nos palácios da babilónia submersa.

Quando a ronda das virgens aquáticas tinha subido a divagar nas orlas do golfo, o pescador deitou a filha numa cesta bem calafetada com resina. E à boca da gruta, lançou o berço às águas. E o berço foi vogando até às regiões da primavera, eterna, luminosa, onde as almas dos lírios vão pousar-se em revoadas sobre as elegias dos poetas, e se casam os colibris co' as açucenas e as cabeças loiras se inclinam na suavidade do mesmo idílio entresonhado. Assim aportou o berço ao principado das rosas, e o príncipe que se banhava mais a princesa, ambos tristes de não serem fecundos, apenas lhe trouxeram a criança, adoptaram-na por filha, fazendo-a jurar sucessora ao trono do seu pequenino país — tão pequeno, que as lavadeiras batendo roupa nos tanques do palácio, iam estendê-la, por não chegar o campo, sobre as fortificações de rosas da fronteira. Foi crescendo a pequenina, crescendo; de longes terras vieram sábios instruí-la nos segredos do saber humano, terras, céus, astros, noites, plantas, águas e nuvens. E açafatas de mil cores e países lhe ensinaram a bordar maravilhosas tapeçarias, em seda e oiro, para as capelas dos mosteiros e catedrais; outras lhe faziam tocar no órgão sinfonias de grande unção religiosa, que erguiam a alma para o azul da bem-aventurança; e outras ainda a habilitavam a talhar gibões de corte e anáguas de brocado; enquanto miniaturistas toscanos lhe iam dizendo a maneira d'iluminar a brilhante colorido os livros de Horas, nobiliários, missais, com toda

a casta de figuras, grinaldas de flores e castelos, nas orlas do pergaminho assetinado.

E já mulher, as falas da princesa eram de música, os olhos cor de lótus, e cabelos loiros tão grandes, que se os desatava caíam-lhe pelas costas, rolando ao chão em espirais mimosas como a seda, e mais olorantes que a verbena e que o jasmim. Porém esta maravilhosa figura parece um cristal de neve, onde jamais tivesse batido coração. Os seus olhos eram pálidos e vagos como os das estátuas: cerrada sempre, a boca não tinha esses instintivos frémitos que são como beijos latentes em lábios virginais — e havia nos seus meneios tal dolência, regularidade e reserva, que logo faziam evocar, vendo-a assim muda, a sua origem d'espectro e de *nixe*. No principado das rosas iam-se os reis fazendo velhos.

Em-balde os velhos provocam justas, saraus, e outros certâmens, com o fim de chamarem aos seus estados todos os belos príncipes e gentis-homens da cercania. Eles corriam, arvoravam as cores da princesa, pondo o nome dela por divisa, nos escudos, mas cada um, depois de a ver se retraía, minado do estranho frio que o seu divino corpo irradiava, frio inexplicável, profundo, íntimo que todas as paixões ia gelando, todos os entusiasmos abatendo, e sem escolher esposo a princesa! e um a um, cada qual partia sem voltar a cabeça, receoso por haver tocado aquela soberba estátua de mausoléu.

Em-balde os reis meditavam na reserva da princesa, pois desconhecendo-lhe o nascimento, referiam aquela tristura à magia d'algum espírito adverso.

Chamaram-se os médicos e sábios do principado, os eremitas das montanhas, e os velhos monges contempladores que viviam por essas cavernas, à beira do mar,

para eles dizerem donde provinha tanta frialdade de sangue na herdeira do trono, e aquela brancura atónita de fantasma, que tamanho alvoroço fazia nos corações adolescentes, vindos por desposá-la. Mas ninguém conseguia definir o mistério: iam-se uns, vinham outros, os mais afamados, os mais venerandos, os mais velhos... E a esfinge de mármore branco, avara do seu mistério, errava nas galerias do paço, coroada dos jasmins que tinha Ofélia vogando na corrente, em meio dos adormecidos juncais.

Muito, muito havia que ela adoecera de saudade pelo mundo fabuloso em que primeiro vagira. Era de noite, nos flutuantes poemas da sombra, quando essas confusas reminiscências lhe pousavam na ideia, em flocos translúcidos, evaporadas talvez do promíscuo sangue que tinha herdado. E uma fatalidade impelia-a para o lago, e dos varandins do palácio, ela ouvia os murmúrios complexos das ondas, à flor das quais pareciam divagar as almas do Dante, extáticas sob a fria lua, entre os rumores de todas as sortes de queixumes, ironias, lendas, e psalmos de naufrágio. Ela a princípio não pudera recompor no turbilhão de manchas pálidas, que subia da água, algum perfil ou forma de coisa realizada na terra. Eram vapores escorregando sem ruído, moles ondulações, galopadas, e monstros, gigantes, mil desconformes braços brandindo ameaça...

Mas lentamente a vista foi-se-lhe acostumando a ler naquele fantástico ciclorama, como numa bíblia jeroglifada nalguma idade primeva... e dos confusos nevoeiros sairam braços, cabeças, gargantas, torsos, cuja nudez entonteceria um sonhador. Cada forma destroncou-se

do tumulto geral, viveu do movimento próprio, soube distinguir-se entre as demais. E ei-las enlaçadas no luar numa ronda que se esgarça pelas arestas da rocha: ou esvoaçando sobre os ventres lívidos da vaga, ainda mais parecem multiplicar as suas figuras e pares.

Cativa por aquela fantasmagoria do lago, a princesa desceu à praia uma noite... o luar vinha nascendo... — diz que uma barca atracara às escadarias do cais, negra barca de mudos barqueiros, anões com ombros de titãs, cujos olhos fosforejavam por baixo de chapéus feitos de grandes cogumelos.

Mas a princesa, a princesa?

Diz que pelas velhas estradas trotam mensageiros ansiosos, crianças naquele tempo, hoje velhos de mil anos, que vão perguntando aos viandantes se a viram passar ali. Quanta maior certeza eles têm de não achar quem procuram, tanto mais frenéticos precipitam os vôos seus cavalos esqueletos.

— De certo! De certo! Cada vez o argênteo leque da fria princesa das noites, vai fugindo mais por essas águas fora. Na foz do rio, os fogos dos barcos picam o mar d'estrelinhas vermelhas. Sonora como um beijo, a ribeira banha de manso, para lá do golfo, os muros dos terraços, onde os aloés alongam as suas lanças de ferro branco, onde há tufos de peónias gigantescas, e os bosques d'eloendro, mirtos, loureiros e pâmpanos, abrem pára-sóis murmurantes onde as pombas se agasalham.

É noite. Iluminadas do fundo com clarões de mil tochas, as águas atingem no lago uma transparência inaudita, e no enredamento da floresta marinha, surge

lá baixo a branca cidade submersa. É noite. Revestido com vestes de prelado, Satanás, esse Baco da bruxaria gótica, celebra missa nos altares da profanada abadia, lá bem no fundo das águas d'esmeralda. Entanto que a ondina geme no órgão grave prelúdio, fugitivo e lânguido, que exprime os ardores da sua alma inviolada, e se difunde no murmúrio das ondas, como uma música de frauta entre os suspiros do arvoredo.

Divorciada

Pequenina, redondinha, com vivacidades de andaluza e olhos garços de judia, toda a gente vai chamar-lhe leviana, vendo-a só por essas ruas a saltitar d'asfalto em asfalto, com ligeirezas de corça, ou parando sistemàticamente às *vitrines* das lojas e confeitarias.

Já um folhetinista a celebrou num trecho opíparo sobre as praias, com os epítetos mais *tintamarrescos* do vocabulário. A civilização das cidades criou um género de beleza singular, feito de feições arrebitadas, curvas estéreis, e lábios que destinjem lamentosamente na porcelana das chícaras, ao primeiro golo de chá. Esta beleza *nouveauté,* beleza artigo de modas, arrebicada, transitória como os gostos da estação, obtida com cremes, sinais, e mechas de cabelos frisados, beleza que os rapazes não querem nas noivas, e os brasileiros gastos põem em condição às amantes — esta beleza convencionou-se para diminuir o número das feias, sem todavia alargar o ciclo das formosas. Não seduz, mas também não enoja. Tolera-se como um produto d'arte canalha, contemporâneo do asfalto, dos panteons adornados a colunatas de gesso, fingindo mármores de cores, dos reposteiros de chita reproduzindo desenhos das tape-

çarias da grande época, dos móveis fingidos, e mais exteriores ostentosos que servem a dar o ar, mas sem deixarem na vida a nota de um conforto sincero e discreto.

Ela não era positivamente uma destas preciosas espartilhadas pela *Damien*. Oh, não! Vi-a resistir à grande prova: sair do banho como entrara, magnífica, palpitante, radiando frescuras loiras de ninfa, sem olheiras, peles de galinhas, ou faltas de cabelo na nuca. E dizia-me um velho entendedor — são de lei, as mulheres cuja beleza resiste ao banho.

Berta, nome de castelã, pois não é? Ela o mais raro sentimento da graça, as mãos uma maravilha de finura e esquisitice; depois, em se decotando... que eu poucas vezes a vi decotada, poucas. Por que razão me acomete este sinistro propósito, de que uma mulher bela é sempre invólucro de algum pecado mortal? Se me dizem: é formosa — eu acrescento logo: culpada!

Suetónio escrevia talvez isto das belas patrícias romanas da decadência.

Berta tem todavia a história mais planta-de-estufa que eu conheço. Aos quinze valsou com o Jorge, na Figueira, uma estação de banhos, — Jorge, o que está secretário do ministro, o *bem conhecido Jorge*.

Oh, lá isso, talento!

Versos em todos os jornais de Coimbra, sua pontazinha de filósofo, ainda que um tanto utopista em guitarra — foi sempre o seu defeito, utopista como burro. A luneta fumada vai-lhe porém fazendo o estro tenebroso. Agora canta os hospitais, os esqueletos, os cavadores: diz muito mal dos burgueses, quer a

Comuna, e traz joelheiras de flanela. De resto, bem feito, maravilhosamente penteado, epiderme de príncipe, e a barba mais sedosa de Santa Isabel.

Por conseguinte amaram-se. Jorge era tão terno, tão submisso, tão branco! A imaginação que ele expendia a repintar o seu amor, e uma gravidade mole de carneiro estufado, cativaram muito Berta, cuja índole ia de molde às sentimentalidades que resvalam, durante o namoro, entre a volúpia e a dispepsia.

Se alguma coisa em Jorge desagradava a Berta, eram talvez as borbulhagens que ele tinha em certos dias, no queixo, sobre as fontes, à volta do nariz — um nariz arcabouçado em rocha tarpeia, desmedido e fero, cujo modelo recusara sempre ao gesso dos museus de raridades. Porém que nobre fronte bosselada, luzidia, radiante, ele tinha, com arborências de vénulas que iam perder-se entre os cabelos, serpenteando, como caminhos de cabras!

Nem um só pelo na cara, que a Providência por poupar-lhe a cútis, se obrigara a fazer-lhe nascer o bigode na profundeza das ventas, e a lhe brotar as suíças de dentro dos ouvidos: bigode encurvando caudaloso sobre o lábio, suíças caindo espinhosamente ao longo da queixada. — *Que guapito!...*

E casaram.

Omito a cerimónia no templo, exibições de *toilettes*, episódios de boda, camélias esfolhadas pelas alcatifas, as maravilhas da *corbeille*, o tom das nucas, e as coruscações dos braceletes e dos carachás, pois que isso deve estar nos jornais de então. Às três da noite, eles ficaram

sós. Por conselhos da mamã, Berta tremia um pouco. Oh, o pudor há-de ser sempre o grande artifício das noivas! Jorge entrara na alcova primeiro, e diante do espelho desfazia a sua tira branca, depunha os anéis, preparando um leve desalinho romântico nos cabelos.

Conhecia um pouco as noites de núpcias pelos contos de Lafontaine, cuja ironia gaulesa se diverte em erguer a camisa aos problemas mais pudicos, justamente nos seus mais delicados paroxismos. — E ia despindo a casaca. Depois, quási comovido, foi em bicos de pés ao toucador, onde Berta amuara na penumbra lânguida, toda palpitante de receio pelo que se ia passar. Então ele trouxe-a, com extremas cautelas, falando baixo palavras escandecidas, com juras de dedicações nunca sonhadas, e impelia-a pela cintura:

— Vês tu, meu amor, faz tanto frio, por esse mundo!

Erravam na alcova restos de perfumes castos, hálitos virginais de rosas brancas e botões de laranjeira.

Jorge, num embevecimento, fitava-a; e a noiva tudo era prolongar deliciosamente os seus momentos de donzela, e ir desfolhando entre preguiças fingidas, as últimas floritas simbólicas de laranjeira. Então começou entre os dois a vermelha luta, coriscando mistérios de vida fecunda, deliciosa, dolorosa, inexplicável, que põe como um fruto mordente na *corbeille* de rosas do noivado. Eles cingiam-se num desalinho ainda surpreso, constrangidos, dialogando monossílabos vagos...

Mas o pior da passagem... (dizia um vate) foi Berta fugir de casa nessa mesma noite, quási nua num roupão de rendas, bela d'endoidecer o Papa, e furiosa por atirar-se ao primeiro homem que viesse, tal nojo sentia

agora daquele inerme esposo, que filiava o bigode nas ventas, e fazia jorrar as suíças dos ouvidos.

Em quatro anos a sua beleza robusteceu-se, e como diz Valmiki dos seus quarenta mil versos, tornou-se num maravilhoso oceano de todas as pérolas. Tem hoje vinte e três, e o espírito mosqueado d'abelhas cáusticas, que lhe põem aos pés, servilmente rendida, uma nobre corte feita com rapazes de todas as categorias. Nas horas vagas escreve, o que me aproxima da sua intimidade um quási nada. Tem por exemplo a pretensão de ser Delfina de Girardin no ciclo dos seus amigos literários, meia dúzia d'eleitos, alguns imberbes ainda, todos vivazes, ricos, perfeitamente distintos, aos quais oferece com a mais perfeita graça mundana, a chávena de chá desses cavacos pitorescos em detalhes, cheios de constelações e conceitos, nervosos, disparando flechas d'oiro, vestindo quási sempre à ligeira, que fazem o secreto fogo da vida inteligente, e não figuram nas secções dos jornais, nem têm que ver com as ombreiras das tabacarias.

Andamos agora colaborando um volume pequenino, um delicioso volume de cabelos loiros, condensação dos beijos, mãos dadas, e suavíssimos sonhos que tivemos: por forma que não é estranheza acharem-nos às vezes na intimidade mais conjugal deste mundo.

O que nela mais me irrita é a ortografia. Três *rr* em *serra* apelido, para o distinguir de *serra* instrumento cortante, e *serra* elevação de terreno! Porém o pior vem a ser a divina escultura, mimosa e branca, da mão que escreve tamanhos barbarismos! — Falamos de Jorge algumas vezes.

— Porque enfim, minha querida, sendo um rapaz

amável, poeta, perfeitamente correcto de maneiras, probo d'espírito e são de corpo, não posso compreender uma separação assim brusca...

Ela hesita sempre neste ponto, frenética e confusa.

— Jorge, Jorge... balbucia.

— Afinal sejamos francos: era um bonito rapaz!

— Sim, não digo...

— Inteligente.

— Quási.

— Apto para marido duma mulher nova e cativante. E ela de encolher os ombros, interdita.

— Ora vamos. Era doente?

— Pior, exclama ela com palavras rápidas, erguendo-se para sair, num turbilhão de cólera. — Pior! — e à porta, voltando a cabeça, num desprezo feroz:

— Não se lavava, aí está.

O anão

Desde então, Carrasquinho entrou a ser o grande homem da aldeia de Sant'Ana. Dele se dizia com ar finório:

— Aquilo tem o diabo n'alma!

Nunca se chegou a averiguar se tinha efectivamente o diabo n'alma; mas um domingo, já pelas eiras, padre Manuel apregoou-o à missa, com uma de Portel, a Rosa, então servindo na herdade da Balsa. Carrasquinho, que fizera os vinte e cinco, era pequenino de corpo, muito pequeno mesmo; tão pequeno que estando ao sol, num olho de couve, veio uma vaca e meteu-os a ambos no bucho. Primeiro que o tirassem da vaca, um trabalho medonho, e todas as raparigas da aldeia tinham vindo oferecer-se para o lavar dos enxovalhos da viagem. Ano após ano ele se fora tornando homem, pela barba, e pelo vozeirão que lhe saía da goela, ronronando — mas cada vez mais pequeno, o Carrasquinho!

Uma tarde, estava o amo na sala recebendo uns magnatas de Vil'Alva, Carrasquinho que entra. E em tão má hora se aproxima dum chapéu de pelo, deixado numa cadeira, que ao ir debruçar-se a fazer *oh!* pelo chapéu — zás! foi de cabeça ao fundo da copa, e

agora vereis quem mo tira lá de dentro! Mas bom rapaz, possante, activo, furavidas e loquaz como poucos malteses de Sant'Ana. Nas herdades estimavam-no, porque nas festas, palavra, em ele se pondo a dançar o fandango, escangalhava-se tudo com festa. Cheio d'instintos pitorescos, jamais ele quisera despir os trajos de cabreiro que vira no avô e mais no pai: calção de terciopelo azul-mar, chapéu bragão de três borlas, polainas de couro cru, grandes ceifões de pele de borrego... E por arma, cajado maior que um tronco de castanheiro!

Caçador não havia como aquele, posto que a tal queda no chapéu de pelo, o tornasse desconfiado, já pelo tarde. E não querem ver? o grão de milho sofria a paixão das mulheres encorpadas, naturalmente na esperança de por elas vir a ter filhos visíveis a olho nu.

A Rosa, vamos com Deus! era um cavalão da mais desmedida estatura. A mãe trouxera-a vinte e sete meses no ventre, e tinha-a parido durante seis dias, conforme a versão aldeã mais repetida. Mas bem empregada demora, que estava ali moça de carnes abençoadas, ela espantadiça que nem uma novilha de má raça: e os olhos, pai do céu! cortavam numa pessoa até ao coração.

Desta vez o maganão prometia segurar-se, escaldado como fora na história do chapéu. Nunca mais tomou sol em olhos de couve. Entrou a poupar o cadáver; pudera não!

Se as vacas saíam ao repasto, por essas sesmarias afora, furtava-lhes as voltas — quanto a chapéus de pelo, fugia deles como das mais profundas cisternas. Para dar caça aos ninhos de perdizes, cortava os descampados às escarranchas na burra.

— Oh grande diabo! diziam-lhe, pois tu não vês que assim afugentas os perdigotos?

E ele, com profunda filáucia:

— Alarves! Mais vêem quatro olhos que dois.

E sobre o deserto dorso da jumenta, nem fazia sombra no chão.

A seara deste ano não envergonhava a terra que a produzia. Ia haver azeitona como água de pedra. A burra mesmo pariu seu burrico, todo jucundo. Nada pois se opunha ao casamento.

Casaram! Sant'Ana ainda não pôde esquecer a boda. Na aldeia vai-se a gente casar com um capote de pano às costas, quer façam céus de fogo, quer granize a chuvada de Janeiro.

Carrasquinho não tinha capa, vá de pedi-la emprestada por essas casas! Mas patarreco como era, que diabo de capa lhe dariam, que não arrastasse pelas ladeiras da aldeia, no trajecto para o matrimónio? Agora vereis as fezes! Que *um homem* não case por falta de noiva... Mas por falta de capa, era vergonha! Ninguém tinha traste ao sabor do Carrasquinho. E o grão de milho, exasperado, tudo era dizer com profusão de gestos sacudidos:

— Qual é o diabo ruim que não tem duas capas, uma maior e outra mais pequena? Ele nem a pequena tinha: razão da sua intolerância sobre o guarda-roupa dos demais.

Possuía o cura uma destas rechonchudas pequenitas, que eles recebem sempre por caridade, e instalam na residência sob o pseudónimo terno d'afilhadas. Muito amiga de bonecas, a osgazinha! — e o cura então man-

davam-lhe fazer pela ama uma madamas de trapo, com saias bufantes, grilhões de canotilho ao pescoço, lenços de seda na cabeça...

— Algumas tão asseadas, dizia a Rosa, que se podiam trazer em procissão por essas ruas, depois de bentas.

Pois a maior tinha capa. Isto salvou Carrasquinho, que assim pôde levar à igreja, sobre os ombros, a capa da boneca. Ui, que casório mais guapo! Agora vereis carneiros esfolados para o *ensopado*, galinhas em alguidares d'arroz ao forno, e uma cabidela, senhores, que até na Balsa acharam superfina! Ao banquete, o noivo ficou junto da noiva, sobre um cestão de verga das vindimas, a fim de poder chegar com a boca até à mesa. E o pobre, para mirar a Rosa, tinha d'erguer a vista penosamente... Mas tanto saltou, buliu, mexeu, que dali a nada já ninguém sabia por onde ele se sumira — quando o seu vozeirão rompeu da algibeira da madrinha, dizendo estar atravessado num alfinete, à solta, por imprudência.

Do casamento não digo. Bailarico até de madrugada, pichéis de vinho à saciedade, e já no fim, saracoteando os quadris com donaires castelhanos, eis que o Carrasquinho começa a dançar o fandango, ao *don-don* duma guitarra que o manageiro das Torres trouxera da herdade.

Na primeira noite do casamento, Carrasquinho arreceou-se: lembrava-lhe o chapéu de pelo do amo! E tal pensamento o trouxe desaconchegado, por mais duas noites ou três, dos quentes conjugais. O grão de milho penava, vendo a Rosa na cama alta dos noivos, enquanto ele ia, tiritando numa velha manta, fazer

companhia à jumenta na estrebaria. Mas todos os meios-dias, vinha à soleira o manageiro das Torres.

— Entre e descanse, compadre...

Entrava ele, e Sant'Ana logo com tosse.

Eles, descansados, punham-se a falar do mundo. Diz que as mulheres têm uma folha de vinha, mesmo no tempo das vinhas não terem folhas. O das Torres nem dizia sim, nem não. Andava uma cantiga

A brincadeira, sim, sim,
A brincadeira, não, não...

que ela lhe cantava, rolando uns olhos brejeiros. Carrasquinho no trabalho, nunca vinha àquela hora. E quando pela noite entrava, d'enxada às costas, alforge na burra, farto de cavar batendo as suas botas de sete léguas, dizia-lhe a magana com uns gestos açucarados:

— Esteve cá o Jacintinho, que vinha falar contigo...

Mas o pobre abria a boca, maçado. E Jacintinho todos os dias!...

Foi por esse tempo, faz anos agora, que o grão de milho adoeceu. Entrou a queixar-se de peso na cabeça, uns ais!... Em termos que a Rosa já não sabia que fazer para o curar.

Ah, mas que coragem de moçoila! Ao fim de seis meses, tudo por agradar ao doente, entra a berrar, a destemida, e atira ao mundo um rapazão como um boi bravo.

— Sai ao pai, dizia Carrasquinho, e Sant'Ana ria.

Carrasquinho era gazil como os melros, minaz de silhueta e muito amigo de dar ordem à vida. E então

soberbo! Nunca admirava homens corpulentos, mas tinha dó de quem era mais pequeno do que ele, os gafanhotos, as formigas, os frângãos... O seu fraco era a mulher. O seu forte, dormir a noite dum sono de chumbo, que pela manhã, mal o buraco luzia, a Rosa tinha trabalho insano em sacudir.

— Quatro horas, ergue-te, preguiçoso! gritava-lhe ela umas poucas de vezes, em cada madrugada. E ele esfregava os olhos, resmungava o quer que fosse, e ia-se virando para a banda da parede. Ao fim de muitas investidas, lá puxava as cuecas, rosnando, cabeceando, para as enfiar nos dedos da Rosa, tomando-os pelas próprias pernas. Ouviam-se os galos cantar nos agasalhos: a geada cobria as terras, e na lama dos côrregos, entre courelas e tapadas, iam patinando os cavadores, caminho das fazendas.

A brincadeira, sim, sim,
A brincadeira, não, não...

Matinas. Já o vento varre as últimas névoas, e nos currais bolem chocalhos confusamente. Toca por esses campos, ao vento, ao frio, à chuva. Começam laivos de sol nos botaréus da igreja, que lá longe, vão amarelecer a caliça de Monte Oito, sobre o outeiro escalvado.

Quem tem caprichos, que os pague! Assim arengava Sant'Ana. Porque a Rosa hoje queria blusa encarnada, amanhã saia de folho, depois mais aquele lenço de seda, com ramalhetes de rosas, todo chique...

Porém o casal não possuía um palmo de saibro onde enterrasse os ossos. Jacintinho, que se instalara dia e noite, pedia mesmo a sua chávena de café bem forte.

Carrasquinho, cava!

Inda não decorrera ano e meio sobre o casamento, e já grão de milho levava tundas da Rosa.

— Seu grande mariola! seu madraceirão!

Pelo tempo quente, abalava ela em cima da jumenta, para as romarias, toda endomingada no trajo, e com Jacintinho à garupa.

— Não há dinheiro? Trabalha, Carrasquinho!

O pobre nunca fora senhor dum fato novo, trazia os sapatos rotos, rasgada a camisa, e o chapeirão co'as abas derrubadas. Vestia-se da sua enorme barba, levava data, mas cara alegre!

Havia em casa bom queijo, o rico queijo de cabras da Balsa, oleoso, dourado, com um sabor de prados verdes, águas de serra, e rebanhos. Ela almoçava-o com o das Torres, ao canto da chaminé, ali quentinhos ambos, aconchegados, trocando chalaças. Mas Carrasquinho, farto de cavar, só encontrava dentro do alforge pão seco, negro, duro, bolorento, que nem os cães com ele entravam.

— Chora no berço o rapaz?

Pancada!

À noite, quando o marido vinha, arrastando das pernas, cheio de sono, coberto de lama, Jacintinho por troça, tirava a guitarra do lado:

— Vá fandango! fandango!

E o triste, ainda por cima escarnecido, lá ia bailar no meio da casa, entre as risadas da companhia.

E a Rosa cada vez mais gorda, e o das Torres cada vez mais guapo. Cava, Carrasquinho!

Vai-se sumindo, sumindo todo, o grão de milho, dizia Sant'Ana pesarosa.

Ele, enrugadinho, velhinho, corcovado, parecia caminhar procurando coisa perdida pelo chão. Ia a Rosa pôr cueiros enxutos no *crianço*, sentindo as peles repassadas, e meio às escuras, enfaixava o marido em vez do filho.

Gritava aquele em cavernosa voz, repuxando os matacões, onde pusera a última vanglória.

— Guia-te por esta barba! Guia-te por esta barba, que não há outra em Sant'Ana.

E não. Era uma lanugem mole, como a dos bodes, estranha, amarela, pendente... Reparando bem, havia até nas feições dele alguma coisa de herbívoro, flagrante à vista. O focinho, aguçado e móvel, mascava sempre. As bosseladuras da testa tinham tendências cónicas de chibato. Era típico o ar espantadiço com que escutava os rumores dispersos pelo campo. Vinham a ele os rebanhos, como a um irmão d'armas. Os mesmos bodes, com o seu espirituoso donaire mefistofélico, lhe reconheciam um ar de família. E roçavam-se-lhe amorosamente pelos ceifões as cabrinhas *coquettes*, como quem suspira, *desposa-me!*

Quando se espalhou de repente, que aparecia o diabo Em Sant'Ana, toda a aldeia foi tocada dum pânico.

Por modos, os maiorais da *Gamenha* tinham-no visto em forma de bode, com pés de gente, a barba açafroada, dançando à volta duma cruz partida na encruzilhada da Vargem, onde anos antes fora assassinado o velho Roque.

— Jesus nos acuda! Santa Maria nos valha! diziam os lavradores dos montes.

Os maiorais diz que se benziam de pavor, à vista do mafarrico, queriam rezar, não se lembravam das

rezas... e abalavam direito ao monte, deixando os gados aos rafeiros.

Entrementes, correu tempo.

Uma ocasião, ia a Clamência para as *Cortes,* tudo escuro, uma hora que dá — Jesus, não sei que faça! Os barrancos mugiam de cheios. Se a besta esbarronda por esses atasqueiros de Vale de Zebro...

Enfim, vamos lá! E o filho adiante, guiava a mula. Do céu carepava uma neblina farrusca. Nem viram branquejar o cardal. Mas nisto, à esquina da Rosa, já no arrabalde, sai-lhes um diabo... É lobo? Não é lobo. A mula, por mais que lhe batessem, nem para trás nem para diante. O diabo, alto, embuçado, com um gorro negro nos olhos, tudo era dar pinotes nesses raivais, ele a ganir, que não era dizer.

Patas lhe vira a Clamência, e diz que alguns sete rabos de zorra, pendurados... E os cães uivando por esses descampados, nem que tivessem medo também!

Desde então entrou o diabo a aparecer às noites, no mesmo sítio, à mesma hora, aos que d'acaso encruzavam tresnoitados, por ali. Alguns mais destemidos de Sant'Ana, foram a ver com espingardas. Meia noite dada, ele a atravessar a devesa, mais encolhido que um ouriço, saltando aqui, caindo além, e com um vozeirão d'atroar a quebrada silenciosa. Atiram-lhe. O vozeirão retumba já longe, a terra treme, e cada vez os cães uivam mais polas malhadas. Alguns da aldeia, tendo visto muito diabo em figura de gente, já se não amedrontavam assim. Foram trás dele: inda o viram fugir por um portelo arruído.

— *Eh lá! Eh lá!*

Uns galgaram o silvado com pulos selvagens, outros

bateram as moitas com forquilhas. Aqui te ganso, além te agarro...

— *Estás preso, ladrão!*

E assombro geral. Era o Carrasquinho! Muito suplicado, o pobre declarou que a Rosa o deitava fora todas as noites. Ia por esses campos, batendo os queixos de frio, à procura de valhacouto onde esperasse a madrugada. Buscava então os rebanhos, entrava cuidadosamente nas arribanas das granjas, nas ramadas das ovelhas, os cães eram amigos dele — e ali passava a noite, aquentado na lã das reses.

Por um momento, Sant'Ana respirou: porém agora os destemidos é que desconfiavam.

— Vocês já repararam como ele se parece tanto com um bode? Os olhos, o focinho, a voz balada e profunda, e aquele ar de maganice nos solavancos da cabeça?...

— A barba dele, rapazes, é como o pelo dos chibatos. E vejam vocês como ele salta, como abala fora de horas, sem se temer d'almas penadas...

— Já se viu noutra terra homem daquele tamanho?

Então começaram as lendas, as anotações à vida do desgraçado, os episódios ditos à luz fulva do medo.

— Porque ele vai aos sábados a Monte Oito, sentar-se na penha lá riba, e dá o rabo a beijar às feiticeiras!

— Porque ele em Quinta-Feira Santa, desenterra os que morrem em pecado mortal, para fazer um óleo que transforma a criatura em lobisomem!

— Porque fulana já o viu montado numa coruja, enfiar pela torre da igreja, e ir apagar a lâmpada do santuário, a fim de lhe beber o azeite...

— Porque sabe tudo o que a gente perde...

— Ouve tudo o que a gente diz.

— Adivinha quem morre...

— Faz vir trovões...

— Espeta alfinetes nos sapos, quando quer fazer mal aos meninos de mama...

— Então mata-se!

— Já o mataram trinta e sete vezes, e ressuscita para perseguir depois quem quis acabar com ele.

— Põe-se-lhe uma cruz a ferro em brasa!

— Não, que se abre a terra, mal o diabo a sinta!

— Diz que não pode ver dinheiro...

— Nem passar aos cruzeiros das ermidas.

— E que dança em alguma cruz se partindo...

— É chamar o prior!

— É queimá-lo numa roça em ala!

— Atirar com ele a uma vaca brava...

— Cozê-lo em água benta.

— Visto isso, e os autos, resumia a gentana, é o diabo!

Uma manhã, iam os ganhões para o trabalho, viram por uma brecha que a invernia lascara no muro do cemitério, uns poucos de cães nos covais. Entraram. Os malditos tinham desenterrado o corpo do Gemito, e estavam-no comendo de súcia.

Então Sant'Ana disse: aqui anda Carrasquinho.

Começa Julho, começam as calmas, começam as ceifas.

Como o sol é terrível das onze às quatro da tarde, para ganhar tempo, o remédio é ceifar nas noites de lua, e dormir duma sesta as horas de calor. Se porém não faz luar, começa-se a ceifa de manhãzinha, mal

sobe a cotovia, para entoar matinas no céu, quando já estonteiam os últimos vôos dos morcegos e dos mochos, à volta dos casebres abandonados.

Aos domingos, a aldeia ouve missa muito cedo, ainda estrelado, e uma buzina chama os segadores à partida para a faina.

Certa madrugada de domingo, lusco-fusco, a Rosa que se fizera ceifeira, veste os saiotes à pressa, põe sua capa de pano, agarra no pequeno e toca para a igreja, a ouvir missa antes do trabalho.

Pareceu-lhe o rapaz menos pesado, essa manhã, mas ainda fazia noite, ela estava com pressa, e foi andando.

Igreja cheia: ao fundo as seis velas bruxuleando aos ventos d'alva; e na sombra das capelas, as imagens pareciam ameaçá-la com os seus braços de madeira carunchenta.

Inda nem pardais chiavam nas cimalhas. Entravam a cada momento, sapateando, os grossos camponeses, de fouce à cinta, arregaçados, com olhos de dormir.

E o padre, com uma alva rota, a voz surda, ia celebrando o sacrifício.

Quando por baixo do capote da Rosa entrou o badameco a espernear.

Puxava-lhe as roupinhas de manso, deitava os bracinhos de fora, dava pontapés com insistência, para recomeçar dali a pouco. Diabo de rapaz! «Dous açoutes, a ver se te acomodas!» dizia a Rosa já com vinagre nas ventas: e dizendo-o bem, inda o fazia melhor.

Porém o criança não tinha emenda, assoprava como gato em saco de galego, em termos da Rosa sacar a mama, resolvida a enfiar o bico da teta pela bocarra do traquinas.

E o traquinas, lá vai dentada na mãe. O quê? Boca de quatro meses, ornada com dentinhos assim? Ai, o grande mariola! Espera! — e exasperada, a mulher levanta o capote.

As vizinhas, indo a afagar o infante, sentiram-lhe a pelugem sebosa das canelas.

Diabo de precocidade!

E prosseguindo manso no exame, recapitularam, a parágrafo tantos, sem mais delongas, que o mostrengo ou era o diabo, ou era o marido. Era o marido! Porém o marido era o diabo.

Imagine-se aqui o tumulto.

Toda a bacoragem das moças rompeu a calada do templo com faniquitos de pânico. As velhas atropelavam-se, caminho da água benta, havendo tal que pretendia imergir no católico licor, as anatomias menos propensas à invasão diabólico-morbífica.

Em começo não se sabia bem o que era; todos falavam ao mesmo tempo, na sombra da igreja, confundindo perguntas e respostas; mas vai que a coisa correu, estar homem nu por baixo da capa duma freguesa, e surdas cóleras logo, sobreexcitações fanáticas, foram avassalando a canalha de Sant'Ana.

Hein? Pois o amigo demónio, simples régulo desobediente às leis imperiais do Todo-Poderoso, reles D. Carlos guerrilhando nas montanhas do mal, ousava vir aos paços de Deus, disfarçado por baixo do capote duma adúltera?

— Eh, rapazes de Sant'Ana! Vocês não olham para tamanha astúcia?

E uma gralhada de beatas e alcoviteiras interrompia já o serviço divino. Algumas das bruxas estatelavam-se

no sopé dos altares, osculando as tábuas imundas, ganindo por misericórdia.

Uma óssea e trombuda, de nariz trufado, subira a abraçar os rins dum S. Francisco, que despenhando-se, teve por bem esmagar-lhe as cacholas com uma das benditas manápulas, escultada em atitudes d'abençoar.

Os camponeses viram então milagre no crime do santo, e de fouces erguidas correram à Rosa, que largou de si o marido nu, trazido da cama por engano, em vez do filho. Então é que foi berreiro e chanfranafra!

O desalinho do demo punha curiosidades picantes nas mulheres. Aqui e além, os incrédulos riam, batendo nalgadas no estranho fantochino, tão singularmente lanígero, que tiritava de terror, sem saber como ocultar tão vergonhosa nudez.

Porém os furiosos tinham-se apoderado dele, em brados descomunais, delirando por afogá-lo na pia baptismal.

Em-balde o padre queria chamá-los a sossego, persuadi-los de que a coisa não passava duma peça d'entrudo.

Já os olhos se acendiam de faúlhas sinistras, e os gritos de — mata! mata! — entravam a circular.

— É o diabo! declaravam todos. Nós o vimos, fora de horas, este mesmo, aos pulos por esses raivais!

— Então damos cabo dele.

A Rosa, em soluços, agarrava-se às pernas dos algozes, pedindo graça, e eles, com palavras obscenas, iam-na atirando para o lado.

Um cabreiro das Torres, o *Palhaço*, modelo espadaúdo de bárbaro, estúpido, negro, catadura feroz de colosso egípcio, os olhos convergentes sobre o nariz

caído como um monco, agarrou no grão de milho por um braço e erguendo-o do chão, pô-lo às cavalitas nos ombros, e cercado dos mais, foi correndo para a pia do baptismo.

Porém antes de lá chegar viu a porta da torre escancarada, e os primeiros degraus da escada, carcomida entre esfumaçadas lúgubres.

A mesma ideia sobreveio às cabeças, naquela hora, e o *Palhaço* enfiou pelo esguio portelo ogival, corcovando o enorme dorso às circunvoluções do caracol d'alvenaria, que levava lá cima, aos varandins dos sinos — enquanto a turba dos rebeldes ficava à espera no adro.

Dentro em pouco apareceram, carrasco e vítima, e todos viram o *Palhaço* segurando pelas canelas um corpito seco, que se debatia com berros de terror, dando nos ares a silhueta dum coelho. Já àquele tempo os ânimos se apiedavam, caindo em si, de ver como a farsa ia produzir desmantelos trágicos.

Muitos, de gasnete erguido, pediam que fosse solto o pobre diabo. Porém o *Palhaço* estava bêbedo, nada ouvia, uma seiva feroz ascendia por ele, e numa alegria terrível, a sua grenha revolvia-se à brisa da manhã.

Ouviram-no por instantes praguejar cópia d'impropérios, estendeu os braços num largo impulso de mola abandonada a si mesma, abriu as mãos de repente...

Manhã clara. Uma flecha de sol zimbrou nesse instante a madrepérola dos céus, indo bater na caliça de Monte Oito. E desferido com rija valentia, o corpo do Carrasquinho veio amachucar-se em baixo, cavamente, nas velhas lajes sepulcrais do adro.

Tragédia na árvore

Na minha horta, como a Primavera começa, vocês não imaginam como é fresca, exuberante, e viva, a passarada.

Todo o pomar floresce ao sol, esbracejando por cima das relvas picadas de campainhas e trevos.

Vão um pouco através dessas ruas de parreiras, alfazema, dálias, e rosais, té lá baixo ao tanque. Hein? Corolas gotejando pérolas d'orvalho, pérolas que entornam subtis perfumes. À medida que as árvores se vestem, e a tepidez do ar, e a lucidez do céu, e a magnificência do sol, são duradouras em demasia para garantir prosperidade ao pequenos seres, começa por todos os escaninhos de troncos, penedos, musgos, ramarias e folhas, uma invasão d'artífices lestos, chilreantes, alados, contentes, vestidos de cores singulares, republicanos mais ou menos, que vêm fundar à maneira dos outros anos, a sua grande e pitoresca cidade de ninhos.

Têm quási todos os seus hábitos próprios, inconfundíveis, pacatos, hábitos d'interior, que os vizinhos são forçados a respeitar. E deixem-me aqui dizer-lhes que os pássaros são mais egoistas do que aparentam. São!

O melro, por exemplo. O pardal. A obesa calhandra dos trigos. O patife do pintassilgo. O devasso do tentilhão. Somítegos, desconfiados, comodistas... Que súcia!

Certa formiga já velha, que soubera escamugir-se em mais duma rusga, à voracidade daqueles libertinos, disse-me aí pelo tempo das eiras — ninguém me venha cá falar em inocências de pássaros.

Judiciosa sentença de formiga!

E tão maus, que me lembro agora dum caso... — foi lá na horta, um ano a fazer pela Ascensão. Certa manhã no laranjal, dei por um melro voando baixo, surrateiramente, com duas fibras de grama no bico. Deixava a fibras fosse onde fosse, voltava a buscar mais, sem ruído d'asas ou assobios de triunfo, tão curioso na lida, que me deixo ir atrás dele, por ver de perto o que fazia. Defronte da casa há uma rua de tílias e castanheiros, levando à ribeira que desliza no fundo da propriedade, pedregosa, entre canaviais e velhos freixos, e moradio dilecto do passaredo. Duma banda e outra, sabugueiros, balsas enredadas, silvados cheios de flores; e a ribeira gorgoleja, precipita-se espadanando por baixo das pontes, e agitando de rodilhão as rodas das azenhas. A fêmea, incansável (era uma fêmea) penetrava como uma flecha ao coração da balseira, donairosa, azul de negra que era, veloz, entusiasmada, vibrando maternas ternuras, entanto que o macho vigiava o campo, pousado num carapeteiro. Eu esfregava as mãos de satisfeito. Que os ninhos dão fortuna à propriedade.

Rompia da balsa uma faia enormíssima, corpulenta e altiva entre as demais, em volta de cujos ramos mil folhitas d'ouro verde esvoaçavam às transparências do

sol. Tenho olhos de lince, olhos de caçador que se preza: de maneira que não foi preciso olhar muito, para distinguir sobre a faia, a meia altura, num garfo de ramitos balouçados ao vento, o mais ligeiro ninho de pintassilgo, todo em musgos, lianas de fibra imponderável, penugens arrancadas pela mãe ao próprio ventre, nas fúrias dum louco amor instintivo. No cimo da faia, no cimo, como quem dissesse lá riba, nas águas-furtadas do prédio, morava um rouxinol.

— Como poetas de génio, os rouxinóis não podiam morar senão em águas-furtadas.

E toda a noite ele cantava nos píncaros da árvore gigantesca! Como o ouvia da janela embevecido, quis-me parecer, francamente, que o velhaco roubava pedaços às *Flores do Campo*, do João. Sob a lua clara d'Abril, ao pestanejar das estrelas, a sua voz corria escalas, tomava alturas extraordinárias, brios, inéditas riquezas, ressonâncias inauditas, e esse largo estilo de canto, já hoje raro até nos tenores célebres. A faia tornara-se, pois, conservatório; melros ao rés-do-chão; no andar nobre, pintassilgos, o rouxinol boémio nas águas-furtadas. Durante o dia o melro assobiava, e o pintassilgo vá de fazer vocalizações.

Ah, mas debalde queriam ambos macaquear o rouxinol! Isolados, agradariam talvez como rústicos trovadores; eram porém ridículos junto a semelhante adversário.

Mal o campo adormecia calava o melro o seu siflo de gaiato. Comidos d'inveja, punham ponto os vaidosos pintassilgos. E eis o rouxinol lançando triunfalmente ao anfiteatro de colinas, o grande motivo d'ópera a executar.

Cantam sobretudo de noite, os rouxinóis, fazendo lua, quando as mais aves dormem burguesamente, com as cabeças debaixo da asa. É então que a voz lhes ganha acentos patéticos, melodias nuançadas de paixão, veemências, caprichos, súplicas. Ninguém rimou ainda com mais cruciante lirismo o poema da melancolia. Para entendê-los é necessário ser pobre, ter talento, e ter sofrido. Dão a nostalgia do céu, esses saboianos cuja voz estanca as dores da alma, e cuja existência faz cismar, pelo mistério de que se enubla. Encarcerados, morrem de tristeza. Desaparecem quando murcham as primeiras madressilvas. As suas penas têm uma cor parda d'andrajos. Pequenos, contrafeitos, moles, cismadores, com pouca força nas asitas, dir-se-iam convalescentes, ou forasteiros, que o clima do país estiolasse. Almas talvez de poetas, volvendo em pássaro, à procura das suas Lauras e Natércias.

Desde que os competidores do rouxinol se convenceram d'impotência, travou-se na árvore uma batalha furibunda. Todo o dia os melros faziam exasperadas tentativas para dobrar o canto, e ir *smorzando* a pobre *Maria Cachucha* que tinham aprendido no berço e os pintassilgos, inchados de prosápia, ensaiavam trilos e garganteavam arietas, à maneira também do rouxinol.

À volta deles, nas ramas dos salgueiros, nos ninhos, nos ares, a passarada ria sem rebuços, das filáucias daqueles impertigados cantadores. Havia um cuco, sobretudo, admirável d'escárnio. Nunca vi cuco assim trocista e folião. Porque era começar o *charivari* de melros e pintassilgos nas pernadas baixas da faia, entrava o velhaco logo — *cu-cu! cu-cu!*

Só o rouxinol na sua água-furtada sobranceira aos campos, numa atmosfera de sossego, dominando algares, colinas, o rouxinol calado, absorto numa espécie de sonho poético, parecia não cuidar d'adversários, caído nessa morna tristeza que consome, fora do tablado, os grandes trágicos e cantores.

Noite, desce dos montes! Já vão enegrecendo nas nuvens as últimas ourelas d'oiro e cochonilha. E aí temos o rouxinol que desperta, e se agita, tomado dum nervosismo histérico, e esvoaçava, lançando os primeiros acentos melódicos, como um belo tenor, por ensaiar a voz antes que a plateia rumoreje, e a abóbada azul do grande teatro ilumine o seu lustre d'estrelas e romântico luar. Fatigados àquela hora, melros e pintassilgos não queriam senão dormir. Mas quem diz que o consente a vibrante voz do boémio que mora por cima? Isto recrudescia o rancor das aves invejosas, que juraram vingar-se. Tinha o rouxinol nos cimos da faia, uma família que ocultamente ia educando.

Esposa, uma ninhada de pequenos... aquilo tudo linfático, e pobre, não descendo jamais a escada do prédio, até cá baixo à ribeira.

Os melros então foram visitar os pintassilgos.

— Tu não me dirás com que direito o rouxinol nos perturba o sono?

— E nos excede na beleza do canto? disse o pintassilgo insolentíssimo.

— E nos humilha.

— E nos depreza, com aquele seu indiferentismo de grão-senhor.

— Dizem que é fraco.

— Que os filhos dele ainda não podem voar.

— Então castiguemo-lo!

— Diabo! disse o melro. Chamar-nos-ão cobardes.

— Cada qual com as armas que Deus lhe deu. Venceu-nos ele com a voz; vencê-lo-emos co' a força.

O melro, coitado, hesitava.

— Vamos a ele, disse o outro patarreco. E iam subindo e saltitando na faia.

— Com esse grande bico, insinuava sempre o pintassilgo, podes bem tirar os olhos, e comer-lhe os filhos. Eu por mim, se o ninho tiver ovos, parto-lhos. Apre!

Assim treparam lá cima, e ante o terrível adversário, sentiram o seu furor reduplicar. O melro já via um mar de sangue por diante dos olhos. E atirou-se ao desprevenido rouxinol, que a essa hora estava compondo, mentalmente, uma barcarola patética. Foi então uma batalha desigual, sanguinolenta e terrível. Os pequenos, feridos ou mortos, caiam à ribeira; fez-se em pedaços o ninho, o mesmo rouxinol desertou e fugiu. E agora lá anda ele, errante e sem guarida, como aquele rei árabe expulso de Granada, cantando as tristezas do exílio, as recordações da felicidade, e as santíssimas legendas da família.

A velha

Entretanto, os senhores ficam avisados de que esta história é um pouco triste. Era uma velha que vivia em companhia do filho, numa aldeia da Bairrada, lá para as bandas do Luso. E o filho era casado. A mulher dele não gostava da sogra, como é d'uso, e zus duma banda, zus doutra, lá vinha sempre a assanhada da moça meter-se com a pobre da velha, que tudo ouvia, coitadinha sem jamais retrucar uma palavra. O seu coração golfava amargura e tormentos, por vezes, naquela cabana de campónios, onde as inércias da doença e a invalidez dos anos, quási lhe não deixavam mexer palha, da lareira para o quintal, e do quintal para a lareira.

Por mais que ela se encolhesse nas estamenhas velhas do seu trajo, por menor que fosse a *bucha* arrancada à broa de milho, durante as refeições, sempre o seu vulto estorvava os outros na cabana, e sempre à volta da banca, sorvidas gulosamente as últimas colheres de caldo verde, alguém ficava com ciúmes do que a velha ia mastigando, com os seis trôpegos dentes que ainda restavam na sua boca murcha de não rir há muito tempo.

Uma noite, era por Dezembro, no sopé do Caramulo, e à vista da Serra da Estrela, sempre neve, por Dezembro! — uma noite, à hora da ceia, os ódios da nora arreganharam mais vivos contra a velha as suas dentuças peçonhentas. Ela ouviu, ouviu... Mas daquela vez fora medonho. Deixou cair a colher no fundo da malga em que comia, e lentamente pôs-se a erguer por sobre os ombros, à guisa de capote, a saia de estamenha que trazia vestida. E só passado um instante ela disse, em voz mui baixa, tartamudeada pela emoção:

— Se vos faço estorvo na casa, digam-no vocês, que me vou já, sem mais aquelas.

E alongava a pobre cabeça branca, a fim de não perder uma palavra do que sem dúvida seu filho iria responder. Mas o filho da velha, filho único, deixara-se ficar calado, com os olhos no fundo da sua tijela, e triturando nos gumes dos incisivos, restos de côdeas esquecidas sobre a mesa. E a desgraçada embalde punha no casal a angústia dos seus olhos extintos!

Uns poucos de segundos passaram ainda, dentro dos quais não se ouvia senão o *tic-tac* seco, monótono, escarninho quási, do velho relógio suspenso na parede, por cima duma grande arca de castanho.

Eu bem dizia: é um poucochinho triste a historieta. Seguidamente a nora ergueu-se. E ao entrar na casa dos bois, com o alguidar vazio das sopas da ceia, virou-se, e disse:

— Já vocemecê sabe que ninguém lhe acudirá. Que abale ou fique, pouco se nos dá.

E aquele filho calado, enrolando um cigarro, da outra banda da mesa, sem olhar para as fundas rugas

da sua miséria e da sua idade! Então a pobre mulher pôs-se de pé, desenferrujando as juntas para se dispor a caminhar. Tirou da arca meia dúzia de trapos que lá tinha. E turbados de lágrimas, os seus olhos contemplam a casinhola onde tinha passado a vida toda, desde o nascer, dia por dia, a casa que seu pai lhe dera por legítima, e com que ela presenteara o filho, toda contente, no dia em que o vil se tinha ido casar.

Da arribana então quis-lhe parecer que a nora resmungava:

— E não se despacha, a seresma!

Abriu docemente a porta do casebre, e foi-se embora. Que tormenta de neve cai lá fora, Nossa Senhora de Mortágua! Já todo esse campo está de camisa nova vestida, e muito branca... da lua escorrem luzeiros opados, cor de pérola, cor de cinza, através do nevão que está caindo. E uma lufada de flocos parece que teima em empurrar a velhota para dentro de casa, como quem aconselha se abrigue.

— Deixa-me, deixa-me, granizo estuporado! responde tràgicamente a pobre expulsa, como se falasse à lufada: tu não mandas coisa alguma ali dentro de casa. E o seu dono deu-me a saber que eu estava de sobejo, entre os que lá vivem, estuporado granizo!

Aí vai ela, aí vai, trôpega, corcovada, através da fantástica noite de neve, lutando contra o frio, lutando contra as marafalhas de gelo que se lhe derretem na cara, e sobre as mãos encarquilhadas.

As suas forças esgotam-se, ergue os olhos a Deus, e um vago terror se lhe apodera do espírito, naquela

solidão sinistra do caminho. Dentro de pouco ela já nem poderá afastar da cara os brancos flocos que lhe causticam as rugas, por tal forma tem as mãos entorpecidas. Uma lassidão traiçoeira começa a invadi-la, dos pés aos quadris, e da ponta dos dedos aos extremos superiores do antebraço. Reza uma Salvé Rainha a Nossa Senhora da Mortágua. Irá levar-lhe para a lâmpada, uma almotolia de azeite novo se viver. Mas quando? quando? Em solteira, ia ela, no carro de bois, pela romaria d'Agosto, até ao monte que ensombra a vila, má-lo pai, e os irmãos, e os parentes, de chapéu novo, lenço de seda, e tamancos de polimento, mais ricos, com seu tacão encarnado. Cada qual depois fora morrendo, um agora, outro ao depois... terras vendidas, filhas casadas... e agora expulsa de casa, e tão pertinho já da sepultura!

— Não lhes dizia eu que era uma historieta um pouco triste?

Uma lassidão traiçoeira começava a invadi-la, e vai subindo. Há um momento em que ela já não pode... *Salvé Rainha, mãe de misericórdia...* Oh! como a cabeça anda à roda! *Nossa Senhora de Mort...* e acocora-se na vereda, a pobre velha, crispada de pés e pernas... *Vida de doçura, esperança nossa...* E cai para o lado, fechando os olhos, numa suprema agonia. Triste, um pouco triste, a historieta.

Desperta ao calor dum lume crepitante — é uma casa já velha, muito pobre — e um velho esperta a fogueira com ramos de pinho seco, que vai partindo e deitando. O velho tem-se aproximado, risonho, carinhoso.

— Eh lá! tia mulher!

Ela só vagamente percebe as suas vozes de aconchego.

— Eh lá! repete o homenzinho.

Já os seus olhos o fitam com mais concentrada solicitude.

— Eh, mana mulher!

Então a vagabunda conhece-o. É o moleiro do Pego, que a requestara em cachopa, e na romaria d'Agosto, em Mortágua, lhe arrancara a confissão dum amor, que a leviana, mais tarde... Raparigas! Raparigas! Tinha jurado esta não casar com outro, à hora dele partir para soldado. E encontrara-a casada, ao voltar, o pobre diabo!

A velha não diz nada, passaram cincoenta anos: e uma grande comoção a agita, e envolve, e entorpece. Vai fazer um esforço para se erguer do canto — é melhor, a fim de começar a sua peregrinagem por esses montes, sob a neve, té que as matilhas de lobos lhe arremetam. Aventura-se a dizer, como ele a encara:

— Mas que hei-de eu ficar aqui fazendo?

— O que fazem pessoas da nossa idade, mana mulher. Pouca coisa. Descansar.

— Dirão de nós que dormimos.

— E isso que tem, nesta idade? O último a morrer fechará os olhos do primeiro que se tiver ido. Deixe-se ficar aqui. É como se a minha mana voltasse, graças a Deus, do outro mundo.

Ela reparava, cismando, nas carantonhas que a cinza esquissava, de capricho, por sobre o vermelho fulvo do brasido. E por esse campo, a tormenta de neve não cessava de cair.

Pouco depois contava-lhe ele a sua vida. Era uma tranquila história de trabalho, pouco batalhada contra a miséria, mas com raros solavancos de alegria também; uma pachorrenta história de três figuras, moinho, moleiro e burro, vivendo todos três na santa paz de Nos'Senhor. Mas o que ela sofrera, a pobre velha! O que ela tinha sofrido desde o casamento!

— Pra lhe falar ensinado, fez o moleiro, nada me espanta da sua pouca fortuna. Vomecê foi como as outras mulheres, alma penada por homem, e sem paciência d'aguardar a fortuna, quando lhe picou o sangue na guelra, como o peixe. Ah, não há meio, tornava ele, não há meio de as fazer ter paciência! Em a tal coisa lhes subindo à garganta, hão-de casar por força, vocês. Receba agora o mau pago de não ter querido aguardar o pobre tarimbeiro. — É castigo de Deus! tornava ele, e a velha abanava a cabeça em sinal de afirmação.

— Pois fique, fique, dizia o moleiro chegando para ela o seu rude escabelo de pinho. Por acaso tem medo às línguas más? O mundo que poderá dizer, se o nosso tempo já passou? Muita vez me ponho a considerar nos que casam, para que o mundo não tenha fim. Aí se carregam eles de filhos, que têm obrigação de sustentar e trazer agasalhados. E os filhos crescem, á medida que os pais se vão alcachinando de velhice.

Por fim estão fortes, trabalham, casam-se os rapazes... Raio de vida, ali a um canto da cozinha, os velhos pais já não fazem senão dormir e comer. Esta vida ociosa aborrece em casa de gente pobre. É um desaforo, uma pouca vergonha... Queixa-se a nora do

pão que lhe escasseia na tabuleiro? Pudera não! Os velhos não fazem senão comer. Há uma contenda à lareira? Se os velhos são uns intrigantes! Rico vai o ano de Deus, a seara folhuda e bem lançada, a vinha rija, e tão viçoso o couval! Que vinténs nós pouparíamos, marido, ao canto da arca, se teu pai nos não pesasse tanto, o estupor ruim! — Dirás se eu tenho razão, mana mulher, dirás se eu tenho razão, dizia o velho. E a velha abanava a cabeça, deixando as suas lágrimas correr a quatro e quatro.

— Ainda bem que eu fiquei solteiro, por me haveres faltado ao juramento. Teriam vindo os filhos, miséria na casa, moínho vendido para os criar... e depois de crescidos, vai-te lá para o esterco, estafermo podre, diria essa canalha d'ingratos! Mas padecera também d'isolamento. Todos sofremos, desta maneira ou daqueloutra. Já tu eras casada, punha-me a figurar, por desfastio, está de ver, a minha vida contigo, no moínho, com um bom jantar ao canto do fogo, abóboras a curtir no telhado do alpendre, e três ou quatro porcos no chiqueiro, para a fartura do ano. Dava-me aquilo um bem-estar! Hoje que estás aí, parece que o meu sonho foi certo, e que esta noite vem continuada de muitas que temos passado a aquecer-nos do frio, por baixo da mesma chaminé, como casados.

A velha entreabria um riso vago, naqueles seus beiços, murchos de não rirem há muito tempo. Oh, como a vida tem minutos serenos! E ele lhe tomava as mãos pergaminhosas, nas suas mãos com dedos cobertos de nós e calos, para evocar junto dos seus brancos cabelos, juventude, alegria — que sei eu! —

promessas, romagens, fatos novos... Através daquelas reminiscências, a velha ia percorrendo assim paisagens desvanecidas, cenas d'outrora, idílicas e frescas, todo um passado flutuante entre saudades, e tão longe, Senhora de Mortágua, tão longe!... E as mãos se cerram entre as mãos pergaminhosas, e sorri a velha com o seu triste rosto encarquilhado.

— Houve um tempo, vai ela a dizer. Houve um tempo...

A mesma doce melancolia inclina a face aos dois, para uma carícia que nem sequer se chega a esboçar, pois eles calam-se a ouvir dentro do peito os corações reverdecidos... Ia jurar que o vento cessa: só a neve continua polvilhando os braços das árvores com uma primavera fantástica de floritas, menos brancas que a pureza daquele amor, sagrado quási. Eu bem dizia aos senhores — esta história é um pouco triste.

Idílio triste

Quando o boieiro da Vanga cegou, a filha tinha completos os dezesseis. Tipo de montanhesa, tostado, arquitectural, com formas animais que a tornavam desejada, e um abandono de trajos que mais lhe punha em relevo os frutos acres da virgindade. O que nela tentava era a expressão selvagem dos olhos, olhos salientes de córnea, sem branco, com íris turvas que lembravam latão embaciado, e uma inquietação de raposa nova nos modos de fitar a gente. A grenha russa que lhe caía para a testa, ainda mais acentuava o seu bravio aspecto de cabra. A carne era dura, por baixo da pele brunida, onde a cada movimento, por pequeno que fosse, se percebia a estriação dos músculos, e descalça, com um saiote que servia para a despir com mais graça, ela fazia uma espécie de cópia da mulher das idades bárbaras, dura de formas, bela e grosseira, e com esse cheiro de mato que é o perfume mais delicado de certas caças da montanha. O hábito de guardar as novilhas identificara-a com elas: havia nos seus beiços desdenhosos uns restos da ruminação dos herbívoros, e nas suas espáduas amplas, secas, elásticas, uma força pacífica e uma fulva nudez, que deviam já

ter prendido o coração d'algum touro. Quási todo o ano os bois pasciam na montanha. Raros pastores cruzavam aqueles cerros penhascosos da Vanga; por forma que o sítio era para o rebanho, para o boieiro, e para a filha, um como ilhéu no meio da terra firme, furtado aos caminhos viáveis, e às curiosidades da aldeia. Falando bem, já se não sabia quem era o boieiro, ou de que mulher nascera a filha.

Tinham-na mesmo baptizado? Os guardas dos rebanhos são singulares criaturas, sabeistas como os antigos povos pastores, contempladoras, crédulas, capazes de prestar culto a toda a geografia dos astros, e ajudando os poetas a recompor com sagacidade essa vasta epopeia de navegações empreendidas outrora por deuses e heróis, nos oceanos celestes, à descoberta dos arquipélagos d'estrelas. Pai e filha falavam pouco.

As solidões concentram o espírito, e cerram os lábios num movimento solene. Além de que, entre os dois, a haver amor, era rudimentar, como o instinto nas bestas. O velho chamava a rapariga por assobios, como às vacas. De resto, a verdade é que não havia diferença. Quando o boieiro cegou, a princípio, foi cruel. Ela não sabia compreender como cega uma pessoa, conservando os olhos límpidos e abertos, e deixava-o tateando pelos córregos denegridos, sobre as lombas dos montes, sem se importar quando ele ia rebolando ao fundo dos despenhadeiros, ou se feria as ventas d'encontro aos carrascos da escarpa. Descortinado das cristas, onde eles erravam, pai e filha, o panorama era grave, concentrado, austero de ritmo. Uma natureza carnuda, pouco fecunda, brutal de perfil, mostrava as mamelas viris, nesse vasto sossego de

virgindade dormente que nenhum desejo espicaçou ainda. De roda, vales cobertos de tojo, piorneiras, cilas e troviscos, sem caminhos, sem pássaros, sem florações: colinas ásperas fazendo uma espécie de galope d'ondas, por quarenta léguas de raio, té aos limites do céu, e lá longe, marcando os quartéis generais das herdades, casalitos brancos com medas de palha à boca das arribanas, grandes e agudas como obeliscos — lá longe, entre azinheiras nodosas, que tinham o ar de monumentos fúnebres, contemporâneos dos dólmens.

Essa manhã, como ela descera ao pascigo das reses encosta abaixo, contra um vale tenebroso d'entre cabeços viu sair de baixo da ponte um vulto de homem esfarrapado, que parecia não haver atentado nela, e cambaleava como atordoado ainda por um fim de bebedeira. Com um jeito montês ele atirou mais para o ombro a manta alentejana, em farpões, branca e preta, que lhe fora escorregando pelo braço. Evidentemente ia ao acaso, porque se pôs imóvel sobre a barreira a farejar os rumores da redondeza, com um feitio adunco de gato-bravo, curvado para a poça d'água que dormia no fundo do barranco. O sítio, de roda, dir-se-ia intentar não sei que emboscada medonha. Grandes sobreiros estacavam por toda a banda, com fisionomias lúgubres, contorcendo as pernadas numa musculatura furiosa e vermelha. Abaixo destes sinistros colossos, não tinha exuberâncias nem mimos a Primavera. Húmidas penumbras estagnavam à flor da terra: reles camilhas de musgos, fulvas, verdenegras, cor de sangue pisado, cobriam o chão tortuoso, por cujos rasgões rompia a ossatura das rochas, com esqualidezes de ombros fu-

rando os andrajos dum pedinte. Em face, nenhuma nesga de horizonte sequer adivinhada por entre dois cabeços mais broncos. Estevais por toda a parte, urze pouca... só os medronheiros protestavam com o seu verde vivo, contra as sombrias gamas do matagal. E um silêncio! Por ali não voavam cotovias. Algum passarito do mato, destes trepadores cinzentos, ágeis, pequeninos, que esvoaçam em espiral nos troncos dos carrascos receosos da própria palpitação das suas asas, ou o cacarejar traiçoeiro das víboras, cujos sobressaltos guardam o frenesi macabro de pequenos espíritos malfazejos da charneca.

Já perto, quando os novilhos se abeiravam da poça, o maltês virou a cabeça, agarrando na espingarda d'esguelha. O branco dos seus olhos, tinto de bílis, mais lhe creditava o ar fulvo de fera que ele tinha, assim acocorado na barreira.

— Guarde-a Deus, mana mulher, disse em voz baixa o valdevinos. Isto aqui, de quem é?

— Isto aqui é Vanga, tio, disse a boieira. Guarde-o Deus.

— Vanga. Trazem ganhões, cá na herdade?

Ela admirou-se.

— Herdade? É lá longe, por trás daqueles cabeços. Aqui é só pastage, não vê?

As vacas vinham descendo: já uma bezerra roçava os focinhos na superfície irisada da água, varrendo os cheiros podres do pântano cos fundos assopros das ventas causticadas. E como a rapariga seguia:

— Olhe cá, mana mulher, disse o maltês, vocemecê é que me podia fazer uma esmolinha... Vai pra dois dias que não entra neste corpo migalha de pão de

Nosso Senhor. Sezões que é de morrer. Longe da minha gente... E daí, se me desse um tasgalhinho de pão, por alma dos seus defuntos...

— Deixe ver, irmão, disse a moça, deixe ver.

Dependurara o bornal de pele de cabra, partiu em dois o rolão duro que lá vinha, mais um tarro d'azeitonas sapateiras, e diante dele, agachando-se, deu-lhe a ração melhor. Deveras faminto, o maltês manducava o quinhão que percebera. E apaziguado no sobressalto duma cilada, depusera a alma, cortêsmente, junto à boieira. Detiveram-se então já tranquilos os olhos desta na figura do maltês que lhe surgira. Era um diabo emagrecido de miséria, descalço, enorme, e com cabelos de linho muito emaranhados sob um gorro azul debruado a vermelho. Uma camisola de lã crua vestia-lhe o tronco, com jaleca de saragoça por cima, toda amarela de velhice. Calças largas, lustrosas de cebo nas coxas, tinham rasgões à altura dos joelhos, e via-se por baixo uma carne brunida de latagão, onde a magreza fazia descriminar musculaturas emaciadas pela horrível febre alentejana. Tinha uma cara soberba; ainda assim, o vagabundo, amarelenta d'icterícia, com duros vincos entre os sobrolhos d'oiro, e um forte nariz de ventas esmurradas, cujas narinas batiam nas expirações tumultuárias, como duas portas atiradas pela ventania.

— Pelos modos, disse a boieira, não é destes sítios, vocemecê?

— Nada, não sou destes sítios.

E acrescentou, mostrando o poente: sou d'a-par d'Évora, lá pr'aquelas bandas.

— Se busca trabalho, lá no monte recebem-no. É o

tempo das cavadas; est'ano tem faltado família prà faina, que é uma coisa por demais.

— E a como pagam de jorna, sabe-me dizer?

— Primeiro era a doze e de comer. Agora estou que há-de ser mais. Quer que vá perguntar aos meus irmãos? Andam lá riba roçando mato.

Ele engoliu em seco, estremecendo. E quási em voz baixa:

— Os manos de vonce'cê vão por qui perto?

Mas a boieira sorri sem dar resposta. Tirara o cocharro (1) do bornal, e chamou caricioSamente a grande vaca amarela, a fim de lhe mugir uma cocharrada de leite. Já ele estava de pé, com a espingarda na unha, a cabeça àlerta, farejando cilada, pronto a partir.

Ela percebeu logo.

— Fale franco, mano homem. Vocemecê anda fugido.

E apresentou-lhe o leite que espumava, com um travor de funcho e chupa-méis.

— Beba lá, ande, acudiu ela.

O maltês agarrou no cocharro, e os seus olhos traíam desconfiança nas elipses em que rolavam, desorientados, duma banda para a outra. E a meio de beber, de repente, co'a voz zigzagueando atrevimento:

— Ando fugido, ando. Há três meses. De soldado. Não tenho medo! Aqui há homem pra homem, saiba lá. Vonce'cê a dar um grito, mana mulher, e eu a furar-lhe logo essas cacholas, com uma ameixa ou com duas, conforme adregue. Medo? Eh! Eh! Isso tem ele!

---

(1) Escudela de cortiça, vulgar no campo alentejano.

E depois, sempre digo uma *rezão*. Quem repartiu comigo o seu jantar, entendo que não faz tenção de me perder.

— É tal e qual, retrucou, vencida, a boieira. É tal e qual.

— Fugi de soldado. Não é crime nenhum. Vonce'cê tem irmãos? Saberá o que custa deixar com fome a nossa gente, pra servir o rei que uma pessoa nem sabe quem diabo é. Daí, foi uma pouca vergonha! Meu mano mais velho ainda estava na praça. Pra livrarem um rico, lá de S. Miguel, mandaram-me apresentar a mim. Desertei. Que havia d'eu fazer? E por i ando. Em povoados não entro... nos montes cuidam que sou algum ladrão... — Não há trabalho, todos dizem que não têm trabalho para me dar. E ala pra longe, maltês, quanto mais depressa, melhor! Pois então! A dormir por esses barrancos, a morrer de fome por esses azinhais... Até os cães arremetem quando eu passo, e eu não faço mal a ninguém!

Compadecida, nem falava a boieira.

— Deus lhe pague a esmola, mana mulher, tornou o desertor, levando a mão ao barrete. E fez um salto para o barranco, sumindo meio corpo entre as silveiras e carrascos daquela orla maninha. Ela quis detê-lo ainda.

— Pss... tio. Olhe.

O vagabundo virou-se. Toda escarlate, a rapariga avançou dois passos; tinha os olhos no chão, torcia o avental com modo embaraçado. E foi dizendo aos bocados, sentindo o coração a jogar pulos:

— Que não tivesse receio, mano homem. Era prò ouvir, deixe lá. Ela coitada, nem irmãos tinha. A gente

vivemos sòzinhos, lá riba, nas arribanas do gado... e o pai estava cego ia a fazer um ano... ela é que trazia as vacas ao pastugal, todos os dias, veja vocemecê. Aquilo era um ermo por ali... ele poderia mesmo agasalhar-se querendo, na azenha velha... não há caminhos, ninguém passa... Fica por trás daqueles chaparrais... um casarão que já não serve.

O outro escutava-a como quem presta ouvido à música longínqua dum órgão. E vinha-lhe à boca um sorriso entre surpreso e desconfiado.

— Vocemecê que nome tem? perguntou.

— Eu cá sou Domingas, uma sua criada.

— Domingas, ruminou ele, encarando-a, como se quisera levar-lhe a fisionomia na ideia. Depois fez-lhe um adeus amigável. — Domingas. E desapareceu nos silvados bruscamente.

O dia pareceu à boieira interminável. Alguma coisa faltava junto dela, como um pedaço da sua própria pessoa.

Havia tempos que a moça padecia não sei que renovamento interior: opressões, tumultos de sangue, pesadelos, e pela tarde, nos sítios ermos, absorvências de humor sem explicação.

Como se outra vida tivesse vindo enxertar-se na vida que já vivera, assim ela ia vendo coisas dantes invisíveis, e percebendo coisas dantes inexplicáveis.

Viera-lhe aquilo pelos calores, insidiosamente, uma noite... dormiam os gados estramalhados pola pastagem, sob os corredores tenebrosos do céu, onde dir-se-iam flutuar gigantescas quimeras. E naquela paz onde os grilos soavam, algum vagalume estrelejava os pas-

tos, ou as esquilas dos novilhos batiam, como uma campainha impondo silêncio. E de costas no feno, ao lado do boieiro adormecido, sentindo-se mais crescida a cada espreguiçamento que dava, entristecia-se a moça daquela íntima e misteriosa plenitude, à qual fazia falta o quer que fosse: vinha-lhe uma inquietação, uma curiosidade, um frenesi... pancadas de seio, estonteamentos, vislumbres... — e coçando a pele serrabulhenta do ventre, pasmava de se ter feito tão de repente mulher. A seu lado, os bois vinham lamber os focinhos penugentos das novilhas, cos olhos numa ternura de noivos, e então lembrava-se ela ao passar dos ribeiros, na Primavera, co'a irritação gelada das águas, quando as reses se abraçam pelas ancas, os mugidos parecem rimar uma lírica suspirosa de núpcias, e as caudas batem com prazer mal contido. Porém tais lembranças esbatiam-se-lhe num vago, confundiam-se sem forma, ou iam com outras mais incoerentes, histórias d'estrelas cativas d'amor por algum pastorinho dos montes, os mistérios dos quartos de lua, todos os fenómenos inexplicáveis da abóbada, alvoroçar de pavores a sua cabeça supersticiosa.

Ao outro dia, logo cedo, fez as sopas à pressa para o almoço do velho — comeram em silêncio à porta da arramada: e roca na cinta, fuso no seio, toca! ela aí desce a rabo dos bois. Logo na encosta ia sobressaltada, esquadrinhando os lugares mais sombrios. Mas nada bulia por lá, nem folha, nem cantiga, nem ruído de pássaros, fazendo estalar os ramos do tojo seco. Duas perdizes ergueram-se lá diante, num *rrr*... que se foi perdendo pelos entresolos da floresta; um grifo imenso

pairava no retalho de céu que fazia teto àquela circunferência d'outeiros... E a água, de poça a poça, mandava a sua trança líquida, sem murmúrio, por entre filamentos de limos e grosseiros fetos. Inesperadamente o vagabundo iluminara os mistérios dessa alma de labrega, explicando-lhe as inquietações, os torpores, e as furiosas insónias pela noite, de costas no feno, quando os bezerros vêm lamber o focinho penugento das novilhas. Ergueu então a voz para cantar. Mas a cantiga, a que não respondia o eco da sua alma habitada, como um nicho, pelo vulto dum afecto partilhado, a cantiga ainda mais tingia de roxo a nostalgia vaga do seu peito. Era em começos de Junho. No céu nem a mais leve sombra: profundezas d'anil palpitavam numa suavidade bonançosa: o sol ia subindo, e apenas o grifo, d'asas abertas, quási imóvel no azul, dir-se-ia uma grande traça roendo o manto de Nossa Senhora. Ainda alguns bois colhiam a dente, com mimo, as herbugens rasas do solo.

Domingas foi subindo ao rés do barranco, té à azenha esmantelada, a escogitar onde estaria o maltês. Deserto tudo porém. Deserto tudo! Nem cinzas de fogacho lá por dentro, a qualquer canto, ou vestígio sequer de passadas no lamaçal que precedia o casarão. Desta vez ficou intacto o carrapicho de lã que ela prendera na roca. Preguiçosa! E ia chegando à ramada, absorvida, mas logo retrocedeu, por se ter esquecido de ceifar o feixe de erva para o repasto da noitinha.

— Desconfiar de mim! pensava a moça escandalizada.

O seu grande cuidado, desde então, foi tornar a ver o desertor: e o desertor nunca aparecia. A azenha

já nem telhado tinha. Apenas as traves, e meia dúzia de ripados podres, abrigavam da chuva um canto do velho chavascal. Uma manhã, lusco-fusco, Domingas trouxe dos currais a grande escada de mão, até à azenha.

Enquanto nas ladeiras pascia o gado, andara ela colhendo mato; e começou o seu mister d'arranjadeira. Varrida a casa, forrou-lhe d'urze fresca o pavimento.

Dei três voltas ao castelo,
Sem achar por onde entrar.
— Soldadito d'armas brancas,
Vist'lo por aqui passar?

Arrumou a escada à parede, trepando lesta lá acima, para telhar com piteiras e juncos a porção de ripado que ainda havia.

Esse soldado, senhora,
Morto está no areal;
O corpo tem-o na areia,
E a cabeça no juncal...

— Assim já lhe não chove na cama, dizia ela, terminando. E no barranco os bezerros, quatro ou cinco, cabriolavam, mugindo, marrando uns nos outros por justaposição dos frontais, em que já pruria a excrescência da cornadura nascente.

— Escarapões! gritava-lhes de cima a rapariga.

Três chagas tem no seu corpo
E todas três são mortais:
Por uma entra o sol,
E por outra entra o luar.

No canto abrigado da azenha, sobre plantas moles da ribeira, em cujo tapiz rescendiam aromas murchos de trevos, mentrastes, verbenas selvagens, ela estendeu então as duas melhores peles da arramada.

Pela mais pequena delas
Entrava águia real,
Com suas asas abertas,
Sem as ensanguentar.

— Agora sim! E anediava-lhe os pelos, com esse jeito das coelhas bravas, acarinhando toca para as crias. Todas as manhãs vinha espreitar se alguém dormira, e ainda longe, erguia a voz para dar sinal. Mas tornava desoladamente a ter co pai, não tendo visto ao canto vestígios de lumaréus, ou covo de corpo sobre as peles que estendera à guisa de leito.

Uma noite, já por Maio, a cadela que dormia com eles na arribana, ladrou furiosamente umas poucas de vezes. Chovia a torrentes, lufadas de relâmpagos entravam pelas frinchas da porta, e faziam santelmos nas aberturas da telha-vã. Domingas sentou-se na enxerga, d'ouvido à escuta. Com um tempo daqueles, de certo não era lobo o visitante que a cadela farejava. Nossa Senhora das Relíquias nos acuda! As horas então duplicaram de tamanho para a aflita rapariga. De cada lado tinha a arribana uma fresta oblonga, sobre o terreiro; quem olhasse d'esguelha, por qualquer delas, podia vigiar o alpendre que precedia a grande porta d'entrada. Domingas abriu de manso a portinhola duma e à luz dum relâmpago pôde ver, no poial do alpendre, um vulto de homem acocorado. Ora! Nunca mais pegou no sono. Ao seu canto

o velho rezava a *magnificat*, com medo dos trovões. E de quando em quando a cadela arremetia contra a porta. Apenas foi manhã, desceu à azenha. A chuva tinha poupado o canto que a boieira dias antes telhara. E muito atenta, ela olhava em torno a si.

Mas fez um trejeito de ombros de repente, vendo restos de lume no casebre, e por cima uma grande cruz traçada a carvão.

Três chagas tem o seu corpo,
E todas três são mortais...

Ia a sair.

— Salve-a Deus, mana mulher.

Era o maltês. E a boca dela teve um riso espanejado.

— Eu já cá tinha dito: pelos modos não faz tenção de voltar, o d'outro dia. Como passou então?... a sua família?...

Ele, a mirar o aconchego do canto, redarguiu-lhe:

— Está isto por cá muito janota. Vamos com Deus! nem que fosse casa de noivado.

Aquela simples palavra, a boieira recaiu em si do que fizera. Quis replicar.

— É que... É que... e vermelha até aos cabelos, não atinava co' as desculpas que desse. Então foi ao acaso, pegando a língua em histórias cada vez mais confusas... que às vezes vinha para ali passar o dia, mais os bezerros, e trazia o cego, que andava doente, e ali se deitava um bocado para cima das peles, o carga d'ossos. — Gente velha! gente velha! — Ele tinha os olhos parados no rubor que lhe notara, adivi-

nhando a mentira, extasiado, percebendo a confusão: e babava-se perante a espontânea ternura da boieira, que dir-se-ia estar-lhe oferecendo a plenas mãos, amor com que estancar as vorazes sedes da sua adolescência tão árida.

Assim aquele afecto ingénuo o apaziguara de chofre. Viera desesperado, ululante, feroz, rogando pragas, forjando estrondosas desforras, vendo tudo escarlate, num frenesi de morticínios e incêndios. Vezes sem conto, naqueles dias d'ausência, tivera que fugir às perseguições das herdades, que lobrigando-o alapado por aqueles matos d'esteva, lhe atribuiam os furtos do gado que os lobos talvez tivessem comido. A mil passos e mais, era passar, os cães das manadas ladravam terríveis coros d'alarme, pondo os ganhões de sobreaviso. E duas vezes tivera a clavina erguida para estender na floresta, malandros que o tinham vindo a perseguir com pedradas. Fome e sezões lhe estancavam as energias da luta, cerceando-lhe a esperança, e enlouquecendo-o de medo e fatalidade. De noite era medonho. Ele já não podia mais! Com os pesadelos da febre, oprimia-se-lhe o peito num círculo d'espingardas, cada vez mais cerrado. Então bradava, barafustava, despertava às escuras, sem saber em que lugar tinha caído. E no terror de o terem bispado, lá saía debaixo das silvas, rastejando, a buscar poiso noutro esconderijo mais seguro. Agora porém tudo era diverso junto daquela cabrinha esbelta dos montes, descuidosa e tão sem medo, arregaçada pelos joelhos, nua de braços, relaxado o corpete, zagala bíblica pela face torrada ao grande sol, e a dura anca que fazia prever no seu ventre uma inextinguível fonte de maternidade.

A vida como se lhe enrubescia d'ourelas de oiro, tão fluidas, tão finas, parecendo mergulhar no azul dos sonhos, radiantes cúpulas d'aspirações e felicidades. Para trás, névoas lilases aligeiravam-lhe a memória, de tantas dores que sofrera, e ao longe o futuro expandia-se-lhe numa grande avenida de projecções sorridentes e tranquilas paisagens. E contou ali toda a sua vida, como era a casa lá em S. Miguel, como era a família, os desgostos, mortes, bailaricos, romarias e trabalhos. Ela escutava-o, cismadora, cessando o bailar do fuso, esquecida de cuspir no fio de lã que desencarrapitava da maçaroca, lentamente... e como um silfo de pecado adorável, roçava-lhe pelos cabelos o fecundo beijo que andava no ar, perfumando a conversa dos dois.

O corvo

Aos primeiros clarões da manhã, o casco do galeão tinha-se afundado inteiramente.

Para qualquer lado que se olhava, o mar não tinha termo; o céu ia coberto duma bostela de nuvens cor de chumbo, mosqueada de fulvo, que se fora erguendo duma banda, erguendo, té descobrir sobre a linha do mar uma fímbria d'alva muito pálida, por onde a luz começou a esclarecer de manso o plaino líquido. E esse plaino amainava e começara a perder os vagalhões...

Sobre as águas se erguia, à maneira de torre, um grande ilhéu bronco e tisnado. Era uma massa de fortins dentada toda em roda, por cima de cuja plataforma outras moles gigantes se aprumavam. E havia pórticos, recantos, pátios, levadiças: a ressaca bramia nos recôncavos da rocha babujenta; por cima as nuvens galopavam, embebendo os goelanos e os corvos marinhos do seu chorume glácido e mortal.

Mas que silêncio! A tormenta da noite esfalfara a seu turno os elementos, e do galeão perdido nada restava mais do que um cadáver d'escravo, flutuando de bruços, pela água — tísicas as pernas, os ombros recaindo em bola sob o esforço dos deltoides que a

agonia paralisara na sua derradeira contractura, e a cabeça tão baixa e metida n'água, entre as espáduas, que esse cadáver dir-se-ia havê-la perdido no cepo, sob a machadada certeira dum carrasco.

Entanto a madrugada tocava de lividezes frias a epiderme corrugosa das águas, à medida que as nuvens se erguiam do oriente, pondo na linha d'água uma grande boca de claridade. Essa boca escancarava para dentro duma noção de deserto e d'infinito, sem uma vela, e toda ululante, desse soturno troar que vem do fundo do oceano, como a imprecação de todos os milhões de seres que ele afogou.

Crescia a luz, e as nuvens se iam, lentas e cansadas, para outro hemisfério talvez, descobrindo os mares. E os rochedos do ilhéu, se por um lado desciam na paisagem, do seu prestígio fantástico, nem porisso ficaram menos lúgubres, com as suas grandes arestas medievas, e as suas proporções de sepulcro e pedestal.

De roda, as águas batiam-lhe de través os flancos carcomidos, com uma raiva que parecia insistir na proporção da inutilidade do ataque. E ao largo, por todas as bandas, não se viam senão brilhar palhetas finas na orla das ondas, umas após outras, correndo, e resolvendo-se alfim numa babuge d'espuma efervescnte.

Mau grado o aspecto pacífico, aquela imensidade era sinistra: tintas de cólera passavam às vezes, como maus pensamentos, por baixo da epiderme glauca do oceano; via-se então escancarar covas na água, brotar um braço da espádua duma onda; e o eterno marulho abrir um eco, que estrugia metàlicamente em cada palheta, e acordava no teclado das ondas o mais desconforme coro de rancor.

Sobre uma crista de rocha estava um corvo, um corvo marinho, velho e calculado, cujos olhos corriam o mar à busca de sustento, e cujos lentos meneios traíam na extrema prudência, a sagacidade cruel dos pássaros cobardes, a quem a luta repugna, e que se ingorgitam só de podridão. Tinha as patas fincadas no fraguedo, as asas lassas pendendo ao chão, como se estivessem decepadas, e avançara o pescoco como quem fareja, estralejando o bico à guisa da matrácula. Como era enorme, o vulto dele, naquela postura de caça, tinha um selo diabólico e maldito. Era ainda noute, já o corvo tinha lobrigado o cadáver do escravo à tona d'água, e estivera a espreitá-lo dali, do seu reduto, partilhado entre a voluptuosa sensação da carne podre, e o pavor d'avançar sobre uma presa suspeita, que ele não via bem se vivia ou estava morta.

E de cima da rocha o seu olhar espiava dum lado os outros corvos, e doutro lado o flutuar do corpo, cada vez mais dobrado, e que dir-se-ia lutar contra o impulso das ondas, para fugir às voracidades da ave impassível e satânica.

Do seu poiso elevado enfim o corvo veio descendo, em pulos mansos, aos contrafortes mais baixos do rochedo, em cuja babosa escarpa vinham partir-se os cachões da ressaca.

Aqui se detinha um pouco a olhar de lado a presa cobiçada, além se deixava escorregar pelas salsugens marinhas, recuando aos repoupos, com um pavor cobarde, de cada vez que a vaga vinha marrar com o negro à penedia.

Houve um momento em que o refluxo das águas,

mais forte, desviou o cadáver do ilhéu, cerca duns metros, tomando-o nas curvas dum remoinho brusco que depois o arrojou furiosamente, para uma distância além da penedia.

E isto açulou o apetite sinistro do pássaro, cujas asas se abriram de repente.

De manso, ao rés d'água, sem um grasnido que aos outros desse alarme do nefando repasto, começou ele a voar, numa espiral frenética de gula, que descia e subia, em voos de seta, e tocava ao de leve a carne do cadáver, fugindo, voltando, té lhe ferrar de raspão a primeira bicada.

Sem receio de rivais, aquele funéreo festim haveria parecido à ave delicioso. Mas era evidente que o ciúme de partilhar o banquete o desesperara, e desta vez o corvo tinha pressa em chegar aos bocados saborosos.

...Aí começa uma luta entre o corvo que pula sobre as espáduas do escravo, a ver se o volta, pra lhe sorver os olhos, como regalo primeiro da orgia perpetrada, e o cadáver que se defende à injúria, ocultando cada vez mais a cabeça sob a água, e deixando os braços oscilar, como duas inúteis e inertes barbatanas.

Por muito tempo esta manobra prossegue, e à medida que avança, a impaciência da ave vai num crescendo de cólera inarrável. Ela abre as asas, ergue-se um instante no ar, para cair depois a todo o peso, sobre um ombro do náufrago, a provocar oscilação que lhe desloque o corpo daquela postura passiva de defesa. Ela lhe rasga as carnes com as cortantes lâminas do bico, que se crava mais fundo, e mais, cada vez mais, na proporção da certeza que tem na impunidade. Mas tudo é inútil. O negro lá continua de bruços sobre as ondas,

hirtas as pernas, o cavername do tronco abroquelado em glaciais musculaturas, os ombros sempre unidos, a cabeça debaixo do peito, como em vivo fizera, quando o chicote do amo lhe arava as carnes, delas fazendo suar martírio e sangue. De roda, tudo agora se alarga sob a coral de luz que a manhã canta.

As nuvens foram-se: o sol rebenta afinal à boca do grande deserto d'água, e pacifica-lhe as fúrias co' as refulgências geniais da sua claridade. E nada é mais doce do que esse murmúrio sem fim das grandes águas, horrísono ainda há pouco, agora lírico e profundo, como o *poean* entoado pelos efebos, na terra helena, depois duma batalha.

Só o corvo prossegue na sua tarefa exaustinada, e, imagem do ódio, ei-lo armando em força a cobardia, requintando a vingança, tripudiando sobre a impunidade — como esses vencidos que se desforram da humilhação sofrida, indo aos cemitérios esbofetear os cadáveres dos vencedores.

O antiquário

Toda a cidade tem o seu coleccionador ou antiquário, toupeira morosa que anda na ruína das cousas, à procura de histórias eruditas ou preciosidades sepultas, quási sempre armada duns óculos que em verdade lhe não deixam ver melhor pelos problemas adentro. O da minha terra obedecia a este cliché dos antiquários de província, extáticos hoje perante o trevo bárbaro dum pórtico, e loucos amanhã pela descoberta d'algum tríptico exilado no fundo d'alguma paróquia entre as brenhas.

Era um pequeno velho mesquinho, arrastando um pouco duma perna, os seus olhitos azuis, em cujo fundo, como numa gruta, havia ossadas d'antigas ironias; e tão parco em palavras, que era um desespero conversar com ele! Passava por dinheiroso, visto ser senhor dos melhores vinhedos do sítio, onde verdade seja o detestavam, pela avareza rude que lhe sentiam. A sua fraqueza física e a sordidez da sua vida, numa casa derrocada junto às fortificações da cidade, faziam com que todos o tratassem de resto, entre chufas que ele deixava estoicamente passar, encostado a uma bengala de castão negro, e coçando o queixo com pachorras intencionais.

Afora as idas à botica da praça, onde encontrava cavaqueadores de momento, pequenos empregados, agiotas, padres casmurros, e militares comidos de jogo, Vicente Prostes não tinha relações fixas na terra, e vivia na sua arqueologia como um rato no seu queijo. Jamais lhe tinham conhecido amores, além duma serva herdada do Borges, prior de Santa Maria e que, já velha, quási cega, vivia com ele numa subjeição de bestiaga. Mas neste ponto o coronel Silveira sabia o quer que fosse, porque ao abordar o antiquário abanava sempre com a cabeça de *bull-dog*, resmungando, *devasso!* por entre um cuspilhar de perdigotos.

Todavia, Vicente Prostes era uma criatura necessária, como cicerone das velharias pitorescas da cidade. Era ele o depositário de toda a história local, antiga e moderna, de toda a ciência e de toda a arte: ele a biblioteca, ele o catálogo, ele o bibliotecário, o guarda, o guia, o cicerone, que sem fadiga, sem hesitação, sem mau humor, estava pronto sempre a visionar a cidade diante dos que vinham compulsá-lo, ferindo nestas evocações eruditas, cheias de justeza, com uma solicitude de velho artista, detalhes que pudessem dar pretexto a fugas pelo *bric-à-brac*, de que ele era um adorador cheio de paixão. Beja, a terra dele, ainda era naquele tempo um dos pontos de província que mais impressivamente conservavam reminiscências do velho tempo, já pelos restos dos seus edifícios medievos, conventos, pórticos, torres, passadiços, quinas de palácios, já pela soturnidade das ruas, estreitas e enroladas em espiral por dentro das muralhas, onde reboava, como um marulho fúnebre, o vozear dos sinos mosteirais tocando para o coro. Ele tinha o ar de passear por aquelas

bitesgas, como uma traça entre duas páginas de missal: as penumbras dos coros conheciam-no, as lajes sepulcrais conservavam a poeira dos seus butes, os azulejos das capelas falavam-lhe, e paramentos e cálices reconheciam nele um velho aio cheio d'atenções.

Ninguém como este para fazer em termos precisos, duma maneira breve e tocada de flamas, a biografia ou a análise d'algum desses bocados históricos, ídolos d'ignorados cultos, lápides donde o tempo puíra a legenda, tudo quanto enfim nas terras velhas documenta o esplendor d'épocas extintas ou religiões evaporadas. Esta superioridade d'arte, projectando-se em relances d'erudição local conceituosa, que tornavam Vicente Protes, para o forasteiro, o primeiro cidadão da sua cidade, Beja não a perdoava assim fàcilmente àquele misantropo homenzinho que mascava as conversas, recusando o coração às fáceis amizades, e as peças da burra aos escamoteios dos batoteiros. A sua correspondência com sociedades sábias e contemporâneos inclinados à compulsa da ciência arqueológica, duas ou três missões para que fora indigitado, e a citação do seu nome em memórias d'arqueologia artística, recentes, acabaram de o pôr de mal com todos os espertalhotes da terra, animadversão que se agravou quando seguidamente à viagem do ministro, lhe foi recambiado de Lisboa o hábito de S. Tiago, com seu autógrafo especificando a mercê por assinalados serviços científicos.

Demais, coleccionava, e sobre essas colecções que raros tinham visto, e um ou outro fazia avolumar a cada misteriosa sortida do velho às aldeias e casas ricas do distrito, estranhas lendas larápias circulavam, a

ponto de se lhe intrometer na fama a injúria pública, e de já por fim o apodarem nas ruas, de ladrão.

A casa dele era uma velha mole com cimalhas de granito, paredes de fortaleza, janelas d'enxovia, encostada a um cubelo das primitivas muralhas da cidade, e tendo por mirante uma alta torrela árabe, chanfrada, decrépita, donde *boungainvilles* floridos esgrenhavam a sua folhagem té ao chão. Do lado da rua, a fachada era torta, desigual, com padieiras e silhares de granito gasto, grades em *muscarabieh* sobre as janelas, e singulares desenhos e golilhas de bicos na forjadura dos coroamentos superiores e parapeitos. Todas as portas tinham postigos de gelosia, pregos desconformes, ferragens medievais, e o arroz esbagoava dos telhados, saía das junturas da cimalha, e atufava a goela dos lagartos de pedra do algeroz.

Na sala d'entrada, *casa de fora,* a bárbara mobília do campónio alentejano, profilando-se rés dos muros tufados de caliça: um cadeirão d'azinho defronte da porta, a grande chaminé saindo em torreão, tisnada, e com uma mó por pedra de lareira, arcas de castanho com lúgubre fecharia, e tamboretes de couro, cajados e bordões em feixe ao canto, D. Miguel por cima duma pilheira de louça d'estanho, e enfim, dormindo sobre escápulas, a clavina de dous canos, tendo esculpida na coronha uma cabeça de javali.

Cuidareis que um brutamontes assim não tivesse afectos, nem húmus d'alma onde lançar um gérmen d'emoção? Pobre do velho!

Uma paixão sem esperança lhe tirava o sono, e fazia os dias desgraçados. Dias e dias, nos quartos do

museu, entre as preciosas cousas com tanto amor adquiridas, tão receosa prudência, tão acrisolada discrição... os livros de Horas iluminados de miniaturas místicas e ingénuas, as maravilhosas colchas bordadas por mãos de fada ou rainha, velhos esmaltes, armas, baldaquinos e mantos de brocatel recomido, cálices e portas-paz d'aéreas rendas, marfins d'escultura palpitante, medalhas, estofos, louças, mobiliário, e singulares capitéis roubados às decrepitudes do entulho — dias e dias o pobre Vicente Prostes, tocando aquelas riquezas, pondo em jogo sobre elas as mil pequeninas carícias dum pai desvelado, virando-as, verificando-as por todos os lados, reconhecera que alguma cousa ali faltava, para inteira felicidade da sua vida, e glória da colecção. Passava de doze anos que esta monomania viera obcecá-lo ao desespero, empecendo-lhe o amor até do bric-à-brac, e sucedera nesses ásperos dias, batidos duma amargura frenética, passar por aquisições vantajosas, gratuitas quási, sem mesmo deter o olhar sequer.

Tem maus bocados a vida, quando o egoismo da corja vem decepar o melhor duma ambição secreta e íntima, e nos faz dentro morrer o entusiasmo por um ideal entresonhado.

Bem no sabia o misantropo antiquário, que no subterrâneo maior do seu museu, diante duma mesa carregada de Saxes, estatuetas, jarrões, cestos, quermesses, pratas artísticas, velhos bronzes lavrados, admiráveis relógios, miniaturas e alfaias de serviço religioso, ficava muito tempo a considerar um espaço vazio ao centro do móvel — vazio havia que tempos!... e ante esse claro onde por certo habitara algum querido

bibelot, que se fora, e não voltara, Vicente Prostes dava grandes suspiros, naquelas horas de cogitar lacerante, que mais lhe exarcebavam o sacudido dos gestos, e umas fúrias que havia de monologar consigo mesmo. Lembrava-se talvez de quando saíra tesoureiro do Sacramento, na velha paróquia de Santa Maria, ao cabo de três anos d'intrigas e lutas, serviços e donativos por ocasião de todas as festas — toda uma existência de beatice intencional e íntimo cálculo — e como naquele domingo de Janeiro, a 27, nas eleições da mesa, alcançara enfim o cargo de confiança, tesoureiro da irmandade; e todos a lhe darem parabéns! Que alma nova circulara nele, baqueando-lhe pelas artérias, tumultos de vida, té lhe deixar a mioleira num vulcão! Tesoureiro! Mas até ficara generoso. — Eh, salta uma garrafória de bom Porto, entrem senhores! e correra o vinho à saúde de todos os irmãos.

Vinte anos talvez tinham corrido: há quanto tempo! e assim pudera sôfregamente guardar como suas, todas as ricas alfaias da velha igreja, relicários, cruzes procissionais, vestidos, báculos, painéis góticos, capas consteladas; e apenas tinham trazido aquele esplendente tesouro para o depósito, ele, sem atender o antigo tesoureiro que lhe dava posse, mergulhara àvidamente nas ourivesarias preciosas, dizendo a história de cada peça entre gaguejos e resfôlegos, citando textos de doação, inventários, crónicons, mil eruditas velharias; e quando enfim ficara só entre toda aquela profusa magnificência, e pudera ver cada objecto ali chegado aos seus olhos, bem palpado por todos os lados, com a polpa dos seus dedos, sùbitamente a incomparável píxide aparecera-lhe, perfumada d'oiro, vestida d'esmaltes e figurinhas,

numa revoada de sublime, levando em pós de si o olhar fetichizado.

— Que maravilha! que maravilha! dizia ele baixinho, babando os seus oitenta anos de sabenza naquela jóia alada que lhe ria.

E durante os meses que, sobre a grande mesa incrustrada, a divina píxide residira na camaradagem dos Sèvres, das estatuetas e *bonbonnières* pintadas de miniaturas galantinhas, uma adolescência revigorara Vicente Prostes, de caminho radiando sobre o museu os mais fantásticos aspectos de magnificência. Todas as manhãs descia ele, com o seu passo arrastado, a escada húmida da colecção, num capote verde de gola peluda, apoiando-se à parede com modos cautelosos, a medonha chave de cárcere estendida... E apenas abria a porta, logo os seus olhos iam dar bons dias à píxide do bufete, tão elegante no seu nodoso pé hexagonal, onde os medalhões se repetiam, separados por quartelas de cinzelaria vaporosa.

Mas um dia fúnebre viera. As malquerenças da cidade, certos boatos d'avareza, calúnias de furtos premeditados... enfim para que repetir a feia história? Basta dizer que Janeiro do ano seguinte já o não vira tesoureiro e senhor das ricas alfaias da irmandade. Entretanto a paixão da píxide ia crescendo, crescendo todos os dias, e baldado empenho! ao tempo que redobravam na sacristia as suas intrigas para ser reeleito, o pobre emagrecia, corcovava, e nas festas em que ela aparecia, perfumada d'oiro, com o seu nodoso pé de baldaquinos flamboyantes, os medalhões de baixos relevos sacros, os transparentes esmaltes em fundo fosco,

os grupos de profetas e serafins farpando as esguias asas numa espiral d'alegres procissões, Vicente Prostes, junto do altar, parecia extático numa dessas volúpias d'artista, cuja intensa gestão dir-se-ia quási, quási, uma forma educativa de loucura.

Corria os anos, e este furioso amor d'antiquário pela obra d'arte proibida, começara a sofrer de intercadências maníacas, e a ter períodos de culminância febril, falhados por grandes perdas d'atenção. A propósito de tudo, metia nas conversas banais, pedaços da sua obsessão predominante, rondava de noite a igreja, e uma madrugada irrompe de casa a gritar que o tesouro de Santa Maria estava roubado, que o tesoureiro fugira, e um francês fundira a píxide para fazer moedas de tostão. Eleições na irmandade. Desta vez a sua galopinagem ia surdir bom resultado, seria eleito novamente; e viam-no esfregar as mãos pergaminhosas, dar ordens à criada.

— Abram essas janelas dos sobrados, o sol que entre!

Logo de manhãzinha descia ao subterrâneo, com espanejadores e vassouras de mil formas.

— A fim d'estar tudo um brinco, quando a sua píxide voltasse...

O diabo era porém que, mesmo prudente, o velho dera à língua demais, em conjecturas diversas, e conhecido o fraco todos lho pisavam, por saciar a antiga embirração. Por vezes, nas crises de mania coleccionista, o seu poder alucinante era tão vivo, tão frenético o desejo, que se lhe afigurava ir possuir de repente a fugitiva ourivesaria de que para assim fazer fizera sua amante. Foi assim que por duas vezes ou três tentou

subornar o depositário das alfaias da paróquia, com propostas tímidas a princípio, depois mais acirrantes, e já por último sabendo a uma cumplicidade de roubo evidentíssima. O que ele queria era guardar consigo o famoso vaso de partículas, vê-lo todos os dias, servi-lo como escravo, levá-lo em procissão pelo museu, poder enfim adorá-lo em sua casa, longe de testemunhas, alta noite, quando a ventania corta nas bocadas, e se ouvem as corujas rir nas fisgas dos conventos. A calúnia porém tinha-o nos dentes, gente obtusa não lhe podia entender o amor d'artista, e cada qual torcendo as intenções do velho, esfarrapava-lhe a honra entre as piores suposições. Daí as lendas.

— Diz que foi apanhado a arrombar a caixa forte da irmandade...

— E que ofereceu ao tesoureiro novo um ror de contos...

— Que mariola! que ladrão!

Sucedia-lhe passar na Corredoira, à hora da palestra nas lojas.

— Hum! queres alfaias? diziam-lhe os compadres.

E sempre no fim das difamações com que o minavam: cuidado co melro! cousa que apanhe à mão...

Mas o mais fino era deixá-lo vir à botica da praça, recebê-lo cordialmente — há que séculos o não vemos, amigo Prostes! — fazer-lhe lugar num canto donde não pudesse abalar sem canelão, e ali sitiado, começar a gralhagem, a espremedela, a tortura, de forma ao pobre velho suar sangue, antes de s'ir. Dizia um:

— Pois vamos ter eleições novas na irmandade. O tesoureiro por modos, não quer continuar.

— Assim corre, tornava outro. Do que se necessi-

tava era duma pessoa entendida, que desse valor, e soubesse estimar as alfaias. Por modos a píxide é mesmo uma dor d'alma, toda amolgada dum lado...

— Hein? amolgada? fazia o velho alongando a vista por cima dos óculos.

— Homem anda tudo a trouxe-mouxe, des'que além o Prostes deixou o cargo. E vem a estragar tudo, aquelas bestas!

— Cá por meu voto, vendia as peças de valor estimativo enquanto dão por elas alguma coisa, e com o dinheiro amanhavam-se as capelas, que ainda vem a cair co'a invernia. Porque há lá coisas de se lhe tirar o chapéu.

— Aquele turíbulo d'ouro, ó Prostes...

— Não vale um chavo, dizia o antiquário.

— Sim, sim, mas a píxide...

E ele sem reprimir a ardência da emoção: — essa é diverso. Vale os dez contos, os vinte, os trinta. É uma época, fala à vaidade, nenhum gozo semelhante ao que ela infunde... Querendo a irmandade, dando o governo licença, faria eu um sacrifício terrível, um sacrifício superior às minhas forças.

Em volta já risinhos pérfidos, disfarçando-se. O grande súcio! Tem a pouca vergonha de confessar que compraria. Se ele oferece trinta é que vale oitenta, e o que o mariola quer, é ver se a bifa.

— Por meu voto vendia, insinuava um fuínha, mui careca; antes que a roubem.

Faziam-lhe então repetir pela milésima vez a história da urna... como havia uma ermida do Salvador, no sítio da estação, e em 1438, ano de peste, fome e guerra, D. Melícia, da casa dos Cunhas, atacada dum

mal diabóliço, ouvira a morte da boca dos físicos, sendo salva pelo santo, para cujo serviço mandou fazer a Lisboa sua lavrantaria completa, doando terras e regalias à igreja, para engrandecimento do culto. Vai que da oferta apenas restava a píxide, com sua grande inscrição no pé, dizendo: *Esto-mandov-fazer-Dona-Melicia-de-Mello-Ano-de-mil-IIII-centos-e-trinta-outo*. Faltavam na base oito esmeraldas, a estatueta de S. Pedro, num dos nichos do pé, perdera um braço; nos restantes detalhes porém a peça era perfeita, e pressentia-se-lhe no estilo a época triunfal de Gil Vicente.

— Mas vamos a ouvir, acudia do lado um insolente. Você dá trinta contos? Espera então negociá-la por noventa. Quanto a largar dinheiro, tenha juízo, que inda vem a apanhar a píxide de graça...

— De graça...

— Sim, meta-se a tesoureiro, como da outra vez... você percebe...

Foram estes dichotes bolhando por todas as bocas, ganhando voga, audácia, e feitos apupos, não largaram mais o antiquário. Já por fim, perdido o respeito em todos, ele não podia fazer um passo à rua: do fundo das lojas saíam-lhe injúrias ao caminho, os garotos puxavam-lhe a rabona, ladravam-lhe os cães. Beja vingava-se!

E Vicente Prostes começou a ser o histrião-canalha do povoado, o tipo popular alvo das vaias, e com setenta e seis anos, apoiado à bengala, ei-lo espiando o seu opróbrio com uma silenciosa soberba de rei expulso, em cuja máscara o desprezo babasse um ríctus d'ironia. Enfim, com as derrotas do prestígio, as da velhice, lá acabaram de o vencer. Pouco se via. Ao entardecer,

sobre o mirante, os seus cansados olhos erravam numa tristeza por cima de Beja, como os dum decrépito muezhin chamando à oração, e sobre Santa Maria detinham-se, com fixidez singular, saudosos da píxide que nunca mais viria a possuir.

Já não comprava, nem saía a excursões, nem escrevia aos seus arqueólogos predilectos. Apenas nas grandes festas, muito trémulo, com a rabona de briche e os sapatos d'atacador com agulhetas, lá conseguia arrastar-se ao altar-mor; e ali suspenso ao amor da píxide, tinha os enlevos altos, a absorpção santa e terrível, não vendo senão a píxide, a píxide que era o sol do seu sistema planetário, com tudo o mais gravitando-lhe subalternamente ao de-redor.

A sua velha casa mesmo envelhecera mais, se isto é possível, porquanto nas junturas das janelas, fechadas desde muito, verdejavam parietária e valérios como num prado, e pendia em espiguilhas o arroz, sobre a cimalha, e pelas paredes tortuosas, rompendo esfoladuras d'argamassa, os pedregulhos agrediam, com um ar d'ossos violados, pedindo sepultura pròs cobrir.

No segundo domingo de Pascoela saiu o Viático em grande pompa, conforme o uso, aos entrevados da paróquia. No rol dos que solicitavam o Sacramento, leu o pároco de Santa Maria o nome de Vicente Prostes, tolhido e cardíaco, passava de quatro meses. O mal agravara-se nos últimos dias com uma dispneia de tendências asfíxicas, que não permitia ao antiquário repousar-se um só instante. Assentado na cama, entre almofadas, com uma cara de cera entre uma barba de judeu, cianosadas as mãos, as pálpebras tufadas

d'edema, e d'espaço a espaço suspiros infantis na boca hiante, Vicente Prostes aguardava o seu fim com uma resignação d'antigo mártir, na velha casa onde tudo, como ele, era decrépito e relegado à poeira do sepulcro.

Na terra, quando correu a nova do seu términus, houve a princípio um repelão de mau humor, e todos lastimavam a decadência de Beja, sucessivamente minguada de pessoal inteligente, entregue à má língua sorna das baiucas, e donde a mocidade fugia enjoada da estreiteza dos interesses, e da chalrice do meio social cada vez mais depressor. Mercê deste lamento, uma reacção tendia a reabilitar um pouco a memória do antiquário, e agora que ele já não fazia ciúmes, bastantes dos seus vícios começaram a volver-se em qualidades. Entretanto a procissão avançava entre foguetes, músicas, psalmos, e o velho sobreexcitado ouvia da cama esses ruídos de festa, rezando baixo as suas orações. Depois ele não pôde muito bem perceber, o rumor foi crescendo, calou-se a campaínha do sacrista, houve um abalo na porta da entrada, falatório na rua, muitos passos na casa de fora, e como num prodígio algum santo nos aparece em êxtasi, assim foi visto no quarto dele o prior em grandes vestes, nimbado entre clarões de círios e a fumarada dos turíbulos, tendo nas mãos a píxide maravilhosa.

...viram o antiquário sair da cama de repente, ir contra o prior de braços estendidos, esquelético, lívido, para lhe arrancar o vaso violentamente.

Ainda disse: dou trinta c... e baqueou no chão vomitando espuma, enquanto a píxide rolava, por toda a casa, entornando as hóstias consagradas.

O Menino Jesus do Paraíso

Um dos conventos pitorescos d'Évora, é sem dúvida alguma o Paraíso. O aspecto externo simula o d'uma destas casas de Tânger, misteriosas, d'altas paredes encostadas umas às outras, sustadas a cunhais, caiadas, esfoladas, sem o menor sinal de vida de relação, nem portas, nem fachadas, nem mirantes, e só com umas gaiolas de ferro ressaindo em *muscarabieh* junto do teto, a cobrir, como máscaras d'esgrima, minúsculas lucarnas que provàvelmente dão luz para dentro daquele cárcere inquietante.

Vai o mosteiro entre as ruas de Mendo Estevens e de Machede, que o delimitam, convergindo, té lá diante se fundirem numa só, cujo título não sei; de sorte que observando a edificação do alto desta, tem-se a sensação dum poliedro tortuoso de três faces, truncado no vértice, e coberto de decrépitos telhados, que alteiam e amosendam de traves podres, a cada passo. Sob um céu de verão alentejano, azul candente, radiando oftalmias em cada corda solar zimbrada d'alto, este sinistro casarão vedado ao borborinho da rua por muralhas, descendo a rua aos tropo-galhopos, em socalcos internos, expansões, retraimentos, avoca efectivamente

estampas de cidades marroquinas, se não fora a ausência de certos detalhes clássicos daquelas... uma palmeira no fundo e um minarete, camelos por debaixo dum arco, e o inevitável árabe no primeiro plano, rebuçado fleugmàticamente num albornoz.

Com o camelo e o árabe, seria uma paisagem tangerina. Substituindo porém o dromedário por um cónego, e o árabe por um aguadeiro vestido de saragoça, gritando *quem merca a água!* adiante dum burro com cântaros de cobre, numas cangalhas d'azinho, inesperadamente a feição muda, e não há Alentejo mais típico, nem gravura eborense mais *avant la lettre*. Entanto o Paraíso d'Évora é principalmente notável por três coisas: pelo seu aspecto exterior, pelo seu refeitório, e pelos doces.

O refeitório é um spécimen de salão Renascença, único em Évora, único por ventura no país, e sumptuoso em toda a parte. É vasto, oblongo, o teto de carvalho esculpido, com pilastras de mármore branco, sustentando-o. Estas pilastras são um modelo de graça arquitectural, aladas, leves, com uma base relevada de medalhões e figurinhas, e meias canas abertas no corpo, para irem morrer alfim num elegantíssimo capitel.

Os doces do Paraíso são no Alentejo tão célebres, como entre o Douro e Beiras, os de Celas; tão célebres como as rezas das suas freiras e milagres dos seus santos; tão célebres como a tradição dos seus bordados. Há-os de todas as frutas, massas, combinações, formas e espécies. Grandes, enchendo prato, feitos duma espécie de pão de ló d'amêndoa e ovos, ligeiro como esponja, olorante ao olfacto, e vaporoso e fresco ao

paladar — cobertos de pasta de açúcar, com granulações vermelhas e rosadas, e chama-se bolo real, centro de mesa de todas as bodas ricas e pobres da província. Há-os pequenos, d'amêndoa e açúcar, com um filão de compota, ou uma surpresa de licor escondida no bojo, e que imitam queijos *(queijinhos do céu)*, presuntos, conchas, frutas, emblemas, ferramentas e edifícios.

Com estas três drogas simples do açúcar, farinha, e ovo, picadas dum ou outro extra d'especiaria, ninguém sinfoniza o paladar mais finamente, ou sabe tirar desta efémera sensação maior prodígio de delícias imortais.

Porque singular segredo a clausura, que proibia à mulher o convívio de todas as lubricidades, só esta do doce lhe deixou aberta, como a válvula de segurança contra mais tinhosas práticas, e contaminadoras distracções?

Porque não é necessário ser adivinho arguto, para em certos doces diagnosticar receitas do demónio. No ano de 1470, relata o obituário da Misericórdia d'Évora nada menos do que quatro cónegos mortos d'ingestão por trouxas d'ovos. No mosteiro de Santa Mónica havia, pelos fins do século XVI, uma freira possessa, cujos bolos podres lançavam chamas de noite, vendo-se-lhe demòniozinhos a bailar por cima do tostado. As *fatias de parida* de S. Bento, deram à abadessa D. Joana Peres Ferreirim, quatro anos antes da sua afrontosa morte, às mãos do povo, visões reveladoras quanto ao sinistro fim que havia de ter. E como diz um livro de milagres «a todos sirva isto de lição e ensinamento».

A indústria de doçaria é nos claustros de freiras portuguesas, remotíssima, mas depurou-se e refinou de guloseima com as primeiras especiarias e receitas do Oriente, té atingir, nos reinados de D. João V e D. José, subtilezas e apuros que lhe valeram foros universais. Em Janeiro de 1729, passando D. João V em Évora, na ida e na volta da sua jornada ao Caia, para receber a infanta D. Maria Ana Vitória de Bourbon, filha dos reis de Espanha, como esposa do seu primogénito D. José, e entregar a infanta D. Maria Bárbara de Portugal, para consorte do príncipe das Astúrias, D. Fernando, mandou o senado eborense de presente aos monarcas, um rebanho de 24 vitelas com fitas nos cornos, 24 cargas de perus, galinhas, capões, pombos, leitões, perdizes e outras caças; e assim um rancho de 24 meninas, levando caixas d'excelentes doces «fabricados de tal forma, que pareciam as mesmas frutas de que se fizeram». Estes doces foram fabricados todos nos conventos, e há razões para supor que viesse do Paraíso a maior parte, atento o arremedarem frutas, e se conservar florescente ainda naquele claustro a tradição da doçaria artística, reproduzindo toda a casta de pomos e frutedos.

Quem ainda não viu as caixas de doce do Paraíso, que ainda agora vão de volante às feiras e povoações do Alentejo, renegue a pretensiosa confeitaria francesa, insípida, mesquinha, sem variantes, e absorva-se devotamente nas gulodices geniais daquela santa casa!

Não é só a excelência das caldas, pastas, e cristalizações sacarinas dos doces mosteirais de Portugal, que cumpre lisonjear, mas a gracilidade mimosa de cada

bom bocado e cada peça, a arte de exposição, que leva os olhos, a quantidade de talento inventivo, de fantasia, de observação humorística e de ternura, que todas aquelas pequenas coisas ressumbram, restituindo ao mundo em esculturas d'ameixas, uvas, maçãs, bananas, pomos, feitas d'amêndoa e açúcar, ovo e baunilha, farinha e cheirosos sumos, a porção d'alma amorosa, de feminilidade compadecida, que as boas freiras não puderam gastar cá fora, no santo mister de mães e esposas.

Cá fora na rua, apontando uma casinha térrea onde trabalhava um sapateiro, o meu cicerone objectou-me: repare neste velhote!

Uma figureta japónica, gorducha, já um pouco alquebrada pelos anos, mas com o seu olho azul muito expressivo, e uma boca humorística, onde alguns dentes riam satisfeitos. Vendo-se notado, convidou-nos a entrar cordialmente, acrescentando:

— Já agora, até morrer, hei-de ser sempre uma das curiosidades do convento. Queiram-se cobrir e estar a seu gosto. O que me pesa, é recebê-los em casa tão pobre e desguarnecida. Ali, naquele cadeirão, esteve o sr. Herculano sentado duas vezes, e o sr. José Estêvão além, com o sr. Joaquim Filipe, em Janeiro de 1838.

Fez uma pausa, e sorrindo:

— Pois é verdade, sou eu mesmo, Joaquim Constâncio, o menino Jesus do Paraíso. O caso foi soado, e até D. Pedro V e D. Luís quiseram ver um menino Jesus que se aposentou em sapateiro. Mas nem um nem outro parece que me acharam mores diferenças, e a prova é que nem menino Jesus da casa real fui

nomeado. E a propósito: querem VV. Senhorias uma pingoleta d'aguardente?

Veio a pingoleta, talharam-se os cigarros, e sem dar tempo a perguntas, o velhote, adivinhando o fim da nossa estada, começou logo a fazer a história do seu título.

— Aqui no convento há um presepe, que até há quatro anos era o enlevo d'Évora, e armava-se no claustro em todas as vésperas de Natal. As figuras são todas de barro, maiores que humanas, mas expressivas que se alguma delas falasse, estou que ninguém levaria à conta de milagre, tanto parece estarem vivas, e respirando como qualquer criatura de Nos'Senhor. As freiras já não querem mostrar aos visitantes o presepe, des'que um barrote fez em bocados o rei preto, e deitou meia faceira abaixo a S. José; mas acho que nem assim deviam ocultar obra tão rica, privando os entendidos dum gozo que me parece não tem igual cá na cidade.

Em 1826, veio de Montemor para o Paraíso uma freira desterrada, diziam que por se entregar mais aos amores dos homens, do que a Deus, e o certo foi que com a reputação da beleza trazia ela uma outra de estroinice, de tal maneira grave, que a abadessa mandou reforçar as gelosias das janelas, interdizer a grade à recém-vinda, e acautelar com ferrolhos novos todas as portas da cerca e mais serventias do mosteiro. Como a freira nova era riquíssima, e oriunda duma das melhores famílias da comarca, foi-lhe admitido um trem de cela por demasia ostentoso para a regra penitente da casa, e nesse trem vinha uma aia, açafata, ou confidente, que logo começou a ser notada por suas prendas

de mãos, e engenhos de compor e armar toda a sorte de altares e painéis religiosos.

Ao contrário do que se esperava, a freira nova, apenas entrada no mosteiro, pretextando doença, nunca mais abandonou a sua cela; comia pouco, teimava em não ver a luz do dia, de sorte que vivia às escuras, levando horas a dar gemidos que enterneciam a comunidade, e pouco a pouco lhe foram criando lendas de martírio.

Véspera de Natal, ao cair da noite, enquanto as monjas se afadigavam a engalanar a igreja, a cobrir os altares de flores e searinhas, e a dispor no claustro as grandes figuras de roda do presepe, os gritos e gemidos da desterrada exprimiam, lá do fundo da cela um sofrimento excruciante, entre palavras de lástima que as mais beatas diziam passadas d'intensidade mística e contrição.

A poder dos grandes rogos da criada, deixaram-lhe ir o menino do presepe, pra que sua ama o vestisse, conforme promessa feita a Nossa Senhora, — e o presepe já pronto, velas acesas, missa tocada, gente no adro, e o menino Jesus nada de vir da cela de madre Ana!

Já o caso ia parecendo desusado à comunidade, várias noviças tinham chinelado nos corredores, com recados da prioresa, quando finalmente a reclusa se resolve a deixar ver o bambino, vestido e deitado por ela no bercinho doirado que havia de figurar ao centro do presepe. Era o que se chama uma obra de preceito! Ele travesseiras de cetim com fronhas de bobinete, lençóis de Holanda guarnecidos de rendas de Venesa, guarda-cama bordado, com entremeios e abertos da

finura duma teia d'aranhiço, e quanto a coberta, era um antigo brocado d'oiro e violeta, recamado a matiz, com toda a sorte de pássaros e arvoredos... A respeito das anáguas e mantilhas do inocente, não deixou a açafata ver o que lá ia por baixo das roupas, e pressurosa, como a senhora abadessa já começava a zangar-se da demora, ei-la depondo a preciosa camilha ao centro do presepe, entre Nossa Senhora, S. José, o rei preto ofertante, e os animais do estábulo de Belém.

Abriu-se a igreja para o sacrifício da meia noite, velas aos centos nos altares, nas serpentinas doiradas das paredes, em lustres caindo a par dos lampadários das capelas, e era povo de morrer naquela nave, e os coros das freiras acompanhavam-se ao órgão, que era ouvi-los e viver num céu aberto!

Ditas as missas, abriu-se a gradaria que dava para o claustro, o povo invadiu à bruta o caminho do presepe, ao tempo em que já o capelão, de capa d'asperges, véu de ombros, tomara o menino do berço, para o dar a beijar aos circunstantes. Mas caiu de joelhos, fulminado: o menino Jesus mexia os braços, e desatara a berrar como um cabrito! Foi uma balbúrdia no claustro, indescritível, de todas as bandas gritavam por milagre, as mulheres desmaiavam, enquanto outros nas pias d'água benta iam banhar as regiões do corpo, mais aflitas — do que houveram prodigiosas catarreiras. Em-balde o capelão, velho sabido, muito pouco atreito a acreditar em prodígios que metessem enjeitadinho, em-balde ele procurava furtar o criança às arremetidas beatas da gentana: a turba crescia cada vez mais de roda do presepe, atulhando as arcadas e o jardim da

quadra perto ululando, na rua, e insistindo num fanatismo furioso, em arrancar relíquias ao «Deus vivo». A nova correra por toda a cidade, atordoara os palácios, e entrando aos paços do arcebispo, pusera em cheque a austeridade do prelado, irresoluto do escândalo, e não sabendo se transigir com o fanatismo estúpido da canalha, se com a provável indignação da classe culta, que era natural exigisse uma devassa impiedosa à moralidade das monjas do Paraíso.

Logo pela manhãzinha foi o chantre, Diogo Paim Cisneiros de Villugas, por ordem do prelado pedir à senhora abadessa uma entrevista. A dona veio, ainda com os olhos inchados dum mau sonho, amparada à bengala, receber sua ilustríssima com todos os tics da mais cerimoniosa deferência. Falou de diversas coisas, muito de leve aludiu aos taboleiros d'ovos tostados que tinha enviado na véspera ao arcebispo, e quando D. Diogo poisou no milagre, redarguiu-lhe que ainda o achara pequeno, dada a qualidade d'ovelhas com que todos os dias a autoridade eclesiástica lhe estava gafando o seu rebanho.

Varado daquele aprumo, o cónego pediu então secamente a história do milagre, e ela sem lhe atenuar as arestas, disse-a toda, concluindo que atenta a penumbra de que a criminosa se cercava, nunca pudera suspeitar do seu estado, e filiara os gritos do parto enfim, nalguma dessas crises dolorosas frequentes em mulheres tolhidas de histeria. A troca do menino Jesus pelo crianço fora um rompante d'escândalo, que se por um lado merecia castigo, por outro estava a pedir um exame sério às faculdades de razão da inculpada. Quanto ao efeito moral do milagre, lastimava-o com

todo o pudor da sua alma; forçoso era que a comunidade sofresse a abominação que ele continha, e soubesse resistir virtuosamente aos chascos e desdéns das línguas viperinas, que já tinham começado a apontar o mosteiro como um lugar de luxúria e danação.

— E é freira ou noviça, a criminosa?

— Freira professa, sr. chantre.

— Professa deste claustro?

— Se assim fosse, responderia por ela, como por mim. A criminosa veio de Montemor-o-Novo há quatro meses.

— Jesus, que vai dizer!?

— É tarde pra lho ocultar. A autora do abominável sacrilégio, é efectivamente a irmã de V. Senhoria.

— Tio do menino Jesus, eu! nesta idade! dizia D. Diogo, largando do Paraíso esbaforido.

Ao cabo de grandes discussões e manejos diplomáticos, temperaram-se as coisas por maneiras de se fazer uma procissão congratulatória, da catedral para o mosteiro, e se cantarem *Te-Deuns* — nunca ninguém soube dizer por gratidão de quais favores celestiais. Para evitar piores escândalos, deixou-se o menino Jesus do Paraíso entregue aos cuidados da mulher do hortelão, que todos os dias o levava a madre Ana de Villugas, sua madrinha e generosa protectora, acostumando-se o pequeno a viver entre as saias das madres, como vergôntea da casa, e a ir medrando na suasão de o fazerem algum dia cónego regrante ou arcebispo. Infelizmente, madre Ana de Villugas veio a morrer muito cedo, e não acautelou a sorte do pequeno; e quanto ao chantre, tinha em casa sobrinhos *mais chegados*, por quem

espargir os consideráveis haveres do seu remanescente. De sorte que nascido em berço doirado, tive as homenagens do povo, como os filhos dos reis, mas tanto pode o capricho da fortuna, que vim a cair de menino Deus, em sapateiro. Não me lastimo! Foi quanto meus pais adoptivos, hortelões no convento, puderam fazer de melhor em meu favor, e por í tenho vindo a remontar sapatos e a beber pingoletas, vendo o meu trabalho medrar, e com ele sete rapagões como umas torres, que renunciaram aos seus direitos na sagrada família, já se vê, visto saberem cá neste mundo o nome todo de seus pais.

Conto do almocreve e do diabo

A meio do vale, entre vinhas e milharais punha o convento a sua nota de caliça alva e joviais repicadas de sinos: e na Primavera eram novenas, procissões ao longo dos valados, missas cantadas, e primeiras comunhões de raparigas. Às lucarnas das celas, quando saíam as beatinhas embiocadas nos capuzes, vozes de noviços deitavam-lhes cantigas. Por trás das gradarias ascéticas, junto aos portelos da cerca, por qui, por lem, havia sempre fraditos desobrigando alguma desenxovalhada pecadora, amáveis penitentes que se deixavam guiar por eles às penumbras das capelas, e rótulas dos confessionários; e enfim suspiros, que melhor diríeis arrulhos de pombos, entremeando-se cos sussurros das rezas e questionários da confissão. Tão sorridente o conventinho era, que a vila perto, à margem dum barranco com grandes choupos e faias perfiladas, reflectia-lhe um pouco a graça nédia, parecendo que na prosperidade agrícola das terras, e na multiplicação dos filhos nos casais, ia o sortilégio dos bons capuchinhos que lá moravam. Também, nunca em recanto algum cristão houve frades mais queridos, e maridos mais completamente descansados: havendo tal, sem filhos, que aba-

lando à vida por outras terras, vinha na volta achar o tálamo bulindo de rapazinhos gordos e vermelhos, que já por essas ruas formavam procissões, fazendo cruzes e outros místicos desenhos nos muros frescos dos quintais.

Contudo, nem todos eram assim, de boa boca... sem ir mais longe, o almocreve, que bom trabalhador, rude e leal, gostava pouco de histórias maganas de portas adentro. Casara por amor, em Vila Ruiva, tendo namorado a mulher, a quando, uma vez por semana, lhe passava à soleira com os machos carregados de vinho aguardentão. E desde o primeiro dia que o seu desejo fora ver brotar um filho do ventre daquela moça guapa, que lhe levara tanto tempo a conquistar! Mas ia em quatro anos... e aqui o mísero suspirava, não havendo novas nem mandados da condessinha encomendada para França!

— Havia no conventinho um frade...

Que a bem dizer, a esterilidade do lar magoava tanto a mulher como o marido, a ponto daquela se pôr a recordar, na ausência do almocreve, todas as robustezas de homens que a poderiam ter feito fecunda, e sobre fecunda, eterna, através duma longa e profícua maternidade.

— Porém no conventinho havia um frade...

Ignorava o almocreve qual, nem por sombras supondo que a Dorotea pusesse fito noutro macho; ciumento porém, vendo-a fria nos seus braços, tudo era exasperar-se, pressentindo sombra agoureira entre os dois corpos. Assim o triste abalou nessa manhã, sol nado, atrás das mulas carregadas, moendo a paciência da mulher, como era d'uso co'as súplicas da sua

pobre alma sangrenta de dúvidas. Fazia primavera, as seivas borbulhavam flores ao menor pretexto, por valados, montes e planícies.

— No conventinho havia um frade...

E por toda a banda paixões e ninhos, beijos esparsos, corolas férteis, e borboletas comendo-se de beijos nos cálices, como em alcovazinhas perfumadas. Um frade! Mundos em esboço, microscópicas e activas populaças, repúblicas de malmequeres, confederações de rosmaninho e alegra-campos, quermesses de rosas, *ménages* de violetas — oh que alegria! — deitar os olhos sobre um trecho de valado, raio de sol, verme da terra, ou gota d'água, era sentir a alma propensa à imitação desses hilariantes amores que brotavam das relvas, da luz, e das vibrações das asas e das folhas. Um frade, sim!

A pontos que ao passar o cruzeiro, pareceu ao almocreve que os sinos caçoavam.

— *Três! Três!* fazia pressurosamente uma garrida, e a gralhada dos mais.

— *Ding! Ding!* — *Ding! Ding!* acudia logo em confusão. Ele ia a tirar o chapéu, para encomendar a S. Gonçalo a sua honra de marido. E a estúpida sineta — *Três!* — *Três* — com tamanha pecha d'escárnio, que o infeliz ficou seu bocadinho sucumbido.

— Em minha casa, *três*, isso é que nunca! Dois é bastante, já que o rapaz não quis aparecer.

— *Três! Três! Três!* — *Três! Três! Três!*

— Três diabos te levem, raios te partam! gritou ele, entanto que as vozes do bronze tagarelavam no ar o *Ding! Ding!* Furioso, o almocreve carregou o chapéu té às orelhas.

— Pois já que a igreja manga, encomendo ao Diabo a guarda da minha mulher. Ouves, demónio?

Um cavaleiro surgiu da encruzilhada, grande, de barba ruiva e esporas flamejantes, sobre um grande cavalo coberto d'espuma e crinas formidáveis. Seu porte era fidalgo, o rir de cínico, os olhos de gatuno. E por sobre o gorro, com pluma rubra, as sobrancelhas uniam-se, convergindo sobre o nariz num tom d'indagação terrificante. Trazia a capa caída sobre a sela, a adaga à cinta, e ao peito o braço d'uma queda do céu, seis mil anos primeiro que o homem visse a luz.

Apenas o almocreve chamara, ele, parecendo sair da terra, apareceu entre as sombrias oliveiras do caminho: e a distância, estacado, dir-se-ia assumir a cada instante mais agigantadas proporções.

— Eh! Eh! fez ele com um formidável rir de réprobo. Quando o meu colega, o Eterno, desampara os clientes, é que eles se lembram de vir ter com Satanás. Para ele todos os frutos bons da terra, e todas as causas perdidas para mim. E aí vem mais este. Que me queres?

— Encomendar a V. Alteza a mulher, pra que ma guarde até quando eu voltar desta jornada.

— Guardar mulher d'almocreve, eu?! Seria mais uma a me iludir a vigilância. Essa onde mora?

O almocreve disse. E o diabo, em comentário:

— Não te desfaças! Tens a maior velhaca da povoação. Bonita, mas que cabra!

— Quê? pois eu já...

— Lá isso não, mas falta pouco.

— Homem que valha a pena?

O diabo esteve folheando a caderneta.

— Conheces o padre Brás?

— Ui, que mariola! Pois ferro-lhe um balázio nos costados.

O diabo, a caçoar:

— Isso não ferras.

— Ferro!

— Porque esse tal Brás é galopim do Padre Eterno... arranja-lhe beatas, missas de pinto... e tu percebes, com estes tempos de descrença, é preciso sempre trazer a boca doce aos mandaletes. Depois, o frade prega.

— Prega, prega. Mas desconfio que não há-de ser por muito tempo.

— Ora Padre Eterno, como os ministros do teu país, tem forte medo aos oradores.

— Ao menos, disse o almocreve, apaziguado, concorde V. Alteza que é pouca vergonha.

— Espera, acordou o diabo, roendo as unhas pensativo. Eu e *ele*, todas as noites fazemos uma partida de damas, no terreno neutro do purgatório.

— Bravo!

— Ele marca com as virtudes, eu com os vícios. Mas em boa moral, os vícios não se distinguem muito das virtudes. Por exemplo, no amor, onde acaba a virtude, e onde começa o vício?

— Aí está o que eu nunca pude explicar a minha mulher.

— Padre Brás lho explicará. De sorte que muitas vezes o Padre Eterno confunde as minhas marcas, com as dele.

— Como é isso?

— E entram assim malandros no céu, e mal-aventurados no inferno.

— Que reinação!

— Lá estive eu ontem. S. Pedro nem me viu.

— Que lhe parece aquilo lá por cima, senhor diabo?

— Poucas comodidades. O inferno é muito mais confortável no tempo frio.

— Em resumo, disse o almocreve, VV. Reais Majestades entendem-se.

— Uma pequenina sociedade, ajuntou Satanás modestamente. Ele é ainda poderoso: eu inda sou fino. Em casos graves, conversamos, e muita vez consigo insinuar-me... Imagina que vai pôr o Papa no olho da rua.

— E viva!

— Deitar fogo aos conventos.

— E viva!

— Expulsar os frades...

O almocreve bailava de júbilo.

— Visto isso e os autos, está tudo fechado nas mãos de V. Alteza?

— Não digo tanto.

— Ora aí está porque se vêem coisas de Deus, que parecem do diabo, e coisas do diabo, que parecem de Deus. Mas minha mulher?

— Eis o difícil, confessou Satanás. Porque enfim, se me tornei valido do Criador, tenho de ser bastante cauteloso em me não intrometer nos seus negócios íntimos. E fâmulos como padre Brás, têm seu prestígio!

— Já sei como alcançar que V. Alteza ma vigie, disse o almocreve. Vou pedir uma carta de empenho ao seu íntimo amigo, o Padre Eterno.

O diabo ria como um doido.

— Quê! tens espírito? Então sempre ta guardo. Quem chalaceia não vai para o céu.

— Cá me vou então, com Deus ou com o diabo, visto ser a mesma coisa.

— Ele expulsou-me! fez surdamente o terrível cavaleiro, mostrando o braço que trazia ao peito.

Essa noite prometera frei Brás ir papar a ceia à mulher do almocreve. Galinha ao lume, lombo no espeto, arroz de forno, e no respeito à pingota, um vinharrão vermelho e velho, enchendo borracha d'almude, pesgada e rotunda que nem a pansa do guardião. Assim o frade, impaciente, tudo era desejar findasse o dia: e jubilando, o melro, na preconcepção gozosa da frescata!

Inda com tintas lilases de sol posto, à socapa, os fradinhos deixam o convento, em direitura à vila, de borracha à cintura, a navalha pendente do rosário: e ao longo dos muros lestos se escamugem, pulando a cerca e cortando favais e trigos, que era para ninguém os lobrigar. É nesse tempo que as laranjas são doces, e o vinho novo começa a saber bem. Vai eles, por essas adegas, fornos de pão, magusto ou lumaréu das boas comadres, entravam a patuscar de pernas nuas, sandálias descalças, arregaçando os hábitos gordurosos de molho e pingo de rapé.

Frei Brás, dando razão da escamugida, acendia luz na cela muito cedo, junto mesmo da fresta, onde se punha a orar defronte dum painel de S. Cristóvão, a fim de bem visto ser naquela atitude implorativa, pelos que se abalavam a mundanar no povoado.

— Lá está o santo a resgatar da culpa as nossas almas! diziam compungidamente os noviços, aconchegando mais as borrachas na cintura. E a noite adian-

tava-se, começava a ouvir-se roncar o guardião, e um ou outro achacado gemer no catre, coisas que tanto podiam ser orações como blasfémias. Frei Brás despia então os hábitos da clausura, trajava-se de labrego campaniço, com feras barbas de crina esbodegando-se-lhe assustadoramente sterno abaixo; e ei-lo aí vai cear com a madama, a cheirar a alfazema, pimpolho e lesto como rapaz solteiro em dias d'adiafa.

Porém já Satanás, de sobreaviso, pudera convocar seus subalternos. E o *santinho* curvado entre os zambujos, ouvia espirros de troça na passagem.

— Lá vai frade! Lá vai frade! diziam roufenhas vozes d'entre as moitas. E bocas sacrílegas cuspiam-lhe a careca milagreira. Nos corcovos das veredas, grandes barrigas abstractas davam-lhe pansadas.

— Lá vai frade!

Havia dentuças brancas que lhe vinham rir (lá vai frade!) espenduradas nos galhos das estevas. Olhos que o seguiam, mãos que o beliscavam...

— Lá vai frade!

Então o desgraçado voltava-se; e uma confusão de pesadelos, descendo, subindo, alargando as asas de morcego, por detrás, à roda dele, neblinas fúnebres rastejando, suplicando um raio de luar, formas confusas, embriões de faunas soterradas... À porta do cemitério, um esqueleto pediu-lhe lume para acender o cigarro, e tomando-o de parte, recomendou-lhe que assistisse à missa que um mocho se dispunha a celebrar por sua alma. Ia a fugir, vê de repente o caminho cheio de sapos gigantescos, marchando em pelotões, de calça branca, casaca verde, tricorne.

— Lá vai frade! Lá vai frade!

Tinha porém chegado às embocadas da vilota, e a ceia gorda o reconfortaria daqueles pavores um pouco incoerentes. Atravessa o rossio já mais tranquilo, torneia a velha ponte, trepa as ladeiras que vão dar ao grande arco de granito negro das muralhas. Mas inda bem não tinha chegado à porta dela, vê a rua atravancada de gentalha, luzes nas portas, e um bailarico de sapateios e descantes hidrófobos. E a Dorotea com seu vestido verde e cordão d'oiro, lenço de franjas no pescoço, anel no dedo e flores no caramonho, batia um adufe de borlas escarlates, babando o olhar adúltero para os solteiros que lhe deitavam de lado, modas lânguidas.

— A velhaca! dizia padre Brás, co'as barbas ao contrário. E para isto venho eu lá de tão longe!...

Ainda quis vencer a onda de multidão que barrava a rua, lado a lado, com a ideia de se lhe meter em casa, a fingir que era o marido. Mas qual entrar! tanta era a gente que até pelas escaleiras da porta lhe sobrava. E pandeiretas, risadas, cantoria... Virou ao convento numa raiva voraz d'escarnecido.

— Eu te juro, magana, que me não tornas mais a embair. Oh desavergonhada, pécora! Mangar assim com as coisas de Deus!

Porém no dia seguinte, inda matinas, a do almocreve que penetra a alpendroada do convento, a fim de dizer uma palavrinha a padre Brás.

— Ah, sua porca! gorgolejou furioso o santo, assim que a viu. O que você precisava era uma surra.

— Capaz venho eu aqui de m'esfolar, acudiu Dorotea, a modos d'angustiada. E prosseguiu: arranjar eu ceia, esperá-lo até tão tarde, e V. Senhoria sem dar novas nem mandados! Ah, sempre sou muito infeliz!

— Sem aparecer, sem aparecer! Não minta que é pior. Se preparou ceia (à minha custa) foi pra se regalar com a gentana que bailava e cantava em sua casa. Tolo fui eu. Devia saber!

Ela, d'escancarar os olhos espantados.

— Em minha casa gentana bailava... V. Senhoria desculpará, mas tem areia. Ou então enganou-se na porta. Não foi pelo vinho que eu bebi, não!

— Olhe que eu dou-lhe!

— Bailava gente... Ora não há!

— Mulher, mulher! não me deite a perder, bufava o frade, entornando o rapé nas lájeas do oratório. E espacejando ameaçadoramente cada sílaba: quando eu digo, havia sapateado de bailarico em sua casa, é porque havia. Entenda e cale-se.

— Pois lá o espero, ingrato, assentadinha nas escaleiras, toda a noite. Gosta de cação? Diga.

— De caldeirada é bom, pode fazer.

E frei Brás ainda desta vez esportulou para a boda, uns pintos novos.

Na noite seguinte, aparentada a mesma austeridade ante o retábulo, apenas os noviços se safaram, padre Brás que desanda caminho de casa de Dorotea. Pela azinhaga, antegozando o regalo que ia ter, foi-se arrependendo de haver tratado com aspereza, mulher tão condescendente e frescalhona. Porque falando franco, dois dedos de vinho podem muito bem fazer errar as portas ao cavalheiro mais perspicaz. E era natural que, atenta a hipótese, o bailarico fosse em casa d'outra. Reluziam-lhe os olhos duma lascívia obesa, evocando a polpa real dos braços dela, uns olhos que fazia a

beber, e a magia suprema do seu arroz de pato, do qual era fama nas primeiras dez léguas de-redor. Ah, uma rica mulher! Pedir-lhe-ia perdão, mal a topasse, com repenicadas beijocas nas suas bochechas, talhadas numa atitude de estarem soprando sempre alguma trombeta imaginária. E entretanto iam passando sebes de piteira, a azinhaga findava, e davam nove horas na Câmara quando abocou ao arco das muralhas.

Pé ante pé dirigiu-se à porta do almocreve, de chapéu sobre os olhos, a barba amarrada com dois nastros de lã, trás das orelhas; senão quando, já no portal, dá com um defunto no meio da casa, amortalhado, e muitas velas de roda, e ao fundo um Santo Cristo numa peanha, e a caldeirinha com um ramo de buxo, para as aspersões do ritual, numa cadeira.

— Esta só pelo diabo! exclamava frei Brás num desespero. Esta só a mim! e ei-lo que retrocede, barafustando ameaças d'alveitar. — Mas eu que cubro aquela desavergonhada de benefícios... eu que gasto dinheiro! que apanho estopadas, que me arrisco a um desaire, se me vêem! — e a gesticular como possesso — Nada! Não sou agora homem que aquela bácora desonre impunemente. É preciso acabar por uma vez. E breve!

Procurava a caixa do rapé por todos os bolsos, numa agitação, sem dar com ela, compondo mentalmente verrinas pra lhe dizer quando a apanhasse.

— Porque fique vocemecê sabendo, senhora Dorotea, que é uma pouca vergonha, ter defuntos, quando eu chego. Tudo tem as suas horas. Lá diz Crisóstomo... e recapitulava, fulo — O que tu és, sei eu, grande estupor!

Ia cortar por um cancelo, para as vinhas, quatro madraceirões lhe saltam de repente, armados de cacetes, e nunca se viu sarilho de mais arte. Imagine-se o alvoroço do convento ao aparecer o santo às costas de dois frades, na manhãzinha seguinte, escoriado, sangrento como um Cristo, tartamudeando palavras do ofício de defuntos. Três dias e três noites foi nas capelas uma aluvião de missas e penitências por intenção do insigne padre-mestre, do grande sábio justo que sabia de cor as virtudes medicinais das plantas da montanha, e a cujos seráficos êxtasis presidiam aparições de Santa Teresa e outras matronas cristãs, em trajos de manhã. Vai, fosse das preces, fosse da carnadura rija que tinha, o certo é que veio a sarar das mazelas, célere, o apóstolo. Cão ruim não morre danado. E breve pôde ensaiar os primeiros passos por baixo dos parreirais da cerca, e ir à mina da mata encher o pucarinho d'água férrea. Apetite, graças a Nosso Senhor, nunca faltou; sua gota de vinho às refeições, e no tocante a presentes de chouriços e presuntos, nem já os conseguia ocultar debaixo da cama, havendo que mandar alguns pelo amor de Deus, ao guardião. Já se vê, referia mercês daquelas, a S. Vicente, ao patriarca S. Bento, e a N. Senhora: e acabadas as rezas, pela noite, alava-se no presunto como lobo em quartos de burro, vá de goladas de vinho, até piteireiro oferecer os suplícios cruéis daquela vida, em amortização dos seus pecados. Tentações do demónio, algumas tinha, na figura de mulher roliça e branca, anaguada de rendas, que se lhe afigurava tal qual a Dorotea do almocreve. Rolava então num delírio soturno, lançando mão dos cilícios para vergastar os presuntos que sobravam, e assim batido, purificada a

carne de porco, de flagícios, afocinhava ao chão com latins de arrependimento abraçado a um chapéu de chuva de paninho. Por seu lado, a mulher, espavorida de remorsos, tudo era rastejar pelos confessionários, à procura do protector convalescente. E a mandar-lhe frangas recheadas, com bilhetinhos no oveiro, a que viesse, tão perdidinha dele, que até nem lhe aqueciam os pés na cama...

A princípio, frei Brás, inexorável.

Já não caía! E ela, finada, um belo dia, estando a igreja sem público, tira-se dos seus cuidados, e arremete pelo claustro, sobe a correr escadas sobre escadas, e rebenta de chofre na cela de frei Brás. Apavorado do escândalo, ia-lhe o padre-mestre ordenar que desandasse.

— Lá isso é que não saio! *Não saio!* Então eu espero-o todas as noites, desacredito-me na vizinhança, agarro catarrais, e V. reverendíssima sem aparecer?! Tem a desgraça de cair doente, esses fariseus martirizam-no, e nem aceita os fios que lhe mandei pra se curar! Nem que eu fosse a última das últimas, percebe?

Ele a acalmá-la, e ela mais alto:

— Ouvi dizer que amolgaram a cabeça de V. reverendíssima. Só a do meu marido tão dura é.

— Soubesse eu quem foi o autor da brincadeira...

— Ele não, que inda está fora. Por isso aqui lhe venho declarar que esta noite...

— Chut! podem ouvir.

— Esta noite serei eu, Dorotea Portas, que virei ao convento petiscar com V. reverendíssima. Arranje-se como quiser. Mas é que estou com'uma xara, estou ofendida, capaz de morrer.

— Não ofendas o Senhor com más palavras.

— Saltarei a cerca, fora de horas. É arranjar escadas de corda, e lençóis bem perfumados d'alfazema...

— Oh Dorotea! Dorotea Portas da minha alma!

— Quanto ao banquete, aqui lhe trago esta taleiga de sustância, má-la borracha. E nós veremos quem canta. Até à noite.

— Hein? trauteava o santinho, percorrendo a cela a grandes passos. Já se viu pimponaça desta força? Nem Judith, nem Salomé, nem a rainha do Sabá, Marta ou Maria... Valentona, não se pode negar! Vem esta noite à escalada do convento. Deixá-la. Se incorrer pecado, comungará três vezes por semana.

Longo e moroso lhe pareceu o dia no convento. Devolve os noviços lorpas que costumavam guardar-lhe as desfalências, no giro da cerca. Respira fundo, soprando, querendo cantar, correr, dizer a alguém da sua inesperada felicidade. O breviário parece-lhe enfadonho, com as suas práticas caquéticas de pobreza, abstinência, e castidade, e com olhos ciumentos segue os haustos das borboletas na floração dos hortos e trigais. Oh vida livre! como os pássaros te proclamam em voz alta o amor boémio, despreocupados, de chapéu sobre a orelha, sem indagar se as fêmeas têm baile, e os maridos dão sovas nos amantes! Meio dia. O campo exala um borborinho tépido e fragrante, cantigas, risos, altercações, rumores d'água, cheiros de favais, batidas de podões. Algum corvo grasnando... e se o evangeliário de seco pergaminho ordena que o frade faça penitência, o da Natureza, iluminado, diz-lhe amorosamente que coma, e beba, e se divirta. «A vida que vês constitui a mais bela face da medalha. Terás o

reverso na outra, entre as rugosidades das ossadas e as depressões das sepulturas. Deus, como os grandes génios, fez a sua obra-prima neste único volume. Todos os outros livros lhe ficaram inéditos. Quem leu já a BEM-AVENTURANÇA? Quem percorreu as páginas do INFERNO? Portanto, frade, acredita-me, não há nada além do que estás vendo».

E frei Brás sem descansar, nem comer, nem poder distrair-se em parte alguma, atirava respostas aos noviços, pediu dispensa do coro, e fez todas as orações de rodilhão. Essa noite viu-se a sua cela decorada como um pequeno paraíso, lençóis d'estopa nova, flores no genuflexório, um festim de prelado sobre a banca... Enfim, dez horas dadas, pareceu-lhe ouvir rumor fora do muro, no sítio onde umas nogueiras abatiam bracejos para a estrada. Engano certo; inda era cedo! Baque no chão da cerca, assestou o ouvido, e pouco depois sentia por baixo da janela, alguém tossir. Descida a escada, breve o corpanzil da dona enfiou pela janelícula da cela, com formidáveis rasgões na sécia de barege. Então é que foram abraços, juras d'amor e sorvos d'aguardente. Frei Brás chegou dois escabelos contra a mesa, Dorotea tirou a capa, grande alegria, e o santo vasava a pinga, cortava o presunto e partia o pão. Toca a cear! e dilatado, pretextando calor, desapertava a estamenha sobre o peito. Repimpara-se ela do outro lado da banca, vermelha, satisfeita, e fora, a noite carrancuda relampagueava um pouco de sarcasmo. Vinha da horta um aroma de goivos e ervilhas de cheiro, discreto, manso, como um rastro de noiva esvaecendo nas volutas da brisa, lado mar. E sùbitamente, no sino

grande, uma pancada! Dorotea que pusera a caminho da boca, um tasgalho de paio, ficou-se a olhar Frei Brás, muito amarela. O som fizera ampola, turgia vibrações, e por corredores e arcarias, ululante, ia bater às portas dos gasalhos, ria nas frestas, e despertava os campos da madorna amorosa em que dormiam. Outra badalada profunda, e outra mais quente, outra frenética...

— Horas, ainda disse frei Brás; não tenhas medo.

O sino porém precipitava cada vez mais, sons alarmantes: por corredores e claustros entrou gente a correr. Que era? Que era? Os frades levantaram-se, entrevadinhos gritavam por socorro, o guardião semi-nu corria a bater às portas, aflitíssimo. E alagados de horror, ele mais ela, nem se atreviam a alvitrar sobre a natureza da catástrofe. Frei Brás estava contra a porta, a ouvir o falatório.

— Chamem o povo. Toca a rebate. É fogo!

— Onde era? Onde?

— Na igreja não, venho de lá.

— Na vestiaria não, venho de lá.

— Cozinhas, refeitório, tudo tranquilo.

— A biblioteca?

— Quieta.

— Mas esta fumaceira... o clarão que bate de chapa no zimbório...

E as disputas passavam a correr nas bocas ofegantes, palmilhavam sandálias, havia rangidas bruscas de ferrolhos. Quando dos telhados uma voz gritou que a fumarada saía de debaixo da porta de frei Brás.

— Depressa, arrombem, que o santinho deve estar a estas horas sufocado!

— Abra, abra! gritaram-lhe de fora.

E ele, atirado à porta de carvalho, resistia às machadadas que da outra banda lhe vibravam. Porém já na cerca, por baixo da janela, se começava a juntar gente embuçada, e Dorotea possessa, o vestido de barege em penduricalhos, inda os alarmava mais co'a chafra-nafra de lástimas e gritos, a ponto de frei Brás perder de todo a transmontana. Que desgraça! toda a comunidade ia saber!

— Mas cale-se, vá prò seu marido, vá para o diabo! dizia o padre-mestre com uma terrível menção d'aço-vacá-la. E ela estorcendo as mãos:

— Diga por onde hei-de sair sem que me vejam...

— Sei lá. Por onde entrou. E é despachar-se!

— Mas tiraram a escada.

Oh desespero! a mesa com garrafas, viandas aos moitões, os copos cheios: e nem palmo d'armário onde esconder o diabo da mulher! Já a porta cedia às machadadas dos sitiantes, e ainda ela, de pé no ar, se recusava a formar salto.

— Despacha-te! Eu já não posso. A porta cede. Vão apanhar-nos aqui como dois cães.

É muito alta, dizia a desgraçada, a soluçar. Mas soltou nesse momento um grito estrídulo. Frei Brás empurrara-a para a cerca, e a mísera, sobre a cantaria do tanque, acabava de partir ambas as pernas.

Ao outro dia, o almocreve que aponta atrás das mulas. Vinha de humor alegre, com vontade ao almoço, e saudades da mulher.

Mas ainda bem não chegado às oliveiras, logo a sineta velhaca, alcovitando — *Três! Três!* — *Três! Três!*

Tanto bastou para imediatamente amarfanhar o barrete para os olhos.

Ding! Ding!

Que raiva aqueles malditos sinos lhe faziam!

A encruzilhada lhe pareceu mais só nessa manhã, com os galhos dos marmeleiros e choupos sem verdura, a vetusta ponte, sob cujos pilares gorgolejava a água do barranco, macelas e campainhas alcatifando o chão pra uma cilada: e da perspectiva, no fundo, da outra banda do pego, troncos vergados, troncos rugosos, troncos confusos, davam na alma trágicos calafrios.

— Que terá feito o diabo de minha mulher?

Mas casualmente, voltando a cabeça, viu-o no seu cavalo, entre as sombrias oliveiras do caminho.

— Sabes o que lhe fiz? Parti-lhe as pernas. Foi o único modo de a obrigar a ter juizo.

— É então dura de guardar?

O diabo referia todos os transes da aventura, o bailarico na rua, o defunto na casa, o fogo, e a sova mestra.

— E a respeito das pernas, V. Alteza concerta-lhas?

— Pra teu sossego, vou-lhe deixando sempre uma mais curta. E por último um conselho. Como não estou disposto a ser mais o rafeiro da tua honra, já agora não faças jornadas, sem as ordens religiosas acabarem.

Três cadáveres

— Creia-me, disse o doutor. Morrer é menos difícil do que em geral se supõe.

— Em todo o caso é horrível, redarguira um d'olhares mortiços, cujo gastrálgico aspecto diziam um poeta desempregado. E acrescentou que vira morrer muita gente, velhos, novos, homens e mulheres... Era o último de doze irmãos que se tinham ido para a cova, adolescentes, sem sofrimento quási, sem doença exterior mesmo... Em todos divisara fundas saudades da vida, e esse horror cruel d'além-túmulo com que a religião tortura desde o berço, os espíritos fracos e os ignorantes. E como viera da província, enfronhado em leituras medíocres, julgando abalar o médico por uma questão profunda, perguntou-lhe:

— Acredita em Deus, doutor?

O outro amenizou com um modo calmo os fios caracolados da sua bela barba castanha.

— Digo a meus filhos que sim, para não sobressaltar minha mulher. Entretanto, na minha posição e na minha idade, acreditar!... Acho a religião uma forma d'arte, como a música e como a escultura imobilizada há séculos por falta de génio, e moribunda porque não é necessária.

— Todavia os livros santos...

— Poemas roubados ao melhor da literatura índica. Nem ao menos são original hebreu. E todavia, que de vezes eu tive necessidade de crer, e, levado dum misticismo poético, quis invocar o Supremo Espírito! Eu fora educado por minha mãe, no fundo da província católica e devota. Há em todos os lares restos de crenças, lendas, superstições que a gente conserva toda a vida, e a cada momento ocorrem, como o estribilho duma velha canção... Pois nunca o prodígio que eu solicitava, apareceu.

E neste ponto começou o doutor o seu caso, numa voz ronronada, onde aqui e além havia tons de comiseração e simpatia.

— Era ele estudante... frequentava essa enfermaria de mulheres, que anos depois, muitos anos, veio a dirigir.

Naquela época, o hospital ainda era mais soturno do que hoje, infecto, glacial, cheio de escaninhos e corredores onde fazia noite em pleno dia, e tão pululante de larvas, que pola noite, diziam, se podia ouvir um surdo formilhar, dos alicerces às claraboias do teto, surdo, ondulatório, e horrível, pela expressão de sofrer que engastava. Era então o doutor um rapazola pálido e cheio de ideias romanescas. Entretinha as férias lendo Soares de Passos a umas primas bonitas da sua aldeia; o luar preocupava-o: e como tocava piano, e tinha sobre a morte ideias literárias, chegou a compor música nova para o *Noivado do Sepulcro*.

Ao chegar ao quarto ano, ainda nos primeiros meses lectivos do curso, distribuiram-lhe a doente 27 — uma dessas tísicas ideais, brancas, dolentes, os olhos que-

brantados duma lascivia poética, e com suspiros que rimam — uma destas tísicas que parecem Chopin em estatuária, e por quem todo o portuguesito jamais deixa de sentir um fraco de coração.

Posta ao canto da enfermaria, entre duas janelas de vidros desconjuntados, a cama 27 tinha uma biografia sinistra e mortuária. Era para onde a enfermeira degradava as doentes que lhe faziam perrice, e para onde iam esticar as desgraçadas a quem o médico, logo à primeira, torcia o nariz. Em quinze dias, vinte dias, menos ainda, a pneumonia, alguma febre de mau tipo, encarregavam-se de varrer dali a padecente. Nada galante como esta tisicazinha tão doce de maneiras, cheia de delicadezas inéditas na plebeia raça d'onde vinha, e com aquele seu olhar de basilisco, velado por uma membrana mui ténua, sob que diríeis ocultar-se a calentura duma alma amorosa e cismadora! Quando ela apareceu na enfermaria, entre dois pequenos irmãos que a amparavam, o seu adorável perfil branco de cera, duma poesia extática de prece, despertou entre os rapazes uma porção de paixões assolapadas. Infelizmente a enfermaria estava cheia, excepto lá longe a cama 27, entre as duas janelas de vidros estrompados. — E tinha sido forçoso encaminhá-la para ali!

Descorrelacionada d'episódios, feita de histórias avulsas, febres, alucinações, miseráveis pedaços dramáticos, a vida de hospital surpreendeu medonhamente a rapariga, sobretudo ao escurecer daquela primeira noite, quando na penumbra da sala começou o ascenso d'angústia vesperal a estortegar nas carcaças dos enfermos, a assobiar-lhes na goela, e a evocar das efervescências da febre, a lavareda trágica do delírio — o

horrível delírio dos nervosos, nas mulheres maiormente expresso em cânticos, vagos siflados por entre os dentes convulsos, dessa poesia da canção do salgueiro, fúnebre e divina, que diz Desdémona antes de morrer...

Marta era d'algum desses maus bairros da cidade, donde o Sol se retira apenas nasce, e de cujos prédios sua ainda agora a imundície das judiarias medievais. O pai tinha de seu o quer que fosse, uma oficina, uma profissão qualquer, já não sei bem. Era um ríspido de mãos autoritárias, óculos de ferro, a figura nodosa, e a barbicha caprina, rara, esbranquiçada, a fazer-lhe um hirsuto colar por baixo do focinho. Tinha o filho maior em Moçambique, outra filha casada pra Azeitão, e dois pequenos em casa — Miguel, um operário cheio d'opiniões, e Joana, loirita arrebitada, magra, frenética, em cuja face a rabuge do velho tinha murchado à nascença, as primeiras tintas virginais.

A morada estreita, num andar de vidros miúdos, escuro, carunchento, tornava o viver triste. Prédios em frente restringiam-lhe o horizonte. Por trás, muros lazardentos, arbustos de quintal rico, fechavam à vista algum pormenor mais largo de paisagem. Com o seu tipo de *contessina,* e cabelos dum castanho sedoso, ela soubera guardar no meio da sua actividade de modista, pequenas fantasias de luxo, certa melancolia mórbida traindo a índole sensual. Creio que teve namoros: um aspirante mulato, que nas águas-furtadas defronte, todo o dia repenicava na banza fadinhos langorosos; e depois outro... mas pobre como era, nenhum casava, e isto dava-lhe grandes desilusões. Enfim, foi abdicando das pretensões que se impusera, descendo nesse ideal

de marido que sonhara: e confessou-mo ela mesma, a sua paixão séria, única, foi um rapaz carpinteiro. É talvez o cheiro da casquinha que faz a sedução destes artífices, como o flavor da estrebaria, que no grande mundo leva as patrícias a partilharem o leito com os trintanários. Como o pai vigiava, o carpinteiro duma ocasião mandou-a fugir. Estava ela no período estésico em que o sexo reclama os seus direitos, período louco, fatal ao amor de certas raparigas, e que de ordinário faz a história de bastantes quedas. Fugiu. Em casa nunca mais se quis saber de Marta.

Era já morta a pobre mãe; a irmãzita loira estava nova para o governo do lar: e naquele interior tão cheio d'ordem, tão limpo, fez-se de repente uma desolação que fazia chorar o rapazola, e exasperava o velho às últimas blasfémias.

Entre as doenças do cerebelo, o amor é a que mais depressa se cura. É renitente, periódica, mas poucas vezes mortal. Sucede resolver-se na amizade, dadas condições especiais nos afectados, como os filhos, certa pureza de costumes, saúde de espírito e coração...

Desde que tais condições não convirjam, os que se achavam ligados pelo amor, cessado ele, encaram-se num primeiro passo de convalescença que tem o nome de tédio, e gradualmente passa a chamar-se, indiferença. Marta e o belo carpinteiro sofreram seis meses, até uma noite ele lhe declarar que estava farto. Foi então que ela se lembrou do pai, e entreviu de relance o futuro que ia ter. Voltaram-lhe os fervores pelas costura, laboriosas noitadas num desvão de prédio esconjuntado, mil projectos de vida severa, curtida nas pregas dum vestido preto.

Essa mesma noite ela se encorajou a ir procurar o pai. Era d'inverno, uma maré de gente afluía aos bairros pobres, em turbilhões de lama e vozes céleres, que se davam boas-noites da volta do trabalho. Ao longo das calçadas, por debaixo dos arcos, nas escadinhas lúgubres onde o formigueiro humano mais se exasperava, o gás caía dos lampiões numa espécie de névoa luminosa, que avermelhava de sangue as poças de lama, e dava um relevo trágico à monotonia tosca das figuras. Ela descera à rua em passo trémulo, embiocada no chaile, no meio de toda aquela gente atarefada. E chegando à casa do velho, passou umas poucas de vezes por diante das janelas, antes de se atrever a subir a escadinhola. Luz num dos quartos: talvez o serão de Joana.

— Oh!, pobre filha! dizia a rapariga enternecida. E muito devagarinho foi subindo. Depois, no patamar do terceiro, irresoluta, sentindo as veias abrirem-se-lhe à ideia do velho vir à porta, aí se ficou de novo a sorver os ruídos da casa. À esquerda era a Engrácia engomadeira, que tinha um *Tótó* de pelo pardo. Depois, mais adiante, o cortador; a última porta do canto era o pai. E ali uma voz juvenil disse pra dentro — que horas deram? Um relógio azougava o seu atrevido tic-tac.

Outra voz respondeu — sete! — com um timbre cantado. E o torno começou a rodar.

Nada pois tinha mudado naquele interior laborioso. Às sete, Miguel começava o serão. Às nove o chá. E Marta revivia aquela visão da infância, deliciosa, monótona — enternecida do pai que devera estar mudado, enternecida de Miguel que estava um homem, e dessa irmãzinha loira, Joana, enfim, cuja alegria lhe

dava o ar duma nota de música, fugida duma cançoneta endiabrada.

Trinta vezes ela ergueu a mão para a campaínha, sustando os haustos no corredor em sombra, cujas tábuas gemiam de caruncho; mas um pavor achatava-a: como iria tratá-la a sua gente?

Ia descer outra vez os mesmos passos, quando a vòzinha cantada que respondera — sete! — disse do outro lado da porta:

— Quem está aí?

Marta ficou-se, e ouvia-se uma rameira cantar o fado na sobreloja. A chave girou então na fechadura, a porta abriu-se. Joana, curiosa, estendera a sua cabecita de dentro; e de fora da porta, Marta alongara a sua; um grande beijo estrugiu no corredor...

— Querida filha!

— Oh, minha irmã!

Mas já um safanão tinha empurrado a criança para dentro, e o velho apareceu com um candieiro de petróleo.

— Que quer daqui?

Marta tinha-se arrojado a ele, forcejando, no fragor dos soluços, por lhe agarrar os joelhos, suplicante. O velho repeliu-a de si pelos cabelos, e formidável, sem um grito, atirou-a contra o patamar.

— Rua! Se tornas aqui, deito-te pela escada, mato-te!

Estava em mangas de camisa, com chinelos de trança, um barretinho às orelhas: e os seus tisnados braços, de roda de cujas vaquetas se enroscavam molhos de veias, lembravam assim os muros húmidos, onde no inverno as lesmas fazem sulcos.

Ao outro dia de manhã, Miguel apareceu, branco de raiva e com os olhos vermelhos de chorar.

— Perdoa? disse Marta indo ao encontro dele.

— Diz que te não quer em casa. Ontem perdi a cabeça. De maneira que venho viver contigo.

Ela desatou a chorar.

— Não te aflijas, disse o rapaz. O que lá vai, lá vai. É juízo, daqui por diante. Esta casa deu-ta ele? Pois arranja as tuas coisas e vamo-nos embora.

— De que viveremos nós! dizia ela.

— Ora essa! Do meu trabalho, do teu. Já que o pai te não quer, que se governe. Então eu havia de te deixar sòzinha, para aí?

Logo nessa tarde tinham alugado casa em sítio retirado, nos forros dum grande prédio, por cujos buracos se via o Tejo, e um bocado dos montes da Outra Banda. A oficina de Miguel ficava perto. Marta tinha trazido a sua máquina, uma banca de pinho, e alguma roupa. E as economias do rapaz foram tragadas na aquisição da meia dúzia de tarecos que faltavam.

A primeira noite foi triste. Havia ratos. Uma chuva antipática, muito fina, descia calada sobre os lamaçais da rua; e ao fundo dum boqueirão soturno ouvia-se o rio mugir, e chamarem para os barcos, as vozes prolongadas dos barqueiros. Marta, a cada passo, perdia a cabeça em esquecimentos. E Miguel sem querer acusava o velho pai, a cujas asperidões estava afeito, e àquela hora, quem sabe se estaria chorando, abandonado. O chá arrefeceram-no com lágrimas, os dois. Uma sinistra madorna esmagava os peitos. E cada qual, dolhos errantes, começava a perder-se nas

grandes névoas da memória, donde algum brusco esforço do outro, o sacudia.

— Em que estás tu casmurrando? dizia Miguel.

Ela, em voz baixa — Nele!

E por muito tempo os soluços a impediam de falar. Por esforços do irmão, a conversa mudava frequentes vezes de propósito. Cinco segundos volvidos, as duas bocas calavam-se, e as mentes seguiam no escuro da saudade, o mesmo fio de cogitações angustiosas.

Vem desse tempo as primeiras hemoptises da pequena, as primeiras febres e suores debilitantes. A sua face ia tomando a tinta terrosa dos sangues maus que desfibrinam: queixava-se de fraqueza, tossia de noite... Era Miguel o valente!

Ambos adiavam as esperanças de melhora, d'estação para estação.

— Agora em vindo o tempo quente, já melhoras, obtemperava o irmão. — E se aquecia, como a rapariga ia piorando:

— Deixa refrescar o tempo, verás.

A voz de Marta descia: cada vez os olhos se lhe faziam maiores, e a forma do nariz ia tomando um afilado d'estátua dolorosa, uma destas transcendentes purezas que fazem certos perfis de mulher nova, correctos ao desespero. E à medida que se sentia dominar pela doença, purificava-o o desejo de ser perdoada, do pai sobretudo, cuja rispidez jurara não ceder.

Iam os dias assim, longos e plúmbeos, num chafurdar de mágoas contundidas, naquela casa de miséria, cujas precisões o braço do rapaz não conseguia sustar já. Marta cada vez estava pior, e para o irmão

ir todos os dias à oficina, forçoso fora trazer para junto dela uma enfermeira. As visitas de Miguel junto do pai tinham até ali sido infrutíferas, quanto a pingarem recursos com que valer à rapariga. Era sempre aquela recusa sarcástica, cortante, seca, que nada alterava, nem as narrativas do operário, nem os soluços despedaçadores da pequenita, e onde por igual tinham parelhas, o rancor do déspota desobedecido, e a avareza do homem do povo que conheceu as privações. E eles começaram a empenhar. Por duas vezes Joana fugira de casa, para ir levar recursos à irmã, às escondidas. Mas o velho tinha começado a vigiá-la, a vir a casa a horas desencontradas, a reparar no que ficava pelos armários, depois das refeições: e perguntinhas, palavras surdas, ameaças que ele lhe atirava a todos os instantes, varando-a com os seus olhos fulos de Shylock...

Pela última vez, no desespero de quem exauriu o último recurso, Miguel lhe foi bater à porta. Lá estava ele, como nas mais noites, saído na sua cadeira de vimes, numa postura lassa e sonâmbula, o barretinho às orelhas, a barba em colar por debaixo do queixo, o cachimbo de barro ao canto da boca. Embranquecera-lhe já todo o cabelo, e uma magreza entrava a desnudar-lhe os relevos ósseos da máscara, patenteando o artifício anatómico das feições. Reparou-lhe Miguel na fadiga terrosa da cara, em que podiam contar-se os sulcos das lágrimas choradas na sombra, por sob uma caraça imóvel d'egoísmo. E deitando-se-lhe aos pés, quis obrigá-lo a comover-se... Oh, se ele pudesse ouvir o que a filha dizia!... Palavras, adeuses, súplicas... Já naquele corpo não restava um vestígio sequer

da culpa antiga, tanto o martírio lhe disciplinara as primaveras da carne, e o arrependimento lhe estava virginizando o espírito, com as florescências duma doçura cândida e resignada... — que reflectisse na crueza com que estava tratando uma criatura do seu sangue... Ele, pai, decaía, também... ia ser chamado a prestar contas da misericórdia que recusara aos que Deus tinha posto debaixo da sua tutela...

— Trazes a fala estudada, dizia o velho. Eu já não caio.

— Mas ela morre... precisa de socorros: o médico recusava-se a vir vê-la: na botica não fiam...

— Pois tenho pena!

— E eu não quero vê-la morrer no hospital. Entenda! não quero!

— Para isso não haverá como deixá-la morrer em casa, rapaz.

— Mas se eu não tenho dinheiro! Já avancei dois meses para pagar no talho e na botica. Todas as lojas me negam. E eu já não posso! Eu já não posso!

— Oh, tu és esperto, meu filho. Quási todos os mariolões são bem falantes. Não te chega o que ganhas na fábrica de dia? Representa á noite, que estás um cómico d'arromba.

— Ah, que se você não fosse o pai!

— Eh! Eh! disse o outro, numa casquinada brusca d'amargura. Batias-me, hein? Isso é nobre, meu rapaz. E continuou: Deus ponha olhos de justiça nos filhos que me deu. Uns desonram-me, outros roubam-me, outros prometem-me pancada... Setenta anos de probidade pagam bem tamanhos favores do céu.

No dia seguinte, Marta entrou no hospital.

Eis começada essa agonia das tísicas bonitas, cuja graça faz dos sofrimentos a mais sublime obra d'arte. Iam correndo assim as horas sobre esses suspiros, doces como prelúdios de harpa, e sobre a magreza diáfana desse corpo que pesava uma folha de magnólia; e em cada manhã o estudante a podia encarar sob uma face de mágoa divina, espiritualizada com brilhos de cera virgem, que já não era a mesma da manhã anterior, nem se assemelhava tampouco à da seguinte.

A voz de Marta que tinha em certos pontos sons ásperos, falsetes, desigualdades, atingia agora aveludados singulares; saía-lhe lenta a palavra, e uma imobilidade de gestos dava-lhe no leito, *poses* d'estatura tumbal.

Depois, estabelecera-se entre a doente e o médico uma familiaridade tocante, uma espécie de laço de família, de comunidade poética, de idílio fúnebre, porque o pobre rapaz teimava em achar naquele caso uns longes do seu *Noivado do Sepulcro*, tão recitado outrora em férias de província.

Nada ele poupava para lhe inspirar conforto: palestras, fantasias, histórias, gulodices secretamente trazidas de fora, horas de sentinela junto ao seu leito, mãos nas mãos, num permutar misterioso de fluidos... Meio deitada porque a tosse maldita lhe não consentia outra postura, Marta abria grandes olhos na sombra; e ele via-a indagar à roda, sentia-a dizer baixo orações d'infância, falar no pai, no *outro*... Em volta tinham-lhe feito uma atmosfera simpática, e começou a ser amada pelas outras doentes, pobres criaturas que vinham, mal convalescentes ainda, desfeitas e pálidas, cercá-la de pequeninos desvelos.

Mas um desassossego invadia a criatura. O seu terror pela enfermaria começara a crescer, desde que uma noite, sentindo brados numa cama, vira uma velha revolver os braços, gorgolejar numa aflição suprema, e de repente tinha ficado imóvel. Então agarraram nela, um deitou-lhe o lençol por cima da cabeça, e quatro galegos carregaram-na numa padiola.

Por todas as camas fora um sussurro de pavor. Alguém dissera: *amanhã vão abri-la.* Uma doente mesmo, pôs-se a descrever às outras a casa das autópsias, com as cinco mesas côncavas de pedra, homens arregaçados esquartejando cadáveres, de charuto na boca, e a irreverência dos moços, violando as defuntas com as ponteiras das bengalas.

A terrível hora aproximava-se entanto. Sucediam-se estados de torpor cortados por vastas aflições, arquejos, pasmos... E os irmãos todos os dias vinham espreitar na pobre tísica, os prenúncios dessa pavorosíssima noite, sem alvorada nem lua, de que a religião em-balde tenta esclarecer os lameiros, com a lanterna duma quimérica imortalidade. Por instantes, uma raiva de viver sacudia pelas espáduas a inércia da triste criatura. E eis se escancaravam num medonho esforço os seus olhos d'agonizante, tornados enormes pelo descarnado da face, onde a pupila dilatada, meio cega, tinha um cunho feroz d'indagação. Vezes sem conta falara no pai, ia morrer, que fossem pedir-lhe a última bênção... e voltavam-lhe arrependimentos cristãos, inocências de rapariguinha, solicitudes de boa filha. E o terrível velho, inexorável! Debalde Miguel se lhe rojara aos pés, chorara, protestara, ameaçara: já por fim o celerado ria-se.

— Cansa-te, brama pra aí.

A sua boca tinha adquirido uma forma atormentada; o riso era uma careta lúgubre de maníaco, roxa e glacial que metia medo; e da forte envergatura, apenas a ossada ficara, derreada dum lado, sinistra e má, como essa figura da Morte que Alberto Dürer representou tocando flauta, entre as moutas floridas dum jardim. Na loja insultavam-no os garotos. A freguesia debandava. O caso de Marta tinha começado a correr de boca em boca, e todo o bairro, poetizando a desgraça da rapariga, resmungava em voz alta os seus desdéns, junto à baiuca em que vendia o usurário. Mesmo do passado desse homem ressuscitara o povo não sei que soturna história de quinze anos de degredo, por assassínio; e a ribaldaria do bairro não ajustava bem a rispidez do velho perante a filha, com aquela marca d'infâmia, contraída em anos juvenis. Da última vez que foi procurar o pai, Miguel atrevera-se a aludir muito de longe àquele sinistro rumor que lhe ensanguentava a biografia. Mostrou ele ao operário o mesmo rir de saltarelo, e tranquilo, chupando o cachimbo, olhos no chão:

— Com que também tu! Já te contaram que estive dezóito anos degredado... Mas quem quer que foi, esqueceu-se talvez de pôr a descoberto todos os pontos da aventura. Degredaram-me, fica sabendo, por eu matar com trinta e oito punhaladas um amigo — houve sempre amigos pra tudo! — que depois de ter enganado uma irmã minha, se recusara a recebê-la por mulher. Avisámo-lo duas vezes, meu irmão e eu, de vir cumprir a promessa que fizera. Respondia com evasivas: primeiro não estava ainda livre de soldado;

d'outra vez não tinha saúde; d'outra vez não tinha dinheiro... Demos-lhe as nossas economias, meu irmão Cristóvão quarenta libras, eu vinte e quatro, meu pai seis... Como não cessasse de vir a nossa casa, escolhia as horas em que andávamos por fora, sempre tratando d'embair a rapariga com as artimanhas de que estava senhor. Era dos bem falantes, aquele! Gastou enfim o dinheiro, e abalou de Lisboa para fugir às perseguições que lhe movíamos. Mas passados meses, veio uma vez que estava em Sesimbra, a trabalhar de tanoeiro... Fomos apanhá-lo numa estalagem do cais... novas intimações, novas recusas: mas desta vez o homem falou franco — não casava porque não queria casar! Domingo de Páscoa, como meu irmão saísse a buscar a clavina que deixara no posto alfandegário, ouvimos no mar uma sineta. Era o barco de Lisboa que chegava.

Por desfastio fui-me a ver desembarcar os passageiros.

Estava a chover: e eu que não levava cobertura, abriguei-me da bátega numa guarita do cais que achei vazia. Resvés de mim, passou dali a nada uma mulher muito embuçada, sua trouxa ao quadril, e parecendo estranha ao povoado. Para encurtarmos razões... a minha irmã fugira de casa, e vinha ter com o tanoeiro. Aguardou-se a noite como quem aguarda a salvação. Meu irmão tremia abraçado a mim, e ambos afiávamos a chorar, no coiro do estojo, a folha das facas que tínhamos comprado de véspera, a um cuteleiro dos Romulares. Dez horas dadas, cada um de nós confessou-se ao outro. Já conhecíamos os cantos da estalagem. Havia uma cancela prà rua, que toda a noite

ficava escancarada: depois um pátio, com lenha, as cavalariças, e as alpendradas das carroças. Ao fundo desse pátio, subindo umas escaleiras de tijolo, encontrava-se a porta da locanda, que nós arrombámos, e logo à esquerda, depois da cozinha, o cubículo do homem... Na mesma cama, onde os achámos dormindo, a ele e a ela, os espatifámos, às escuras. Tamanha era a raiva, que quantas mais punhaladas lhe metia, mais intensa vida parece que lhe espirrava na sangueira. Eu metia os dedos por todos aqueles buracos, enxafurdava naquela lama a minha carne... seria capaz de bebê-la, se ela não coagulasse tão cedo, nas mesmas fontes por onde espadanava.

Agora entende! apesar do meu degredo, tanto tempo, dêm-me amanhã vinte e quatro anos, renasçam as circunstâncias que me levaram ao morticínio, e diabos me levem se eu não cosesse a facadas, té à alma, a carcaça desse íntimo — quanto mais dum estranho! — que tivesse vindo ganhar-me a estima, no propósito de me desonrar a geração.

Era uma véspera de férias, quando Marta morreu.

Os últimos dias do Outono sorriam na amarelidão dolorosa das árvores. Deliberou-se logo entre os estudantes que ficavam, e poucos eram, sequestrar o corpo à carnificina da autópsia, e recoltar por cada bolsa recursos com que mandar à cova a rapariga, num saimento modesto, separado porém da promiscuidade lúgubre da carroça hospitalar. Abertos os saquitéis, esportulou cada qual o que podia.

Mas ao fim da colheita, o pecúlio somado apenas logrou fazer sorrir o estudante. Fim de mês, começo

de feriado... péssima ocasião para um boémio se inscrever à Rotschild, nos certâmens poéticos da caridade! Mas nada de perder a coragem. O capelão do hospital, um pobre velho, prestar-se-ia sem dúvida a comboiar gratuitamente o cadáver. O ponto eram o caixão e o carro fúnebre. Alguém propôs se alugasse um caixão num cangalheiro. Eles ainda hesitaram, os pobres delicados, tranzidos no horror de lançar à terra aquela mimosa estátua d'infortúnio, sem outro invólucro mais rijo que a mortalha, que redimi-la pudesse aos primeiros assédios das larvas carniceiras. Lá se convenceram enfim da exiguidade dos meios, e sairam do hospital comissionados, à busca dum armador que lhes valesse.

À esquina do Socorro, um deles disse: — É além! — E atravessaram o largo até à rua das Atafonas. Numa fachada esfumacenta, entre uma taberna e um prostíbulo, viam-se dois brandões amarelos, pintados por baixo duma essa chocolate: e num circuito, as palavras — *Izaquiel, armador,* em caracteres de palmo e meio. Era uma lojeca esconsa, escura, subterrânea quási, para onde corria enxurro em tempos d'água. Meia dúzia de caixões estavam encostados à parede. As través do lagedo pousava um banco de carpinteiro, e via-se num canto, enroscada numa alcofa, uma cadela parida, lambendo docemente a cabeçorra exótica das crias. Mas era admirar num velho armário de vidraça, ao fundo da casa, a peça de resistência da loja, um rico pano de veludo com bordaduras de prata e grossas franjas. E do centro uma cruz branca saía, num esplendor lantejoulado. Resolveu-se a entrar na espelunca o assistente de Marta, João da Graça — tal era o nome do último fetichista provinciano de Soares de

Passos. Um homem veio de dentro saber o que desejavam. Por ali os fregueses eram raros, segundo parecia, e aquela entrada de quatro desconhecidos alvoroçara o dono da loja, e a cadela-mater, que ousou refilar a dentuça d'entre a farraparia da alcofa. Explicaram então os motivos da vinda. Queriam um caixão d'aluguel.

— Ele há de casquinha, disse o homem, mas são caros. Mas aí temos também pinho da terra, mais em conta.

— Pinho da terra.

O homem começou a abrir cada um dos seis caixões.

— Quinze tostões é o menos, alvitrou ele por fim.

João da Graça pagou logo. Mas antes que tivesse dado a morada, o cangalheiro aventurou-se a dizer, que no caso do freguês consentir, ele mesmo, *Izaquiel*, se encarregaria do enterro, por um preçozinho acessível. João da Graça consultou os colegas.

— A pessoa é muito pobre, disse então. Morreu no hospital. É para a não deixarmos ir na carroça. Qual é o menos preço por que nos pode sair um enterro?

O cangalheiro agarrou num lápis.

— VV. S.as hão-de querer enterro civil. Posso fornecer livres pensadores para o acompanhamento. Há com manifestação socialista, e sem manifestação. Também temos um escritor republicano para representar no cortejo, a imprensa avançada. São mais cinco tostões.

— Quási de graça! Mas nós não queremos nada disso.

— Bem. É um enterro pelo sistema católico, já vejo. À antiga portuguesa. E quantos padres?

— Bastará um. Mas esse vai de graça; já lhe falámos.

— Nesse caso, vai-lhes a coisa sair de mão beijada. Quinze mil réis: quási de graça... Põe-se-lhe o pano rico, cova em separado, e dois moços com brandões nas estribeiras. Hein? tornou ele com um riso vivaz nos dentes verdes. — E aproximou-se, discreto. — Isto, meus senhores, é uma especialidade da casa... o que as tabelas chamam enterro pobre, parecendo rico. Hoje tudo se *espicúla*. É o comércio.

Eles entreolharam-se, sorrindo apenas do embuste. A subscrição mal chegara a duas libras. Mas o passo estava dado, não é assim? Os quatro rapazes fariam ainda um sacrifício, por facultar à desditosa pequena essa mortuária pompa, que as tabelas tão burlescamente anotavam.

— Está combinado, tornou João da Graça. Esteja amanhã às oito horas no hospital.

— Caixão d'aluguel, já se vê.

Ainda estavam à porta, findando o ajuste, quando uma mulher rompeu da taberna, trazendo uma escudela de caldo na mão.

— Aqui tens o jantar, ó mandrião. O taberneiro diz que não tem azeitonas.

Porém já uma voz estava a chamar por ela, de cima.

— Eh, *Cigarra!* Eh, mouca!

A mulher ergueu os olhos para a janela baixa, de tabuínhas, sobranceira à espelunca, onde outra criatura se esborcinavâ, coberta de vermelhão.

— Que é lá?

— Compra-me tabaco no Augusto, em passando.

— Venha esse bago.

— Quatro menos cinco. Kentuky. Então já sabes que a Júlia guerreou com a tal dita pessoa? Eu sempre disse!

A outra fez-lhe sinal de que já lá ia saber como a coisa tinha sido. E para o cangalheiro:

— Hoje é o dia das boas notícias. Aleluia! lá morreu a Marta no hospital, esta manhã. Em Santa Maria, cama 27...

— Como soubeste? disse o homem, tocando as provisões do peixe frito e pão que ela lhe trazia, num jornal.

— Foi a *Catinga,* que por modos estava numa cama ao lado dela. Aí nos fica viúvo agora o mequetrefe.

— Hemos de lhe comprar um fumo largo para a cartola dos dias santos, gritou-lhe a outra de cima.

O cangalheiro ria.

— Nada de chalaças, nada de chalaças, princesas! Paguem-me antes dois decilitros no *Chiça,* para enxugar o desgosto cá por dentro.

— O estupor! fez a Cigarra cuspindo. Vá uma pessoa amofinar-se por homens!

E foi caminho do seu antro, de cigarro na boca, bandeando a saia escarlate, e ao passar pela taberna, o arrastar dos seus chinelos de trança, levantou suspirosamente o arcabouço do rapaz que frigia as iscas.

— A que horas deverá ir a berlinda? perguntou *Izaquiel.*

— Lá combinaremos. Espere-me às oito no pátio do hospital.

— Criado de VV. S.as, tornou o homemzinho, curvando-se. Caixão à cova era uma libra mais. E até sempre. O *Izaquiel* armador... Saúde a VV. S.as.

Quando no dia seguinte o cangalheiro veio ter a S. José, esperava-o João da Graça já no átrio. O caixão foi conduzido aos ombros dum galego, pela porta de ferro que dá ingresso nos jardins, à esquerda da igreja velha. E os dois homens seguiram-no, em disposições d'espírito inteiramente antagónicas. Assim chegaram à *casa das observações,* em cujos leitos os cadáveres aguardam vinte e quatro horas a remoção, para o cemitério, ou para o anfiteatro. Esta casa fica num campo sobranceiro ao casarão hospitalar. Tem por diante o rumo dum pequeno jardim plantado de roseiras, goivos e artemísias: aos lados seguem-se eucaliptos em dois renques paralelos; e avistam-se para trás dois ou três montões de cidade, até ao rio, além do qual a vista apercebe ainda, num fundo incorpóreo, a traslúcida aguarela dos montes d'Arrábida, e as povoaçõezitas rasteiras da outra banda. Quando eles chegaram, viram o guarda da *morgue* entretido a limpar a gaiola dum melro desplumado. Como a porta d'entrada estava aberta, avistava-se por ela ao fundo dum corredor muitíssimo estreito, com lájeas de xadrez a branco e pardo, um pequeno altar dourado e poeirento, diante de cujo crucifixo uma lâmpada de metal bruxoleava, às remoinhadas do vento. Diziam para o corredor as portas de compartimentos vários, com leitos d'oleado, onde os corpos jaziam, segurando uma argola de zinco, em comunicação com a campaínha d'alarme — campaínha que por sinal ninguém ainda ouvira retinir, no alvoroço duma ressurreição. Quando o galego depôs o caixão, João da Graça buscou pelos olhos-de-boi de todas aquelas portas, a cama onde

estivesse deitada a costureira. Era o número 9. Eles entraram, João da Graça e o cangalheiro. Estava a manhã lúgubre e chuvosa, forrada no céu por uma felpa que a todo o instante ia ficando mais plúmbea, à medida que o vento acossava da barra os aguaceiros.

Uma ventania agitava os eucaliptos de fora, com intermitências de fúria e silvos de chacota; e ao largo a cidade ia-se apagando em agregações de formas indistintas, no meio da chuvada que empardecia já tudo, céus e terra, na mesma capa desoladora e cinerária.

— É uma mulher, disse o cangalheiro. E levou o caixão para dentro do cubículo. Há roupa a vestir?

João da Graça desfez o embrulho que Miguel trouxera na tarde anterior. E o outro, depois de colar por trás da orelha, a ponta do cigarro que viera fumando, tirou o casaco e arregaçou as mangas da camisa. Uma das mãos afastou os lençóis de cima do cadáver, enquanto a outra puxava o corpo para a borda da cama, num jeito cínico d'ofício, cujo impulso fez resvalar a cabeça do travesseiro, pelo oleado fora até ficar pendida para o chão, e despenteada e lúgubre que fazia horror. Toda a nudez violada pelo movimento brusco do homem, oferecia sinais d'emaciação indescritível: era uma ossada nodosa e cheia de vergões por sobre a flacidez da pele que a revestia, às equimoses roxas pelo dorso, murcha, torcida, e bem afastada já da gracilidade airosa d'outro tempo. O ventre, metido para dentro, começava a encher-se de listrões de verde glauco, em que as varejeiras picavam de raspão; os seios murchos, enrugados, vazios, descarnavam um colo cheio de máculas de cáusticos, donde o gasnete saía num esgalgamento de girafa — e desse corpo de

mártir, nem um detalhe sequer da gentileza que João da Graça tinha idealizado! Só a cabeça inda era bela, duma escultura inspirada, entre os cabelos enormes, que empastara nas fontes o suor da última agonia.

— Dê-me V. S.ª a camisa, objectou *Izaquiel*.

João da Graça remexia atarantadamente no embrulho, enganava-se na roupa, tirava uma peça, tirava outra, largava esta, ou ia depois desdobrar a que já tinha posto de banda... E o outro acabou por desnudar a costureira de todo, com curiosidades de libertino, atirando os lençóis dum empuxão. Um pudor fechava os olhos do médico ante essa nudez sagrada de morta, que ao cangalheiro se afigurava apenas desprezível.

— Está tesa quem nem um bacalhau, dizia este, fazendo esforços brutais para assentá-la na cama, a fim de lhe poder vestir a camisa. João da Graça tudo era aconchegar as últimas roupas sobre o ventre da costureira. Já por fim, o cangalheiro fungava de mangação. Ele percebeu. Um ciúme atroz roía-lhe a alma. Enlividecera nos beiços, tinha as mãos crispadas, e um suor humedecera-lhe os cabelos.

— Vai-te embora! fez de repente o estudante, afastando o miserável por um braço. Eu a visto. Deixa! Vai-te embora! — Perdera a cabeça, e a sua voz, rouca, baixa, trescalando o ciúme das naturezas concentradas, parecia a de um ventríloquo imitando o falar duma pessoa a distância.

— Oh freguês! escusa de se escamar, que eu não lha como.

— Vai-te! gritou-lhe João da Graça com tal violência, que o cangalheiro deixou o cubículo logo, resmungando que não estava para aturar malucos.

Então começou o estudante a vestir Marta. Deixara de hesitar na escolha da roupa. Desenrolou o vestido, estendeu aos pés da cama o par de meias bordadas, e uma a uma, começou de alisar as flores da grinalda de rosas, que o embrulho amachucara pelo caminho. E tirando um pente do bolso, com mil cautelas para que o não surpreendessem naquela tarefa materna, entrou a pentear-lhe os cabelos, docemente, madeixa a madeixa, desempeçando com arte os tufos rebeldes, como se estando ela dormindo, qualquer empuxão, por ligeiro, lhe pudesse arrancar gritos de dor. Nenhuma mãe vestindo o filho que acaba de esmorecer-lhe nos braços: nenhuma noiva espargindo gerânios e cravos sobre o cadáver do noivo, puderam jamais desenvolver tanta solicitude, tanta delicadeza, mimo tanto, como esse romanesco moço no preparar com humildes vestuários o corpo fenecido da criatura que nem sequer conhecera fresca e radiosa! A abnegação que a alma dos rapazes exala, mais espontâneamente talvez que a das mulheres — esse perfume íntimo e recôndito que parece nascer da virgindade do carácter, haviam transformado aquele campónio misantropo, na mais lesta camareira que é possível imaginar. Oh! venham ver como ele ajusta as meias nesses pequenos pés carcomidos de tísica, e lhas vai esticando, expedito e ligeiro, sem tocar sequer com as pontas das unhas na frigidíssima epiderme daquelas pernas mirradas.

Está de joelhos diante dela, cinge-lhe as ligas, calça-lhe os sapatinhos de seda, enfia-lhe a saia bordada, e o vestido de musselina, com mangas curtas, que tem sobre o peito garridamente bordado a azul pálido, um decote por onde tufam rendinhas e entremeios. Em duas

grandes cataratas vêm-lhe descendo os cabelos, aos lados da cara, para lhe fazerem nos ombros, ainda anelados e sedosos, uma espécie de grande bioco monástico, cujo sombrio tecido mais acentua duma extática beleza a macerada alvura dessa fisionomia de cera. Falta só calçar as luvas. Ele trouxe-lhe um par de luvas.

Será o seu derradeiro presente! Toda a noite passeou no quarto, mordendo os punhos, para os companheiros de casa lhe não ouvirem os soluços: tão agarrado à poesia fúnebre daquele seu romance, que já se lhe afigurava nenhum outro conseguiria fazer-lhe bater o coração, por viva e sedutora fosse a criatura que viesse tentar-lhe a adolescência! E chorava, o pobre João da Graça, nimbando a cabeça de Marta, na coroa de rosas do martírio, menos brancas do que as faces dela, agora insensíveis para sempre à ebulição das saudades que lhe deixara. Oh, essas últimas horas da sua lenta agonia, quando as mãos dele sentiam ir arrefecendo as dela! e o balbuciar da sua imperceptível voz, suplicando que a salvassem dos magarefes do anfiteatro, última afronta da caridade oficial aos deserdados, por cuja miserável carcaça pessoa alguma vai interceder!

Nesse religioso amor que aspirava projectar-se além-túmulo, na nostalgia de felicidade que os devorava, só os espíritos haviam comungado. Amor sem desejo, exclusivamente doloroso pelo fantasma da morte que os trespassara do mesmo horror sagrado, e todavia não se parecendo jamais com o amor d'irmãos, nem com o amor de filho a pai...

O guarda que havia tempos rondava o cubículo, como João da Graça tardasse, resolveu-se a espreitar pelo olho-de-boi do número 9. Vira o estudante ao pé da cama, com a cabeça encostada a uma das mãos da defunta, cuja luva acabara de calçar.

— Que é lá isso, meu senhor, a chorar?... Julguei que não soubessem fazer tal os homens de saber, como V. S.ª. Era-lhe alguma coisa, esta menina?

— Oh não! Minha doente. Muito boa rapariga.

— Sua doente... Poucas que daqui saiem levam a serapilheira molhada dos olhos d'alguém que as ame. Esta ainda foi feliz. A modos que era bonita...

E o guarda acrescentou, passado tempo:

— Deus permita que os desgostos de V. S.ª sejam sempre do tamanho destes. Hão-de esvaecer-se depressa.

— Aí chegam os gatos-pingados, veio dizer *Izaquiel*.

Eles tinham aberto o caixão. Era oblongo, coberto de sarja azul com pequenos galões laterais, uma cruz de lhama branca sobre o dorso. Oh Deus! Deus grande, Deus justo, Deus santo! Que enregelada seria a sua primeira noite debaixo da terra alagadia! Já nos lajedos soavam as botorras dos gatos-pingados. Uma chuva miudinha penetrava até à alma; e o vento que apagara a lâmpada, esfuziava através das persianas do casebre, gemia nas árvores, fazendo até bater as portas, pelos corredores do hospital.

— Vamos a isto, disse o armador. Segure-lhe V. S.ª pela cabeça.

João da Graça foi postar-se à cabeceira do catre, enquanto *Izaquiel* ia agarrar nos pés da costureira.

Ergueram o corpo. E o guarda continuava a monologar sem que ninguém lhe prestasse atenção:

— Façam ideia do que sofri perdendo mulher e filha. Eu cá fui da tropa, meu senhor. A mulher abalou com um moinante. A filha abalou com outro. Há-de fazer dois anos, já eu era o guarda-portão deste palácio, uma noite vim encontrar aqui ambas as duas. Tinham chegado por caminhos diferentes. Uma ficou além no número 12, a outra dormiu no número 17. Naquele tempo o meu amigo era um cão que achei na rua, e morreu já. Agora só tenho aquele melro, que ainda me morde, apesar que lhe dou todos os dias de comer...

— Segure-lhe vomecê aí nos braços, gritou *Izaquiel* para o velho maçador. O caixão era curto. *Izaquiel* lembrava-se de dobrar os joelhos da morta um quási nada, a fim dela ficar menos comprida. Já os beiços do estudante se começavam a fazer brancos. Porém os joelhos estavam rígidos. João da Graça respirou.

— Há-de caber por força. Não há remédio.

— Inclina-se-lhe a cabeça, disse o guarda. E ambos procuravam introduzir Marta a trouxe-mouxe, como uma encomenda que tem de caber por força num caixote já rubricado.

João da Graça deixava fazer o que eles queriam.

E quando enfim os dois homens se ergueram, ajoelhou-se ele para compor a grinalda que pendera, e atar-lhe as mãos com uma fita.

Porém a sua sensibilidade estancava-se, fazia já tudo maquinalmente, por fim — só os olhos fixavam no forro de paninho do caixão, a rubrica da peça donde ele tinha sido tirado, e que em letras azuis, dizia, *Panno famoso, 22 jardas. Manchester,* a um canto. Em pensa-

mento, o pobre rapaz repetia aquilo mais vezes, *Panno famoso, 22 jardas...* com uma monotonia lúgubre de idiota, e sem saber o que estava dizendo. Quando já tudo estava pronto, *Izaquiel* encarando com um riso equívoco o estudante, perguntou-lhe à queima-roupa:

— Se me não engano, era a Marta, esta pequena?

— Conheceu-a? disse o outro.

— Foi minha vizinha na Graça. Era d'arromba! V. S.ª sabe-lhe o nome todo?

O estudante disse que não. Mas o armador era familiar por aquelas pocilgas, e foi logo procurar debaixo do travesseiro, o bilhete que lá deviam ter posto, como uma carta de guia lacónica, para a jornada da sepultura.

Soletrou: «*Martha Rodrigues, 23 annos, natural de Lisboa. Enfermaria de Santa Maria. Tuberculose pulmonar*».

O bilhete adequava-se inteiramente às informações que a *Cigarra* tinha dado. Era então ela! Sempre era ela então!

— Que história, hein? pensava o armador lisonjeado.

Já se explicava a cena de ciúmes de há pouco. João da Graça tinha sido o último... eh! eh! o que apanhara o peixe seco, o que tinha pago a despesa no fim dos mais terem comido... E um estudante, um doutor! enquanto ele *Izaquiel*, se podia gabar de ter sido a primeira paixão dela, a sua loucura, e o motivo único da sua perdição!

— *Panno famoso, 22 jardas, Manchester...*

— Bom, disse *Izaquiel*. Pode-se fechar isto já, não?

João da Graça acabou d'esfolhar por cima do

corpo, o açafate de violetas e camélias que mandara comprar ao Neves do Rossio.

— Palerma! pensava o cangalheiro mordendo as guias do bigode cor de milho, que lhe assanhava o beiço superior. O velho capelão tinha chegado, e as absolvições foram num instante. Enquanto os moços arrastavam o caixão para a cadeira de ferro da berlinda, *Izaquiel* envergou à pressa um trajo de gato-pingado, que sempre forrava assim a espórtula dum homem.

E o cortejo saiu pela *Porta do Carro*, por S. Lázaro, caminho do cemitério, lentamente.

Sempre a chuvinha cerrada caindo oblíqua nas ruas, com uma teimosia impenitente, muito igual, desesperadora e cheia d'amargas nostalgias. A lama enchia as pedras da rua, lambusava os patamares, subia ao roda-pé das frontarias, espadanando na cara dos transeuntes, de cada vez que uma sege largava a trote por sobre os empoçamentos da via. Panos de névoa truncavam os prolongamentos do caminho. Cada embocada parecia ir acabar contra uma vasta penumbra, vaga e inquietadora sobre o espaço, onde a geometria dos prédios, lá longe, mal se delineava em fumaceiras indecisas. Assim atravessaram aquele velho bairro da Bemposta, feito de casinholas e antigos palácios-casernas, frios e armoriados de escudos na cornija gasta dos portões. Iam lentamente, sob a chuva, num passo derreado de vencidos, desafogando em imprecações e más palavras aquela má vida de raleira, por um aguaceiro semelhante. O sota rogava pragas ao estafermo da defunta, em cima dum cavalo tuberculoso, cujas costelas davam estralos, batendo contra as costelas do lado oposto. E não iam mais contentes os gatos-pingados das

tochas, encharcados até à camisa, em tão pequeno percurso; por sinal que um deles, *Izaquiel*, espumava de birra, por ver o estado em que lhe ia ficar o rico pano lantejoulado que revestia o caixão.

Quanto ao velho padre, má-lo sacrista, no fundo da berlinda... que o capelão era um santo em lhe não tendo esquecido a caixa do rapé. Daquela vez, a caixa ficara no gavetão da sacristia. Como desse pela falta, gritou logo o santo velho — esta só pelo diabo! Parece que o sacristão, que também cheirava, não ia de melhor cozedura, já porque a respeito d'esperanças na propina do enterro, não tinha esperança nenhuma; já porque a mulher dele, Fortunata, lhe apresentara nas ventas, por contravenções de matrimónio, com uma salada d'agriões, e mais a saladeira em que ela se achava cozinhada.

— Aposto que também não traz, disse o capelão, mirando o seu acólito d'esguelha.

Rebuscou ele conscienciosamente os bolsos da batina, antes de responder que não tinha trazido.

— Ora encomende-se a Cristo, seu Evaristo! fez o padre.

E rufava nos vidros da berlinda com modos ribaldeiros.

— Sempre quero que me diga, como nos havemos nós de governar daqui até ao Alto de S. João, sem rapé. Sim!

— Que o tal pelintra podia bem pagar a propina ao sacristão.

— Qual pelintra, seu Evaristo?

— O estudante, senhor padre Ravasco. Então ele bate-se de pano rico, paga aos moços das tochas, e

deixa os homens da igreja a chuchar no dedo? A religião não é nenhum galego dos defuntos!

— Ora o diabo do rapé!

— Porque enfim, quinze tostões sempre lhe hão-de fazer diferença. O sr. padre Ravasco não é rico.

— E não sou, caramba! Mas que se lhe há-de fazer? Os estudantes entravam logo a falar... Veja você nas algibeiras das calças, seu Evaristo. Podia ir aos ouvidos do senhor enfermeiro-mor... O rapé desentupe-me. É a hóstia das ventas. Dava agora um vintém por uma pitada.

— Raio de vida a nossa! Vá uma pessoa atrás desta carcaça, com esta chuva de molha-tolos, e de borla, senhores!

Viu-se maior pouca vergonha?

— E cada vez será pior, seu Evaristo. Então, sem rapé! As autoridades também é que desprestigiam a Igreja. Antigamente... Você viu bem nas algibeiras do colete?

— O senhor padre Ravasco é que podia falar ao estudante. Assim de raspão.

— Homem, eu cá não. Mas fale-lhe sempre você, se o lobrigar a carácter.

— Ná! Só se o armador quiser meter os padres na factura.

— Com quê, nem nas do colete? Ora sebo, seu Evaristo! Sebo, lhe digo eu! Daqui ao cemitério sem rapé, com uma bordoada d'água como está a cair... Ah vida do diabo! Que esse estudante é um grandessíssimo pelintra: você não abiscoita real, tenho a certeza. — Volvia o sacristão:

— De borla, senhor padre Ravasco, de borla nem

uma pessoa reza os responsos com fé. E deixava resvalar até ao chão da carriola, voltaireanamente, o crucifixo de metal que tinha trazido. Além de que, entornara-se a água benta da caldeirinha.

O padre reparou.

— Diabo! como há-de ser isto agora?

— Ora adeus, padre Ravasco! A propina não dá pra semelhantes escrúpulos. Cospe-se-lhe pra cima, arre!

Ao cabo duma marcha forçada, lá conseguiram chegar ao cemitério. O guarda veio recebê-los debaixo dum guarda-chuva de saloio. Padre Ravasco, apanhando a batina de lado, como as mulheres, todo se acocorava sob a umbela escancarada por Evaristo. E na pequena essa de ferro da entrada, o caixão infiltrava-se lentamente da chuva.

Só João da Graça se esquecia d'abrigar a cabeça descoberta. Estava só, que os amigos tinham receado o tempo, e os irmãos dela também; e isto aumentava a sua melancolia. Nunca o cemitério lhe parecera mais lúgubre do que nesse estúpido dia de inverno. Os cemitérios que elle passeara ao luar, nas sugestões patéticas do seu querido *Noivado do Sepulcro,* eram campinas de cenário dramático, onde as avenidas de ciprestes caracolam e prosseguem sem acabar jamais, e todas cheias de flechas góticas, esculturas, voos d'almas, silêncios de criptas, jeróglifos de fogos-fátuos, e místicas núpcias sobre o mármore fosforejante das tumbas. Campo sagrado pelas dolorosas cadências da balada, que faz dos vetustos ciprestes como a ressurreição em vegetal das grandes ambições que lá dormem, insaciadas, à espera da interrogação filosófica d'alguém.

Nessas fantásticas necrópoles, a alvinitência da lua dá talvez formas de sonho a cada fachada lívida de mausoléu. Meia-noite batida, ir-se-iam enlaçando aos pares, cadenciosas, as estátuas dos sarcófagos, fugindo lentamente, como elfos, na poeira argêntea das noites claras...

— Oh nunca! nunca! de saudade infinda,
Responde um eco, suspirando além...

— *De profundis clamavi ad te, Domine,* dizia o padre. Todos se tinham descoberto. E João da Graça, sem escutar os responsos, via o caixão pingar uma água turva dos cantos, sobre as pedras molhadas da avenida.

— *Panno famoso, 22 jardas...* A pobre, a pobrezinha da rapariga!

Por milhares, os ciprestes afiavam, uns por trás dos outros, pontas de facas erguidas contra o céu, como se por baixo da terra lhes estivessem segurando nos troncos, mãos vingadoras de defuntos, há tantos anos desiludidos da bemaventurança com que a Igreja os embaíra. Pelos cunhais dos jazigos trepavam heras, alongando compadecidamente os braços verdes à peanha da cruz que os encimava. E por toda a parte esse silêncio da morte, estagnado e pobre, que num consistório deve fazer-se, logo depois de ter blasfemado algum bispo.

— *...Domine, exaudi vocem meam; nec adspiciat me visus hominis...*, dizia o padre (1).

(1) A lição do Responso encontra-se consideràvelmente estropiada já na 1.ª ed. — *(N. do Pref.)*.

Oh morrer! que consolador lhe seria morrer com ela, e irem naquele mesmo caixão, sob a chuva das mesmas flores e o latim dos mesmos responsos, para a hibernagem da cova, ali tão perto da sua noivazinha adorada! Promessas, histórias, juramentos que ela não pudera dizer-lhe enquanto viva, far-lhos-ia depois, a fria sonâmbula, na primeira noite em que passassem unidos sob a terra, naquele estreito ninho funerário. Toda a sua vida correria pois assim, extinta a criatura, abandonada e murcha à beira da felicidade dos outros, sem que lhe fosse dado poder exclamar um dia: sinto-me agora bem! Era génio, era destino, dizia ele. Em quinze anos de Lisboa, que relações eram as suas? Camaradagens d'escola, tão exteriores como joviais; um ou outro desconhecido que vinha às noites beber-lhe o cognac às mesas do Martinho. Da mulher pouco sabia. As que conhecera, tinham-no quási todas explorado. Mesmo, algumas lhe voltavam as costas. Que ele era desses tímidos que as raparigas sacrificam ao primeiro bigode loiro que lhes surja do fundo de qualquer imbecilidade, fazendo a apoteose de qualquer cabeleireiro. Só aquela moribunda diáfana, tão calada, tão poética, tão doce, satisfizera o platonismo ingénuo da sua alma de campónio, em cuja limpidez se estamparia ainda, quem sabe? a idílica e religiosa tristeza do burgo alentejano onde tinha nascido!

— *Kyrie eleison, Christe eleison...*, rezava o padre, aspergindo o cadáver, enquanto por trás dele o sacrista ia abocanhando o *Pater noster*.

Farrapos de crepes já velhos, amarelentos, grotescos, iam e vinham, passavam e tornavam a passar com o vento, por diante da gelosia dos mausoléus. Algumas

coroas mostravam os ventres de palha pendentes de gradarias em ferrugem. E em certas urnas, nem mesmo as aves desciam a molhar o bico, quanto mais a haste duma rosa trazida em preito, pela viúva dum banqueiro!

A saudade dessas inconsoláveis famílias tinha apodrecido pois com as pomposas inscrições das coroas fúnebres. Outros amores depois foram crescendo por sobre a reminiscência daqueles decrépitos amores. — Porque a lágrima não fecunda nem alimenta ninguém. É o pus duma úlcera: seca e estanca-se no penso, apenas a úlcera vá estando cicatrizada.

A chuva não tinha cessado, e na encosta do cemitério, que pende para o rio, o cerraceiro entaipava de cinza o vale de Chelas, apagando nessa paisagem fúnebre, o único recanto em que sorria um idílio de folhas verdes e paredes caiadas.

A cova de Marta era para lá das ruas de sepulcros, num campo sem erva, cheio de números brancos em placas negras, e escavada em terra alagadia, cujas barreiras lhe filtravam pra dentro, charcos de lama torva e espapaçada. E findas as absolvições, o padre arregaçando a batina, afastou-se debaixo do chapéu de chuva que lhe estendera o sacristão; *Izaquiel* foi tratar de pôr em resguardo o pano rico; e dentro da cova, amarfanhando as calças nos canos das botorras, um coveiro inda novo procurava firmar-se na terra mal enxuta, fugindo ao atasqueiro do centro, enquanto um outro, de barrete de lontra, começou a abrir o caixão da rapariga. João da Graça esse tremia com os olhos caídos sobre a morta, e o espírito imobilizado na contemplação dessa hora suprema, em que a angústia do desconhecido

se centuplica de horror, pelo receio do inferno. O trabalho dos dois homens cortava-se entanto d'impaciências, às fustigadas da chuva. O que destapara o caixão tinha-se posto a chamar um dos gatos-pingados que ia debandando empós dos outros, a que viesse ajudá-lo a tirar a defunta para a cova. E o outro coveiro em baixo, praguejava.

— Vê se te despachas, *zaranza!*

Mas o gato-pingado, sem se voltar, respondeu-lhe de longe um gesto obsceno, e foi João da Graça quem prestou ao coveiro o auxílio necessário, erguendo Marta pelos sovacos, enquanto o outro dava ala ao cadáver, agarrando-o pelas barrigas das pernas, como um fardo.

Ao despregar-se o corpo do caixão, a cabeça vergou, má-los cabelos, e a coroa, desprendendo-se, foi rolar ao meio da lama. Já o outro coveiro, por baixo estendia os braços para amparar o cadáver pelos rins, quando um rebordo de terra sùbitamente esbarrondou por debaixo dos pés do estudante, fazendo-o largar a morta que caiu desamparada no charco. Houve uma praga medonha do homem sobre quem a lama espirrara, no impulso da queda, com um *plau!* espapaçado e flácido de papas; e vestidos, meias, cabelos da pequena, ficou tudo coberto de crostas repelentes. *Panno famoso, 22 jardas...* e despoetizada do seu pudor, por aquela injúria, a morte revestia assim uma feição de vileza esmagadora. — Só entre as madeixas, que iam tomando cambiantes descorados, cheias de piolhos brancos, furiosos, a cabeça mantinha a sua dolorosa aresta de nariz, entre as pisaduras dos olhos, e aquela palidez exangue, melada de pólens, dum azul que era já

sangue deletério, e de que o excesso de mortificação fazia horror.

Nunca como nessa hora, João da Graça compreendeu melhor, no seu fundo de sonho romântico, ingénuo que era, a necessidade d'acreditar que a podridão não fosse um términus, tanto esse desfecho da vida lhe pareceu injusto e inexplicável. A frase de Pascal, *prenez de l'eau bénite, abêtissez-vous!* veio-lhe à memória, com o seu Port-Royalismo devorante, em que se sentem cilícios rasgando carnes, e o pesadelo do *au-delà* dando vida à morte, fazendo das mais tranquilas coisas, espectros, e sacudindo a alma em trágicos pesadelos.

A ideia de Deus fê-lo tremer, nesse momento: perguntava a si próprio, espavorido, se as afirmativas da ciência não eram mentirosas, e a sensibilidade continuaria além da morte, exasperando-se a dor através da decomposição cadavérica, não já por crises, mas contínua, insuportável, fulgurante, enquanto restasse do corpo uma molécula sequer de matéria agregada... E ao pensar nas torturas que ela devia estar sofrendo, caso assim fosse, proibida de gritar, de se mover no meio da terra, calada, e sentindo, por um requinte de martírio, o carnaval da podridão ganhar terreno pelo seu corpo fora, té à medula, um suor álgido banhava-o, e desesperado, agarrava-se à religião, não já por fé, mas por miséria, como quem procura escapar duma asfixia que o estrangula.

Ia de molde o seu carácter, também, a este poema mortuário, pela solidão em que medrara. A mãe nem a conhecera. Os seus olhos de criança só se lembravam de ter visto sorrir fisionomias velhas... um tio que

tomou conta dele, logo que a mãe tinha ido a enterrar... uma tia, já velha, de bandós postiços, que ele vira sempre a folhear romances da *Biblioteca das Damas*... e velhas criadas de roda, às passadinhas, falando em segredo pelos cantos, numa velha casa que tanto podia ter sido um convento, como um quartel, como um tribunal.

O egoismo desta velhice, vegetando sem queixumes, numa fartura de ricaços, retraíra cedo a viveza traquinas do garoto, compondo-lhe no aspeito, em gravidades d'anão, securas de fantoche. *O* único cuidado da tia era saber se o menino cumpria as devoções. E havia rezas para todas as horas, naquela casa, orações para o levantar da mesa, para beber água, ir à bacia, dar um espirro... que o Joanico sete anos resmungou, passivamente, sob os bafos menstruais da governante.

A vida em Lisboa não pudera aviventar depois, na adolescência, aquela natureza apática, sempre tocada pelo raio de luar duma quimera. Nas noites de S. Carlos era um dilettanti maníaco do galinheiro. Ali, num canto escuro, sequestrado de todos os convívios, ouvia a ópera sem olhar a sala, como se buscasse na música a repercussão dum estado dalma rente ao seu. Mesmo, na escola, era macambúzio, com uma palidez anémica, e grandes contemplações para dentro de si próprio. Os rapazes faziam-lhe troça. Tinham inventado que ele mandara pedir a absolvição do Papa, antes de se deitar às dissecções obrigadas pela matrícula, e um maroto pôs-lhe a alcunha de *protóxido de amor* — pela facilidade, dizia, com que passava a sesquióxido, à vista duma enfermeira galante, ou duma filha de patroa apetecível.

Na noite seguinte ao enterro, como a chuva cessasse, um vento frígido soprou sobre a cidade, e João da Graça no quarto corria os dedos sobre o piano, como se quisesse acordar em música o eco das amarguras que o minavam. Todos os seus companheiros de hospedagem haviam saído para a província, gozar as férias: ficara ele sòzinho, mais a D. Maria e um gato preto — e a casa velha, rachada, imunda, para os lados do Matadouro, com quási todos os andares por alugar, parecia morta naquele silêncio nocturno das terras, entre uns casinholos baixos d'operários. A espaços o sino de Rilhafoles badalava, estrugia um brado — era algum doido a quem os enfermeiros tinham vestido a camisola de forças. E a patroa vinha dizer que eram horas do chá. Nas paredes dos quartos pendiam caladas as guitarras, pares de calças rotas; e sobre as bancas de pinho, os calhamaços da patologia empoeiravam-se, ao lado d'ossos humanos, frascos de injecções, e potes de tabaco. *Panno famoso, 22 jardas...* Se ela agora estaria tiritando de frio na sepultura!

Paredes meias, uma família esquálida de bêbedo. Constantemente altercações, choros de crianças, o rodar da máquina de costura, e a cadela, coitada, sempre a uivar de fome nessas ruas! O chefe era um rapaz de flor ao peito, ar gentil-homem, que escrevia nos jornais, e traduzia, dizem, romances para empresas. Todas as noites a mulher ia apanhá-lo da lama dos caminhos, onde ele afocinhava, à volta das tascas, recitando poemas socialistas. E nada mais lúgubre do que esse contraste entre a elegância do marido, as saias andrajosas da mulher, e a cabeça tinhosa e os pés descalços dos rapazes! Logo pela manhã vinha o mais velho

engraxar para a escada as botas paternas, enquanto a mamã dava a última demão de chá na sobrecasaca vomitada de vinho, e os dois mais novos iam carregando dos prédios em obras, marafalhas e toros com que aquecer o almoço ao grande homem. Cerca das onze horas, ele que saía, a luva clara, o ar triunfador, e ela corria a vê-lo à janela, num êxtasi, a espancada da véspera, a besta de carga, com os filhos de roda em camisola, igualmente babosos do papá... Oh, como estas desgraçadas se assemelham todas na ternura!

Pano f... e entre as reminiscências do enterro e a miséria daquela vizinhança, o espírito de João da Graça abria-se em acuidades dolorosas, em pessimismos negros: parecia-lhe a vida uma catástrofe que desfecha alfim sob as pisadas do coveiro, e a cujas responsabilidades se foge, ou pelo vício, ou pelo alcool.

Um terço da gente viva, de facto, entre que poderia incluir-se a mais cerebral e mais pujante, fazia o assalto da vida sem escrúpulo d'armas no combate, nem moral certa nos planos de campanha. Por toda a parte a hidrofobia do lucro: a vida moderna incompatível com a honestidade antiga: e na caça do oiro, aberta ao homem como alavanca de gozos e triunfos, o caçador mais forte era quási sempre também, o mais culpado. E em plena chacina dessa luta de feras e de bestas, que é a vida, João da Graça via rastejar na sombra o formigueiro dos tristes, dos inermes, dos vencidos, filhos sem pai, homens sem trabalho, mulheres sem esposo certo, famílias sem abrigo, toda a legião sagrada e vil dos que se deixam ludibriar por uma espécie de fatalidade zoológica, inquebrantável...

aquele formigueiro dava gemidos na portaria dos hospitais, debatia-se nos pátios das prisões, levava chicotadas nas roças, envenenava os pulmões nas oficinas, apodrecia nas minas, rebentava em cima das enxadas, e continuando sempre a fazer apoteoses, a criar deuses, a sagrar imperadores, pela necessidade dum déspota que lhe recordasse a miséria da sua origem, e lhe fosse aviventando o martírio, causa exclusiva da sua evolução.

Assim ele sondava as naturezas nascidas puras, e que a sociedade falha ou perverte, por miséria, desprezo, ou más sugestões; explicava as vesânias, os vícios, os crimes... o roubo pela fome, os assassínios por impulsão subitânea ou por defesa, e por desforço a tradições e os vilipêndios. Entre os felizes, quantos miseráveis, cuja fortuna lhes devera ser arrancada, em holocausto à miséria pública! e quantos facínoras, cuja vida o carrasco extirparia, por desafronta à dignidade humana, poluída! Aqui se surpreendia a fazer o cálculo rancoroso dos avos de responsabilidade, que na desgraça de Marta poderia ter cada homem rico das suas relações, e a pedir-lhe contas dessa miséria que nunca descera a queixar-se ao meio da rua.

Altas horas, esta obsessão de humanidade tímida e de humanidade ambiciosa, que desde as origens do homem ensanguenta a terra de tragédias, e cuja macabra história poderia esculpir-se no friso dum hospital d'alienados, esta obsessão continuou a dramatizar-se no pesadelo que o cérebro lhe fez, adormecido como foi sob impressões de mágoa tão profunda. Estava outra vez no cemitério, era de noite; e pelas avenidas, entre a inverosimilhança das sombras, e o terrível sem fim

das perspectivas, fundos de cipreste, cor de tinta, davam retoque a alguma agulha branca de jazida. Gradualmente, a temperatura ia baixando (verdade seja que João da Graça adormecera no sofá sem cobertura) a ponto do regelo ressequir os gomos dos goiveiros, e paralisar nas sepulturas a decomposição dos trespassados. Noitibós e morcegos, francelhos, corujas, todos os pássaros da morte que entoam nos lugares fúnebres e o silêncio d'agouro que atafulhava as bocas da a ladaínha do espanto, haviam recolhido às suas tocas: cidade, parecia dar naquele sítio uma impressão de joelhos sobre um peito, de cuja asfixia está prestes a escapar-se um brado de socorro. Ele pudera meter-se pelo carneiro dum jazigo, té às catacumbas da necrópole, onde viu numa praça o vizinho escritor a cabritar. Eram primeiro esses bairros de mármore, burilados d'alhambras e de estátuas, onde os ricos passam a estrume entre confortos... depois moradas mais humildes, e nos arrabaldes, cavernas e buracos em que se empilhava a canalha morta a trouxe-mouxe, assim como à viva sucede nas alfurjas da Penha e Mouraria. Aquilo vasto, sob uma penumbra fétida e hiperbórea, zigzagueava no subsolo, como a visão duma Gomorra submersa. Fervilhações misteriosas, vislumbres d'almas, agitavam aquelas carcaças deitadas para ali, a apodrecer... vida sem cérebro, regida, como direi? por uma espécie de sensibilidade espinhal inerente ainda à matéria animalizada — como se a natureza, essa cozinheira de restos, tentasse criar com aqueles destroços outra humanidade, acéfala, gestadora de monstros.

Por causa dessa sensibilidade vinham os mortos da vala, em grandes bichas, estralejando as maxilas de

frio, roubar mortalha aos opulentos senhores dos mausoléus. Em cada cripta viu ele famílias d'esqueletos, debaterem, pelas frinchas dos caixões, enterradas na cal, interesses que a morte cá em cima havia truncado: e continuarem em osso os adultérios, as intrigas, as idiossincrasias, as labutas... e à proporção que o frio reduplicava, a multidão crescer, cada vez mais ameaçadora, das covas de miséria aos bairros argentários. Era uma plebe fosforejante e amorfa, de sabbat, uma ronda espectral de coisas difusas, deslizando sem ruído, numa sonolência de tífo e de delírio... E João da Graça espantava-se de ver o vizinho escritor, de luvas amarelas, com a cara do *Izaquiel*, a levantar as saias a uma figura de mulher, vestida de cassa, e toda cheia de lama nos cabelos, que pedia esmola à porta dum mausoléu.

Nos degraus dos prostíbulos, à porta dos palácios, restos de bêbedos, continuavam, depois da morte ainda, as alucinações do absinto e da aguardente, com atitudes de fuga e de defesa, motetes, e epilepsias grotescas na ossatura. Velhas megeras, com as órbitas em sangue, um resto de beiço pendente da maxila — prostitutas corcundas, cobertas de bossas, a língua inchada, fora da boca, um gesto de convite ainda, nas falanges da mão libidinosa, — mendigos lúgubres, coreicos, aconchegando aos ossos a carne descolada, como quem aconchega uma serapilheira... aquilo tudo atropelava-se, bulia na sombra, com um rastro de bruxas e morcegos, à procura dum foco de calor. E era medonho o espectáculo dalguns que esbracejavam presos nas raizes, aflitos, esmagados, meios devorados por elas, e a ruminarem o quer que fosse nas bocas sem língua, como a querer fazer revelações! Entanto os grandes

túmulos tinham festa, ali os mortos continuavam antigas conversações galantes, ao calor da lâmpada mortuária, em toilettes de corte e de salão. Eram estes o alvo da romaria sinistra dos párias, que para vê-los formilhavam de-redor dos mausoléus, consultando-se um instante, avançando em quadrilhas, a espendurarem-se em cachos, das esculturas e dos nichos, a subir aos zimbórios, a virem colar os buracos dos olhos às lucarnas, estralejando os dentes convulsivos... E por toda a banda João da Graça sentia o mesmo: os vícios e vesânias terrenas prosseguindo na morte, por espécie de instinto anterior, a sua manobra d'animalidade e de torpeza, macaqueando a vida, como aquele piano do conto de Hofmann, cujas teclas haviam tocado muito tempo uma melodia de Haydn, e que o pianista fez em pedaços, continuando estes ainda a tocar a melodia.

Muito tempo tinha passado já depois de Marta morrer, e João da Graça, que estava delegado de saúde, e em via de célebre, foi uma manhã chamado a constatar um óbito de velho, num dos mais infectos casebres da Mouraria.

O temperamento romântico daquele moço, o tempo o evaporara, logo à recepção dos primeiros honorários profissionais, disciplinando-o pouco a pouco nessa secura amável do repúblico ambicioso, charlatão da fortuna, que impõe como autoridade científica, quási sempre, o coupé de luxo onde passeia, e a anafada parelha a que se puxa. Lenta, mas segura, a clientela rica tinha vindo, em esgalhadas de negociantes e meninas histéricas, gentes d'àparte, fastidiosas de banalidade, e desconexas, e ultra-chics, que além de não engolirem

remédios de botica, tinham a vantagem de ir exagerando a fama do especialista té às fronteiras do milagre, sobre lhe pagarem por meia libra, a meia hora de palestra que ele lhes vinha fazer, de carruagem, todos os dias, acerca de cantoras, vidas alheias, e águas minerais.

Fazem estas apoteoses públicas reflorir na alma dos plebeus, à hora da fortuna, o orgulho intransigente — esse espezinhado orgulho que é sempre um animal rancoroso nos que sofreram d'obscuridade ou privações. E daí, quando se é feliz, se interrogamos a reminiscência sobre as hesitações e ridículas lutas dos primeiros anos, a reminiscência, como uma duegne discreta, não responde. Que admira pois que João da Graça, ao ir verificar o óbito do velho, já não conhecesse Miguel, que o cortejava, nem a pequena Joana, que viera abrir-lhe a porta, chorosa, e com o seu ar mórbido de loira, branco duma poeira lunar, que haveria merecido a um inglês o intraduzível epíteto *d'éthereal,* tanto a miséria e as vigílias emaciavam de graça esse corpinho que parecia apenas o pretexto duma bondade? A casa era numa espécie de grande pombal da rua Suja, pululando de moradores quási mendigos. Na escada havia garotos em frangalhos, prostitutas nas lojas, e um cheiro a sardinha e a fezes por todos os andares. De roda, no antro onde aquela pobre gente viera cair, a miséria dizia muito mais do que pobreza, dizia desespero, desleixo, falta d'esperança e falta de coragem. Não se viam senão móveis partidos junto aos muros, ferramentas esparsas no sobrado, trapos de saias cobertos d'imundície, restos de coisas a que se perdeu o amor, e que se afundam, como os donos, na fuliginosa

tristeza de se sentirem sós e desprezados. Afixava-se em tudo, essa miséria, com o propósito de tornar a vida insuportável; ela dizendo as desavenças íntimas, as bebedeiras, as fomes — a casa de penhores, a enfermidade — meses sem trabalho e noites sem dormida — todo o irreparável sarcasmo d'existências sequestradas, martirizando-se, com uma volúpia aguda em sossobrar. De chapéu na cabeça, João da Graça disse no ar palavras benévolas ao rapaz, e foi seguindo a pequena té ao cubículo do morto, onde verificou grosseiramente os sinais d'extinção que o livro manda.

— Dêem-me tinta.

Voltara à saleta, e depois de lavar os dedos, pôs-se a desenrolar o papel da certidão. Foi quando Miguel lhe quis aproximar da banca uma cadeira, mas houve dúvidas: nenhuma delas suportaria o peso do doutor, sem vacilar.

— Quantos são hoje?

— Acho que nove...

E a pena corria, célere e maçada, cobrindo os brancos do impresso com a sua letra ilegível de médico. Ao canto, o caixão pousava, encostado à parede, aberto e já tão velho; um caixão d'aluguel, que tinha no forro, a um canto, entre duas nódoas de sangue, uma grande rubrica de fábrica... *panno famoso, 22 jardas...* Nada daquilo, nada, por certo já seria capaz de falar à reminiscência do doutor!

— É resignarem-se, adeus.

E ele saiu, depois d'acender com estrondo um bom charuto. Já na escada, inquiriu dum homem que subia, em primeiro lugar as circunstâncias da família... E o homem depois de lhe assentar familiarmente a

mão no ombro, começou a dizer que o velho tivera noutro tempo seu arranjo, mas começou a dar cabo, a embebedar-se, entende bocê? e estava ali morto de miséria como um cão. Havia o filho a deitar sangue pela boca, uma pequena... E quanto ao enterro, o que se via. Por duas libras *enxixiam* berlinda e pano rico; vai, como o dinheiro não chegou pra grandes luxos, tinha-se combinado o caixão ser d'aluguel. De casa do *Izaquiel*. Bossa senhoria há-de ter ouvido... À Carreirinha...

João da Graça ia descendo, e ainda o homem, loquacíssimo:

— I tem bocê outro que vem a acabar mal. Olá se vem! Bebe de cada vez dois decilitros d'aguardente... E por modos, todo comido de males de mulheres.

De facto acabou mal, o cangalheiro.

Foram achá-lo uma manhã morto na cama, sobre um vómito de sangue e d'aguardente. Em quatro meses tinham-lhe vendido a loja e as ferramentas, os caixões de casquinha e o pano rico. Os amigos fugiam-lhe, as próprias mulheres o tinham abandonado — porquanto *Izaquiel* em estando bêbedo, atirava-se a elas como um lobo, pretendendo instilar-lhes, numa obsessão de vingança, a hedionda gafeira que o roía.

Por caridade, um colega armador fê-lo transportar num calhambeque, ao cemitério, e como ninguém tinha querido um caixão velho que havia em casa, nesse esquife o expediram, vestido de farrapos, para a jornada tremenda.

Quando o médico veio verificar o óbito, não havia uma só pessoa na loja, a fazer guarda. Exalava-se um fétido medonho de cadáver, que se cozia em peste,

rápido perdendo a forma originária, e esse cheiro inundava o cacifro, tresandando em espantosas baforadas, té à rua. Toda a vizinhança estava em alarida, quando o doutor chegou. As rameiras e as tascas tinham ido fazer queixa do morto, ao comissário. E João da Graça, sem descalçar as luvas, pôs-se a escrever contra a parede os dizeres da certidão, entre náuseas mortais, rogando pragas. — E nem ele, nem ninguém, poderia talvez reconstruir naquelas cinco tábuas de pinho em que jazia o bêbedo, o impassível caixão que havia recolhido os destroços das três criaturas, despejando-as na terra, com a mesma indiferença, uma após outra, sem indagar se estariam bem mortas as paixões que tanto tempo as haviam unido e separado.

NOTA BIBLIOGRÁFICA

A 1.ª edição de *O País das Uvas* é de 1893. Foi ilustrada com 49 desenhos de Julião Machado (reproduções de Guillaume Frères & C.ª, de Paris). Editores: M. Comes e Magalhães & Moniz, Lisboa - Porto.

ÍNDICE

ÍNDICE

	Pág
Pelos Campos	1
Ao Sol	9
As Vindimas	25
Os Pobres	35
Amores de Sevilhano	51
O Filho	67
A Taça do Rei de Tule	79
O Cancro	85
Conto do Natal	93
A Princezinha das rosas	103
Divorciada	115
O Anão	129
Tragédia na árvore	145
A Velha	151
Idílio triste	159
O Corvo	175
O Antiquário	180
O Menino Jesus do Paraíso	195
Conto do Almocreve e do Diabo	207
Três Cadáveres	225
NOTA BIBLIOGRÁFICA	265

Composto e impresso na
GRÁFICA SANTELMO
Rua de S. Bernardo, 84
Telefone 64206—LISBOA

«DOCUMENTOS E MEMÓRIAS»

A Colecção que, sob o título acima, a *Livraria Clássica Editora* criou para o grande público de língua portuguesa, virá a ser, afinal, uma preciosa estante de obras-arquivos. De facto, em cada um dos volumes desta notável colecção, reunem-se, de forma engenhosa e em estilo atraente, a essência e a substância de importantes monumentos que jazem nas Bibliotecas nacionais e estrangeiras, ou de que existem apenas raros e inacessíveis exemplares.

Volumes publicados:

ARGONAUTAS DA MANCHA

História de Grandes Exploradores e Corsários Britânicos — 2 vols.

MEMÓRIAS DE FORASTEIROS

AQUÉM E ALÉM-MAR

PORTUGAL, ÁFRICA E ÍNDIA — Séculos XII-XVI
1 volume

BRASIL — Do Descobrimento à Independência
2 volumes

LIVRARIA CLÁSSICA EDITORA
RESTAURADORES, 17 / LISBOA

OFICINA GRÁFICA, LIMITADA/R. OLIVEIRA DO CARMO, 8/LISBOA